



Morte é o começo da Imortalidade.

– Maximilien Roberpierre

LENA

Começando De Novo

Outras pessoas tem sonhos onde elas voam. Eu tinha pesadelos onde eu caia. Eu não podia falar sobre isso, mas eu não conseguia não pensar sobre eles.

Sobre ele.

Ethan caindo.

O tênis de Ethan caindo no chão, segundos antes.

Ele deve ter saído de seu pé quando ele caiu.

Eu me pergunto se ele sabia.

Se ele tinha sabido. .

Eu via aquele tênis preto lamacento caindo do topo da torre de água toda vez que eu fechava os olhos. Às vezes eu esperava que fosse um sonho. Eu esperava que eu fosse acordar, e ele estaria esperando por mim na estrada, na frente de Ravenwood, para me levar para a escola.

Acorda, dorminhoca. Eu estou quase ai. Era o que ele mealaria por Kelt.

Eu ouviria a música ruim de Link através da janela aberta, mesmo antes de ver Ethan atrás do volante.

Era assim que eu imaginava.

Eu já tive milhares de pesadelos com ele antes. Antes de eu conhecê-lo, ou pelo menos antes de saber que ele seria Ethan. Mas isso não era nada como eu já havia visto nos meus pesadelos antes.

Isso não deveria ter acontecido. Não era como a vida dele era para ser. E não poderia ser como minha vida era para ser.

Aquele tênis preto lamacento não era para ter caído.

A vida sem Ethan era pior do que um pesadelo.

Era real.

Tão real que eu me recusava a acreditar nela.



2 de Fevereiro

Pesadelos acabam.

É assim que você sabe que são pesadelos. Isso –Ethan – tudo isso – não vai acabar, não há sinal de fim.

Eu senti – eu sinto – como se estivesse presa, emperrada.

Como se minha vida tivesse sido destruída quando ele – quando todo o resto terminou.

Ela quebrou em milhares de pequenos pedaços.

Quando ele atingiu o chão.



Eu não suportava mais olhar para meu diário. Não conseguia escrever poesia; machucava até lê-las.

Era tudo tão verdadeiro.

A pessoa mais importante da minha vida morreu pulando da torre de água de Summerville. Eu sabia por que ele tinha pulado. Saber o porquê não me fazia se sentir melhor.

Saber que ele fez isso por mim somente me deixava pior.

Às vezes eu pensava que o mundo não valia isso.

Ser salvo.

Às vezes eu pensava que eu também não valia.

Ethan pensou que estava fazendo a coisa certa. Ele sabia que era loucura.

E ele não queria ir, mas ele teve que ir mesmo assim.

Ethan era assim.

Mesmo se ele estivesse morto.

Ele salvou o mundo, mas destruiu o meu.

E agora?

LIVRO UM

Ethan

CAPÍTULO 1

Casa

Um borrão de céu azul acima da minha cabeça.

Sem nuvens.

Perfeito.

Exatamente como o céu na vida real, somente um pouco mais azul e menos sol em meus olhos.

Eu acho que o céu na vida real não é exatamente perfeito. Talvez seja isso que o faça tão perfeito.

Fazia.

Eu apertei meus olhos novamente.

Eu estava protelando.

Eu não tinha certeza que estava pronto para ver o que é que estive lá para ser visto. Claro que o céu parecia melhor – Céu sendo onde eu estava e tal.

Sem presumir que lá era onde eu estava. Eu havia sido um cara descente, tanto quanto eu podia dizer. Mas eu havia visto o suficiente para saber que tudo o que eu pensava sobre as coisas estava praticamente errado até agora.

Eu tinha uma mente aberta, ao menos pelos padrões de Gatlin. Quer dizer, eu havia ouvido todas as teorias. Eu havia ido á igreja todos os domingos. E após o acidente de minha mãe, Marian me contou sobre as aulas de budismo que ela assistiu em Duke, ensinada por um cara chamado Buddha Bob, que disse que o paraíso era uma lágrima dentro de uma lágrima dentro de uma lágrima, ou algo parecido com isso. Um ano antes, minha mãe tentou me fazer ler *O Inferno de Dante*, o qual Link me disse que era sobre um prédio de escritórios que pegava fogo, mas acabou

sendo sobre a jornada de um cara entre os nove círculos do Inferno. Eu só me lembro da parte que minha mãe me contou, sobre monstros ou demônios presos num pedaço de gelo. Eu achei que isso era nono círculo do Inferno, mas existiam tantos círculos lá que depois de um tempo todos pareciam estar ligados.

Depois do que havia aprendido sobre o submundo e outros mundos e mundos paralelos, e qualquer outra coisa que estivesse no meio dessa tripla camada do bolo que era o universo dos Conjuradores, aquele primeiro relance de céu azul estava ótimo para mim. Eu não estava esperando portões perolados ou querubins bebê pelados. Mas o céu azul, era um agradável toque.

Eu abri meus olhos de novo. Ainda azul.

Um lindo azul.

Uma abelha gorda zumbia a cima da minha cabeça, subindo alto no céu – até ela bater com tudo nele, exatamente como havia feito milhares de vezes antes.

Porque não era o céu.

Era o teto.

E isso não era o Céu.

Eu estava deitado na minha antiga cama de solteiro, no meu mais antigo ainda quarto, na propriedade dos Wate.

Eu estava em casa.

O que era impossível.

Eu pisquei.

Ainda em casa.

Havia sido um sonho? Eu desesperadamente esperava que sim. Talvez fosse, assim como havia sido durante todas as manhãs pelos primeiros seis meses após que minha mãe morreu.

Por favor, faça com que seja um sonho.

Me abaixei, procurando pela poeira embaixo do estrado da minha cama. Senti a familiar pilha de livros e peguei um.

A *Odisséia*. Um dos meus quadrinhos favoritos, embora eu tivesse bastante certeza que a Mad Comix tinha tomado alguma liberdade em relação à versão original escrita por Homero.

Eu hesitei, então peguei outro livro. *Na Estrada – On The Road*. A primeira vista do Kerouac (*autor de On The Road*) era a prova inegável, e eu rolei para o outro lado até eu poder ver o pálido quadrado na minha parede, onde alguns dias atrás – só isso? – o esfarrapado mapa ficava pendurado, com as linhas verdes marcadoras circulando todos os lugares dos meus livros preferidos que eu queria conhecer.

Era o meu quarto, tudo bem.

O velho relógio na mesa ao lado da minha cama não parecia funcionar mais, mas todo o resto parecia exatamente o mesmo. Deve ser um dia quente, para janeiro. A luz que veio inundando pela minha janela parecia quase anormal – mais ou menos como se eu estivesse em uma das péssimas storyboards do Link para o próximo vídeo clipe da banda dos Holy Roller. Mas a parte a luz cinematográfica, meu quarto estava exatamente do jeito que eu o deixei. Os livros embaixo da minha cama, as caixas de sapato guardando toda a história da minha vida ainda estavam alinhadas na parede. Tudo que era suposto estar lá estava, pelo menos o quanto eu sabia.

Exceto Lena.

L? Você está aí?

Eu não podia ouvi-la. Não podia sentir nada.

Eu olhei para minhas mãos. Eles pareciam bem. Sem machucados. Eu olhei para a minha camiseta branca. Sem sangue.

Nenhum buraco na minha calça jeans ou no meu corpo.

Fui até o banheiro e me olhei no espelho em cima da pia. Lá estava eu. O velho Ethan Wate.

Eu ainda estava encarando meu reflexo quando ouvi um som vindo lá de baixo.

“Amma?”

Meu coração parecia que ia sair pelo peito, o que era engraçado, pois desde que acordei, eu não tinha certeza que ele estava sequer batendo. De qualquer jeito, eu podia ouvir os sons familiares da minha casa vindos da cozinha lá de baixo. O assoalho rangeu como se alguém estivesse se movendo para frente e para trás dos armários, do fogão e da velha mesa da cozinha. Os mesmos velhos passos, fazendo as mesmas coisas que uma manhã qualquer.

Isso se fosse de manhã.

O cheiro da nossa velha frigideira no fogo veio flutuando a cima pelas escadas.

“Amma? Isso não é bacon, é?”

A voz estava clara e calma. “Querido, eu acho que você sabe o que estou cozinhando. Só existe uma coisa que eu saiba cozinhar. Se você puder falar isso.”

Aquela voz.

Era tão familiar.

“Ethan? Quanto tempo mais você vai me fazer esperar para te dar um abraço? Estive aqui por muito tempo, querido.”

Eu não conseguia entender as palavras. Eu não conseguia ouvir nada a não ser a voz. Tão clara e alta e cheia de vida como se ela estivesse lá embaixo.

O que ela estava.

As palavras eram como música. Elas levaram toda a miséria e confusão embora.

“Mãe? Mãe!”

Eu corri escada abaixo, três degraus de cada vez, antes que ela pudesse responder.

CAPÍTULO 2

Tomates Verdes Fritos

Lá estava ela, parada na cozinha com os pés descalços, seu cabelo do mesmo jeito que eu lembrava – metade pra cima, metade pra baixo. A camisa branca amassada abotoada – a que meu pai costumava chamar de “uniforme” – ainda estava coberta de tinta do seu último projeto. Sua calça jeans estava enrolada sobre os tornozelos como sempre, fosse ou não fosse moda. Minha mãe nunca ligou para coisas como essas. Ela estava segurando nossa velha frigideira de ferro cheia de tomates verdes em uma mão e um livro na outra. Ela devia estar lendo enquanto cozinhava, sem olhar para cima. Sussurrando parte de alguma música sem nem perceber que estava sussurrando e provavelmente sem conseguir ouvir.

Essa era minha mãe. Ela parecia exatamente à mesma.

Talvez eu fosse o único que havia mudado.

Eu dei um passo mais para perto, e ela se virou para mim, derrubando o livro. “Ai está você, meu doce menino.”

Eu senti meu coração virando do avesso. Ninguém mais me chamava assim; eles não iriam querer e eu não os deixaria. Só minha mãe. Então seus braços me pegaram, e o mundo dobrou-se sobre nós quando eu enterrei meu rosto em seu abraço. Eu respirei seu cheiro quente e o caloroso sentimento e o calor que era tudo aquilo que era minha mãe para mim.

“Mãe. Você está de volta.”

“Um de nós está.” Ela suspirou.

Foi quando aquilo me atingiu. Ela estava de pé na minha cozinha e eu estava de pé na minha cozinha, o que significava que uma de duas coisas: ou ela havia voltado à vida, ou...

Eu não tinha.

Seus olhos cheios com alguma coisa – lágrimas, amor, compaixão – e antes de eu perceber, seus braços estavam novamente ao meu redor.

Minha mãe sempre entendia tudo.

“Eu sei, querido. Eu sei.”

Meu rosto achou aquele antigo lugar escondido na curva do seu ombro.

Ela beijou o topo da minha cabeça. “O que aconteceu com você? Não era para ter sido desse jeito”. Ela se afastou para que pudesse me ver. “Nada disse era para ter acabado dessa forma.”

“Eu sei.”

“Então de novo, não é como se houvesse uma forma certa da vida de uma pessoa acabar, não é?!” Ela beliscou meu queixo, sorrindo para meus olhos.

Eu havia memorizado aquilo. O sorriso, seu rosto. Tudo. Era tudo o que tinha durante o tempo que ela havia partido.

Eu sempre soube que ela estava viva em algum lugar, de alguma forma. Ela havia salvo Macon e enviado as músicas que me guiaram através de todo o capítulo estranho da minha vida com os Conjuradores. Ela havia estado lá para mim todo esse tempo, assim como quando estava viva.

Foi somente um momento, mas eu queria guardá-lo pelo máximo de tempo que pudesse.

Eu não sei como fomos parar na mesa da cozinha. Eu não me lembro de nada, exceto o calor sólido dos seus braços. Mas lá eu sentei, na minha cadeira de sempre, como se os últimos anos nunca tivessem acontecido. Havia livros por todo lugar – e pela forma que parecia, ela havia estado na metade de todos eles. Uma meia, provavelmente recém-lavada, estava enfiada no *Divina Comédia*. Um guardanapo metade pra fora do *À Ilíada*, e no topo de tudo aquilo um garfo marcava o lugar onde ela havia parado num volume sobre mitologia grega. A mesa da cozinha estava cheia com

seus livros favoritos, uma pilha maior que a outra. Eu senti como se estivesse de volta á biblioteca com Marian.

Os tomates chiaram na frigideira, e eu respirei o cheiro de minha mãe – papel amarelado e óleo, novos tomates e velhos carboidratos, tudo atado com pimenta caiena.

Não era a toa que bibliotecas me deixam faminto.

Minha mãe deslizou um prato azul e branco pela mesa entre nós. *Dragonware*. Sorri porque era o seu favorito. Ela derrubou os tomates quentes num papel toalha, espalhando pimenta através do prato.

“Aqui está. Comece a escavar.”

Eu dobrei meu garfo perto da camada mais próxima. “Você sabe, eu não comi nenhum desses desde que você – desde o acidente.” O tomate estava tão quente que queimou minha língua.

Eu olhei para minha mãe. “Nós estamos – aqui é -?”

Ela devolveu o olhar inexpressivamente.

Eu tentei de novo. “Você sabe. Céu?”

Ela riu, servindo chá em dois copos – chá sendo a única coisa que minha mãe sabia fazer. “Não, não o Céu, EW. Não exatamente.”

Eu devia parecer preocupado, como se de alguma forma nós tivéssemos acabado em algum outro lugar. Mas isso não poderia estar certo, porque – tão brega quanto soa – estar com a minha mãe de novo era o Paraíso, o universo pensando isso ou não. Mas mais uma vez, eu e o universo não andávamos concordando muito ultimamente.

Minha mãe passou a mão contra a minha bochecha e sorriu enquanto balançava a cabeça. “Não, aqui não é um tipo de lugar de descanso final, se é a isso que você está se referindo.”

“Então porque estamos aqui?”

“Eu não sei ao certo. Você não ganha um manual do usuário quando faz *check in* aqui.” Ela pegou minha mãe. “Eu sempre soube que estava aqui

por sua causa – algum assunto inacabado, alguma coisa que eu precisava te ensinar ou te dizer ou te mostrar. Foi por isso que enviei aquelas músicas.”

“As Músicas Sinalizadoras?”

“Exatamente. Você me manteve ocupada. E agora que você está aqui, eu sinto como se nunca tivéssemos nos separado.” Sua expressão fechou. “Eu sempre tive esperança de ver você novamente. Mas eu esperava que eu teria de esperar um longo tempo. Me desculpe. Eu sei que deve ser terrível pra você agora, deixando Amma e seu pai. E Lena.”

Eu assenti. “É uma droga.”

“Eu sei. Eu senti o mesmo,” ela disse.

“Sobre Macon?” As palavras saíram antes que eu pudesse impedi-las.

Suas bochechas ficaram vermelhas. “Acho que mereci essa. Mas nem tudo que acontece na vida de uma mãe é algo que ela deva discutir com seu filho de dezessete anos.”

“Me desculpe.”

Ela apertou minha mão. “Você era a pessoa que eu não queria deixar, acima de tudo. E você era a pessoa que eu mais me preocupava em deixar, acima de tudo. Você e seu pai.”

“Seu pai, graças a deus, está sobre os cuidados dos Ravenwood. Lena e Macon o colocaram sobre poderosos Conjuros, e Amma inventa histórias para ela mesma. Mitchell não tem ideia do que aconteceu com você.”

“Sério?”

Ela assentiu. “Amma diz a ele que você está em Savannah com sua tia, e ele acredita.” Seu sorriso vacilou, e olhou através de mim para as sombras. Eu sabia que ela devia estar preocupada com o meu pai, apesar de qualquer conjuro que estava influenciando ele. Minha partida inesperada de Gatlin estava provavelmente machucando tanto ela quanto estava a mim – de pé e assistindo tudo acontecer, sem ser capaz de fazer nada.

“Mas não é uma solução para sempre, Ethan. Agora mesmo todos só estão fazendo o melhor que podem. É assim que as coisas normalmente são.”

“Eu me lembro”. Eu passei por isso uma vez.

Nós dois sabíamos quando.

Ela não disse nada depois disso, pegando um garfo só para ela. Nós comemos juntos em silêncio pelo resto da tarde, ou por um instante. Eu não podia mais dizer qual era qual, e eu não tinha certeza se importava.



Nos sentamos na varanda de trás comendo pegando cerejas da peneira e olhando as estrelas saírem. O céu havia desbotado para um azul mais escuro, e as estrelas apareciam em bagunçadas nuvens brilhantes. Eu vi estrelas do céu Conjurador e do céu Mortal. A lua dividida ao meio pendurada entre a Estrela do Norte e a Estrela do Sul. Eu não sabia como era possível ver dois céus ao mesmo tempo, dois conjuntos de constelações diferentes, mas era. Eu podia ver tudo agora, como se eu fosse duas pessoas diferentes ao mesmo tempo. Eu acho que uma das vantagens de morrer era ter as duas metades da minha alma juntas.

Yeah, lógico.

Tudo havia se juntado agora que estava acabado, ou talvez porque estava acabado. Eu acho que a vida era assim às vezes. Sempre pareceu tão simples, tão fácil daqui. Tão inacreditavelmente brilhante.

Por que essa era a única solução? Por que teve que acabar assim?

Eu inclinei minha cabeça no ombro da minha mãe. “Mãe?”

“Querido.”

“Eu preciso falar com a Lena.” Pronto. Eu finalmente falei. A única coisa que tinha me impedido de exalar o dia todo. A coisa que me fazia sentir que eu não podia sentar, como se eu não pudesse ficar aqui. Como se eu

tivesse que levantar e ir a algum lugar, mesmo que eu não tivesse nenhum lugar para ir.

Como Amma costumava a dizer, a coisa boa da verdade é que ela é verdade, e não há discussão sobre a verdade. Você pode não gostar, mas isso não a faz ser menos verdadeira. Isso era tudo ao que eu podia me agarrar sobre o certo agora.

“Você não pode falar com ela.” Minha mãe franziu a testa. “Ao menos, não é fácil.”

“Eu preciso dizer a ela que eu estou bem. Eu conheço ela. Ela está esperando por um sinal meu. Do mesmo jeito que eu estava esperando por um sinal seu.”

“Não existe um Carlton Eaton para entregar sua carta para ela, Ethan. Você não pode enviar uma carta deste mundo, e você fazer chegar até ela. Você não sabe quantas vezes eu desejei que fosse possível.”

Tinha que ter um jeito. “Eu sei. Se tivesse, eu teria ouvido mais de você.”

Ela olhou para cima para as estrelas. Seus olhos brilharam com o reflexo das luzes enquanto ela falou.

“Todo dia, meu querido menino. Todo, todo dia.”

“Mas você descobriu um jeito de falar comigo. Você usou os livros no escritório, e as músicas. E eu vi você aquela noite que eu estava no cemitério. E no meu quarto, lembra?”

“As músicas foram idéia dos Grandes. Eu imagino que seja porque eu sempre cantei para você desde que você era bebê. Mas todo mundo é diferente. Eu não acho que você consiga enviar nada que seja parecido com a Música sinalizadora para Lena.”

“Mesmo se eu soubesse como escrever uma”. Minhas habilidades para compor música faziam Link parecer um do Beatles.

“Não foi fácil pra mim, e eu andei por aqui muito mais tempo que você. E eu tive ajuda de Amma, Twyla e Arelia.” Ela olhou para o céus gêmeos.

“Você tem que lembrar que eu não sei nada sobre os poderes da Amma e dos Grandes.”

“Mas você era uma Guardiã.” Deve ter coisas que ela saiba que eles não saibam.

“Exatamente. Eu era uma Guardiã. Eu fiz o que o Conselho do Registro Distante me pediu para fazer, e não fiz o que eles me pediram para não fazer. Você não mexe com eles, e você não mexe com o registro das coisas.”

“*As Crônicas Conjuradoras?*”

Ela pegou uma cereja da tigela, procurando por pontinhos. Ela demorou tanto para responder, que eu já estava começando a pensar que ela não tinha me ouvido. “O que você sabe sobre as *Crônicas Conjuradoras?*”

“Antes do julgamento de tia Marian, o Conselho do Registro Distante veio até a biblioteca, e trouxeram um livro com eles.”

Ela colocou a velha peneira de metal no degrau abaixo de nós. “Esqueça sobre *As Crônicas Conjuradoras*. Tudo aquilo não importa mais.”

“Por que não?”

“É sério, Ethan. Nós não estamos fora de perigo, você e eu.”

“Perigo? Do que é que você está falando? Nós já estamos – você sabe.”

Ela balançou a cabeça. “Nós estamos só parcialmente em casa. Nós temos que descobrir o que está nos mantendo aqui, e seguir em frente.”

“E se eu não quiser seguir em frente?” Eu não estava pronto para desistir. Não tanto quanto Lena estava esperando por mim.

Mais uma vez, ela demorou um longo tempo para responder. Quando falou, ela parecia sombria como nunca havia sido antes. “Eu não acho que você tenha escolha.”

“Você teve.” Eu disse.

“Não era uma escolha. Você precisava de mim. É por isso que estou aqui – por você. Mas mesmo eu não posso mudar o que aconteceu.”

“Yeah? Você podia tentar.” Eu me vi esmagando uma cereja na minha mão. O suco vermelho escorreu entre meus dedos.

“Não há nada para se tentar, Ethan. Acabou. É tarde demais.” Ela mal sussurrou, mas eu senti como se ela tivesse gritado.

Raiva brotou dentro de mim. Eu arremessei uma cereja através do jardim, depois outra, depois a tigela inteira. “Bom, Lena, Amma e papai precisam de mim, e eu não vou desistir. Eu sinto como se não devesse estar aqui – como se tudo isso fosse um grande engano.” Eu olhei para a tigela vazia em minhas mãos. “E não é temporada de cerejas. É inverno.” Eu olhei para ela, meus olhos borrando por causa das lágrimas, apesar de que tudo que eu podia sentir era raiva. “Era para ser inverno.”

Minha mãe colocou sua mão sobre a minha. “Ethan.”

Eu a afastei. “Não tente me fazer se sentir melhor. Eu senti sua falta, mãe. Eu senti. Mais do que qualquer coisa. Mas por mais feliz que eu esteja de ver você, eu quero acordar e ver que isso não está acontecendo. Eu entendo porque tive que fazer aquilo. Sério. Tudo bem. Mas eu não quero ficar preso aqui para sempre.”

“O que você pensou que fosse acontecer?”

“Eu não sei. Não isso.” Era essa a verdade? Eu tinha realmente pensado que eu conseguiria me safar de sacrificar o meu próprio bem pelo bem do mundo? Eu pensei que Aquele Que É Dois fosse uma piada?

Eu acho que é seria mais fácil bancar o herói. Mas agora que era real – agora que eu tinha que contemplar toda uma eternidade sobre o que eu havia perdido – de repente não parecia mais tão fácil.

Os olhos da minha mãe estavam piores que os meus. “Eu sinto tanto, EW. Se houvesse uma forma de eu mudar as coisas, eu mudaria.” Ela soava tão miserável quanto eu me sentia.

“E se houver?”

“Eu não posso mudar tudo.” Minha mãe olhou para seus pés descalços apoiados no degrau. “Eu não posso mudar nada.”

“Eu não estou pronto para uma nuvem estúpida, e eu não quero ganhar asas enquanto uma campainha estúpida toca.” Eu arremessei a tigela de metal. Ela foi batendo escada abaixo, rolando através do gramado. “Eu quero estar com Lena e eu quero viver, eu quero ir ao Cineplex e comer pipoca até ficar enjoado e dirigir rápido demais e receber uma multa e estar tão apaixonado pela minha namorada e fazer papel de tolo todos os dias da minha vida.”

“Eu sei.”

“Eu não sei se você sabe,” eu disse, mais alto do que pretendia. “Você teve uma vida. Se apaixonou – duas vezes. E você teve uma família. Eu tenho dezessete anos. Isso não pode ser o fim pra mim. Eu não posso acordar amanhã sabendo que eu nunca mais vou ver Lena de novo.”

Minha mãe suspirou, deslizando seus braços ao meu redor e me puxando para perto.

Eu falei isso porque não sabia outra coisa para dizer. “Não posso.”

Ela esfregou minha cabeça como se eu fosse uma criança triste e assustada. “É claro que você pode vê-la. Essa é a parte fácil. Eu não posso garantir que você possa falar com ela, e ela não vai ser capaz de ver vocês, mas você pode ver ela.”

Olhei para ela, aturdido. “Do que você está falando?”

“Você existe. Nós existimos aqui. Lena e Link e seu pai e Amma, eles existem em Gatlin. Não é que um plano de existência seja mais real que o outro. Eles são somente diferentes. Você está aqui e Lena está lá. E no nosso mundo, ela nunca será como nós. Mas isso não significa que você não será capaz de vê-la.”

“Como?” Naquele momento, era a única coisa que eu queria saber.

“É simples. Apenas vá.”

“O que você quer dizer com ‘vá’?” Ela estava fazendo parecer fácil, mas eu tinha a sensação que tinha mais coisa aí.

“Você imagina aonde você gostaria de ir, e então você apenas vai.”

Não parecia ser possível, embora eu sabia que minha mãe nunca mentiria para mim. “Então se eu desejar estar em Ravenwood, eu estarei lá?”

“Bem, não da nossa varanda de trás. Você tem que sair da propriedade Wate antes de poder ir. Eu acredito que nossas casas tem uma ligação equivalente no Outro Mundo entre elas. Quando você está em casa, você está aqui comigo e mais ninguém.”

Um arrepio percorreu minha espinha quando ela disse as palavras. “O Outro Mundo? É onde nós estamos? É assim que é chamado?”

Ela assentiu, limpando suas mãos sujas de cereja na calça.

Eu sabia que não estava em nenhum lugar que tivesse ido antes. Eu sabia que não era Gatlin, e sabia que não era o Céu. Mesmo assim, alguma coisa sobre o mundo parecia mais longe do que qualquer coisa que eu conhecesse. Mais longe do que a morte. Embora eu pudesse sentir o cheiro da poeira do concreto do nosso pátio e a grama recém-cortada. Eu podia sentir os mosquitos picando e o vento movendo as lascas de madeira nos degraus atrás de mim. Tudo que eu senti era solidão. Éramos somente nós agora. Minha mãe e eu e meu jardim cheio de cerejas. Uma parte de mim esteve esperando por isso desde o acidente, e outra parte sabia, talvez pela primeira vez, que nunca seria o suficiente.

“Mãe?”

“Sim, querido?”

“Você acha que a Lena ainda me ama, lá no reino Mortal?”

Ela sorriu e despenteou meu cabelo. “Que tipo de pergunta boba é essa?”

Eu encolhi os ombros.

“Deixe-me perguntar uma coisa. Você me amava depois que eu tinha partido?”

Eu não respondi. Não precisava.

“Eu não sei você, EW, mas eu sabia a resposta para essa pergunta todos os dias que estivemos separados. Mesmo quando eu não sabia nada sobre onde eu estava ou o que eu deveria estar fazendo. Você era o meu Desobediente, mesmo então. Tudo sempre me trouxe de volta á você. Tudo.” Ela alisou meu cabelo. “Você acredita que com Lena é diferente?”

Ela estava certa.

Era uma pergunta idiota.

Então eu sorri e peguei sua mão e a segui para dentro. Eu tinha coisas para descobrir e lugares para ir – era tudo o que eu sabia. Mas algumas coisas eu não precisava descobrir. Algumas coisas não tinham mudado, e algumas nunca iriam.

Exceto por mim. Eu tinha mudado, e eu daria qualquer coisa para voltar ao que eu era antes.

CAPÍTULO 3

Esse Lado ou o Próximo

“Vai Ethan. Veja você mesmo.”

Eu não olhei de volta para minha mãe quando alcancei a maçaneta.

Mesmo ela me dizendo para ir, eu ainda estava apreensivo. Eu não sabia o que esperar. Eu podia ver a madeira pintada da porta, e podia sentir o metal suave da alça, mas não tinha como eu saber se a Rua Cotton Bend estava do outro lado.

Lena. Pense em Lena. Pense sobre estar em casa. Esse é o único jeito.

Ainda assim.

Aqui não era mais Gatlin. Quem podia saber o que estaria atrás da porta? Podia ser qualquer coisa.

Eu encarei a maçaneta, lembrando o que os Túneis Conjuradores haviam me ensinado sobre portas e *doorwells*.

E portais.

E costuras.

Essa porta podia parecer normal o suficiente – qualquer *doorwell* parece muito com a do lado – mas não significava que ela era. Como a Porta do Tempo, *Temporis Porta*. Você nunca sabia onde ia parar. Aprendi isso da madeira difícil.

Para de enrolar, Wate.

Acaba logo com isso.

Você é o quê, uma galinha? O que você tem a perder agora?

Eu fechei meus olhos e girei a maçaneta. Quando os abri, eu não estava encarando minha rua – longe disso.

Eu me encontrei na minha varanda da frente no meio do Jardim da Paz Perpétua, o cemitério de Gatlin. Bem no meio da cova de minha mãe.

A grama bem cuidada se estendia pela minha frente, mas ao invés de túmulos e mausoléus decorados com querubins de plástico e filhotes, o cemitério esta cheio de casas. Eu percebi que estava olhando para as casas das pessoas que estavam enterradas no cemitério, isso se fosse realmente onde eu estava. A velha Agnes Pritchard estava plantada bem onde sua cova deveria estar, com as mesmas persianas amarelas e as roseiras tortas penduras pela calçada. Sua casa não era em Cotton Bens, mas seu pequeno quadrado de grama no Perpetuar Peace era exatamente do lado oposto a cova de minha mãe – o lugar onde a Propriedade dos Wate estava agora.

A cada de Agnes parecia quase igual era em Gatlin, exceto que as portas vermelhas de entrada não estavam mais lá. Em seu lugar, estava sua lápide de cimento.

AGNES WILSON PRITCHARD. AMADA ESPOSA, MÃE & AVÓ. QUE VOCÊ
DURMA COM OS ANJOS.

As palavras ainda estavam gravadas na pedra, o que se encaixava perfeitamente com o batente branco. Era o mesmo em todas as casas que eu conseguia ver – desde a casa restaurada de Darla Eaton até a pintura descascada de Clayton Weatherton. Todas as portas estavam faltando, substituídas pelas lápides dos entes queridos que se foram.

Eu me virei devagar, esperando ver a minha própria porta branca com sua guarnição azul. Mas ao invés, eu estava encarando a lápide de minha mãe.

LILA EVERS WATE. AMADA ESPOSA E MÃE
SCIENTIAE CUSTOS

A cima de seu nome, eu vi o símbolo celta de Awen – três linhas convergindo como raios de luz – esculpidas na pedra. Apesar de ser grande o suficiente para preencher todo o espaço onde deveria estar a porta, a lápide era a mesma. Cada borda quebrada, cada rachadura desbotada. Eu passei minha mãe pela sua superfície, sentindo as letras sob meus dedos.

A lápide da minha mãe.

Porque ela estava morta. Eu estava morto. E eu tinha bastante certeza que eu tinha acabado de sair de seu túmulo.

Foi quando eu comecei a enlouquecer. Quer dizer, você pode culpar o cara? A situação era um pouco esmagadora demais. Não há muito que você possa fazer para se preparar para uma situação como essa.

Eu empurrei a lápide, batendo o mais forte que eu conseguia até sentir a pedra cedendo, e deu um passo para dentro da minha casa – batendo a porta atrás de mim.

Eu parei contra a porta, respirando o máximo de ar que conseguia. Meu hall de entrada parecia exatamente o mesmo que a um momento atrás.

Minha mãe me olhou da escada. Ela tinha acabado de abrir *A Divina Comédia*; eu sabia por que ela ainda estava segurando a meia que ela usava como marca página em uma das mãos. Era como se ela estivesse esperando por mim.

“Ethan? Mudou de ideia?”

“Mãe. É um cemitério lá fora.”

“Sim.”

“E nós estamos – “O oposto de vivos. Estava começando a afundar.

“Nós estamos.” Ela sorriu para mim porque não havia muita coisa que poderia ser dita. “Você pode ficar lá o quanto precisar.” Ela olhou para o seu livro e virou uma página. “Dante concorda. Leve o tempo que precisar. É só que – ela virou a página” *‘la notte che Le cose ci nasconde.’*”

“O que?”

“ ‘A noite que esconde algo de nós.’ ”

Eu a encarei enquanto ela continuava a ler. Então, vendo que eu não tinha muitas opções, abri a porta e dei um passo para fora.



Levou um tempo para absorver tudo, da mesma forma que seus olhos demoraram para se ajustar a luz do sol. Como acabou sendo, o Outro Mundo era isso – um “outro mundo” – uma Gatlin no meio do cemitério, onde a vizinhança morta da cidade estava tendo sua própria versão do Dia Das Almas. Exceto o fato de que esse parecia durar mais que um dia.

Eu sai da varanda e pisei na grama só para ter certeza que ela estava realmente lá. As roseiras de Amma estavam plantadas onde sempre estiveram, mas elas estavam florescendo de novo, a salvo do calor recorde que as havia matado quando a temperatura subiu na cidade. Queria saber se elas estavam florescendo também na Gatlin real.

Espera que sim.

Se a Lilum manteve sua promessa, elas estavam. Eu acreditava que ela tinha. A Lilum não era Luz ou Trevas, certo ou errado. Ela era a verdade e o equilíbrio na sua mais puta forma. Eu não achava que ela era capaz de mentir, ou que ela adoçaria a verdade um pouco para mim. Às vezes eu gostaria que ela fizesse.

Eu me achei no meio da grama recém aparada divagando, zigzagueando entre as familiares casas dispersadas através do cemitério, como se um tornado as tivesse arrancado de Gatlin e as jogado aqui. E não só casas – havia pessoas aqui também.

Eu tentei ir na direção da Main Street, instintivamente olhando para a Auto-estrada 9. Acho que queria caminhar até o cruzamento, onde eu poderia pegar a esquerda para Ravenwood. Mas o Outro Mundo não funcionava desse jeito, e toda vez que eu alcançava o limite do cemitério, eu me encontrava de volta onde eu estava antes. O cemitério continuava em círculos. Eu não podia sair.

Foi ai que eu percebi que tinha que parar de pensar em ruas, e começar a pensar em túmulos, covas e criptas.

Se eu estava indo atrás do caminho de volta a Gatlin, eu não ia andar por ali. Não em qualquer lugar como a Autoestrada 9. Isso estava claro.

O que minha mãe tinha dito? *Você imagina aonde você gostaria de ir, e então você apenas vai.* Era só isso que estava no nosso caminho? Meu e de Lena? Minha imaginação?

Eu fechei os olhos.

L –

“Tá fazendo o aqui, garoto?” A senhora Winifred olhou fazendo sua varredura da sua varanda, a algumas casas adiante. Ela vestia o casaquinho de flores rosas que elas sempre usava quando estava viva. Quando *estávamos* vivos.

Eu a encarei. “Nada, senhora.”

Sua lápide estava atrás dela, uma magnólia gravada a cima do seu nome, embaixo da palavra *Sagrada*. Havia muitas delas aqui, magnólias. Acho que aqui, no Outro Mundo, as magnólias são iguais as portas vermelhas na vida real. Ninguém é alguém sem elas.

A senhora Winifred reparou que eu a estava encarando e parou sua varredura por um segundo. Ela bufou. “Bom, anda logo com isso, então.”

“Sim, senhora.” Eu podia sentir minhas bochechas ficando vermelhas. Eu sabia que não poderia me imaginar em nenhum outro lugar enquanto aqueles velhos olhos afiados me encaravam.

Acabou que, mesmo nas ruas do Outro Mundo, Gatlin não era um lugar para muita imaginação.

“E fique fora do meu gramado, Ethan. Você vai pisar nas minhas begônias”, ela acrescentou. Isso foi tudo. Como se eu estivesse vagando pelo sua propriedade a caminho de casa.

Mas eu não deixaria a senhora Winifred me impedir.

Eu tentei o velho banco de concreto no final da nossa fileira de sepulturas. Eu tentei aquele lugar entre as sombras no limite do terreno do cemitério. Eu até tentei me apoiar contra a grade no lugar das lápides da nossa família.

Eu estava tão perto de imaginar meu caminho para Gatlin quando eu estava de me imaginar voltando para o túmulo.

Toda vez que fechava os olhos, eu tinha essa arrepios matador, essa sensação de esmagar os ossos, que eu estava morto no chão. Assim eu havia partido e nunca iria a nenhum lugar novamente, exceto a margem da torre de água.

Não de volta em casa.

Sem Lena.

Finalmente, eu desisti. Tinha que haver outro jeito.

Se eu queria voltar a Gatlin, havia alguém que poderia saber como.

Alguém que fez de seus negócios saber tudo sobre todo mundo, e pelos últimos cem anos, foi isso que sempre fez.

Eu sabia onde tinha que ir.



Eu segui o caminho até a seção antiga do cemitério. Eu estava com medo de que estivesse indo até o limite enegrecido com de o fogo queimou o telhado do quarto de tia Prue. Mas eu não precisava me preocupar. Quando eu a vi, a casa estava exatamente do jeito que era quando eu era criança. O balanço da varanda estava chacoalhando e balançando suavemente na brisa, um copo de limonada descansando na mesa ao lado. Do jeito que eu me lembrava.

A porta tinha sido esculpida em granito azul; Amma passou horas escolhendo. “Um mulher certa como sua tia merece uma marca justa,” Amma tinha dito. “De qualquer forma, se ela não estivesse feliz, eu nunca teria ouvido o final disso.” Ambos eram verdadeiros. No topo da lápide, um delicado anjo com as mãos estendidas segurava uma bússola. Eu estava disposto a apostar que não existia nenhum outro anjo na Paz Perpétua, ou talvez em qualquer cemitério do Sul, segurando uma bússola. Os anjos esculpidos em todas as lápides em Gatlin se seguravam em todo tipo de flor, e alguns até se seguravam na própria lápide, como se

fossem coletes. Nenhum segurava uma bússola – nunca uma bússola. Mas para uma mulher que passou a vida secretamente mapeando os Túneis Conjuradores, fazia sentido.

Embaixo do anjo havia uma inscrição:

PRUDENCE JANE STATHAM THE BELLE OF THE BALL

(algo como a bela do baile)

Tia Prue tinha escolhido ela mesma a inscrição. Suas instruções diziam que ela queria mais um “E” em *Ball* – formando *Balle*, o que não é realmente uma palavra. De acordo com ela, soava mais francês desse modo. Mas meu disse que sendo a tia Prue uma patriota, ela não iria se importar em ter suas últimas palavras escritas no bom velho inglês sulista. Eu não tinha muita certeza, mas não estava interessado em participar dessa conversa. Essa foi uma das extensivas instruções que ela tinha deixado para o seu funeral, junto com uma lista de convidados que exigiu segurança na igreja.

Mesmo assim, isso me fez sorrir só de olhar para a lápide.

Antes mesmo de eu ter tido a chance de bater, eu ouvi o choramingo dos cachorros, e a pesada porta da frente balançou aberta. Tia Prue estava parada ali na porta, seu cabelo ainda enrolado nos bobs rosa, uma mão no quadril. Tinham três yorkshire se enroscando nas suas pernas – os primeiros três Harlon Jameses.

“Bem, já não era sem tempo.” Tia Prue me pegou pela orelha mais rápido do que eu já tinha visto ela se mover enquanto estava viva, e me puxou para dentro da casa. “Você sempre foi teimoso, Ethan. Mas o que você fez dessa vez não foi certo. Só o Grande Deus Misericordioso sabe o que deu em você, mas estou pensando em te dar umas chibatadas.” Era um costume diário de Tia Prue deixar você escolher com o que queria ser castigado. Mas eu sabia que mesmo fazendo isso ela nunca me machucaria. Se fosse, ela já teria feito anos atrás.

Ela ainda estava torcendo minha orelha e eu tive que me inclinar para baixo porque ela tinha metade da minha altura. Os Harlon Jameses ainda estavam choramingando, fugindo atrás de nós enquanto ela me arrastava

para a cozinha. “Eu não tive escolha, Tia Prue. Todo mundo que eu amava ia morrer.”

“Você não precisa me dizer. Eu vi a coisa toda, e estava usando os meus óculos bons.” Ela fungou. “E apesar de que as pessoas pensavam que *eu* era a melodramática.”

Eu tentei não dar risada. “Você precisa dos seus óculos aqui?”

“Estou acostumada com eles, eu acho. Me sinto pelada sem eles agora. Não tinha pensado nisso.” Ela parou de andar e apontou um dedo ossudo para mim. “Não tente mudar de assunto. Dessa vez você fez uma bagunça maior do que pintor de casas cego.”

“Prudence Jane, porque você não para de gritar com o garoto?” A voz de um homem velho veio da outra sala. “O que está feito, está feito.”

Tia Prue me puxou de volta para o hall, sem perder seu aperto na minha orelha. “Não me diga o que fazer, Harlin Turner!”

“Turner? Ele não era –” Quando ela me empurrou para dentro da sala, eu me vi olhando não para um, mas para todos os cinco maridos de Tia Prue.

Com certeza, os três mais novos – mais provável de serem seus três primeiros maridos – estavam comendo Corn Nuts (*tipo pipoca doce*) e jogando baralho, as mangas de suas camisas brancas enroladas até o cotovelo. O quarto marido estava sentado no sofá lendo o jornal. Ele olhou para cima e me deu um aceno de reconhecimento, empurrando uma pequena tigela branca na minha direção. “Corn Nuts?”

Eu neguei com a cabeça.

Na verdade, eu me lembrava do quinto marido de Tia Prue, Harlon – para quem Tia Prue nomeou todos seus cachorros depois. Quando eu era criança, ele costumava carregar no bolso uma bala azeda de limão, e ele me dava algumas delas escondido durante a missa. Eu comia elas, com papel e tudo. Não havia como dizer o que se comer na igreja. Link uma vez bebeu uma garrafa inteira de Binaca (*spray que tira mau hálito*) durante um sermão sobre expiração. Depois ele passou a tarde inteira e parte da noite expirando aqui também.

Harlom estava do jeito que eu me lembrava. Ele jogou as mãos para cima, um claro sinal de rendição. “Prudence, você está prestes a se tornar a mulher mais geniosa que eu já conheci na minha vida inteira!”

Era verdade, e todos nós sabíamos. Os outros quatro maridos olharam para ele, uma mistura de simpatia e espanto no rosto.

Tia Prue largou minha orelha e se virou cara a cara para o seu mais recente falecido marido. “Bom, eu não me recordo de pedir para você casar comigo, Harlon James Turner. Então vou contar que isso faça de você o homem mais tolo que eu conheci em toda *minha* vida!” As orelhas dos três minúsculos cachorros se levantaram ao som de seus nomes.

O homem que estava lendo o jornal ficou de pé e deu um tapinha no ombro do pobre velho Harlon. “Eu acho que você deveria deixar nossa pequena bombinha ter um tempo para ela.” Ele abaixou a voz. “Ou você vai acabar morrendo pela segunda vez.”

Tia Prue pareceu satisfeita e marchou de volta para cozinha comigo e com os três Harlon Jameses a seguindo com dificuldade. Quando chegamos à cozinha, ela apontou para uma cadeira à mesa e se ocupou em servir dois copos altos de chá doce.” Se eu tivesse sabido que teria que viver com aqueles cinco homens, eu teria pensado duas vezes sobre me casar.”

E aqui estávamos nós. Eu me perguntei porque – até eu perceber que era melhor não saber. Qualquer assunto inacabado que ela tivesse com seus cinco maridos e sobre seus muitos cachorros, eu tinha certeza que não queria saber.

“Beba tudo, filho”, Harlon disse.

Eu encarei o chá, que estava bem atraente mesmo eu não estando com a mínima sede. Uma coisa foi quando minha mãe estava me fazendo tomates fritos. Eu não tinha pensado duas vezes antes de comer qualquer coisa que ela me dera. Agora que eu tinha atravessado o cemitério para visitar minha tia morta, me ocorreu que eu não sabia as regras, ou sobre como as coisas funcionavam por aqui – seja lá onde *aqui* fosse. Tia Prue notou que estava encarando o copo. “Você pode beber isso, não que você precise. Mas é diferente no outro lado.”

“Como?” Eu tinha tantas perguntas que não sabia por onde começar.

“Não se pode comer ou beber lá, no reino Mortal, mas você pode mover coisas. Como ontem, eu escondi a dentadura de Grace. A derrubei bem atrás de uma jarra.” Era a cara de Tia Prue enlouquecer suas irmãs do túmulo.

“Espera – você esteve lá? Em Gatlin?” Se ela podia ir ver As Irmãs, então eu podia voltar para Lena. Não podia?

“Eu disse isso?” Eu sabia que ela tinha a resposta. E sabia também que ela não me diria nada se ela não quisesse que eu soubesse de alguma coisa.

“Sim, na verdade você disse.”

Me conte como eu posso encontrar o caminho de volta para Lena.

“Bem, só pelo mais rápido minuto. Nada que você precise ficar esperançoso. Então num piscar de olhos eu já estava de volta ao Jardim, vapt-vupt.”

“Tia Prue, por favor.” Mas ela balançou a cabeça, e eu desisti. Minha tia era tão teimosa nessa vida quanto tinha sido na outra. Eu tentei um nosso assunto. “O Jardim? Nós realmente estamos no Jardim da Paz Perpétua?”

“Maldito seja. Toda vez que eles enterram alguém, uma nova casa aparecia no quarteirão.” Tia Prue fungou de novo. “Não se pode fazer nada para impedir que eles continuem vindo, mesmo se eles não forem do nosso pessoal.”

Eu pensei nas lápides no lugar das portas, todas as casas covas do cemitério. Eu sempre pensei que a distribuição do Jardim da Paz Perpétua fosse como a nossa cidade, onde os bons túmulos ficavam alinhados lado a lado de um lado e as lápides questionáveis jogadas perto da fronteira do cemitério. Acontece que o Outro Mundo não era nada diferente.

“Então porque eu não tenho uma, Tia Prue? Uma casa, eu digo.”

“Os jovens não ganham suas próprias casas a menos que seus parentes estejam vivos. E depois de ter visto aquele seu quarto, eu não sei como

“você poderia manter uma casa inteira limpa, de qualquer forma.” Eu realmente não podia discutir sobre isso.

“É por isso que eu não tenho uma lápide?”

Tia Prue desviou o olhar. Tinha alguma coisa que ela não queria me dizer. “Talvez você devesse perguntar para sua mãe

“Estou perguntando pra você.”

Ela acenou duramente. “Você não está enterrado na Paz Perpétua, Ehtan Wate.”

“O quê?” Talvez fosse muito cedo. Eu não sabia quanto tempo havia passado desde aquela noite na torre de água. “Acho que eles não me enterraram ainda.”

Tia Prue estava torcendo suas mãos, o que só estava me deixando mais nervoso.

“Tia Prue?”

Ela tomou um gole de chá, protelando. Pelo menos isso fez ela fazer alguma coisa as suas mãos. “Amma não está levando a sua partida bem, Lena muito menos. Não pense que eu não mantenho um olho nas duas. Eu não dei meu velho colar rosa para ela para que eu possa dar uma checada nela agora e novamente?”

A imagem de Lena soluçando, de Amma gritando meu nome segundos antes de eu pular, passou pela minha cabeça. Meu peito apertou.

Tia Prue continuou falando. “Nada disso era para acontecer. Amma sabe disso, e ela, Lena e Macon estão tendo dificuldades com a sua passagem.”

Minha passagem. As palavras soaram estranhas para mim.

Um pensamento terrível passou pela minha cabeça. “Espera. Você está dizendo que eles não me enterraram?”

Tia Prue colocou sua mão sobre o coração. “Claro que eles enterraram você. Eles fizeram isso imediatamente. Eles só não o enterraram no cemitério de Gatlin.” Ela acenou, balançando sua cabeça. “Acho que não

teve um velório apropriado, eu temo. Sem sermões. Sem salmos e lamentações.”

“Sem lamentações. Você sabe como machucar um cara, tia Prue.” Eu estava brincando, mas ela assentiu, triste como o túmulo.

“Nenhum programa. Sem batatas de funeral. Nada mais que biscoitos do supermercado. Nem mesmo um livro de recordações. Mais como se o tivessem enfiado numa daquelas caixas de sapato que você tem no seu quarto.”

“Então onde eles me enterraram?” Eu estava começando a ter um mal pressentimento.

“Em Greenbrier, no antigo túmulo dos Duchannes. Enfiado na lama com uma gambá.”

“Por que?” Eu olhei para ela, mas tia Prue desviou seu olhar para longe. Ela definitivamente estava escondendo alguma coisa. “Tia Prue, me responda. Porque eles me enterraram em Greenbrier?”

Ela olhou diretamente para mim, cruzando seus braços na frente dos peitos desafiadoramente. “Agora não vá se martirizar. Foi somente uma pequena desculpa para um serviço. Nada que você tenha que escrever para casa para contar. Ela fungou. “Não é da conta daquelas pessoas da cidade saber sobre sua passagem.”

“Do que é que você está falando?” Não era como se o pessoal de Gatlin se animasse para um velório.

“Amma disse para todos que houve uma emergência com sua tia em Savannah, e que você foi pra lá ajudá-la.”

“Pra cidade inteira? Eles estão fingindo que eu ainda estou vivo?” Uma coisa era Amma tentando convencer meu pai que eu ainda estava por lá. Tentar conversar a cidade inteira era loucura, mesmo para Amma. “E meu pai? Ele não vai desconfiar de alguma coisa quando eu nunca voltar? Ele não pode pensar que estou em Savannah para sempre.”

Tia Prue levantou e andou até o balcão, onde uma caixa de Whitman's Sampler (*caixa de bombom*) já estava aberta. Ela levantou a tampa, estudando cada diagrama que identificava o tipo de cada bombom. Finalmente ela escolheu um e deu uma mordida.

Eu olhei para ela. "Cereja?"

Ela balançou a cabeça, me mostrando. "Menino mensageiro." Faltava a cabeça do menino de chocolate agora." Nunca soube porque o pessoal gasta dinheiro com doces chiques. Se você me perguntasse, esses são os melhores chocolates desse lado ou do outro."

"Sim, senhora."

Se entupindo de açúcar, ela despejou a verdade em mim. "Os Conjuradores colocaram um conjuro no seu pai. Ele não sabe que você está um pouco morto. Toda vez que parece que ele está chegando perto da verdade, os Conjuradores dobram o conjuro até ele não saber o que é em cima e o que é embaixo. Não é natural, se você me perguntar, mas nada em Gatlin é muito natural. O lugar todo é um bagunça, francamente." Ela segurou a caixa de chocolate metade comida. "Agora pegue alguma coisa doce pra você. Chocolate faz tudo ficar melhor. Melaço?"

Eu estava enterrado em Greenbrier para que assim Lena, Amma e meus amigos conseguissem esconder de todo mundo que eu tinha morrido, incluindo meu pai – que estava sob influência de um conjuro tão poderoso, que ele não sabia que seu próprio filho tinha partido, assim como minha mãe disse.

Não havia chocolate suficiente no mundo para fazer isso ficar melhor.

CAPÍTULO 4

A travessia do Bagre

Fazer com que Tia Prue dissesse a única coisa que você queria que ela dissesse, bem quando você queria que ela dissesse, era como se você pensasse que poderia pedir para o sol brilhar. Em algum momento, e provavelmente mais cedo ou mais tarde, você tinha que admitir que você estava precisando de sua misericórdia. Eu tinha, de qualquer jeito.

Porque eu estava.

Eu não conseguia engolir mais nenhum chocolate grudento, empurrado goela abaixo com mais um copo daquele chá doce, enquanto outro daqueles pequenos cachorros me encaravam, para conseguir a única coisa que eu precisava saber. Tudo o que eu pude fazer foi começar a implorar.

“Eu preciso ir para Ravenwood, tia Prue. Você tem que me ajudar. Eu preciso ver a Lena.”

Minha tia fungou e atirou a caixa de chocolate de volta pra bancada. “Ah, eu entendo, *eu tenho, eu tenho, eu tenho?* Alguém morreu e fez de você General? Agora vai pensar que você precisa de uma estátua e um jardim só para você.” Eu fungou de novo.

“Tia Prue –“ Eu desisti. “Me desculpe”.

“Certamente que você está.”

“Eu só preciso saber como chegar a Ravenwood.” Eu sabia que soava desesperado, mas não me importava, porque eu estava. Não tinha sido possível para mim andar até lá ou me imaginar lá. Tinha que ter outro jeito.

“Você sabe que você tem mais abelhas com mel, docinho. Atravessar de um lado para o outro não melhorou seus modos, Ethan Wate. Incomodando uma velha senhora desse jeito.”

Eu estava perdendo a paciência com ela. “Eu disse que sinto muito. Eu sou meio novo nisso, lembra? Você não pode me ajudar, por favor? Você sabe alguma coisa sobre como conseguir chegar daqui até Ravenwood?”

“Você sabe que estou cansada até os ossos dessa conversa?”

“Tia Prue!”

Ela cerrou os dentes e levantou seu queixo, do jeito que Harlon James fazia quando estava com um osso.

“Tem de haver um modo que eu possa vê-la. Minha mãe veio até mim duas vezes. Uma vez em uma fogueira que Amma e Twyla fizeram num cemitério, e outra no meu quarto.”

“Coisa poderosa, cruzar desse jeito. Mais um vez, sua mãe sempre foi mais forte que o pessoal. Por que você não pergunta para ela?” Ela parecia irritada.

“Cruzamento?”

“Cruzar, atravessar. Não para aqueles com coração Graco. Para a maioria de nós, você não pode atravessar daqui pra lá.”

“O que isso significa?”

“Significa que você não pode fazer compotas antes de aprender a ferver a água, Ethan Wate. Tudo a seu tempo. Se acostume com a água antes de pular nela.” Não que tia Prue pudesse engarrafar qualquer coisa que não abrisse um buraco no seu cérebro, segundo Amma.

Eu cruzei os braços, aborrecido. “Por que eu pularia em água fervendo?”

Ela me encarou, se abanando com um pedaço de papel do mesmo jeito que ela fazia nos milhares de domingos em que a levava para a igreja.

Ela parou de se abanar. Mau sinal.

“Quer dizer, *senhora*.” Eu prendi a respiração até ela começar a se abanar de novo. Dessa vez eu baixei minha voz. “Se você sabe de alguma coisa, por favor me ajuda. Você disse que foi ver tia Grace e tia Mercy. E eu sei que vi você no seu funeral.”

Tia Prue torceu a boca como se sua dentadura a estivesse machucando. Ou como se tentasse manter seus pensamentos para ela mesma. “Você tinha toda aquela bagunça de alma dividida ao meio naquela época. Você era capaz de ver qualquer tipo de coisa que um Mortal não deveria. Eu não vi Twyla depois daquele dia, e foi ela que me acompanhou na travessia para começo de conversa.”

“Eu não consigo descobrir isso sozinho.”

“É claro que você consegue. Você não pode aparecer aqui desse jeito e esperar fazer o que bem entender, como um torta ruim numa caixa. Isso é tudo parte da travessia. É como pescaria. Por que eu lhe daria o bague quando deveria estar te ensinando a pescar?”

Eu coloquei a cabeça nas mãos. Naquele momento, eu estaria satisfeito com uma caixa de torta ruim. “E onde um cara pode aprender a pegar um bague por aqui?”

Não havia resposta.

Eu olhei para ela, somente para ver que ela estava cochilando na sua cadeira de balanço, o papel que ela usava para se abanar descansando no seu colo. Não tinha como acordá-la de uma de suas sonecas. Não antes, e provavelmente não agora.

Eu suspirei, tirando delicadamente o ventilador improvisado de suas mãos. Ele abriu, revelando um pedaço de um desenho. Parecia como um dos seus mapas, só metade desenhado, mais um rabisco do que outra coisa. Tia Prue não podia ficar muito tempo sentada sem rabiscar sobre seu paradeiro, mesmo no Outro Mundo.

Então eu percebi que isso não era um desenho do Jardim da Paz Perpétua – ou se fosse, o mundo de lápides era bem maior do que pensava.

Esse não era um mapa qualquer.

Era o mapa da *Lunae Libri*.



“Como poderia existir uma *Lunae Libri* no Outro Mundo? Não é um túmulo, certo? Ninguém morre lá, né?”

Minha mãe não tirou os olhos da sua cópia de Dante. Ela não não tinha levantado os olhos quando eu abri a porta da frente. Ela não conseguia ouvir uma palavra do que alguém dizia quando estava perdida nas páginas de um livro. Ler era sua própria versar de Viajar.

Eu enfiei minha mão entre seu rosto e as páginas amareladas, mexendo meus dedos. “Mãe.”

“O que é?” Ela parecia tão assustada quanto uma pessoa que não estava esperando ver ninguém na sua frente.

“Deixa eu economizar seu tempo. Eu vi o filme. O prédio de escritório pegou fogo. “Eu fechei o livro e mostrei o papel de tia Prue. Minha mãe parou, pegando-o suavemente em suas mãos.

“Eu sabia que Dante estava além do seu tempo.” Ela sorriu, virando o papel.

“Por que tia Prue estava desenhando isso? Eu perguntei, mas ela não respondeu. Só ficou lá encarando o papel.

“Se você for começar a se perguntar porque sua tia faz as coisas que faz, você vai passar a eternidade ocupado.”

E foi tudo o que ela disse. Então ela desistiu, se levantando e colocando os braços nos meus ombros. “Venha. Vou te mostrar.”

Eu segui minha mãe pela rua que não era uma rua, até chegar a uma lápide que não era exatamente uma lápide, e um túmulo familiar que não era bem um túmulo. Eu parei de andar assim que vi onde estávamos.

Minha mãe passou a mão pela lápide de Macon, um saudoso sorriso surgindo em seu rosto. Ela empurrou a pedra que balançou aberta. O hall de entrada de Ravenwood estava na minha frente, fantasmagórico e deserto, como se nada tivesse mudado a menos que Lena e sua família tivessem ido para Barbado de férias.

Minha mãe acenou. “Então. É você que quer ir para a *Lunae Libri*.”

“Você quer dizer a escada secreta para dentro dos Túneis? Isso vai me levar até a *Lunae Libri*?”

“Bem, eu não quis dizer a Biblioteca do Condado de Gatlin.” Minha mãe sorriu.

Eu passei por ela e sai correndo pelo corredor. No momento em que ela me alcançou, eu tinha percorrido todo o caminho até o antigo quarto de Macon. Eu virei o tapete e escancarei o alçapão.

Lá estava.

A escada invisível que levava a escuridão Conjuradora.

E a frente, á Biblioteca Conjuradora.

CAPÍTULO 5

Uma outra *Lunae Libri*

Escuridão, eu notei, é escura não importa em que mundo você está. Os degraus invisíveis abaixo do alçapão – os mesmos que eu tropecei e escalei e meio cai no meu caminho até lá embaixo tantas vezes antes – eram tão invisíveis como eles costumavam ser.

E a *Lunae Libri*?

Nada tinha mudado na parede de pedra coberta de musgo que nos guiava pelas passagens. As longas fileiras de livros antigos e pergaminhos eram assustadoramente familiar. As tochas ainda faziam sombras cintilantes através das pilhas.

A Biblioteca Conjuradora parecia igual a sempre, mesmo agora que eu estava longe, longe de qualquer Conjurador vivo.

Especialmente aquela que eu amava mais que todos.

Eu peguei uma tocha da parede, a balançando na minha frente. “É tão real.”

Minha mãe concordou. “Está exatamente do jeito que eu me lembro.” Ela tocou meu ombro. “Um boa lembrança. Eu amava esse lugar.”

“Eu também.” Esse foi o único lugar que me ofereceu qualquer esperança quando Lena e eu encaramos a situação desesperante da sua décima sexta lua. Eu olhei de volta para a minha mãe, meio escondida pelas sombras.

“Você nunca me contou, mãe. Não sabia nada sobre você ser uma Guardiã. Eu não sabia absolutamente nada sobre esse outro lado da sua vida.”

“Eu sei. E me desculpe. Mas você está aqui agora, e eu posso mostrar tudo a você.” Ela pegou minha mão. “Finalmente”.

Nós fizemos nosso caminho em meio a escuridão das estantes, com a tocha entre nós. “Agora, eu não sou uma bibliotecária referenciada, mas eu sei meu caminho entre essas estantes. Para os pergaminhos.” Ela me olhou de lado. “Eu espero que você nunca tenha tocado em nenhum desses livros. Não sem usar luvas.”

“Yeah. Eu vi isso a primeira vez que queimei toda a minha pele.” Eu sorri. Era estranho estar aqui com a minha mãe, mas agora que eu estava, eu podia dizer que a *Lunae Libri* tinha cada pedaço dela, assim como era com Marian.

Ela sorriu de volta. “Acredito que isso não seja mais um problema.”

Eu dei de ombros. “Acho que não.”

Ela apontou para a prateleira mais próxima, seus olhos brilhando. Era bom ver minha mãe de volta ao seu habitat natural.

Ela procurou por um pergaminho. “T, de *travessia*.”

Depois do que pareceu horas, não tínhamos feito nenhum progresso.

Eu gemi. “Você não pode apenas me dizer como fazer isso? Por que eu tenho que procurar isso sozinho?” Nós estávamos cercados de pilhas de pergaminhos, empilhados em nossa volta na mesa de pedra bem no centro da *Lunae Libri*.

Até minha mãe parecia frustrada. “Eu já te disse. Eu só imagino onde quero ir, e eu apareço lá. Se isso não funciona com você, então não sei como ajudá-lo. Sua alma não é a mesma que a minha, especialmente depois que foi dividida. Você precisa de ajuda, e é para isso que os livros servem.”

“Eu tenho certeza que não é para isso que os livros servem – visitas dos mortos.” Eu a encarei. “No mínimo, não é o que a Sra. English diria.”

“Nunca se sabe. Os livros estão por ai por diversas razões. Assim como a Sra. English.” Ela colocou outra pilha de pergaminhos no colo. “Aqui. Que tal esse aqui?” Ela abriu um pergaminho empoeirado suavemente nas

suas mãos. “Não é Conjurador. É mais como uma meditação. Para ajudar sua mente a se concentrar, como se você fosse um monge.”

“Eu não sou um monge. E não sou bom em meditação.”

“Obviamente. Mas não vai doer tentar. Vamos lá, foco. Escute.”

Ela se inclinou sobre o pergaminho, lendo eu voz alta. Eu li sobre seu ombro.

“Na morte, mentir.

Na vida, chorar.

Leve-me para casa

Para lembrar

Para ser lembrado.”

As palavras pairaram no ar, como uma estranha bolha prateada. Eu tentei alcançá-las, mas elas desapareceram de vista tão rápido quanto tinham aparecido.

Eu olhei para a minha mãe. “Você viu aquilo?”

Ela assentiu. “Conjuros são diferentes nesse mundo.”

“Por que não está funcionando?”

“Tenta no original em Latim. Aqui. Leia você mesmo.” Ela segurou o pergaminho perto da tocha, e eu me inclinei para a luz.

Minha voz tremia enquanto eu dizia as palavras.

“Mortuus, iace.

Vivus, fle.

*Ducite me domum
ut meminissent
ut in memoria teneat.*

Eu fechei meu olhos, mas tudo em que eu conseguia pensar era o quão longe eu estava de Lena. Como seu cabelo encaracolava com a brisa Conjuradora. Como o verde e o dourado dos seus olhos lampejavam, brilhante e escuro assim como ela era.

Como eu provavelmente nunca a veria de novo.

“Ah, vamos lá, EW.”

Eu abri meu olhos. “Não funciona.”

“Se concentre.”

“Eu estou me concentrando.”

“Você não está,” ela disse. “Não pense onde você está agora. Não pense no que você perdeu – nem na torre de água ou qualquer coisa que veio depois disso. Mantenha a cabeça no jogo.”

“Eu estou.”

“Não, você não está.”

“Como você sabe?”

“Porque se você estivesse, você não estaria aqui. Você estaria a meio caminho de casa, com um pé de volta em Gatlin.”

Eu estaria? Era difícil de imaginar.

“Feche os olhos.”

Eu os fechei obedientemente.

“Repita o que eu disser,” ela sussurrou.

No silêncio, eu ouvi as palavras dentro da minha cabeça, como se ela estivesse falando em voz alta para mim.

Nós estávamos nos comunicando por Kelt, minha mãe e eu. Na morte, do túmulo, em um modo distante. Parecia familiar entre nós, algo de tempos atrás, algo que tínhamos perdido.

Leve-me para casa.

Leve-me para casa, eu disse.

Ducite me domum.

Ducite me domum, eu disse.

Para lembrar.

Ut meminissent, eu disse.

Para ser lembrado.

Ut in memoria tenear, eu disse.

Você se lembra, meu filho.

Eu me lembro, eu disse.

Você se lembrará.

Eu sempre irei me lembrar, eu disse.

Eu sou o único, eu disse.

Você irá –

Eu irei –

Lembrar...

CAPÍTULO 6

Botão de Prata

Eu abri os olhos.

Eu estava de pé na frente do pátio de entrada da casa e Lena. Funcionou. Eu tinha atravessado. Eu estava de volta á Gatlin, no mundo dos vivos. Eu estava inundado de alívio; ainda estava aqui.

Gatlin permaneceu. O que significava que Lena também. O que significava que tudo que eu tinha perdido – tudo que tinha feito – não havia sido para nada.

Eu me inclinei contra a porta atrás de mim. O cômodo parou de girar, e eu levantei minha cabeça e olhei ao redor para as velhas paredes de gesso.

A familiar escadaria que voava. O piso brilhante.

Ravenwood.

A verdadeira Ravenwood. Mortal, sólida e pesada sob meus pés. Eu estava de volta.

Lena.

Eu fechei os olhos e lutei contra as lágrimas que estavam vindo.

Eu estou aqui, L. Eu consegui.

Eu não sei por quanto tempo eu fiquei congelado no mesmo lugar, esperando por uma resposta, como se eu pensasse que ela era vira correndo direto para os meus braços.

Ela não veio.

Ela nem pode sentir meu Kelt.

Eu tomei fôlego. A enormidade das paredes ainda estava me atingindo.

Ravenwood parecia diferente da última vez que eu estive aqui. Não era realmente uma surpresa – Ravenwood estava sempre mudando – mas ainda assim, eu podia dizer pelos lençóis pretos pendurados nos espelhos e janelas que dessa vez as coisas tinham mudado para pior.

Não eram só os lençóis. Era o modo como a neve caía do teto, mesmo eu estando do lado de dentro. A fria correnteza vinda pela porta girava no ar, como cinzas na lareira. Eu olhei para cima e vi o teto infestado de nuvens de tempestade, cobrindo todo o caminho da escada até o segundo andar. Estava muito frio até para um fantasma, e eu não podia parar de tremer.

Ravenwood sempre tinha uma história, e essa história era Lena. Ela controlava o modo como a casa se parecia dependendo do seu humor. E se Ravenwood parecia daquele jeito.

Vamos lá, L. Você está aí?

Eu não pude evitar esperar que ela respondesse, mesmo que tudo que eu ouvisse fosse o silêncio.

Eu andei pelo caminho de gelo escorregadio até alcançar a familiar volta da grande escada da frente. Então subi os degraus brancos, um de cada vez, todo o caminho até o topo.

Quando olhei para baixo, não havia nenhuma pegada.

“L? Você tá aí?”

Vamos lá. Eu sei que você pode sentir que eu estou aqui.

Mas ela não disse nada, e quando eu abri a porta rachada do seu quarto, foi quase um alívio ver que ela não estava lá. Eu chequei até o teto, onde uma vez a encontrei repousando sobre o gesso.

O quarto de Lena tinha mudado novamente, como sempre mudava. Dessa vez, a vitrola não estava tocando sozinha, e não tinha palavras escritas por todo canto, e as paredes não eram de vidro. Não parecia como uma prisão, o gesso não estava rachado, e a cama não estava quebrada.

Não tinha mais nada lá. Suas malas estavam feitas e empilhadas ordenadamente no meio do quarto. As paredes e o teto estavam completamente planos, como um quarto comum.

Parecia como se Lena estivesse partindo.

Eu sai de lá antes que pudesse pensar o que isso significava para mim. Antes que eu tivesse que descobrir como iria visitá-la em Barbado, ou qualquer outro lugar que ela estivesse indo.

Era quase tão difícil de pensar em como deixá-la como da primeira vez.



Eu encontrei meu caminho para fora através da massiva sala de jantar onde eu tinha me sentado tantas vezes antes em dias e noites estranhas. Um espessa camada de gelo cobria a mesa, deixando um retângulo escuro e molhada embaixo dela como um tapete. Eu passei por uma porta aberta e escapei para a varanda de trás, aquela que faceava a colina verde que levava para o rio – onde de forma alguma estava nevando, somente nublado e sombrio. Era um alívio estar lá fora de novo, e eu fui pelo caminho atrás da casa até chegar nos limoeiros e às ruínas que me diziam que eu estava em Greenbrier.

Eu sabia para o que estava olhando no momento em que a vi.

Minha sepultura.

Aqui estava, entre os ramos nus dos limoeiros, um monte de terra fresca coberta de pedras com um pitada de neve.

Não tinha uma lápide propriamente dita, somente um cruz feita de madeira. A nova colina suja não se parecia com um lugar de descanso final, o que me fez sentir melhor ao invés de pior sobre tudo isso, na verdade.

As nuvens no céu se abriram um pouco, e um vislumbre da sepultura me chamou atenção. Alguém havia deixado um dos amuletos do colar de Lena no topo da cruz. A visão daquilo fez meu estômago dar uma cambalhota.

Era o botão de prata que havia caído do seu casaco naquela primeira noite em que nos conhecemos na chuva na Autoestrada 9. Havia caído no banco da frente. De certa forma, parecia um círculo tinha se completado, desde a primeira vez que eu a tinha visto até a última, pelo menos nesse mundo.

Círculo completo. O começo e o fim. Talvez eu realmente tinha aberto um buraco no céu e revelado o universo. Talvez não existia nada de nó corrediço ou meio atado ou tenso nó que jamais poderia continuar se desfazendo. Algo tinha conectado meu primeiro vislumbre do botão com esse, mesmo que fosse o mesmo velho botão. Alguma minúscula parte do universo tinha se esticado de Lena para mim para Macon até Amma e para meu pai e minha mãe – até mesmo de Marian para tia Prue – de volta para mim. Acho que Liv e John Breed estavam aqui em algum lugar, e talvez Link e Ridley. Talvez tudo de Gatlin estava.

Isso tinha importância?

Da primeira vez que vi Lena na escola, como eu poderia saber onde tudo isso ia dar? E se tivesse, eu teria mudado mesmo a menor das coisas? Eu duvidava disso.

Cuidadosamente, eu peguei o botão de prata. No segundo em que meus dedos o tocaram, eles se moveram mais devagar, como se eu estivesse tocando a superfície de um lago. Eu senti seu peso como se fosse de uma pilha de tijolos.

Eu o coloquei de volta na cruz, mas ele rolou até a ponta, caindo sobre o amontoado de sujeira da lápide. Eu estava muito cansado para tentar move-lo de novo. Se tivesse mais alguém aqui, será que teria visto o botão se mexer? Ou só parecia para mim? De qualquer forma, era difícil olhar aquele botão. Eu não tinha pensado em como eu me sentiria ao visitar meu próprio túmulo. E eu não estava pronto para descansar, em paz ou não.

Eu não estava pronto para nada disso.

Eu nunca tinha realmente pensado sobre a coisa de morrer-para-o-bem-do-mundo. Quando se está vivo, você não pensa eu como passar seu

tempo depois que está morto. Você só pensa que terá partido, e que o resto vai cuidar de tudo sozinho.

Ou pensa que você não vai realmente morrer. Você será a primeira pessoa na história do mundo que não precisará morrer. Talvez essa seja o tipo de mentira que nosso cérebro nos conta para não enlouquecer enquanto ainda se está vivo.

Mas nada é tão simples assim.

Não quando você estava onde eu estava.

E ninguém é diferente de ninguém, não quando se trata disso.

Esse é o tipo de coisa que um cara pensa quando ele visita seu túmulo.

Eu sentei perto da minha lápide e cai na grama dura. Eu limpei um pequeno pedaço de neve. Pelo menos ia ser verde em breve. Não morto, mas grama verde.

Obrigada Querido Redentor, como Amma diria.

De nada. Era o que eu gostaria de dizer.

Eu olhei para a lápide próxima a mim e toquei a terra fresca com as minhas mãos, deixando-a escorrer pelos meus dedos. Nenhum pouco seca, também. Isso realmente tinha mudado em Gatlin.

Eu cresci como um típico garoto do Sul, e sabia muito bem que não se deve perturbar ou desrespeitar qualquer túmulo na cidade. Eu havia andado pelo cemitério até minha mãe, andando cuidadosamente para não pisar na sepultura de ninguém.

Link era quem não tinha noção alguma sobre isso, que se deitava em cima das sepulturas fingindo estar dormindo onde os mortos estavam descansando. Ele queria praticar – era o que ele dizia. “Eu quero ver como é a vista aqui de baixo. Você não iria querer que um cara colocasse sua cabeça para fora para o resto da sua vida sem saber onde estaria sendo levado para o final, iria?”

Mas se tratando de sepulturas, era diferente se preocupar em desrespeitar a sua própria.

Foi quando um voz familiar veio pelo vento, me surpreendendo pela proximidade. “Você se acostuma, sabe.”

Eu segui a voz por alguns túmulos, e lá estava ela, cabelo vermelho balançando ao vento. Genevieve Duchannes. Ancestral de Lena, a primeira Conjuradora a usar o *Livro das Luas* para tentar trazer de volta alguém que ela amava – o Ethan Wate original. Ele era meu tatara-tatara-tatara-tatara tio, e tinha dado tão certo para ele como deu para mim. Genevieve tinha falhado, e a família de Lena havia sido amaldiçoada.

Da última vez que eu tinha visto Genevieve, eu estava cavando seu túmulo com Lena, procurando *pelo Livro das Luas*.

“Você é – Genevieve? Senhora?” Eu me sentei.

Ela assentiu, enrolando e desenrolando uma mecha de cabelo com as mãos. “Eu pesei que você apareceria. Não sabia quando. Tem havido muita falação.” Ela sorriu. “Apesar que seu tipo tende a ficar na Paz Perpétua. Conjuradores, nós vamos onde quisermos. A maioria de nós fica nos Túneis. Eu me sinto melhor aqui.”

Falação? Aposto que tinha, apesar de ser estranho pensar numa cidade cheia de fantasmas falando. Mais minha tia Prue, provavelmente.

Seu sorriso vacilou. “Mas você é só um garoto. É o pior, não é? Que você seja tão jovem.”

Eu assenti na direção de Genevieve. “Sim, senhora.”

“Bem, você está aqui agora, e é isso que importa. Eu acredito que devo a você, Ethan Lawson Wate.”

“Você não me deve nada, senhora.”

“Eu espero retribuir o débito algum dia. Devolver meu medalhão significou o mundo para mim, mas não acredito que você verá muita gratidão de Ethan Carter Wate, seja lá onde ele estiver. Ele sempre foi meio teimoso.”

“O que aconteceu com ele? Se a senhora não se importa de eu perguntar.” Eu sempre me perguntei sobre Ethan Carter Wate – depois que ele voltou a vida por somente um segundo. Quer dizer, ele foi o começo de tudo isso, de tudo que tinha acontecido comigo e com Lena. A outra extremidade do fio que tínhamos puxado, que revelou todo o universo.

Não tinha eu o direito de saber como a história terminou? Não poderia ser muito pior que a minha, poderia?

“Eu não sei ao certo. Eles o levaram embora para o Registro Distante. Nós não podíamos ficar juntos, mas tenho certeza que você sabe disso. Eu aprendi isso sozinha, da pior maneira,” ela disse, sua voz triste e distante.

As palavras dela ficaram presas na minha mente, como se estivessem empurrando pensamentos antigos. O Registro Distante. Os Guardiões *das Crônicas Conjuradoras* – os mesmos que minha mãe recusou falar a respeito. Genevieve também não parecia querer elaborar muito mais.

Por que é que ninguém queria falar sobre o Registro Distante? Sobre o que era *As Crônicas Conjuradoras*, afinal de contas?

Eu olhei de Genevieve para os limoeiros. Aqui estávamos nós, no lugar da grande primeira fogueira. Era o lugar onde as terras de sua família haviam queimado, e onde Lena tentou enfrentar Sarafine pela primeira vez.

Engraçado como a história se repete entre si por aqui.

Mais engraçado é como eu fui a última pessoa em Gatlin a perceber isso.

Mas eu tinha aprendido as coisas do modo difícil também. “Não foi sua culpa. *O Livro das Luas* meio que prega peças nas pessoas. Eu não acho que ele nem foi feito para Conjuradores da Luz. Eu acredito que ele queria transformar você –” Ela me lançou um olhar, e eu parei de falar. “Desculpe, senhora.”

Ela deu de ombros. “Eu não sei. Pelos primeiro cem anos mais ou menos, eu me sentia dessa forma. Como se aquele livro tivesse roubado algo de mim. Como se eu tivesse sido enganada...” Sua voz foi sumindo.

Ela estava certa. Ela tinha pego o menor dos palitinhos.

“Mas bem ou mau, eu fiz minhas próprias escolhas. Elas são tudo o que eu tenho agora. É minha cruz para carregar, e serei eu a carregá-la.”

“Mas você fez isso por amor.” Assim como Lena e Amma.

“Eu sei. É isso que me ajuda a carregá-la. Eu só queria que o meu Ethan não tivesse que carregá-la também. O Registro Distante é um lugar cruel.” Ela olhou para sua lápide. “O que está feito, está feito. Não tem como trapacear a morte mais do que trapacear *O Livro das Luas*. Alguém sempre tem que pagar o preço.” Ela sorriu tristemente. “Eu acho que você sabe disso, se não você não estaria aqui.”

“Eu acho que sei.”

Eu sabia melhor que ninguém.

Um galho quebrou. Então uma voz chamou, mais alto.

“Para de me seguir, Link.”

Genevieve Duchannes desapareceu ao som daquelas palavras. Eu não sabia como ela tinha feito isso, mas eu estava tão assustado que eu me senti desaparecendo também.

Eu me agarrei aquela voz – porque era familiar, e eu a reconheceria em qualquer lugar. E porque soava com lar, caótico e tudo mais.

Era a voz que me ancorava no reino Mortal agora, do mesmo jeito que tinha ligado meu coração a Gatlin quando eu estava vivo.

L.

Eu congelei. Não podia me mover, mesmo ela não podendo me ver.

“Você está tentando me passar recibo?” Link estava parando por ali atrás de Lena, tentando alcançá-la enquanto ela andava entre os limoeiros. Lena balançou a cabeça como se quisesse balançar Link.

Lena.

Ela se enfiou no meio do mato, e eu pode ter um relance dos seus olhos verde e dourado. Foi isso; não consegui me segurar.

“Lena!” Eu berrei o mais alto que consegui, minha voz ressoando pelo céu branco.

Eu corri em meio ao chão congelado, em meio às ervas pelo caminho de pedras. Eu joguei meus braços sobre ela... e fui voando para o chão atrás dela.

Eu quase tinha esquecido. Eu não estava realmente ali, não de um jeito que ela podia sentir. Eu deitei na grama, recuperando o fôlego. Então eu me levantei nos cotovelos, porque Lena estava realmente ali, e eu não queria perder um segundo disso.

O jeito que ela se movia, o inclinar da sua cabeça, e a melodia de sua voz – ela era perfeita, cheia de vida e beleza, tudo que eu não podia mais ter.

Eu estou aqui. Bem aqui. Você consegue me sentir, L?

“Eu queria dar uma checada nele. Eu não vim aqui o dia todo. Eu não quero que ele fique sozinho, ou bravo. Seja lá o que ele esteja sentindo.” Lena se ajoelhou perto da minha lápide, perto de mim, agarrando um punhado de grama fria.

Não estou sozinho. Mas sinto sua falta.

Link jogou as mãos pro alto. “Você acabou de ir até a casa dele. Depois checou a torre de água e seu quarto, e agora você está aqui no túmulo dele. Talvez você devesse arranjar alguma coisa pra fazer sem ser checar o Ethan.”

“Talvez você devesse arranjar alguma coisa pra fazer ao invés de me perturbar, Link.”

“Eu prometi pro Ethan que ia cuidar de você.”

Link parecia tão aborrecido quanto Lena parecia frustrada. “Do que é que você está falando? Você acha que eu não entendo? Ele era meu *melhor amigo* desde o jardim da infância.”

“Não fale assim. Ele ainda é o seu melhor amigo.”

“Lena.” Link não estava chegando a lugar algum.

“Não venha com ‘Lena’ pra mim. De todo mundo, eu achei que você entenderia como as coisas funcionam por aqui.” Seu rosto estava pálido, e sua boca parecia engraçada, como se ela fosse rir ou chorar mas não conseguisse se decidir.

Lena, vai ficar tudo bem. Eu estou aqui.

Mas mesmo enquanto eu pensava nisso, eu sabia que ninguém podia consertar isso. A verdade era que, do momento em que eu pisei naquela torre de água, tudo mudou, e nada iria ser igual antes.

Não tão cedo.

Eu nunca soube o quão ruim seria desse lado. Pelo menos para mim. Porque eu podia ver tudo, mas não podia fazer nada para mudar alguma coisa.

Eu procurei pela sua mão, entrelaçando meus dedos nos dela. Minha mão passou direto, mas se eu realmente me concentrasse, eu ainda podia sentir a mão dela, pesada e sólida.

Pela primeira vez, não houve choque. Sem queimaduras. Não era como enfiar minha mão na tomada.

Acho que estar morto faz isso com você.

“Lena, me ajude aqui. Eu não falo língua de menina – você sabe disso – e Rid não está aqui para traduzir.”

“Língua de menina?” Lena lhe deu um olhar murcho.

“Ah, fala sério. Eu mal falo inglês direito, a menos que estejamos falando uma linguagem de baixo calão.”

“Eu pensei que você tivesse ido procurar a Ridley,” Lena disse.

“Eu fui, por todo os Túneis. Todo lugar que Macon conseguia me sentir e alguns lugares que ele nunca me deixa ir. Inferno – eu não achei ninguém que a tivesse visto.”

Lena se sentou e enfileirou as pedrinhas em volta do meu túmulo. “Eu preciso que ela volte. Ridley sabe como tudo isso funciona. Ela pode me ajudar a descobrir o que fazer.”

“Do que é que você está falando?” Link se sentou perto dela, perto de mim.

Como nos velhos tempos, quando nós três nos sentávamos juntos nos bancos da Jackson High. Eles só não sabiam que eu estava aqui.

“Ele não está morto. Assim como tio Macon não estava morto. Ethan vai voltar – você vai ver. Ele provavelmente está tentando me achar agora mesmo.”

Eu apertei sua mão. Ela estava certa sobre isso, pelo menos.

“Você não acha que saberia, se ele estivesse?” Link parecia duvidoso. “Se ele estivesse aqui, você não acha que ele iria dar um grito ao algo assim?”

Eu tentei sua mão de novo, mas não adiantava.

Vocês dois podem prestar atenção?

Lena balançou sua cabeça aleatoriamente. “Não é bem assim. Não estou dizendo que ele está sentado aqui com a gente ou algo parecido.”

Mas eu estava. Sentado ali com eles, ou algo parecido.

Gente? Eu estou bem aqui.

Mesmo eu usando Kelt, parecia que estava gritando.

“É mesmo? Como você sabe onde ele está ou não está? Se você está tão certa sobre isso e tal?” As aula de domingo da igreja não estavam ajudando muito ele aqui. Ele estava provavelmente ocupado imaginando casas feitas de nuvens e querubins com asas.

“Tio Macon disse que espíritos novos não sabem onde estão ou o que estão fazendo. Eles mal sabem como morreram ou o que aconteceu com eles na vida real. É triste, descobrir de repente que você está no Outro Mundo. Ethan pode muito bem não saber quem ele é ainda, ou quem eu sou.”

Eu sabia quem era ela. Como eu poderia esquecer uma coisa dessas?

“É mesmo? Bem, digamos que você esteja certa. Nesse casa, você não tem nada com o que se preocupar. Liv me disse que vai achar ele. Ela tem aquele relógio todo esquisito dela, como um tipo de Ethan Wate-ógio.”

Lena suspirou. “Eu queria que fosse simples assim.” Ela procurou pela cruz de madeira. “Essa coisa rachou de novo.”

Link parecia frustrado. “É mesmo? Bom, não existe uma medalha de mérito por cavar uma sepultura. Não no pacote de Gatlin.”

“Estou falando da cruz, não da sepultura.”

“Foi você que não deixou ser de pedra,” Link disse.

“Ele não precisa de um túmulo quando ele não está –“

Então sua mão congelou, porque ela percebeu. O botão de prata não estava no lugar em que ela deixou.

Claro que não estava. Estava onde eu tinha deixado cair.

“Link, olha!”

“É uma cruz. Ou dois palitos, dependendo de como você olhar.” Link deu um olhar furtivo para a cruz. Ele estava começando a sintonizar; eu podia dizer pelo olhar vidrado na cara dele, um que tinha visto todo dia na escola.

“Não isso.” Lena apontou. “O botão.”

“É. É um botão, tudo bem.” Link estava encarando Lena como se ela de repente fosse louca. Era um pensamento provavelmente aterrorizante.

“É o meu botão. E não está onde eu coloquei.”

Link deu de ombros. “E daí?”

“Você não entende?” Lena soava esperançosa.

“Normalmente não.”

Aleluia, L. Já não era sem tempo. Estamos progredindo aqui.

Eu segurei meus braços para ela, e ela jogou seus braços em volta do Link e o abraçou. Vai entender.

Ela tirou seus braços de Link, excitada.

“Ei.” Link estava sem graça. “Poderia ter sido o vento. Poderia ter sido – sei lá – vida selvagem ou outra coisa.”

“Não foi.” Eu sabia em que humor ela estava. Não tinha ainda que alguém pudesse fazer que fosse fazer ela mudar de ideia, não importa o qual irracional parecesse.

“Você parece bastante certa sobre isso.”

“Eu estou.” As bochechas de Lena estavam rosas, e seus olhos brilhavam. Ela abriu seu caderno, tirando a caneta permanente do seu colar de amuletos com uma das mãos. Eu sorri para mim mesmo, porque eu tinha dado a ela aquela caneta no topo da torre de água em Summerville, não há muito tempo atrás.

Eu estremei com o pensamento, agora.

Lena rabiscou alguma coisa e arrancou o pedaço de papel. Ela usou uma pedra para prender a folha no topo da cruz.

O papel tremulou com a brisa gelada mas ainda permaneceu lá.

Ela chorou uma única lágrima e sorriu.

O papel tinha apenas uma palavra, mas nós dois sabíamos o que significava. Era uma referência a uma das primeiras conversas que tivemos, quando ela me contou o que estava escrito no túmulo do poeta Bukowski. Somente duas palavras: *Não tente.*

Mas o pedaço de papel no meu túmulo estava batizado com uma única palavra, em letras maiúsculas. Ainda úmida e com cheiro da tinta da caneta.

Caneta permanente limões e alecrim.

Todas as coisas que era Lena.

TENTE.

Eu vou, L.

Eu prometo.

CAPÍTULO 7

Palavras Cruzadas

Enquanto eu via Link e Lena desaparecerem por Ravenwood, eu sabia que existia mais um lugar que eu precisava ir, uma pessoa que eu precisava ver antes de voltar. A Propriedade dos Wate era mais dela do que seria de qualquer Wate. Ela assombrava aquele lugar mesmo em carne e osso.

Parte de mim temia isso, imaginando como despedaçada ela estaria agora. Mas ao mesmo tempo, eu precisava vê-la.

Coisas ruins tinham acontecido.

Eu não podia mudar isso, não importa o quanto eu queria.

Tudo parecia errado, e mesmo ver Lena não fez com que se parecesse certo.

Como tia Prue diria, as coisas tinham ido pelos ares.

Quer nesse reino ou em qualquer outro, Amma sempre foi a pessoa que poderia me endireitar.



Eu sentei no meio fio na rua, esperando pelo sol baixar. Eu não conseguia me mexer. Eu não queria. Eu queria ver o sol mergulhar por trás da casa, atrás do varal e das velhas árvores. Eu queria ver a luz do sol desaparecendo e as luzes das casas se acendendo. Eu vi o familiar brilho vindo do estúdio do meu pai, mas ainda estava escuro. Ele devia estar dando aulas na faculdade, como se nada tivesse acontecido. Era provavelmente bom, melhor até. Eu me perguntava se ele ainda estava trabalhando no seu livro sobre a Décima Oitava Lua, a menos que restaurar a Ordem tenha dado um fim nisso também.

Mas tinha uma luz vindo da janela da cozinha.

Amma.

Uma segunda luz apareceu pela pequena janela quadrada ao lado da cozinha. As Irmãs estavam assistindo a um de seus programas de tv.

Então, na luz fraca, e reparei em algo estranho. Não tinha mais nenhuma garrafa no nosso jardim. Aquela que Amma tinha pendurado vazia, uma garrafa de vidro rachada para aprisionar qualquer espírito demoníaco que por acaso quisesse se meter no nosso caminho e que os afastava de nossa casa.

Para onde as garrafas tinham ido? Por que ela não precisava mais delas agora?

Eu fiquei de pé e andei para mais perto. Eu podia ver através da janela da cozinha Amma sentada na velha mesa de madeira, provavelmente fazendo palavras cruzadas. Eu podia imaginar o lápis número 2 rabiscando, podia quase ouvir.

Eu cruzei o gramado e parei na rua, bem em frente a janela. Por um momento eu pensei que era uma boa coisa que ninguém pudesse me ver, porque espionar pela janela daquele jeito a noite, fazia até o cidadão mais decente de Gatlin querer usar suas espingardas.

Amma olhou para cima e olhou para dentro da escuridão, como um cervo para os faróis de um carro. Eu podia jurar que ela tinha me visto. Então faróis verdadeiros brilharam atrás de mim, e percebi que não era para mim que Amma estava olhando.

Era meu pai, dirigindo o Volvo de minha mãe. Estacionando bem por cima de mim na rua. Como se eu não estivesse ali.

O que, de vários jeitos, eu não estava.

Eu parei em frente a casa que eu tinha passado inúmeros verões repintando e estendi a mão para tocar nas pinceladas da porta. Minha mão atravessou pela metade a parede.

Ela desapareceu lá dentro, meio como quando eu a empurrei pelo portal encantado na *Lunae Libri*, aquela que somente se parecia com uma velha grade regular.

Eu puxei minha mãe de volta e a encarei.

Parecia normal para mim.

Eu dei um passo mais para perto, para dentro da parede da casa, e fiquei preso. Parecia que queimava, como andar sobre um pequeno braseiro. Acho que escorregar minha mão para dentro era uma coisa, mas colocar meu corpo inteiro para dentro da casa, era outra.

Eu fui até a porta da frente. Nada. Não conseguia nem colocar meu pé metade pra dentro. Eu tentei a janela a cima da mesa da cozinha, e a outra sob a pia. Eu tentei as janelas de traz e as dos lados e até a porta do gato que Amma tinha instalado para Lucille.

Sem sorte.

Ai eu percebi o que deveria estar acontecendo, porque eu voltei para a janela da cozinha e vi o que Amma estava fazendo. Não era as palavras cruzadas do *The New York Times*, nem mesmo a da *The Star* ou a *Stripes*. Ela tinha uma agulha, não um lápis numa das mãos, e um pedaço de tecido ao invés de papel na outra. Ela estava fazendo uma coisa que eu já a tinha visto fazer milhares de vezes, e não iria melhorar o vocabulário de ninguém ou afiar a mente de ninguém.

Tinha a ver com manter a alma das pessoas seguras – o condado de Gatlin seguro.

Porque Amma estava costurando um pequeno pacote de ingredientes para os seus famosos saquinhos de amuletos, daqueles que eu tinha encontrado nas minhas gavetas e debaixo do meu colchão e as vezes até nos meus bolsos. Considerando isso eu não pude colocar os pés dentro da casa, ela devia vir costurando sem parar desde que eu pulei da torre de água.

Como sempre, ela estava usando sua mágica para proteger a Propriedade dos Wate, e não tinha como passar por aquilo. A linha de sal em todos os

batentes das janelas estava mais grossa do que o normal. Pela primeira vez, não havia dúvidas que as malucas proteções que ela fazia mantinha nossa casa longe de assombrações. Pela primeira vez, eu percebi o estranho brilho no sala, como se tivesse vazando um grande poder pelas janelas.

Ótimo.

Eu estava chacoalhando a tela, quando eu tive um vislumbre da escada que levava a despensa de conservas de Amma. Eu pensei na porta secreta atrás das prateleiras, aquela que provavelmente tinha sido usada como Ferrovia Subterrânea. Eu tentei lembrar onde o túnel saia – aquele que nós achamos a *Temporis Porta*, uma porta mágica que se abria para o Registro Distante. Então eu me lembrei que o alçapão do túnel se abria para o campo depois da Autoestrada 9. Ele me levou para fora da casa antes; talvez ele pudesse me colocar para dentro dessa vez.

Eu fechei meus olhos e pensei sobre aquele lugar, com toda a força que eu podia. Não funcionou antes, quando eu tentei me imaginar em algum lugar. Mas não significava que eu não podia tentar de novo. Minha mãe disse que era assim que funcionava para ela. Talvez tudo o que eu precisasse fazer era me imaginar em algum lugar com concentração suficiente, e eu encontraria meu caminho. Mais ou menos como os chinelos do *Mágico de Oz* – mas sem chinelos de verdade.

Eu pensei sobre o parque de diversões.

Eu pensei sobre as bitucas de cigarro e as ervas daninhas e sobre as marcas que as barracas tinham deixado na terra.

Nada aconteceu.

Eu tentei de novo. Nada ainda.

Eu não tinha certeza como a maioria fazia isso. O que me deixava dez modos de ficar preso. Eu quase desisti e saí andando, pensando se eu poderia chegar até a Autoestrada 9, se eu conseguiria uma carona na caçamba de alguma caminhonete inesperada.

Bem quando pareceu impossível, eu pensei em Amma. Eu pensei sobre o quanto eu queria entrar em casa. Eu podia sentir o gosto desse pensamento, como um prato inteiro de carne assada da Amma. Eu pensei no quanto eu sentia a falta dela, como eu queria abraçá-la, levar um belo sermão, como em toda a minha vida.

No minuto que esses pensamentos tomaram forma na minha mente, meus pés começaram a zunir. Eu olhei para baixo, mas eu não podia vê-los. Sentia como se alguém tivesse derrubado vitamina-C efervescente num copo d'água, como se tudo ao meu redor estivesse borbulhando e zumbindo.

Ai eu desapareci.



Eu estava parado no túnel, bem na frente da *Temporis Porta*. A porta anciã estava trancada como se fosse proibida para mim na morte como tinha sido na vida, e eu estava feliz em deixá-la para traz enquanto eu fazia meu caminho pelos túneis através da Propriedade dos Wate. Eu sabia onde estava indo, mesmo no escuro.

Eu corri o caminho todo para casa.

Eu continuei correndo até empurrar a porta da cozinha, subindo as escadas até a cozinha. Uma vez que eu tinha passado pelo problema que era o sal e os amuletos, as paredes não pareciam ser um grande problema.

Era como andar na frente de uma das apresentações de slides das Irmãs, quando você passa na frente do projetor durante milhares de fotos de cruzeiros, e de repente você olha para baixo e é o navio que está passando na sua frente. Era assim que uma parede se parecia. Como uma projeção, tão irreal quanto uma foto nas Barramas de outra pessoa que não você.

Amma não olhou pra cima quando eu me aproximei. Pela primeira vez o assoalho não rangeu, e eu pensei em todas as vezes que eu apreciaria se isso tivesse acontecido – quando eu tentava sair escondido da cozinha ou

da casa, sob o olhar vigilante de Amma. Requereria um milagre, e mesmo assim normalmente não dava certo.

Eu poderia ter usado alguma dessas novas habilidades quando eu estava vivo. Agora eu daria tudo para que alguém soubesse que eu estava realmente aqui. Engraçado como as coisas são. Como dizem, você deve ter cuidado com o que deseja.

Eu parei onde estava. Na verdade, o cheio vindo do fogão que me parou.

Porque a cozinha cheirava como o Paraíso, ou do jeito que o Paraíso deveria cheirar – já que eu andava pensando muito nessas coisas esses dias. Os dois melhores cheiros no mundo. Carne de porco com molho, esse era um deles. Eu reconheceria o famoso molho de mostarda de Amma em qualquer lugar, sem falar do porco mau passado que se dissolvia em pedaços ao colocar na boca.

O outro cheiro era de chocolate. Não qualquer chocolate, mas o denso e escuro chocolate, que significava que o bolo Túnel de Fudge de Amma estava ficando pronto, minha sobremesa favorita. Um que ela nunca havia feito para nenhum concurso ou feira ou parentes – apenas para mim, no meu aniversário ou quando eu recebia o boletim ou tinha um dia de cão.

Era o meu bolo, como merengue de limão era a torta do tio Abner.

Eu afundei na cadeira mais próxima, minha cabeça nas mãos. O bolo não foi feito para eu comer. Era para ela dar, uma oferenda. Algo para ser levado até Greenbrier e ser deixado no meu túmulo.

O pensamento daquele bolo sendo deixado no meio da terra fresca embaixo da pequena cruz de madeira me fez querer vomitar.

Eu estava pior que morto.

Eu era um dos Grandes, mas muito menos grande.

O tempo do timer se esgotou, e Amma puxou sua cadeira para trás, dando os pontos finais com sua agulha no amuleto e o deixou cair na mesa.

“Nós não queremos que seu bolo fique seco, não é Ethan Wate?” Ama abriu com tudo a porta do forno, e um bafo de calor e chocolate saiu lá de

dentro. Ela enfiou as luvas tão fundo que eu fiquei preocupado que fosse pegar fogo nela. Então ela arrancou o bolo com um suspiro, quase o atirando-o no queimador.

“Melhor deixar esfriar um pouco. Não quero meu menino queimando a língua.”

Lucille sentiu o cheiro de comida e veio gingando pela cozinha. Ela soltou sobre a mesa, como sempre, ganhando a melhor vantagem que ela podia.

Quando ela me viu sentado lá, ela deixou escapar um terrível miado. Seus olhos estavam vidrados me encarando, como se eu tivesse feito algo profundamente ofensivo a ela.

Vamo lá, Lucille. Você e eu, juntos novamente.

Amma olhou para Lucille. “O que foi isso, velha garota? Você tem algo para dizer?”

Lucille miou de novo. Ela estava me dedurando para Amma. No começo eu achei que ela só estava bancando a difícil. Então eu percebi que ela estava me fazendo um favor.

Amma estava escutando. Mais que escutando – ela estava vasculhando e procurando pelo cômodo. “Quem está aí?”

Eu olhei de volta para Lucille e sorri, alcançando o topo da sua cabeça para fazer um carinho. Ela se contorceu sobre a minha mão.

Amma vasculhou a cozinha com seus olhos de águia. “Não venha entrando na minha casa. Não é preciso de espíritos por aqui. Não sobrou nada aqui para levar. Somente velhinhas discriminadas e corações partidos.” Ela alcançou lentamente o jarro em cima da bancada e segurou a Ameaça de Um Olho.

Lá estava. Ela desafiando a morte, toda poderosa com a colher de madeira da justiça. O buraco no meio parecia hoje mais olho que vê tudo. E eu não tinha dúvidas que podia ver, talvez tão bem quanto Amma. Neste estado, qualquer que fosse ele – eu podia ver claro como o dia que as coisas estavam estranhamente poderosas. Como o sal, praticamente brilhando,

deixava um rastro de luz onde ela agitava o ar. Acho que coisas como o poder vem em todos os tamanhos e formas. E quando vinha da Ameaça de Um Olho, eu seria o último a duvidar de qualquer coisa que ele pudesse fazer.

Eu me mexi desconfortavelmente na cadeira. Lucille me lançou outro olhar, assobiando. Agora ela estava ficando malcriada. Eu quis assobiar de volta para ela.

Gata estúpida. Essa ainda é a minha casa, Lucille Ball.

Amma olhou na minha direção, como se estivesse olhando diretamente nos meus olhos. Era estranho o quanto ela chegou perto de saber que eu estava aqui. Ela levantou a colher para o alto, a cima de nós dois.

“Agora escute. Eu não levo gentilmente você metendo o nariz na minha cozinha, penetra. Ou você vai embora da minha casa, ou eu faço você ir, você ouviu? Você não vai se intrometer nessa família. Passou perto o suficiente já.”

Eu não tinha muito tempo. Para falar a verdade, o cheiro do amuleto de Amma estava me deixando doente, e eu não tinha muita experiência com assombração – se isso se qualificava. Eu estava completamente fora da minha zona.

Eu encarei o bolo Túnel de Fudge. Eu não queria comê-lo, mas eu sabia que tinha que fazer alguma coisa com ele. Algum coisa que fizesse Amma entender – assim como Lena e o botão de prata.

Quanto mais eu pensava no bolo, mais eu sabia o que tinha que fazer.

Eu dei um passo em direção a Amma e seu bolo, mergulhando em volta da colher defensora – e coloquei minha mão no doce cremoso, o tanto que consegui. Não foi fácil – era como tentar pegar uma mão de cimento minutos antes de ele se tornar calçada.

Mas eu fiz mesmo assim.

Eu escavei um grande pedaço do bolo de chocolate, deixando-o cair no fogão. Eu poderia ter dado uma mordida – era bem o que o buraco do lado do bolo parecia.

Uma fantasmagórica mordida gigante.

“Não.” Amma encarou, olhos semi fechados, segurando a colher em uma mão e o avental na outra. “Ethan Wate, é você?”

Eu assenti, mesmo ela não podendo me ver. Ela deve ter sentido alguma coisa, porque ela abaixou a colher e a deixou cair na cadeira na minha frente, chorando como um bebê no quarto das lamentações da igreja.

Em meio ao choro eu ouvi.

Somente um suspiro, mas eu ouvi alto como se ela tivesse gritado.

“Meu menino.”

Suas mãos estavam tremendo quando ela segurou na borda da mesa. Amma poderia ser uma das melhores Videntes do condado de Lowcounty, mas ainda assim era Mortal.

Eu tinha me tornado algo diferente.

Eu movi minhas mãos sobre as dela, e eu pude jurar que ela entrelaçou seus dedos com os meus. Ela balançou um pouco na cadeira, do jeito que ela fazia quando cantava uma música que adorava, ou quando estava para terminar uma palavra cruzada particularmente difícil.

“Sinto sua falta, Ethan Wate. Mais do que você possa imaginar. Não posso suportar fazer meus quebra-cabeças. Não me lembro como cozinhas um assado.” Ela enxugou os olhos com a mão, a deixando sobre a testa como se estivesse com dor de cabeça.

Eu sinto sua falta também, Amma.

“Não vá muito longe de casa, ainda não. Você me ouviu? Eu tenho algumas coisas para te contar, qualquer dia desses.”

Eu não vou.

Lucille lambeu sua pata e passou pelas suas orelhas. Ela pulou da mesa e miou uma última vez. Ela começou a andar para fora da cozinha, parando apenas para olhar de volta para mim. Eu podia ouvir o que ela estava dizendo, claro como se ela estivesse falando comigo.

Então? Já chega. Você está desperdiçando meu tempo, garoto.

Eu me virei e dei um abraço em Amma, jogando meus longos braços em toda a sua pena estrutura, como várias vezes antes.

Lucille parou e levantou a cabeça, esperando. Então eu fiz o que sempre tinha feito quando se tratava daquela gata. Eu me levantei da mesa e a segui.

CAPÍTULO 8

Garrafas Quebradas

Lucille foi até a porta do quarto de Amma que estava entreaberta. Deslizei pela fresta da porta atrás da gata.

O quarto de Amma parecia melhor e pior do que da última vez que o vi, na noite em que pulei da torre de água. Naquela noite, os jarros de sal, pedras de rio e terra do cemitério – os ingredientes que estavam na maioria dos amuletos de Amma – estavam faltando dos seus lugares das prateleiras, junto com pelo menos dozes outras garrafas. Seu livro de “receitas” havia sido arremessado pelo chão, sem sequer um amuleto ou boneca a vista.

O quarto era um reflexo do estado mental de Amma – perdida e desesperada, de um jeito que machuca lembrar.

Hoje parecia completamente diferente, mas tanto quanto eu podia dizer, o quarto ainda estava impregnado com o que ela sentia por dentro, as coisas que ela não queria que ninguém visse. As portas e janelas estavam rodeadas de amuletos, mas se os amuletos antigos de Amma eram bons, esses eram ainda melhores – pedras intrinsecamente arrumadas em torno da cama, feixes espinhentos amarrados ao lado da janela, fios de contas decorados com pequenos santos de prata e símbolos enrolados em torno da cabeceira.

Ela estava trabalhando duro para manter alguma coisa fora dali.

Os jarros ainda estavam amontoados juntos do jeito que eu me lembrava, mas as prateleiras não estavam mais nuas. Elas estavam cheias com garrafas de vidro azuis, verdes e marrons rachadas. As reconheci imediatamente.

Elas eras as que estavam penduradas na árvore do nosso jardim.

Amma as deve ter tirado de lá. Talvez ela não estava mais com medo de espíritos demoníacos. Ou talvez ela só não quisesse capturar o errado.

As garrafas estavam vazias, mas todas estavam fechadas com rolhas. Eu toquei uma pequena garrafa azul esverdeada com uma grande rachadura no fundo. Lentamente, e com tanta facilidade como se eu estivesse empurrando uma bateadeira colina á cima de Ravenwood em um dia de verão, eu tirei a rolha da boca da garrafa, e o quarto começou a sumir...

O sol estava quente, um pântano nevoento surgindo como fantasma sobre a água. Mas a menininha de tranças sabia melhor que isso. Fantasmas eram feitos mais do que vapor e névoa. Eles eram tão reias quanto ela era, esperando pela sua velha avó ou suas tias a chamarem. E eles eram exatamente como os vivos.

Alguns são amigáveis, como as meninas que pulavam amarelinhas e gato mia com ela. E outros eram perversos, como o velho que rondava o cemitério de Wader Creek sempre que havia uma tempestade. De qualquer forma, os espíritos podiam ser úteis dependendo de seu humor e do que você tinha para oferecer. Era sempre uma boa ideia trazer presentes. Sua tatara-tatara-tatara-avó havia a ensinado bem.

A casa estava á cima da colina, como um grande farol azul, guiando ambos os mortos e os vivos de volta para casa. Havia sempre uma vela acesa na janela após o anoitecer, sinos de vento á cima da porta, e uma torta de noz-pecã na cadeira de balanço caso alguém chamasse. E alguém sempre chamava.

Pessoas vinham de muito longe para ver Sulla A Profeta. Era por isso que eles vinham por sua tatara-tatara-tatara-avó, para sua leitura de cartas. As vezes eles até se espalhavam pelo pequeno caminho de jardim na frente, esperando pela chance de vê-la.

Mas para a menina, Sulla era apenas uma mulher que lhe contava histórias e lhe ensinou a tricotar e fazer sua manteiga especial. A mulher com um pardal que voaria janela a fora e sentava ao lado de seus ombros, como se fosse um velho tronco de carvalho.

Quando ela alcançou a porta da frente, a garota parou e alisou seu vestido antes de entrar.

“Vovó?”

“Estou aqui, Amarie.” Sua voz era suave e grossa – “Paraíso e mel,” era como o homem da cidade falava.

A casa tinha somente dois cômodos e um pequeno espaço para cozinhar. O cômodo principal era onde Sulla trabalhava, lendo cartas de torot e folhas de chá, fazendo encantamento e raízes para cura. Havia potes de vidro de conserva por todo lugar, cheias de coisas desde avelã e camomila até penas de corvos e terra do cemitério. Na prateleira de cima tinha uma jarra que Amarie tinha permissão para abrir. Era cheia de caramelos amanteigados, embrulhados em papel de cera. O médico que morava em Moncks Corner trazia eles toda vez que vinha por uma pomada e uma leitura.

“Amarie, venha aqui agora.” Sulla estava abrindo um leque de cartas na mesa. Não eram as cartas de tarot que as mulheres de Gatlin e Summerville gostavam que ela lesse. Essa eram as cartas que Vovó guardava para leituras especiais. “Você sabe o que são elas?”

Amarie concordou. “Cartas da Providência.”

“Isso mesmo.” Sulla sorriu, suas tranças finas caindo sobre os ombros. Cada uma estava amarrada com um cordão colorido – um desejo de alguém que a veio visitar e esperava que se tornasse realidade. “Você sabe porque elas são diferentes das cartas de tarot?”

Amarie balançou a cabeça. Ela sabia que as figuras eram diferentes – a faca manchada de sangue. Os irmãos gêmeos frente a frente tocando suas palmas.

“Cartas da Providência contam a verdade – o futuro que nem eu quero ver às vezes. Depende do futuro de quem eu estou lendo.”

A menininha estava confusa. As cartas de tarot não mostravam o futuro se fosse uma poderosa vidente interpretando o significado?

“Eu pensei que todas as cartas mostravam a verdade se você soubesse como tirar sentido delas.”

O pardal voou em frente a janela aberta e pousou no ombro da velha mulher. “Existe a verdade com a qual você pode lidar, e aquela que não pode. Você venha até aqui e fique quieta e eu vou mostrar o que quero dizer.” Sulla embaralhou as cartas, a Rainha Irritada desaparecendo por trás do Corvo Preto.

Amarie andou até o outro lado da mesa e se sentou no banquinho rachado onde tantas pessoas esperaram para ver seu destino.

Sulla sacudiu o pulso, abanando as cartas em um movimento rápido. Seu colar se emaranhou no pescoço – amuletos de prata gravados com imagens que Amarie não reconheceu, contas de madeira meio pintadas a mão entre pedaços de rocha, cristais coloridos que refletiam a luz quando Sulla se mexia. E o favorito de Amarie – uma pedra preta lisa enfiada através de um pedaço de cordão que descansava ao final de seu pescoço.

Vovó Sulla a chamava de “o olho”.

“Agora preste atenção, Pequena,” Sulla instruiu. “Algum dia você estará fazendo isso sozinha, e eu estarei sussurrando para você através do vento.”

Amarie gostou de como aquilo soava.

Ela sorriu e puxou a primeira carta.



Os limites da visão embaçaram, e uma fileira de garrafas coloridas entrou no meu campo de visão. Eu ainda estava tocando a garrafa azul esverdeada e a rolha que tinha desencadeado a memória – uma de Amma, presa como um perigoso segredo que ela não queria que escapasse para o mundo. Mas não era perigoso de modo algum, apenas talvez para ela.

Eu ainda podia ver Sulla mostrando as Cartas da Providência para ela, as cartas que iria um dia mostrar a previsão da minha morte para ela.

Eu imaginei as figuras das cartas, particularmente a dos gêmeos, cara a cara. A Alma Fraturada. Minha carta.

Eu pensei no sorriso de Sulla e como pequena ela parecia comparada a gigante que ela parecia ser como espírito. Mas ela usava as mesmas tranças e o mesmo cordão de contas ambos na vida quanto na morte. Exceto pelo cordão com a pedra preta – eu não me lembrava daquele.

Eu olhei para a garrafa vazia, empurrando a rolha e a deixando na prateleira junto com as outras. Todas essas garrafas guardavam as memórias de Amma? Fantasmas que assombravam ela como nenhum espírito conseguia?

Eu me perguntava se a noite da minha morte estava dentro de uma dessas garrafas, empurrada tão no fundo onde nunca pudesse escapar.

Eu esperava que sim, pelo bem de Amma.

Então eu ouvi a escada rangendo.

“Amma, você está na cozinha?” Era o meu pai.

“Estou aqui, Mitchell. Onde eu sempre estou antes da ceia.”, Amma respondeu. Ela não parecia normal, mas não podia dizer se meu pai perceberia.

Eu segui o som da voz deles de volta ao hall. Lucille estava sentada no outro lado me esperando, sua cabeça pendendo para um lado. Ela ficou sentada daquele jeito até eu estar a centímetros longe dela, e então levantou e foi passear.

Obrigada, Lucille.

Ela tinha feito o seu trabalho e ela já estava cheia de mim. Provavelmente tinha um molho de creme e um travesseiro fofo esperando por ela em frente a tv.

Adivinhei que não poderia falar com ela novamente.

Quando cheguei virei no corredor, meu pai estava se servindo um copo de chá. “Ethan ligou?”

Amma enrijeceu, seu cutelo pousado sobre uma cebola, mas meu pai não pareceu perceber. Ela começou a fatiar. “Caroline o mantém ocupado. Você sabe como ela é, elegante e atrevida, assim como sua mãe era.”

Meu pai riu, seus olhos piscando. “Isso é verdade, e ela é uma terrível paciente. Ela deve estar levando Ethan a loucura.”

Minha mãe e tia Prue não estavam brincando. Meu pai estava sobre a influência de um poderoso Conjurador. Ele não tinha ideia do que tinha acontecido. Eu me perguntava quantos da família de Lena foram necessários para isso.

Amma alcançou uma cenoura, cortando a sua ponta antes mesmo de a colocar na tábua. “Um quadril quebrado é muito pior que uma gripe, Mitchell.”

“Eu sei – “

“O que é toda essa algazarra?” Tia Mercy gritou da sala. “Nós estamos tentando assistir ao *Jeopardy!*”

“Mitchell, venha aqui. Mercy não é boa em perguntas de música.” Era tia Grace.

“É você quem pensa que Elvis Presley ainda está vivo,” tia Mercy disparou de volta.

“Eu certamente tenho. Ele pode dançar um jive como ninguém,” tia Grace falou, pegando cada terceira palavra na melhor das hipóteses. “Mitchell, se apresse. Eu preciso de testemunha. E me traga um pouco de bolo.”

Meu pai alcançou o bolo Túnel de Fudge no balcão, ainda quente do forno. Quando ele desapareceu pelo corredor, Amma parou de cortar a cenoura e esfregou o amuleto dourado do seu colar. Ela parecia triste e quebrada, rachada como os garrafas enfileiradas nas prateleira do seu quarto.

“Me avise se Ethan ligar amanhã, “ meu pai gritou da sala.

Amma encarou a janela por um bom tempo antes de falar, mal alto o suficiente para eu ouvir. “Ele não vai.”

CAPÍTULO 9

The Stars and Stripes

Deixar Amma para trás foi como andar para longe da fogueira no dia mais frio do inverno. Ela era como meu lar, segura e familiar. Como toda bronca e todo jantar que eu tinha tido, tudo que eu tinha sido. Quanto mais perto eu ficava dela, mais quente eu ficava – mas no fim, só fez o frio parecer mais frio quando fui para longe dela.

Tinha valido a pena? Me sentindo melhor por um minuto ou dois, sabendo que aquele frio estaria lá fora esperando?

Não tinha certeza, mas para mim não era uma escolha. Eu não conseguia ficar longe de Amma ou Lena – e lá no fundo, eu não pensava que nenhuma delas quisesse que eu ficasse.

Mesmo assim, havia uma fresta de esperança, mesmo que fosse um pouco manchada. Se Lucille podia me ver, já era alguma coisa. Acho que acabou sendo verdade o que as pessoas diziam sobre gatos poderem ver espíritos. Eu só nunca pensei que seria eu a provar isso.

E então tinha Amma. Ela não tinha me visto exatamente, mas ela tinha sabido que eu estava aqui. Não era muito, mas era alguma coisa. Eu tinha sido capaz de mostrar a ela, assim como tinha sido capaz de mostrar a Lena que eu estava no túmulo.

Era exaustivo, pegar um pedaço do bolo ou mover um botão alguns centímetros. Mas eu tinha passado o recado.

De certo modo, eu ainda estava aqui em Gatlin, onde eu pertencia. Tudo tinha mudado, e eu não tinha a resposta de como consertar isso. Mas eu não tinha ido para lugar nenhum, não de verdade.

Eu estava aqui.

Eu existia.

Se eu só pudesse encontrar um jeito de dizer o que eu realmente queria dizer. Havia tanta coisa que eu poderia fazer com um bolo Túnel de Fudge e uma velha gata e com amuletos do colar de Lena.

Para falar a verdade, eu estava me sentindo completamente depressivo. Como preso no marasmo sem um mapa, Ethan Wate.

D.E.P.R.E.S.S.I.V.O.

Foi quando me ocorreu. Não tanto uma ideia mas uma memória – de Amma sentada na nossa mesa da cozinha, debruçada sobre suas palavras cruzadas com uma tigela de Red Hots e um pilha extra de lápis número 2. Aqueles palavras cruzadas era como ela mantinha as coisas em ordem, como descobria coisas.

Naquele momento tudo fez sentido. Do jeito que eu via uma abertura na quadra de basquete ou descobria a história do filme no começo.

Eu sabia o que tinha que fazer e onde tinha que ir. Ia exigir um pouco mais do que despedaçar um bolo ou moer um botão, mas não muito.

Mais como algumas pinceladas de um lápis.

Estava na hora de eu fazer uma visita ao escritório do The Stars and Stripes, o melhor e único jornal do condado de Gatlin.

Eu tinha uma palavras cruzadas á fazer.

Não havia sequer um grão de sal nas janelas do The Stars and Stripes, não mais do que havia um grão de verdade no jornal. Tinha, no entanto, refrigeradores de ar em todas as janelas. Mais refrigeradores do que ei já tinha visto em um único prédio. Eles eram o que restava de um verão tão quente que quase toda a cidade tinha secado e desintegrado, como folhas secas de uma magnólia.

Ainda assim, sem amuletos, sem sal, sem Amarrações ou Conjurios ou mesmo um gato. Eu escorreguei para dentro tão fácil quanto o calor tinha. Um cara poderia se acostumar com esse tipo de acesso.

Dentro do escritório, não havia muito mais do que poucas plantas de plástico, um calendário pendurado na parede e uma balcão alto de

linóleo. Era lá que você ficava parado segurando dez dólares quando queria colocar um anúncio no jornal para anunciar suas aulas de piano ou novos filhotes ou a velha manta do sofá que estava embolorando no seu porão desde 1972.

Era isso até você chegar atrás do balcão, onde três pequenas mesas ficavam enfileiradas. Elas eram cobertas de papel – exatamente os papéis que eu estava procurando. Era desse jeito que o The Stars and Stripes era antes de se tornar um jornal de verdade – quando ainda era algo mais próximo a fofoca da cidade.

“O que você está fazendo aqui, Ethan?”

Eu me virei, assustado, minhas mãos pro alto como se tivesse acabado de ser pego arrombando e invadindo o lugar – o que, de certa forma, eu tinha.

“Mãe?”

Ela estava parada atrás de mim no escritório vazio, do outro lado do balcão.

“Nada.” Foi tudo o que eu consegui dizer. Eu não deveria estar surpreso. Ela sabia como atravessar. Afinal, foi ela quem me ajudou a encontrar o caminho de volta para o reino Mortal.

Ainda assim, eu não esperava encontrar ela aqui.

“Você não está fazendo ‘nada’, a não ser que você tenha decidido se tornar jornalista e contar sobre a vida do Além. O que, considerando quantas vezes eu tentei fazer você se juntar ao staff do The Jackson Stonewaller, não parece muito provável.”

Yeah, ok. Eu nunca quis comer meu almoço com o staff do jornal da escola. Não quando eu podia estar no refeitório com Link e os caras do basquete. As coisas que eu achava que eram importantes na época parecem idiotas agora.

“Não, senhora.”

“Ethan, por favor. Por que você está aqui?”

“Acho que poderia te fazer a mesma pergunta.” Minha mãe me lançou um olhar. “Não estou procurando um trabalho no jornal. Eu só quero ajudar com um das pequenas seções.”

“Essa não é uma boa ideia.” Ela espalhou suas mãos em cima do balcão na minha frente.

“Por que não? Foi você que ficou me mandando todas aquelas Músicas Sinalizadoras. É praticamente a mesma coisa. Isso é somente um pouco mais – direto.”

“O que você está pensando em fazer? Escrever para Lena um anúncio de procura e publicar no jornal? ‘Procura-se um namorada Conjuradora. De preferência chamada Lena Duchannes?’”

Eu dei de ombros. “Não era exatamente isso que eu tinha em mente, mas pode funcionar.”

“Você não pode. Você mal pode pegar um lápis nesse reino. Você não tem trabalhos físicos como os Videntes. Por aqui, pegar uma pena é tão difícil quanto arrastar uma carreta de madeira rua abaixo com o seu dedinho.”

“Você pode fazer isso?”

Ela deu de ombros. “Talvez.”

Eu olhei consideravelmente para ela. “Mãe, eu quero que ela saiba que eu estou bem. Quero que ela saiba que eu estou aqui – como você me deixou saber quando deixou o código nos livros de estudo. Agora eu tenho que achar um jeito de dizer a ela.”

Minha mãe andou devagar envolta do balcão, sem dizer uma palavra por um longo minuto. Ela assistiu enquanto eu me movia pela sala no meio dos jornais já impressos.

“Você tem certeza disso?” Ela parecia hesitante.

“Você vai me ajudar ou não?”

Ela veio e parou perto de mim, o que foi seu jeito de responder. Começamos a ler a próxima edição do *The Stars and Stripes*, toda

espalhada pelas mesas. Eu me inclinei sobre os papéis na mesa mais próxima. “Parece que as Senhoras Ajudantes do Condado e Gatlin estão começando um clube do livro chamado Leia & Ria.”

“Sua tia Marian vai ficar emocionada quando ouvir isso; da última vez que ela tentou começar um clube do livro, ninguém conseguia entrar em um acordo sobre um livro, e eles tiveram que se dispersar depois da primeira reunião.” Minha mãe tinha um brilho perverso nos olhos. “Mas não sem antes votarem para ferrar a limonada com uma grande caixa de vinho. Todos concordaram com aquilo.”

Eu continuei. “Bem, espero que Leia & Ria não acabe da mesma forma, mas se acabar, não se preocupe. Eles também estão começando um clube de tênis de mesa chamado Acerte & Ria.”

“E olhe para isso.” Ela apontou sobre meu braço. “O clube de jantar é chamado de Jante & Ria.”

Eu sufoquei uma risada, apontando. “Você esqueceu o melhor de todos. Eles estão renomeando a Festa de Debutantes de Gatlin para – tá preparada – Requebre & Ria (em inglês todos os nomes rimam, como esse último que no original é Wiggle & Giggle).

Nós fomos olhando os restos dos papéis, nos divertindo tanto quanto duas almas penadas presas no pequeno jornal de uma cidadezinha poderia querer. Era como um álbum de recortes de nossa vida juntos, tudo colado sobre um bando de notas. O Clube Kiwanis (fundação internacional que ajuda crianças e comunidades) estava se preparando para seu café da manhã de panquecas anual, onde as panquecas eram cruas e líquidas no meio, do jeito que meu pai mais gostava. Os Jardins do Éden tinham ganho o prêmio de Janela da Rua Main do Mês, o que ganhavam praticamente todo mês, uma vez que não tinham mais tantas janelas na rua Main.

Só ficava melhor enquanto líamos mais. Uma galinha selvagem tinha se empoleirado no trenó do Papai Noel que o Sr. Arsher tinha montado no seu gramado, o que era irado, porque a exibição de Natal dos Archers era famosa. Um ano, a Sra. Archer passou batom no menino Jesus porque seus lábios não pareciam saudáveis o suficiente no escuro. Minha mãe

tentou perguntar a ela porque, de cara séria, e a Sra. Asher respondeu: “Você não pode esperar cantar hosanas (cântico de louvor) e que todo mundo entenda a mensagem, Lila. Senhor tenha misericórdia, mas metade do pessoal daqui nem sabe o que Hosana significa.” Quando minha mãe pressionou um pouco mais, estava óbvio que a Sra. Asher também não sabia. Depois disso, ela nunca mais nos convidou para ir a sua casa novamente.

O resto foram só notícias que você já espera por aqui, do tipo que nunca muda mesmo quando tudo mudou. O Controle de Animais tinha resgatado um gato perdido; Bud Clayton tinha ganho o Concurso de Pegar Patos da Carolina. A Casa de Penhores de Summerville estava fazendo uma promoção, a loja de discos Bib B’s Vinyl Siding and Window estava fechando, e a disputa pela bolsa de estudos *Quik-Chik* estava esquentando.

A vida continua, eu acho.

Então eu vi a página das palavras cruzadas e a puxei para mim tão rápido quanto eu conseguia. “Aqui.”

“Você quer fazer palavras cruzadas?”

“Eu não quero fazer elas. Eu quero escrever uma para Amma. Se ela visse, ela diria para Lena.”

Minha mãe balançou a cabeça. “Mesmo se você pudesse arrumar as letras do jeito que você quer no papel, Amma não vai conseguir vê-las. Ela não faz mais palavras cruzadas. Não desde que você – partiu. Ela não toca em nenhuma á meses.”

Eu estremei. Como eu pude esquecer? Amma tinha dito isso para ela mesma enquanto eu estava na cozinha da Propriedade dos Wate.

“E uma carta, então?”

“Eu tentei isso milhares de vezes, mas é praticamente impossível. Você só pode usar o que já está na página.” Ela estudou o papel na nossa frente. “Na verdade, isso pode funcionar porque você pode arrastar as letras pelo papel. Vê, como eles estão colocados em cima da mesa?”

Ela estava certa. Do jeito que as palavras cruzadas funcionavam, as letras estavam cortadas em milhares de tiras, como um tabuleiro de Scrabble. Tudo o que tinha que fazer era mexer no papel.

Se eu fosse forte o suficiente para fazer isso.

Eu olhei para minha mãe, mais determinado do que nunca. “Então nós vamos usar palavras cruzadas e fazer com que Lena a veja.”

Eu dei de ombros. “Eu só não sou muito bom em escrever músicas.”

No seu estado atual, as palavras cruzadas mal estavam na metade, mas o staff aqui provavelmente não ia se incomodar muito se eu ajudasse a terminar. Afinal, parecia como a edição de domingo, o maior dia para o *The Star and Stripes* – pelo menos para as palavras cruzadas. Entre os três que trabalhavam ali, eles iriam ficar aliviados que alguém resolver terminar o trabalho durante a semana. Eu estava surpreso por eles não terem Amma aqui para escrever as palavras cruzadas por eles.

A única parte realmente complicada seria fazer Lena se interessar por palavras cruzadas.

Onze horizontal.

P. O. L. T. E. R. G. E. I. S. T.

Como aparição ou fantasma. Um ser espectral. Um espírito de outro mundo. Um fantasma. A mais vaga sombra de uma pessoa, aquilo que vem até você a noite quando você acha que ninguém está olhando.

Em outras palavras, aquilo que você era, Ethan Wate.

Seis vertical.

G.A.T.L.I.N.

Como paroquial. Local. Insular. O lugar onde estamos presos, quer seja no Outro Mundo ou no Mortal.

E.T.E.R.N.O.

Como, sem fim, sem parar, par sempre. O modo como você se sente sobre uma certa garota, quer você estando morto ou vivo.

A.M.O.R.

Como, tudo o que eu sinto por você, Lena Duchannes.

T.E.N.T.A.R.

Como, o máximo que eu puder, todo minuto de todo dia.

Como em, eu recebi seu recado, L.

Então eu me senti sobrecarregado pelo pensamento sobre o quanto eu tinha perdido, sobre tudo que aquela estúpida queda da torre de água tinha me tirado, e eu perdi o controle e eu perdi meu aperto em Gatlin. Primeiro meu olhos, então as letras começaram a borrar, derivando no nada quando o mundo desapareceu sobre meus pés e eu tinha ido.

Eu tinha atravessado de volta. Eu tentei me lembrar das palavras da lista – aquelas que tinham me trazido de volta pra cá – mas minha mente não conseguia focar em nada.

Era tarde de mais.

Escuridão me cercou, e eu senti algo como vendo batendo no meu rosto, uivando nos meus ouvidos. Então eu ouvi a voz da minha mãe – firme como o aperto de sua mão fria na minha.

“Ethan, calma. Eu estou com você.”

CAPÍTULO 10

Olhos de Cobra

Eu senti meus pés tocando em algo duro, como se eu tivesse acabado de sair do trem para a plataforma da estação. Eu vi o assoalho da nossa varanda da frente e meu All-Star quando olhei para baixo. Nós tínhamos atravessado de volta, deixando o mundo dos vivos para trás. Estávamos de volta a onde pertencíamos, com os mortos.

Eu não queria pensar sobre isso desse jeito.

“Bem, já não era sem tempo, vendo que eu terminei de assistir as pinturas da sua mãe secar à uma hora atrás.”

Tia Prue estava esperando por nós no Outro Mundo na varanda da frente da Propriedade dos Wate – aquela no meio do cemitério.

Eu ainda não tinha me acostumado com a visão da minha casa aqui ao invés de mausoléus e estátuas de anjos que dominavam o Paz Perpétua. Mas parada perto do corrimão, com os três Harlon Jameses sentados atentos sob seus pés, tia Prue parecia bem dominadora também.

Mais como um vespão louco.

“Senhora,” eu disse, coçando meu desconfortavelmente meu pescoço.

“Ethan Wate, eu estive esperando por você. Apesar de você só ter saído por um minuto.” Os três cachorros pareciam tão irritados quanto. Tia Prue acenou para minha mãe. “Lila.”

“Tia Prudence.” Elas se olharam com cautela, o que parecia estranho para mim. Elas sempre tinham se dado bem enquanto eu crescia.

Eu sorri para minha tia, mudando de assunto. “Eu consegui, tia Prue. Eu atravessei. Eu estava... você sabe, do outro lado.”

“Você pode deixar as pessoas saberem, para assim elas não fiquem esperando na sua varanda pela maior parte do dia.” Minha tia balançou seu lenço de pescoço na minha direção.

“Eu fui á Ravenwood e Greenbrier e na Propriedade dos Wate e no *The Stars and Stripes*.” Tia Prue levantou uma sobrancelha para mim, como se não acreditasse nisso.

“Verdade?”

“Bem, não por mim mesmo. Quer dizer, com a minha mãe. Ela pode ter ajudado um pouco. Senhora.”

Minha mãe parecia divertida. Tia Prue, não.

“Bem, se você quer uma chance do pregador no Céu para você poder voltar para lá, nós precisamos conversar.”

“Prudence,” minha mãe disse num tom estranho. Parecia como um aviso.

Eu não sabia o que dizer, então continuei falando. “Você quer dizer como atravessar? Porque eu acho que estou começando a pegar o jeito – “

“Para de latir e comece a ouvir, Ethan Wate. Eu não estou falando de praticar qualquer travessia. Eu estou falando sobre atravessar de volta. Para sempre, para o outro mundo.”

Por um segundo, eu achei que ela estava me provocando. Mas sua expressão não mudou. Ela estava séria – ao menos tão séria quanto minha tia avó louca poderia estar. “Do que é que você está falando, tia Prue?”

“Prudence.” Minha mãe disse novamente. “Não faça isso.”

Não faça o que? Me dar uma chance de voltar pra lá?

Tia Prue olhou para minha mãe se descendo a escada, um sapato ortopédico de cada vez. Eu tentei ajudá-la, mas ela me ignorou, teimosa como sempre. Quando ela finalmente alcançou o carpete de grama no final da escada, tia Prue parou na minha frente. “Houve um engano, Ethan. Talvez um dos grandes. Isso não deveria ter acontecido.”

Um tremor de esperança me dominou. “O que?”

A cor desapareceu do rosto de minha mãe. “Pare.” Eu pensei que ela fosse desmaiar. Eu mal podia respirar.

“Não vou,” disse tia Prue, estreitando os olhos por trás dos óculos.

“Eu pensei que tínhamos decidido não contar a ele, Prudence.”

“Você decidiu, Lila Jane. Eu sou muito velha para não fazer o que quero.”

“Eu sou a mãe dele.” Minha mãe não ia desistir.

“O que está acontecendo?” Eu tentei me enfiar no meio, mas nenhuma delas me olhou.

Tia Prue levantou o queixo. “O garoto é crescido o suficiente para decidir algo grande como isso por ele mesmo, você não acha?”

“Não é seguro.” Minha mãe dobrou os braços. “Eu não quero ser rígida com você, mas eu vou ter de lhe pedir para ir embora.”

Eu nunca tinha ouvido minha mãe falar daquele jeito com nenhuma das Irmãs. Ela poderia ter acabado de declarar a III Guerra Mundial na Família Wate. Não parecia que iria impedir tia Prue, no entanto.

Ela apenas riu. “Não se pode colocar o melaço de volta no pote, Lila Jane. Você sabe que isso é a verdade e você não tem o direito de esconder isso do seu menino.” Tia Prue me olhava nos olhos. “Eu preciso que venha comigo. Tem alguém que você precisa conhecer.”

Minha mãe somente olhou para ela. “Prudence...”

Tia Prue lhe deu um olhar que poderia murchar e secar um canteiro de flores. “Não venha com *Prudence* para mim. Você não pode impedir isso. E aonde estamos indo, você não pode ir, Lila Jane. Você sabe tão bem quanto eu que ambas só queremos o melhor para o menino.”

Era um confronto clássico das Irmãs, daqueles que antes de você piscar, você já teria passado o ponto onde ninguém saiu na frente.

Um segundo depois, minha mãe recuou. Eu nunca iria saber o que aconteceu naquela troca de silêncio entre elas, e provavelmente era melhor assim.

“Eu vou esperar por você aqui, Ethan.” Minha mãe me olhou. “Mas tenha cuidado.”

Tia Prue sorriu, vitoriosa.

Um dos Harlon Jameses começou a rosnar. Então saímos pela calçada tão rápido que eu mal podia acompanhar.



Eu segui tia Prue e os cachorros até fora dos limites da Paz Perpétua – passando pela mansão em estilo Federal dos Snow, que ocupava o mesmíssimo lugar que seu massivo mausoléu ocupava no cemitério dos vivos.

“Quem morreu?” Eu perguntei, olhando para minha tia. Percebendo que não havia nada poderoso o suficiente no mundo para derrubar Savannah Snow.

“Tatara-tatara-tatara avô Snow, antes de você estar metade nas fraldas. Está aqui a um bom tempo já. O mais antigo lugar na fileira.” Ela seguiu o caminho de pedra que levava para trás de lá, e eu a segui.

Fomos em direção a um velho galpão atrás da casa, as tábuas podres mal sustentando o telhado rachado. Eu podia ver pequenas machas de tinta desaparecendo da madeira onde alguém tentou raspar para limpar. Não havia quantidade suficiente de raspagem que conseguiria disfarçar o tom que enfeitava a minha própria casa em Gatlin – azul fantasmagórico. Aquele tom de azul era para manter os espíritos de fora.

Eu acho que Amma estava certa sobre fantasmas não ligarem muito para cores. Olhando em volta, eu já podia ver a diferença. Não havia vizinhos do cemitério a vista.

“Tia Prue, onde estamos indo? Eu aguentei muito dos Snow para uma vida inteira.”

Ela me encarou. “Eu te disse. Nós vamos chamar alguém que sabe mais sobre essa bagunça do que eu.” Ela alcançou a maçaneta lascada do galpão. “Você devia ser grato por eu ser uma Statham e por Sthatams se

darem bem com todo o tipo de gente, ou não teríamos uma alma para nos ajudar a resolver as coisas.” Eu não podia olhar para ela. Eu estava com muito medo que poderia começar a rir, considerando que ela não se dava bem com todo tipo de pessoa, pelo menos não da Gatlin da onde eu era.

“Sim, senhora.”

Ela entrou no barracão, que parecia exatamente como um barracão comum. Mas se eu havia aprendido qualquer coisa com Lena e minhas experiências no seu mundo, era que as coisas nem sempre são o que parecem ser.

Eu segui tia Prue – e os Harlon Jameses – para dentro e fechei a porta atrás de nós. As rachaduras na madeira só deixam entrar luz suficiente para conseguir vir ela se virando no barracão. Ela procurou por alguma coisa na penumbra, e percebi que era outra alça.

Uma *Doorwell* escondida, como as nos Túneis Conjuradores.

“Onde estamos indo?”

Tia Prue parou, sua mão ainda descansando sobre a alça de ferro. “Nem todo mundo tem a sorte de ser enterrado no Jardim da Paz Perpétua, Ethan Wate. Os Conjuradores, eu reconheço que eles tem tanto direito ao Outro Mundo quanto nós, você não acha?”

Tia Prue empurrou a porta facilmente a abrindo, e nós demos em um litoral rochoso.

Havia uma casa equilibrando perigosamente no limite de um penhasco. A madeira envelhecida tinha o mesmo triste tom das pedras acinzentadas, como se tivesse sido escrupulosamente esculpida a partir delas. Era pequena e simples e escondida á vista, como muitas coisas no mundo que eu deixei para trás.

Eu assisti ás ondas baterem na parede do penhasco, chegando perto da casa, mas finalmente caindo de volta. Esse lugar tinha passado no teste do tempo, desafiando a natureza de um jeito que parecia impossível.

“De quem é essa casa?” Eu ofereci o braço para tia Prue, a ajudando a navegar pelo chão desigual.

“Você sabe o que as pessoas dizem sobre a curiosidade e o gato. Pode não te matar, mas vai te ajudar a entrar em um monte de confusão por aqui. Apesar que confusão parece te encontrar mesmo quando você não está procurando.” Ela juntou a longa saia florida em uma mão. “Você vai ver em breve.”

Ela não disse uma palavra depois disso.

Nós subimos uma escada traiçoeira entalhada ao lado do penhasco. Onde a pedra não era reforçada por pranchas, ela se desmanchou aos meus pés, e eu quase perdi meu equilíbrio. Eu tentei me lembrar que eu não iria mergulhar verticalmente para a minha morte, vendo que eu já estava morto. Mesmo assim, não ajudou o quanto você pensaria. Era uma coisa que eu tinha aprendido sobre o mundo Conjurador: sempre pareceu ser uma coisa pior a cada esquina. Tinha sempre algo a se temer, mesmo se você não soubesse exatamente o que era ainda.

Quando alcançamos a casa, tudo o que pude pensar é como se parecia com a propriedade de Ravenwood, apesar de as duas construções não se pareciam em nada entre si. Ravenwood era uma restauração grega – mansão de estilo, e isso era alguma coisa. Mas a casa parecia ciente de nós quando nos aproximamos, viva com poder e magia, como Ravenwood. Era cercada por árvores rachadas com ramos inclinados que tinham sido abatidos pelo vento. Parecia o tipo de desenho doentio que você acha em livros feitos para aterrorizar crianças em pesadelos. O tipo de livro que prendia crianças por mais que somente bruxas e devorados por mais que lobos.

Eu estava pensando que era uma boa coisa eu não precisar mais dormir, quando minha tia começou marchar. Tia Prue não hesitou. Ela andou diretamente para a porta e bateu o oxigenado anel de bronze três vezes. Tinham gravações esculpidas na pedra do batente, Era Niádico, a antiga língua dos Conjuradores.

Eu recuei, deixando todos os Harlon Jameses irem na minha frente. Eles rosnaram seu pequeno rosnado para a porta. Antes que eu pudesse examinar mais de perto as inscrições na porta, ela se abriu.

Um velho estava parado a nossa frente. Eu deduzi que ele era um espírito Vidente, mas não tinha uma distinção que importava aqui – nós todos éramos espíritos de um tipo ou de outro aqui. Sua cabeça era raspada e cheia de cicatrizes, linhas tênues que se repetiam num padrão vicioso. Sua barba branca era curta, seus olhos cobertos com óculos escuros envolventes.

Um suéter preto estava pendurado sobre seu corpo magro, que estava parcialmente escondido pela porta. Havia algo frágil e desgastado nele, como se ele tivesse escapado de um campo de trabalho, ou pior.

“Prudence.” Ele acenou. “É esse o garoto?”

“Claro que é.” Tia Prue me empurrou para frente. “Ethan, esse aqui é Obidias Trueblood. Pode entrar.”

Eu estendi minha mão. “Prazer em conhecê-lo, senhor.”

Obidias estendeu sua mão direita, que estava escondida atrás da porta. “Tenho certeza que você vai entender se não nos cumprimentarmos.” Sua mão tinha sido parida na altura do pulso, uma linha preta marcando o lugar onde fora cortada. Acima da marca, seu pulso tinha inúmeras cicatrizes, como se tivesse sido perfurada várias vezes.

O que tinha.

Cinco cobras pretas contorcidas se estendiam a partir do seu pulso até o ponto onde seus dedos normalmente deveriam chegar. Elas estavam silvando e balançando no ar, se curvando uma sobre a outra.

“Não se preocupe,” Obidias disse. “Elas não vão machucar você. Sou eu que elas gostam de atormentar.”

Não consegui pensar nada para dizer. Eu queria fugir.

Os Harlon Jameses rosnaram ainda mais alto, e as cobras silvaram de volta. Tia Prue franziu o cenho para todos eles. “Porrrrrr favor. Você também, não.”

Eu encarei a mão de cobras. Alguma coisa ali era familiar. Quantos caras com cobras ao invés de dedos poderia existir por ai? Por que parecia que eu o conhecia?

Então eu me toquei, e percebi quem Obidias era – o cara que Macon mandou Link procurar nos Túneis. No último verão, bem depois da Décima Sétima Lua. O cara que morreu na frente de Link depois que Haunting o mordeu, na casa dela, nessa casa – pelo menos na versão do Outro Mundo dela. Naquela época eu achava que Link estava exagerando, mas não estava.

Nem Link poderia ter inventado uma coisa dessas.

A cobra que substituía o polegar de Obidias estava se enrolando no seu pulso, esticando sua cabeça na minha direção. Sua língua estalou para dentro e para fora, o pequeno garfo voador.

Tia Prue me empurrou pela soleira da porta e eu tropecei apenas alguns centímetros das cobras. “Entre. Você não está com medo de umas pequenas cobrinhas verdes de jardim, está?”

Ela estava de brincadeira? Elas pareciam jararacas.

Eu me volvei sem jeito para Obidias. “Me desculpe, senhor. Isso – elas me pegaram de surpresa.”

“Não pense mais nisso.” Ele dispensou o pedido de desculpas com uma virada de pulso da mão boa. “Não é algo que se vê todo dia.”

Tia Prue fungou. “Eu já vi uma ou duas coisas estranhas na vida.” Eu olhei para minha tia, que parecia tão presunçosa como se ela balançasse uma nova mão de cobras todos os dias da sua vida.

Obidiass fechou a porta atrás de nós, mas não antes de checar toda a extensão do horizonte. “Vocês vieram sozinhos? Não foram seguidos?”

Tia Prue balançou a cabeça. “Eu? Ninguém consegue me seguir.” Ela não estava brincando.

Eu olhei de volta para Obidias. “Posso lhe perguntar uma coisa, senhor?” Eu tinha que ter certeza que ele tinha conhecido Link, se ele era o mesmo cara.

“Claro.”

Eu limpei a garganta. “Eu acredito que você conheceu um amigo meu. Quando estava vivo, quero dizer. Ele me contou sobre alguém que parece com você.”

Obidias estendeu a mão. “Você diz um homem com cinco cobras como mão? Provavelmente não há muitos de nós.”

Eu não tinha certeza como dizer a próxima parte. “Se era meu amigo, ele estava lá quando o senhor – você sabe. Morreu. Não tenho certeza se importa, mas se importar, eu gostaria de saber.”

Tia Prue me olhou confusa. Ela não sabia nada daquilo. Link não havia contado a mais ninguém, pelo o que eu sabia.

Obidias estava me observando também. “Será que esse seu amigo por acaso conhecia Macon Ravenwood?”

Eu assenti. “Sim, senhor.”

“Então eu me lembro muito bem dele.” Ele sorriu. “Eu vi ele entregar minha mensagem para Macon depois que eu morri. Você pode ver um bocado de coisas desse lado.”

“Acho que sim.” Ele estava certo. Como estávamos mortos, podíamos ver tudo. E porque estávamos mortos, não importava o que podíamos ver. Então toda a coisa de ver-coisas-do-túmulo? Totalmente superestimada. Tudo o que você acabava vendo era muito mais do que você gostaria, pra começo de conversa.

Eu tenho bastante certeza que eu não era o primeiro cara que negociaria ver um pouco menos por viver um pouco mais. Eu não disse isso para o

Edward Mãos-de-Cobra, apesar. Eu não queria pensar o quanto eu tinha em comum com um cara que tinha dedos que tinham presas.

“Por que não nos fazemos mais confortáveis? Nós temos muito o que conversar.” Obidias nos apresentou para a sala de estar – o único cômodo que eu podia realmente ver, além de um pequena cozinha e uma porta solitária no final do corredor, a que deveria levar para o quarto.

Era basicamente uma biblioteca gigante. Prateleiras se estendiam do piso até o teto, uma escada de latão própria para pegar livros se prendia a última prateleira. Um suporte de madeira polida segurava um enorme volume de couro, como o dicionário que tínhamos na Biblioteca de Gatlin. Marian teria amado esse lugar.

Não havia nada mais além de quatro poltronas surradas na sala. Obidias esperou por tia Prue e eu antes de sentar, escolhendo uma cadeira oposta as nossas. Ele tirou os óculos escuros que estava usando, e seus olhos se prenderam no meu.

Eu devia saber.

Olhos dourados.

Ele era um Conjurador das Trevas. Claro.

Isso fazia sentido, se ele realmente fosse o cara das histórias de Link. Mas ainda assim, agora que eu pensei sobre isso, o que tia Prue estava fazendo, me levando para ver um Conjurador das Trevas?

Obidias deve ter adivinhado o que eu estava pensando. “Você não imaginava que haveriam Conjuradores das Trevas por aqui, não é mesmo?”

Eu balancei a cabeça. “Não, senhor. Acho que não.”

“Surpresa.” Obidias sorriu sinistramente.

Tia Prue veio em meu socorro. “O Outro Mundo é um lugar para assuntos inacabados. Para pessoas como eu e você e o Obidias aqui, que ainda não está pronto para seguir em frente.”

“E minha mãe?”

Ela concordou. “Lila Jane mais que ninguém. Ela tem zanzado por aqui a mais tempo do que muitos de nós.”

“Alguns de nós pode atravessar livremente entre esse mundo e os outros,” Obidias explicou. “Eventualmente nós chegamos ao nosso destino. Mas aqueles que tiveram suas vidas interrompidas antes que pudessem consertar seus erros, nos assombram; nós permanecemos aqui até encontrar aquele momento de paz.”

Ele não precisava me dizer. Eu já sabia disso por mim mesmo – atravessar era um negócio complicado. E eu não tinha sentido nada remotamente pacífico. Ainda não;

Eu me virei para tia Prue. “Então você está presa aqui também? Quer dizer, quando você não está atravessando para visitar as Irmãs? Por minha causa?”

“Eu posso sair se eu direcionar minha mente para a saída.” Ela afagou minha mão, como se para me lembrar que eu era tolo em pensar que alguém ou alguma coisa poderia manter minha tia afastada de um lugar onde ela quisesse ir. “Mas eu não estou indo a lugar nenhuma até você voltar para casa, onde você pertence. Você é parte dos meus assuntos inacabados agora, Ethan, e eu aceito isso. Eu quero fazer as coisas darem certo.” Ela acariciou meu queixo. “Além disso, o que mais eu vou fazer? Eu tenho que esperar Mercy e Grace de qualquer forma, não tenho”?

“Voltar para casa? Você quer dizer Gatlin?”

“Para a senhorita Amma e Lena, e toda nossa família,” ela respondeu.

“Tia Prue, eu mal posso atravessar para visitar Gatlin, e mesmo assim ninguém pode me ver.”

“Ai que você está enganado, garoto.” Obidias falou, e uma das suas cobras-loucas cravou as presas no seu pulso. Ele estremeceu, puxando um pedaço de material preto que tinha a forma de uma luva de fora do seu bolso. Ele derrubou o capuz sobre as cobras silvantes, usando dois

pedaços de corda para amarrá-lo. As cobras se mexeram e sacudiram por baixo do tecido. “Agora, onde eu estava?”

“Você está bem?” Eu estava um pouco distraído. Não é todo dia que um cara, ou mesmo um espírito, é mordido pela sua própria mão. Pelo menos torcia para que não fosse.

Mas Obidias não queria falar sobre si mesmo. “Quando eu ouvi sobre as circunstâncias que te trouxeram para esse lado do véu, eu enviei uma palavra pra sua tia imediatamente. Sua tia e sua mãe.”

Minha tia Prue estalava a língua impacientemente.

Isso explicava o porquê da minha tia querer me trazer aqui – e minha mão não querendo que ela me trouxesse. Só porque você contou para quaisquer duas pessoas da minha família a mesma notícia, não significava que elas iriam concordar sobre o que ouviram. Minha mãe costumava dizer que as pessoas da família Evers eram na maioria espíritos de porco e de linhagem de mulas presas que você poderia achar – e os Wate eram piores. Um enxame de vespas voando perto do ninho – era o que meu pai dizia de uma reunião da família Wate.

“Como você ouviu sobre o que aconteceu?” Eu tentei não encarar as cobras se contorcendo por baixo do capuz preto.

“Notícias correm rápido no Outro Mundo,” ele disse, hesitando. “Mais importante, eu sabia que era um engano.”

“Eu te falei, Ethan Wate.” Tia Prue parecia extremamente satisfeita.

Se foi um engano – se não era para eu estar aqui – talvez houvesse um jeito de concertar isso. Talvez eu realmente poderia ir para casa.

Eu queria tanto que isso fosse verdade, tanto quanto eu tinha querido que isso fosse um sonho do qual eu não conseguia acordar. Mas eu sabia melhor que isso.

Nada era como você queria que fosse. Não mais. Não para mim.

Eles só não entendiam.

“Não foi um engano. Eu escolhi vir, Sr. Trueblood. Eu descobri isso junto com a Lilum. Se eu não fizesse isso, as pessoas que eu amo, e muitas outras iriam morrer.”

Obidias assentiu. “Eu sei tudo isso, Ethan. Assim como seu sobre a Lilum e a Ordem das Coisas. Não estou questionando o que você fez. O que estou dizendo é que você nunca deveria ter tido que tomar essa decisão. Não estava nas *Crônicas*.”

“*As Crônicas Conjuradoras?*” Eu só tinha visto o livro uma vez no arquivo da biblioteca, quando o Conselho do Registro Distante veio interrogar Marian, ainda assim era a segunda vez que o assunto surgia desde que eu estava aqui. Como Obidias sabia sobre isso? E qualquer coisa que significasse, minha mãe não quis elaborar, exatamente.

“Sim.” Obidias assentiu.

“Eu não entendo o que isso tem a ver comigo.”

Ele ficou quieto por um minuto.

“Vá em frente e conte a ele.” Tia Prue estava dando a Obidias o mesmo olhar poderoso que ela sempre me dava antes de me fazer fazer algo maluco, como enterrar nozes no seu jardim para esquilos bebês. “Ele merece saber. Faça a coisa certa.”

Obidias acenou para tia Prue e olhou de volta para mim com aqueles olhos amarelos-dourados que faz minha pele arrepiar tanto quanto sua mão de cobras fazia. “Como você sabe, *As Crônicas Conjuradoras* é um registro de tudo que tenha acontecido no mundo. Mas também é um registro do que pode ser – futuros possíveis que não se realizaram.”

“O passado, o presente e o futuro. Eu lembro.” Os três Guardiões esquisitos que eu vi na livraria e durante o julgamento de Marian. Como eu poderia esquecer?

“Sim. No Registro Distante, aqueles futuros podem ser alterados, transformando eles de futuros *possíveis* para futuros *reais*.”

“Você está dizendo que o livro pode mudar o futuro?” Eu estava chocado. Marian nunca tinha mencionado nada disso.

“Ele pode,” Obidias respondeu. “Se uma página é alterada, ou acrescentada. Uma página que nunca pretendeu estar lá.”

Um calafrio subiu pela minha espinha. “O que você está falando, Sr. Trueblood?”

“A página que conta a história da sua morte nunca foi parte das *Crônicas* originais. Foi acrescentada.” Ele olhou para mim, assombrado.

“Por que alguém faria isso?”

“Há mais razões pelas ações das pessoas do que números de ações propriamente em curso.” Sua voz estava distante cheia de arrependimento ou pesar que eu nunca esperei de um Conjurador das Trevas. “O que importa é que o seu destino – esse destino – pode ser mudado.”

Mudado? Você pode salvar uma vida quando ela já tinha terminado?

Eu estava apavorado de fazer a próxima pergunta, de acreditar que tinha uma maneira de poder voltar a tudo aquilo que eu tinha perdido. Para Gatlin. Para Amma.

Lena.

Tudo o que eu queria era sentir ela nos meus braços e ouvir sua voz na minha cabeça. Eu queria achar um jeito de voltar para a garota Conjuradora que eu amava, mais do que qualquer outra coisa nesse mundo, ou qualquer mundo.

“Como?” A resposta realmente não importava. Eu faria tudo o que tivesse que fazer, e Obidias Trueblood sabia disso.

“É perigoso.” A expressão de Obidias era um aviso. “Mais perigoso que qualquer coisa do mundo Mortal.”

Eu ouvi as palavras, mas não pude acreditar nelas. Não havia nada mais apavorante do que ficar aqui. “O que eu tenho que fazer?”

“Você tem que destruir sua própria página nas *Crônicas Conjuradoras*. Aquela que descreve sua morte.”

Eu tinha milhares de perguntas, mas somente uma importava. “E se você estiver enganado, e minha página estava lá desde o começo?”

Obidias olhou para baixo para o que sobrou de sua mãe, as cobras levantando e golpeando mesmo debaixo da roupa. Uma sombra passou pelo seu rosto.

Ele levantou os olhos para encontrar os meus.

“Eu sei que não estava lá, Ethan. Porque fui eu quem a escrevi.”

CAPÍTULO 11

As Coisas Mais Sombrias

O quarto ficou silencioso, tão silencioso que você podia ouvir a casa rangendo enquanto o vento chicoteava suas paredes. Tão silencioso que você podia ouvir as cobras silvando tão alto quando a asma de tia Prue e meu coração batendo. Até os Harlon Jameses escapuliram, se escondendo atrás da cadeira.

Por um instante, eu não pude pensar. Minha mente estava completamente vazia.

Não tinha como processar isso – entender porque um homem que eu nunca conheci mudaria o curso da minha vida, tão irreparável quanto violentamente.

O que diabos eu fiz para esse cara?

Eu finalmente encontrei palavras, ao menos algumas delas. Havia outras que eu não podia dizer na frente de tia Prue, ou ela lavaria minha boca com mais do que sabão e provavelmente de faria engolir um vidro de Tabasco, também. “Por que? Você nem me conhece.”

“É complicado – “

“Complicado?” Minha voz começou a subir e eu me levantei da cadeira. “Você arruinou a minha vida. Você me fez escolher entre salvar as pessoas que eu amo e sacrificar a mim mesmo. Eu machuquei todos por quem eu me importava. Eles tiveram que colocar um Conjuro no meu próprio pai para impedi-lo de enlouquecer!”

“Me desculpe, Ethan. Eu não teria desejado isso para o meu pior inimigo.”

“Não. Você só desejou isso mais um garoto de dezessete anos que você nunca conheceu.” Esse cara não ia me ajudar. Ele era o motivo de eu estar preso nesse pesadelo pra começo de conversa.

Tia Prue se esticou e pegou minha mão. “Eu sei que você está bravo, e você tem mais direito que qualquer um de estar. Mas Obidias pode nos ajudar a te levar de volta para casa. Então você precisa se sentar e ouvir o que ele tem para dizer.”

“Como você sabe que podemos confiar nele, tia Prue? Toda palavra que sai da boca dele deve ser mentira.” Eu puxei minha mão da dela.

“Escute aqui, e escute bem.” Ela agarrou meu braço mais forte do que eu poderia esperar e eu afundei na cadeira ao lado da dela. Ela queria que eu olhasse nos olhos dela. “Eu conheço Obidias Trueblood desde antes de ele ser Luz ou Trevas, antes dele ter feito certo ou errado. Passei a maior parte dos meus dias andando pelos Túneis Conjuradores com os Truebloods e meu pai.” Tia Prue parou e olhou para Obidias. “E ele me salvou uma ou duas vezes lá embaixo. Mesmo que ele não fosse esperto o bastante para salvar a si mesmo.”

Eu não sabia o que pensar. Talvez minha tia tinha cartografado os Túneis com Obidias. Talvez ela pudesse confiar nele.

Mas isso não significava que eu podia.

Obidias parecia saber o que eu estava pensando. “Ethan, você pode achar difícil de acreditar, mas eu sei o que é se sentir sem esperança – estar à mercê de decisões que você não tomou.”

“Você não tem ideia de como eu me sinto.” Eu ouvi a raiva na minha voz, mas eu não tentei esconder. Eu queria que Obidias Trueblood soubesse que eu o odiava pelo o que tinha feito a mim e às pessoas que eu amava.

Eu pensei em leva deixando o botão na minha lápide. Ele não sabia como aquilo tinha sido – para mim ou Lena.

“Ethan, eu sei que você não confia nele, e eu não culpo você.” Tia Prue estava jogando duro agora. Significava algo para ela. “Mas estou pedindo para você confiar em mim e me ouvir.”

Eu travei meus olhos em Obidias. “Desembucha. Como eu volto?”

Obidias respirou fundo. “Como eu disse, o único modo de recuperar sua vida é apagar sua morte.”

“Então se eu destruir a página, eu vou para casa – certo?” Eu queria ter certeza que não havia nenhuma brecha.

Sem convocar a lua antes do tempo, sem dividir a lua no meio. Sem maldições que me impediriam de partir, uma vez que a página tivesse sumido.

Ele assentiu. “Sim. Mas antes você precisa chegar até o livro.”

“Você quer dizer a partir do Registro Distante? Os Guardiões o tinham com eles quando eles vieram pela minha tia Marian.”

“Exatamente.” Ele me olhou, surpreso. Acho que ele não esperava que eu soubesse qualquer coisa sobre *As Crônicas Conjuradoras*.

“Então o que estamos fazendo aqui sentados conversando? Vamos logo com isso.” Eu estava metade para fora da minha cadeira quando percebi que Obidias não estava se mexendo.

“E você acha que você só vai até lá e vai arrancar a página?” Ele perguntou. “Não é tão fácil assim.”

“Quem vai me impedir? Um bando de Guardiões? O que eu tenho a perder?” Eu tentei não pensar o quando aterrorizantes eles pareciam quando vieram pela Marian.

Obidias tirou o capuz da mão e as cobras silvaram e golpearam umas às outras. “Você sabe quem fez isso comigo? Um ‘bando’ de Guardiões que me pegaram tentando roubar minha página das *Crônicas*.”

“Deus tenha misericórdia,” tia Prue disse, se abanando com seu lenço.

Por um segundo, eu não sabia se acreditava nele. Mas eu reconheci o sentimento passando pelo seu rosto, porque eu estava sentindo também.

Medo.

“Guardiões fizeram isso com você?”

Ele assentiu. “Angelus e Adriel. Em um dos seus dias mais generosos.” Eu me perguntava se Adriel era o grandão que aparecera nos arquivos junto com Angelus e a mulher albina. Eles eram as três pessoas mais estranhas que eu tinha visto no mundo Conjurador. Até hoje.

Eu olhei para Obidias e suas cobras.

“Como eu disse, o que eles podem fazer comigo agora? Eu já estou morto.” Eu tentei sorrir, mesmo não sendo engraçado. Era o oposto de engraçado.

Obidias esticou a mão, as cobras sacudindo e esticando enquanto tentavam me alcançar. “Há coisas piores que a morte, Ethan. Coisas mais sombrias que Conjuradores das Trevas. Eu deveria saber. Se você fosse pego, os Guardiões nunca deixaram você sair da biblioteca de Registro Distante. Você será seu escriba e escravo, forçado a reescrever os futuros de Conjuradores inocentes... e Mortais Obstinaados que são ligados á eles.”

“Obstinaados são supostos a serem bem raros. Quantos podem haver por ai para se escrever sobre?” Eu nunca tinha conhecido outro, e eu encontrei mais Tormentos e Incubus e mais tipos de Conjuradores do que eu gostaria.

Obidias se inclinou para frente em sua cadeira, cobrindo sua mão deformada mais uma vez. “Talvez eles não sejam tão raros quanto você pensa. Talvez eles só não vivem tempo o bastante para os Conjuradores acharem eles.”

Havia uma inegável verdade em suas palavras que eu não podia explicar. Acho que alguma parte de mim sabia que uma mentira teria soado diferente. Outra parte sabia que eu sempre estaria em perigo, de um jeito ou de outro – com ou sem Lena.

Pulando de uma torre de água ou não.

De qualquer forma, o medo em sua voz devia ser prova o suficiente.

“Ok. Então eu não vou ser pego.”

O rosto de tia Prue estava cheio de preocupação. “Talvez essa não seja a melhor ideia. Nós devemos voltar para minha casa e pensar sobre isso. Falar com a sua mãe. Ela está esperando por nós, eu reconheço.”

Eu apertei sua mão. “Não se preocupe, tia Prue. Eu conheço uma entrada. Existe uma *Temporis Porta* no velho túnel embaixo das Propriedade dos Wate. Eu posso entrar e sair antes mesmo que os Guardiões se deem conta que estive lá.”

Seu eu podia atravessar paredes no reino Mortal, eu tinha bastante certeza que poderia passar pela *Temporis Porta* também.

Obidias quebrou a ponta de um charuto. Sua mão tremia enquanto ele riscava um fósforo e levava até ele. Ele deu algumas tragadas, até a ponta se tornar laranja brilhante. “Você não pode entrar na biblioteca do Registro Distante através do reino Mortal. Você tem que entrar através da fenda.” Ele entregou as notícias tão calmamente como se estivesse me dando direções para o Pare&Roube local, para comprar leite.

“Você quer dizer o Gret Barrier?” Parecia um lugar estranho para uma porta para o santuário de Registro Distante. “Eu posso cuidar disso. Já fiz uma vez, posso fazer de novo.”

“O que você fez não se compara ao que você está prestes a fazer. A Grande Barreira é somente um lugar que você pode passar pela fenda,” Obidias explicou. “Você pode atravessar para outros mundo de lá que fará Barrier parecer a sua casa.”

“Só me diga como chegar lá.” Nós estávamos desperdiçando tempo, e cada segundo que sentávamos conversando era outro segundo longe de Lena.

“Você tem que atravessar o Grande Rio. Ele corre através da Grande Barreira, todo o caminho até a fenda. Ele forma as fronteiras entre os reinos.”

“Como o Rio Styx?” (*rio da mitologia grega que separa o mundo dos vivos do mundo inferior, o Reino de Hades*)

Ele me ignorou. “E você não pode atravessar ao menos que tenha os olhos do rio – duas pedras lisas pretas.”

“Você está de brincadeira?”

Ele balançou a cabeça. “De jeito nenhum. Elas são muito raras e difíceis de se encontrar.”

“Olhos do rio. Entendi. Eu posso achar algumas pedras.”

“Se você conseguir atravessar o rio, e esse é um grande se, você ainda tem que passar pelo Guarda do Portão antes de chegar até a biblioteca.”

“Como eu faço isso?”

Obidias deu uma tragada no charuto. “Você tem que oferecer a ele algo que ele não tenha como recusar.”

“E o que seria isso exatamente?” Tia Prue perguntou, como se ela pudesse ter qualquer coisa escondida no seu bolso. Como se o Guarda do Portão estivesse interessado em balas de menta para mau hálito, cremes de leite e um maço de lenços de papel.

“É sempre diferente. Você terá que descobrir quando chegar lá,” Obidias disse. “Ele tem... um gosto eclético.” Ele não disse mais nada sobre o assunto.

Uma oferenda. Gosto eclético. O que diabo que aquilo significasse.

“Ok. Então eu tenho que achar as pedras pretas e atravessar o Grande Rio,” eu disse. “Descobrir o que o cara Guardiã do Portão quer e dar para ele para que eu possa chegar á biblioteca. Então achar *As Crônicas Conjuradoras* e destruir a minha página.” Eu parei, porque a pergunta que eu teria que fazer era o detalhe mais importante, e eu queria entender corretamente. “Se eu fizer tudo isso e não for pego, eu voltarei para casa – minha casa de verdade? Como eu faço isso? O que acontece depois que eu destruir a página?”

Obidias olhou para tia Prue e depois para mim. “Não tenho certeza. Nunca aconteceu, pelo o que eu sei.” Ele balançou a cabeça. “É uma chance, nada mais. E nem mesmo uma chance boa...”

“Nada é certo, Ethan Wate, exceto que você tem uma chance para sua própria vida e os Guardiões a roubaram de você.”

Eu fiquei de pé antes que eles terminassem de falar.

Lena estava esperando, no meu quarto ou no dela, ao lado da cruz rachada presa na grama na minha lápide ou em outro lugar. Mas ela estava esperando – era isso que importava.

Se eu tinha uma chance do inferno de voltar para casa, eu aceitaria.

Estou tentando, L. Não desista de mim.

“Eu preciso ir indo, Sr. Trueblood. Eu tenho um rio a atravessar.”

Tia Prue abriu sua bolsa de colo e tirou um mapa dobrado lá de dentro, coberto de formas que não representavam nenhum continente, país ou estado que eu já tenha visto. Era mais como um rabisco na parte de trás do programa da igreja. Eu sabia como os mapas de tia Prue se pareciam e quão importantes eles tinham sido para mim antes – da última vez eu achei meu caminho para a fenda, pela Décima Sétima Lua de Lena.

“Eu estive trabalhando nisso desde que cheguei aqui, um pouquinho aqui e ali. Obidias me disse que você pode precisar dele.” Ela deu de ombros. “Reconheço que é o mínimo que eu possa fazer.”

Eu me inclinei e abracei ela. “Obrigada, tia Prue. E não se preocupe.”

“Eu não estou,” ela mentiu.” Mas ela não precisava ficar.

Eu estava preocupado por nós dois.

CAPÍTULO 12

Ainda Aqui

Depois de voltarmos para o nosso lado do Outro Mundo – os Harlon Jameses e tudo mais – eu não fui para casa. Eu deixei tia Prue na sua casa e andei pelas ruas – mas para fileiras – do Jardim da Paz Perpétua.

Paz não era bem o que eu estava sentindo.

Eu parei em frente a Propriedade dos Wate. Parecia exatamente igual de quando eu parti, e eu sabia que minha mãe estava lá dentro. Eu queria conversar com ela. Mas tinham outras coisas que eu precisava fazer primeiro.

Eu senti nos degraus da frente, fechando meus olhos.

“Leve-me para casa.”

O que foi isso?

Para lembrar. E ser lembrado.

Ducite me domum.

Ut meminissent.

Ut in memoria tenear.

Eu lembro de Lena.

Não da torre de água.

O que veio antes.

Eu lembro de Ravenwood.

Deixe Ravenwood se lembrar de mim.

Deixe Ravenwood –

Leve-me-

Eu estava deitado na terra na frente de Ravenwood, metade preso embaixo de uma roseira e coberto por camélias. Eu tinha atravessado de novo – e dessa vez, por minha conta.

“Eu vou ser amaldiçoado.” Eu ri, aliviado. Eu estava ficando muito bom nessa coisa toda de estar-morto.

Então eu praticamente subi correndo os degraus da varanda. Eu tinha que ver se Lena tinha recebido a mensagem – minha mensagem. Meu único problema é que ninguém mais se importava em fazer as palavras-cruzadas do *The Stars and Stripes*, nem mesmo Amma. Eu tinha que dar um jeito de fazer eles olharem par ao jornal, se eles ainda não tivessem.

Lena não estava no seu quarto e não estava no meu túmulo também. Ela não estava em nenhum dos lugares que nós frequentemente íamos.

Nem no túmulo com limoeiro, onde eu morri pela primeira vez.

Eu até olhei o quarto de Ridley, onde Liv estava adormecida na cama de dossel de Ridley. Eu esperava que ela fosse capaz de sentir que eu estava aqui com o seu Ethan Wate-ógio. Sem sorte. Foi quando eu percebi que era noite em Gatlin, na Gatlin verdadeira, e não havia correlação alguma entre o tempo passado no Outro Mundo e o tempo Mortal. Parecia para mim que só tinham se passado algumas horas – e aqui estava, a madrugada.

Pensando bem, eu nem sabia que dia era.

Pior ainda, quando eu me inclinei sobre o rosto da Liv na luz da lua, parecia que ela tinha andado chorando. Me senti culpado, desde que havia uma grande possibilidade de eu ser o motivo das lágrimas, a não ser que ela e John tiveram uma briga.

Mas era improvável, porque quando olhei para baixo, eu estava parado bem no meio do peito de John Breed. Eles estava curvado próximo a cama, no gasto carpete felpudo rosa.

Coitado. Por mais das várias vezes que ele fracassado no passado, ele era bom para Liv, e por um tempo ele acreditou que era Aquele Que Era Dois. Era difícil me manter odiando um cara que tentou desistir de sua vida para salvar o mundo. Se alguém entendia isso era eu.

Não era culpa dele que o mundo não tinha escolhido ele.

Então eu sai fora do seu peito o mais rápido que pude, e jurei prestar mais atenção onde eu coloco o pé da próxima vez. Não que ele fosse saber.

Enquanto eu perambulava pelo resto da casa, ela parecia vazia. Então eu ouvi o estalar de uma lareira e segui o som. No pé da escada, de frente para o hall de entrada, eu encontrei Macon sentado na sua velha cadeira de couro próximo ao fogo. Como sempre, onde estava Macon, estava Lena. Ela estava sentada aos seus pé, inclinada sobre o pufe. Eu podia sentir o cheiro da caneta permanente com a qual ela estava escrevendo. Seu caderno estava aberto sobre seu colo, mas ela mal olhava para ele. Desenhando círculos sem parar até a página parecer como se fosse se rasgar.

Ela não estava chorando – longe disso.

Ela estava intrigada.

“Era o Ethan. Tem que ser. Eu pude sentir ele com a gente lá fora, como se ele estive parado ao lado da sua lápide.”

Ela tinha visto as palavras cruzadas? Talvez fosse por isso que ela estava tão animada. Eu olhei em volta do cômodo, mas se ela tivesse lido o jornal, não tinha sinal dele. Uma pilha de jornais estava próxima á lareira; Macon a estava usando para manter o fogo. Eu tentei levantar uma única página de papel do jornal, mas eu mal conseguia fazer uma vibração no canto.

Eu me perguntei se eu teria sido capaz de bolar toda a coisa das palavras cruzadas sem um espírito mais experiente como minha mãe para me ajudar.

Amma não precisava se preocupar tanto com o azul e o sal e os amuletos. Toda essa coisa de assombração não era tão fácil quanto era para ser.

Ai eu percebi o quão triste Macon parecia estudando o rosto de Lena. Eu desisti do jornal e me concentrei na conversa.

“Você talvez tenha sentido a essência dele, Lena. O local de enterro é um lugar poderoso, sem dúvida.”

“Eu não disse que sento alguma coisa, tio Macon. Eu senti ele. Ethan, o espírito. Eu tenho certeza disso.”

A fumaça se enrolava para fora da grade da lareira. Boo deitou com sua cabeça no colo de Lena, as chamas refletindo nos seus olhos negros.

“Por que um botão caiu da sua lápide?” A voz de Macon não mudou, mas soou cansada. Eu me pergunto quantas dessas conversas ele suportou desde que eu morri.

“Não. Porque ele moveu o botão.” Lena não desistiu.

“Que tal o vento? Ou outra pessoa? Wesley poderia ter derrubado, considerando que ele não é uma das criaturas mais graciosas.”

“Foi só há uma semana atrás. Eu me lembro perfeitamente. Eu sei que aconteceu.” Ela estava ainda mais teimosa do que ele estava.

Há uma semana atrás?

Tinha tanto tempo assim passado em Gatlin?

Lena não tinha visto o jornal. Ela não podia provar que eu ainda estava aqui, nem para ela nem para sua família ou meu melhor amigo. Não tinha como explicar sobre Obidias Trueblood e todas as complicações da minha vida, não enquanto ela nem sabia que eu estava no mesmo cômodo que ela.

“O que tem depois disso?” Macon perguntou.

Ela parecia confusa. “Talvez ele tenha partido. Talvez ele esteja planejando alguma coisa. Eu não sei como funciona no Outro Mundo.” Lena encarou o fogo como se procurasse por alguma coisa. “Não sou só eu. Eu fui ver Amma. Ela disse que sentiu ele na casa.”

“Os sentimentos de Amma não devem ser levados em conta quando se trata de Ethan.”

“O que você quer dizer com isso? Claro que Amma é de confiança. Ela é a pessoal mais confiável que eu conheço.” Lena parecia furiosa, e eu me perguntava o quanto ela sabia sobre aquela noite da torre de água.

Ele não disse uma palavra.

“Ela não é?”

Macon fechou seu livro. “Eu não posso ver o futuro. Eu não sou um vidente. Só o que sei é que Ethan fez o que precisava ser feito. Todo o reino – Trevas e Luz – sempre será grato a ele.”

Lena parou, arrancando a página rabiscada de seu caderno. “Bem, eu não. Eu entendo que ele foi corajoso e nobre e tanto faz, mas ele me deixou aqui, e eu não tenho certeza se valeu a pena. Eu não dou a mínima para o universo e o reino ou salvar o mundo, não mais. Não sem Ethan.”

Ela arremessou a página arrancada no fogo. As chamas laranjas cresceram em torno dela.

Tio Macon falou enquanto observava as chamas. “Eu entendo.”

“Mesmo?” Lena não parecia acreditar nele.

“Teve um tempo em que coloquei meu coração a cima de qualquer coisa.”

“E o que aconteceu?”

“Eu não sei. Eu envelheci, eu acho. E aprendi que as coisas normalmente são mais complicadas do que a gente acha.”

Se inclinando contra a cornija, Lena encarou o fogo.

“Talvez você só se esqueceu como é.”

“Talvez.”

“Eu não vou.” Ela olhou para seu tio. “Eu nunca vou esquecer.”

Ela torceu a mão e a fumaça se elevou até se curvar ao seu redor e tomar forma. Era um rosto. Era o meu rosto.

“Lena.”

Meu rosto desapareceu ao som da voz de Macon, se desfazendo em faixas de nuvens cinza.

“Para com isso. Me deixe ter o pouco que eu posso, o que sobrou dele.” Ela soou feroz e eu a amava por isso.

“Aquilo são só memórias.” Havia tristeza na voz de Macon. “Você tem que seguir em frente. acredite em mim.”

“Por que? Você nunca seguiu em frente.”

Ele sorriu tristemente, encarando o fogo através dela. “É por isso que eu sei.”



Eu segui Lena escada á cima. Como o gelo e a neve derreteram desde minha última visita a Ravenwood, uma névoa cinza pairava sobre toda a casa, e o ar estava gelado.

Lena não parecia notar ou se importar com as coisas que aconteciam ao seu redor, mesmo sua respiração se curvando através do seu rosto numa calma nuvem branca. Eu notei os círculos escuros em torno dos seus olhos, o modo como ela estava magra e frágil, igual quando Macon morreu. Ela não era a mesma pessoa que ela fora na época – ela era alguém muito mais forte.

Ela tinha acreditado que Macon tinha partido para sempre e nós encontramos um jeito de trazer ele de volta. Eu sabia lá no fundo que ela não podia se prender a nada menos do que isso para mim.

Talvez Lena não soubesse que eu estava aqui mas ela sabia que eu não tinha partido. Ela não tinha desistido de mim ainda. Ela não podia.

Eu sabia, porque se fosse eu que tivesse ficado para trás, eu não desistiria também.

Lena escorregou para o seu quarto, passou a pilha de malas e escalou sua cama sem nem ao menos tirar as roupas.

Ela balançou seus dedos e a porta do quarto se fechou. Eu me deitei ao lado dela, meu rosto no limite do travesseiro. Nós estávamos somente centímetros separados.

As lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto e eu pensei que meu coração quebraria, só de ver ela.

Eu te amo, L. Sempre vou amar.

Eu fechei meu olhos e procurei por ela. Eu desejei, desesperadamente, que houvesse algo que eu pudesse fazer. Tinha que ter um jeito que eu pudesse dizer para ela que eu ainda estava aqui.

Eu te amo, Ethan. Eu não vou esquecer você. Eu nunca vou te esquecer e nunca vou deixar de amar você.

Eu ouvi sua voz se desenrolar na minha cabeça. Quando abri os olhos, ela estava olhando através de mim.

“Nunca,” ela sussurrou.

“Nunca,” eu disse.

Eu enrolei meus dedos nos cachos do seu cabelo e esperei até ela dormir. Eu podia sentir ela se aninhando ao meu lado.

Eu tinha que ter certeza que ela acharia aquele jornal.



Enquanto eu seguia Lena para o andar de baixo na manhã seguinte, eu estava começando a me sentir: a) como um tipo de perseguidor; b) como se eu estivesse enlouquecendo. A Cozinha mandou um grande café da manhã como sempre – mas graças a Deus, agora que a Ordem não tinha sido quebrada e o mundo não estava para acabar, a comida não era tão crua que só de ver fazia você querer vomitar.

Macon estava esperando por Lena á mesa, já comendo. Eu ainda não estava acostumado a ver ele comendo. Tinha biscoitos essa manhã, assados com tanta manteiga que vinha borbulhando através das fissuras da massa. Fatias grossas de bacon amontoadas numa porção de ovos mexidos digna de Amma. Tortinhas empilhadas uma em cima da outra com massa crocante que Link, antes dos seus dias de Linkubus, teria engolido tudo de uma só vez.

Foi aí que eu vi. *The Stars and Stripes* estava dobrado no topo de um pilha de jornais – de tantos países quanto eu conseguia me lembrar.

Eu alcancei o jornal ao mesmo tempo que Macon alcançou a cafeteira, empurrando sua mão através do meu peito. Ela parecia gelada e estranha, como se eu tivesse engolido um pedaço de gelo. Talvez como congelar o cérebro depois de tomar sorvete, só que no meu peito ao invés da cabeça.

Eu agarrei o jornal com as duas mãos e empurrei com toda a força que eu tinha. Um ponta lentamente espionou por baixo da pilha.

Ainda não era o suficiente.

Eu olhei para cima para Macon e Lena. Macon tinha sua cabeça enterrado em um jornal chamado *L'Express*, o que parecia ser escrito na França. Lena tinha seus olhos grudados no prato, como se os ovos fossem revelar um importante verdade.

Vamos lá, L. Está bem aqui. Eu estou bem aqui.

Eu empurrei o papel com mais força e ele deslizou todo o caminho do topo da pilha e flutuou até o chão.

Nenhum dos dois olhou.

Lena colocou leite no seu chá. Eu procurei sua mão, a apertando até que ela derrubou a colher, espirrando já na toalha de mesa.

Lena encarou sua xícara, flexionando seus dedos. Ela se inclinou para limpar a toalha de mesa com um guardanapo. Então ela reparou o jornal no chão, onde tinha aterrissado perto dos seus pés.

“O que é isso?” Ela pegou o *The Stars and Stripes*. “Eu não sabia que você assinava esse jornal, tio M.”

“Assino. Acho ele de grande ajuda para saber o que acontece na cidade. Você não iria querer perder, eu não sei, o último plano diabólico da Sra. Lincon e as Senhoras da Ajuda.” Ele sorriu. “Onde a diversão estaria?”

Eu preendi minha respiração.

Ela o jogou, a capa faceando a mesa.

As palavras cruzadas estão na parte de trás da última folha. A edição de domingo, assim como eu tinha planejado no escritório do *The Stars and Stripes*

Ela sorriu para si mesma. “Amma faria essas palavras cruzadas em cinco minutos.”

Macon olhou para cima. “Menos que isso, tenho certeza. Acredito que posso fazer em três.”

“Verdade?”

“Tente.”

“Onze horizontal,” ela disse. Aparição ou fantasma. Um ser espectral. Um espírito de outro mundo. Um fantasma

Macon olhou para ela, seus olhos se estreitando.

Lena se inclinou sobre o jornal, segurando seu chá. Eu assisti enquanto ela começava a ler.

Descubra, L. Por favor.

Só foi quando a xícara de chá começou a tremer e caiu no carpete que eu soube que ela tinha descoberto – não as palavras cruzadas, mas a mensagem por trás dela.

“Ethan?” Ela olhou para cima. Eu me inclinei mais perto, segurando minha bochecha contra a dela. Eu sabia que ela não podia sentir; eu não estava

de volta com ela, ainda não. Mas eu sabia que ela acreditava que eu estava ali e por agora, era tudo o que importava.

Macon a encarou surpreso.

O lustre a cima da mesa começou a balançar. A sala ficou mais clara até estar branco ofuscante. As enormes janelas da sala de jantar começaram a rachar em milhares de teias de aranhas de vidro. Cortinas pesadas voaram contra as paredes como penas no vento.

“Querida,” Macon começou.

O cabelo de Lena enrolou em todas as direções. Eu fechei meu olhos assim que janela por janela começaram a explodir como fogos de artifícios.

Ethan?

Estou aqui.

Acima de tudo, era tudo o que eu queria que ela soubesse.

Finalmente.

CAPÍTULO 13

Para Onde o Corvo Te Leva

Lena sabia que eu estava aqui. Foi difícil me forçar a ir para longe dela, mas ela tinha descoberto a verdade. Isso era a coisa principal. Amma e Lena. Era dois para dois. Era um começo.

E eu estava exausto.

Agora eu tinha que encontrar meu caminho de volta para ele de vez. Eu atravesssei de volta em mais menos dez segundos. Se somente o resto do caminho fosse tão fácil...

Eu sabia que deveria ir para casa e contar tudo a minha mãe mas eu também sabia o quão preocupada ela ficaria sobre minha ida ao Registro Distante. Do que Genevieve e minha mãe e tia Prue e Obidias Trueblood me disseram, Registro Distante parecia o o último lugar onde uma pessoa iria voluntariamente.

Especialmente uma pessoa com uma mãe.

Eu cataloguei tudo o que precisava fazer, todos os lugares que eu precisava ir. O rio. O livro. Os olhos do rio – duas pedras pretas lisas. Isso era o que Obidias Trueblood disse que eu precisava. Eu ficava repassando isso na minha mente sem parar.

Quantas pedras pretas lisas poderiam existir no mundo?E como é que eu iria saber quais seriam as olhos do rio, seja lá o que isso significava?

Talvez eu as encontre pelo caminho. Ou talvez eu já tenha encontrado elas, e eu nem sabia disso.

Uma pedra preta mágica, os olhos do rio.

Isso soava estranhamente familiar. Eu já tinha ouvido isso antes?

Eu pensei de novo em Amma, em todos os amuletos, cada pequeno osso, cada punhado de terra do cemitério ou sal, cada pedaço de corda que ela me deu para usar.

E então eu me lembrei.

Não era um dos amuletos de Amma. Pertencia a uma visão que eu tinha visto ao abrir a garrafa no seu quarto.

Eu tinha visto a pedra pendurada no pescoço de Sulla. Sulla, a Profeta. Na visão, Amma o tinha chamado de “o olho”.

O olho do rio.

O que significava que eu sabia onde encontrar e como conseguir ele – assim que eu descobrisse como achar o caminho para Wader Creek a partir desse lado.

Não podia ser evitado, mesmo intimidante como era. Era hora eu fazer uma visita para os Grades.



Eu desdobrei o mapa de tia Prue. Agora que eu sabia como ler o mapa, não era tão difícil ver onde as *Doorwells* estavam marcadas. Eu encontrei o X vermelho na *Doorwell* que levava a casa de Obidias – aquela na cripta da família Snow – então depois dessa, eu comecei a procurar qualquer marca vermelha que eu pudesse encontrar.

Haviam vários Xs vermelhos, mas qual daquelas *Doorwells* me levaria para Wader Creek? Seus destinos não estavam exatamente marcados como as saídas nas rodovias – e eu não queria tropeçar em qualquer surpresa que poderia estar esperando por um cara atrás da porta número três do Outro Mundo.

Cobras ao invés de dedos poderia estar ficando fácil.

Tinha que ter algum tipo de lógica. Eu não sabia o que conectava a *Doorwell* atrás do túmulo da família Snow com o caminho de pedra que me levou até Obidias Trueblood, mas tinha que ser alguma coisa. Vendo

que todos nós estávamos ligados por aqui, essa coisa provavelmente era sangue.

O que conectaria um desses túmulos no Jardim da Paz Perpétua aos Grandes? Se tivesse uma loja de bebidas no cemitério – ou um caixão enterrado cheio de whisky Wild Turkey do tio Abner, ou as ruínas de uma padaria assombrada conhecida por seu merengue de limão – ele não estaria muito atrás de mim.

Mas Wader Creek tinha seu próprio cemitério. Não havia uma cripta para Ivy, Abner, Sulla ou Delilah na Paz Perpétua.

Então eu achei um X vermelho atrás do que minha mãe tinha dito ser o mais antigo tributo no cemitério, e eu sabia que tinha que ser aquela.

Então eu dobrei o mapa e decidi dar uma checada.

Minutos mais tarde, eu me vi encarando um obelisco de mármore branco.

Com certeza, a palavra SAGRADO foi esculpida nos veios da pedra, bem a cima de um crânio de aspecto sombrio, com olhos vazios que te encaravam de frente. Eu nunca entendi porque um crânio horripilante marcava a maioria dos túmulos mais antigos de Gatlin. Mas todos nós sabíamos sobre esse tributo em particular, embora tenha sido escondida no limite mais distante da Paz Perpétua, onde o coração do antigo cemitério ficava, muito antes do novo ser construído ao seu redor.

A Agulha Confederada – era assim que o povo de Gatlin chamava, não por causa da sua aparência pontuda, mas por causa das senhoras que o colocaram ali. Katherine Cooper Sewell, que fundou o capítulo de Gatlin que era as Filhas da Revolução Americana – provavelmente não muito depois da própria Revolução – mostrava que o FRA tinha arrecadado dinheiro suficiente para o obelisco antes dela morrer.

Ela tinha se casado com Samuel Sewell.

Samuel Sewell tinha construído e gerenciado a Palmetto Brewery, a primeira destiladora do condado de Gatlin. Palmetto Brewery produzia somente uma única coisa.

Wild Turkey.

“Bem esperto,” eu disse, circulando para trás do obelisco, onde a cerca de ferro fundido inclinou e quebrou em pedaços. Eu não sabia se seria capaz de ver ele de casa, mas aqui no Outro Mundo, o alçapão para a *Doorwell* era claro como o dia. O contorno retangular da entrada serpenteava entre fileiras de conchas incrustados e anjos.

Eu pressionei minha mão contra a pedra suave e a senti cedendo sobre meus dedos, balançando da luz do dia para as sombras.

Uma dúzia de degraus desiguais depois, eu estava no que parecia um caminho de cascalhos. Eu dei a volta pela passagem e peguei um vislumbre de luz de piscina á distância. Quando cheguei mais perto, eu senti o cheiro de grama e palmeiras alagadas. Não tinha como se enganar com aquele cheiro.

Esse era o lugar certo.

Cheguei a uma porta de madeira empenada, aberta pela metade. Nada podia impedir a luz agora – ou o calor, o ar pegajoso, que só ficava mais quente e pegajoso a medida que eu subia os degraus do outro lado da porta.

Wader Creek estava esperando por mim. Eu não conseguia ver além da primeira franja de ciprestes, mas eu sabia que estava lá. Se eu seguisse o caminho lamacento a minha frente, eu encontraria o caminho para a casa de Amma longe de casa.

Me empurrei através das palmeiras e vi um fila de pequenas casas, enfileiradas no limite da água.

Os Grandes. Tinha que ser.

Enquanto andava pelo caminho até lá, eu ouvi vozes. Na varanda mais próxima, três mulheres estavam reunidas juntas ao redor de uma mesa

com um jogo de cartas. Elas estavam agitando e empurrando umas às outras como as Irmãs faziam quando jogavam Scrabble.

Eu reconheci Twyla a distância. Eu suspeitei que ela fosse se juntar aos Grandes quando ela morreu na noite da Décima Sétima Lua. Ainda assim, era estranho ver ela aqui, matando tempo na varanda e jogando cartas com elas.

“Agora, você não pode jogar aquela carta, Twyla, e você sabe disso. Você pensa que eu não vejo que você está roubando?” Uma mulher com um xale colorido empurrou a carta de volta para Twyla.

“Agora, Sulla. Você talvez seja uma Vidente, querida. Mas não há nada aqui para ver,” Twyla respondeu.

Sulla. Era quem ela era. Agora eu reconhecia ela da visão – Sulla, a Profeta, a ancestral mais famosa de Amma.

“Bem, eu acho que vocês duas estão roubando.” A terceira mulher jogou suas cartas na mesa e arrumou os óculos. Seu xale era amarelo brilhante. “E eu não quero jogar com nenhuma das duas.” Eu tentei não dar risada, mas a cena era muito familiar; eu poderia estar em casa.

“Não seja tão mau humorada, Delilah.” Sulla sacudiu a cabeça.

Delilah. Era aquele de óculos.

Uma quarta mulher esta sentada na cadeira de balanço no final da varanda, com um arco em uma mão e uma agulha na outra. “Por que você não vai lá dentro e corta uma fatia de torta para a velha tia Ivy? Eu estou ocupada com os meus pontos.”

Ivy. Era estranho vê-la finalmente em pessoa depois das visões.

“Torta? Há!” Um velho riu da sua cadeira de balanço – uma garrafa de Wild Turkey em uma mão e um cachimbo na outra.

Tio Abner.

Eu sentia como se conhecesse o homem pessoalmente, apesar de nunca termos nos visto. Afinal de contas, eu tinha estado na cozinha enquanto

Amma tinha feito mais de cem tortas para ele através dos anos – talvez mil.

Um corvo gigante voou e pousou no ombro de tio Abner. “Não vai achar nenhuma torta aí, Delilah. Está em falta.”

Delilah parou, uma mão na maçaneta. “Por que estaria em falta, Abner?”

Ele apontou na minha direção. “Eu acho que Amarie está ocupada cozinhando para ele agora.” Ele esvaziou o cachimbo, jogando o tabaco para fora da varanda.

“Quem, eu?” Não podia acreditar que tia Abner estava realmente falando comigo. Eu dei um passo na direção deles. “Quer dizer, olá, senhor.”

Ele me ignorou. “Eu acho que não vou ver outro merengue de limão a não ser que seja o favorito do garoto também.”

“Você vai ficar parado aí olhando ou vir até aqui?” Sulla estava de costas para mim, mas ela ainda sabia que eu estava ali.

Twyla ficou vesga com a luz do sol. “Ethan? É você, querido?”

Eu andei em direção a casa, por mais que eu queria ter ficado onde estava. Eu não sabia porque estava tão nervoso. Eu não esperava que os Grandes fossem tão normais. Eles poderiam ser um grupo de pessoas velhas, passando o tempo na varanda numa tarde ensolarada. Exceto que estavam todos mortos.

“Yeah. Quer dizer, sim, senhora. Sou eu.”

Tio Abner levantou e andou até a balaustrada para ter uma visão melhor. O enorme corvo ainda estava no seu ombro. Ele bateu as asas, e tio Abner nem se encolheu. “Como eu disse, nós não vamos receber mais nenhuma torta – ou qualquer coisa – agora que o garoto está aqui conosco.”

Twyla acenou para mim. “Talvez ele divida um pedaço da dele com você.”

Subi os degraus de madeira arranhada, e os sinos de vento bateram um contra o outro. Não havia sequer uma brisa.

“Ele é um espírito, tudo bem,” Sulla disse. Tinha um pequeno pássaro marrom pulando em volta da mesa. Um pardal.

“Claro que ele é.” Ivy fungou. “Não estaria aqui, caso contrário.”

Eu dei um longo espaço para tio Abner e seu carneiro.

Quando estava perto o bastante, Twyla pulou e jogou seus braços ao meu redor. “Não posso dizer que estou feliz por você estar aqui, mas eu feliz em ver você.”

Eu a abracei de volta. “Yeah, bem, eu também não estou todo feliz por estar aqui também.”

Tio Abner deu um gole do whisky. “Então por que você foi lá e pulou daquela estúpida torre?”

Eu não sabia o que dizer, mas Sulla respondeu antes que eu pudesse pensar em alguma coisa. “Você sabe a resposta, Abner, assim como você sabe o seu nome. Agora pare de encher o garoto.”

O corvo bateu as asas de novo. “Alguém deveria,” tio Abner disse.

Sulla se virou e deu a tio Abner o olhar. Me perguntava se era de lá que Amma tinha aprendido. “A menos que você seja forte o suficiente para parar a Roda do Destino você mesmo, você sabe que o garoto não teve escolha.”

Delilah trouxe uma cadeira de vime para mim. “Agora, venha aqui e sente-se conosco.”

Sulla ainda estava distribuindo cartas, mas essas eram cartas comuns.

“Você pode ler essas também?” Não teria me surpreendido.

Ela riu, e o pardal piou. “Não, só estamos jogando buraco.” Sulla deu as cartas. “Falando nisso – buraco.”

Delilah fez cara feia. “Você sempre ganha.”

“Bem, eu ganhei de novo,” Sulla disse. “Então por que não se senta aqui, Ethan, e nos conta o que é que trás você aqui.”

“Eu não sei o quanto a senhora sabe.”

Ela levantou a sobrancelha.

“Ok, então você provavelmente sabe que eu fui ver Obidias Trueblood, um velho – “

“Mmm hmm.” Ela concordou.

“E se ele estiver dizendo a verdade, existe um jeito de eu voltar para casa.” Eu estava tropeçando nas palavras. “Quer dizer, para a casa onde eu estava vivo.”

“Mmm hmm.”

“Eu preciso pegar minha página das – “

“*Crônicas Conjuradoras*,” ela terminou por mim. “Eu sei tudo isso. Então por que não diz logo o que você precisa de nós.”

Eu tinha certeza que ela sabia, mas ela queria que eu pedisse de qualquer forma. Só era conveniente.

“Eu preciso da pedra.” Eu pensei na melhor forma de descrever. “Isso provavelmente vai soar estranho, mas eu vi você a usando uma vez, num tipo de sonho. É brilhando e preta...”

“Essa aqui?” Sullá a segurou na palma da mão. Ali estava. A pedra preta que eu vi na minha visão.

Eu concordei, aliviado.

“É claro que sim.” Ela pressionou a pedra na minha mão, fechando meus dedos ao redor dela. Ela passava um tipo de calor estranho que parecia vir de dentro.

Delilah me olhou. “Você sabe o que é isso?”

Eu assenti. “Obidias a chamou de olho do rio, e eu preciso de duas para poder atravessar o rio.”

“Então eu reconheço que você está por baixo.” Tio Abner disse. Ele não tinha se movido da balaustrada. Estava ocupado colocando mais tabaco no cachimbo.

“Oh, existe outra.” Sulla sorriu maliciosamente. “Você não sabe?”

Eu sacudi a cabeça.

Twyla se aproximou e pegou minha mão. Um sorriso se espalhou no seu rosto, suas longas tranças chacoalhando sobre os ombros enquanto ela acenava. “*Um cadeau*. Um presente. Eu me lembro quando o dei para Lena,” ela disse no seu forte sotaque francês. “Olho do rio é uma pedra poderosa. Traz sorte e uma jornada segura.” Enquanto ela falava, eu vi o amuleto do colar de Lena. A pedra preta lisa que ela sempre usou pendurada no colar.

Óbvio.

Lena tinha a segunda pedra que eu precisava.

“Você sabe como chegar até o rio e seguir o caminho?” Twyla perguntou, soltando minha mão.

Eu tirei o mapa de tia Prue do meu bolso de trás. “Eu tenho um mapa. Minha tia o deu para mim.”

“Mapas são bons,” Sulla disse, olhando para ele. “Mas pássaros são melhores.” Ela fez um som de estalo com a língua, e o pardal voou até o seu ombro. “Um mapa pode te extraviar do caminho se você não o ler corretamente. Um pássaro sempre sabe o caminho.”

“Eu não queria levar o seu pássaro.” Ela já tinha me dado a pedra. Parecia que eu estava levanto muito. Mais, pássaros me deixavam nervoso. Eles eram como velhas senhoras mas com bicos afiados.

Tio Abner deu um longo trado no seu cachimbo e andou na nossa direção. Mesmo ele não pairando sobre mim do céu, ele ainda era mais alto do que eu. Ele tinha um ligeiro mancar ao andar, e eu não pude evitar de pensar no que causou aquilo.

Ele enfiou os dedos em um dos suspensórios presos as suas calças marrons. “Então pegue o meu.”

“Perdão, senhor?”

“Meu pássaro.” Ele inclinou o ombro e o enorme corvo eriçou as penas. “Se você não quer levar o pássaro de Sulla – o que eu entendo, já que n]ao é muito maior do que um rato de jardim – leve o meu.”

Eu estava com medo de chegar perto daquele corvo com tamanho de abutre. Eu definitivamente não queria levar ele a nenhum lugar comigo. Mas eu tinha que ser cuidadoso, por que ele estava me oferecendo algo que tinha valor para ele, e eu não queria insultá-lo.

Eu *realmente* não queria insultá-lo.

“Eu agradeço, senhor. Mas eu também não quero levar o seu pássaro. Me parece...” O corvo gritou alto. “Realmente apegado ao senhor.”

O velho homem declinou minha preocupação. “Bobagem. Exu é esperto, nomeado como o deus das palavras cruzadas. Ele vigia as portas entre os mundos e sabe o caminho. Não sabe, garoto?”

O pássaro se empertigou orgulhoso no ombro do velho como se soubesse que tio Abner estava falando bem dele.

Delilah veio até nós e esticou o braço. Exu bateu as asas uma vez, caindo para pousar no seu braço. “O corvo é também o único pássaro que pode atravessar entre os mundos – os véus entre vida e morte, e lugares para lá de piores. Essa velha pilha de penas é um aliado poderoso e um melhor professor, Ethan.”

“Você está dizendo que ele pode atravessar para o reino Mortal?” Aquilo era mesmo possível?

Tio Abner assoprou a fumaça do cachimbo na minha cara enquanto falava. “Claro que ele pode. Lá e cá, lá e cá de novo. Único lugar que pássaros não podem ir é debaixo d’água. E só porque nunca o ensinei a nadar.”

“Então ele pode me mostrar o caminho para o rio?”

“Ele pode te mostrar muito mais do que isso se você prestar atenção.” Tio Abner acenou para o pássaro e ele levantou voo para o céu, circulando sobre nossas cabeças. “Ele se comporta melhor se você der um presente agora e depois, assim como o deus que deu o seu nome.”

Eu não tinha ideia de que presentes oferecer a um corvo, a um deus vodou, ou a um corvo nomeado como um deus. Tinha a impressão que alpinista normal não contaria.

Mas eu não tive que me preocupar porque tio Abner fez com que eu soubesse. “Pegue um pouco disso.” Ele derramou uísque em uma garrafa amassada e me entregou uma lata pequena. Era a mesma que ele tinha aberto para reabastecer seu cachimbo.

“Seu pássaro bebe whisky e come tabaco?”

O velho homem franziu a testa. “Agradeça por ele não gostar de comer moleques esqueléticos que não sabem seu caminho no Outro Mundo.”

“Sim, senhor.” Eu assenti.

“Agora suma daqui e leve meu pássaro e a pedra.” Tio Abner me enxotou para fora. “Eu não vou ganhar nenhuma das tortas de Amarie se você continuar perambulando por aqui.”

“Sim, senhor.” Eu coloquei a lata de tabasco e a garrafa no meu bolso, junto com o mapa. “E obrigado.”

Eu descí as escadas e pisei para fora da varanda. Eu me virei para dar uma última olhada para os Grandes, juntos na mesa de jogos, costurando e agitando, fazendo cara feia e bebendo whisky, dependendo de qual deles vocês estivesse falando. Eu queria me lembrar deles assim, como pessoas normais que eram grandes por uma razão que não tinha nada a ver com ver o futuro ou assustando como o inferno os Conjuradores das Trevas.

Eles me lembravam Amma e tudo o que amava sobre ela. O jeito como ela sempre tinha a resposta e me mandava embora com alguma coisa estranha no meu bolso. O jeito como ela franzia o cenho quando estava preocupada e me lembrava de todas as coisas que eu ainda não sabia.

Sulla se levantou e se inclinou na beirada da varanda. “Quando você vir o Mestre do Rio, tenha certeza de dizer que fui eu quem te enviou, você ouviu?”

Ela disse como se eu devesse saber do que ela estava falando. “Mestre do Rio? Quem é esse, senhora?”

“Você vai saber quando o vir,” ela disse.

“Sim, senhora.” Eu comecei a me virar.

“Ethan,” tio Abner chamou, “quando você chegar em casa, diga a Amarie que eu estou esperando um merengue de limão e um cesta de frango frito. Dois grandes, com pernas gordas... Peça quatro de cada.”

Eu sorri. “Eu peço.”

“E não se esqueça de mandar meu pássaro de volta. Ele fica desagradável depois de um tempo.”

O corvo circulou sobre mim enquanto eu descia as escadas. Eu não tinha ideia de onde estava indo, nem com o mapa e um pássaro comedor de tabaco que podia atravessar entre os mundos.

Não importava que eu tivesse minha mãe, tia Prue, um Conjurador das Trevas que tinha escapado do mesmíssimo lugar que eu estava tentando invadir, e todos os Grandes, com Twyla.

Eu tinha uma pedra agora e quanto mais eu pensava em Lena, mas eu percebia que eu sempre soube onde encontrar a outra pedra. Ela nunca tirava seu colar de amuletos. Talvez seja por isso que Twyla tinha dado a ela quando era ainda uma menininha – para algum tipo de proteção. Ou para mim.

Afinal de contas, Twyla era uma poderosa Necromancer. Talvez ela tinha sabido que iria precisar dela.

Estou indo, L. O mais rápido que conseguir.

Eu sabia que ela não podia ouvir meu Kelt, mas eu ouvia sua voz no fundo na minha cabeça de qualquer forma. Como se a memória disso pudesse substituir de algum jeito escutar ela.

Eu te amo.

Eu imaginei seu cabelo preto e seu olho verde e outro dourado, seu All-Star e sua unha preta lascada.

Só faltava uma coisa a fazer, e estava na hora de ser feita.

CAPÍTULO 14

Coisas Confusas (Messed-Up Things)

Não levou muito para eu refazer meus passos até A Agulha Confederada e encontrei meu próprio caminho até o *The Stars and Stripes* dessa vez. Eu estava atravessando como um espírito antigo agora. Eu tinha pego o jeito disso – um certo modo de deixar minha mente fazer o trabalho por mim sem focar em nada específico – parecia fácil como andar. Mais fácil, já que eu não estava exatamente caminhando.

E uma vez que estava lá, eu sabia o que tinha que fazer e podia fazer eu mesmo. Na verdade, eu estava ansioso para isso. Eu tinha pensado um pouco antes. Eu pude ser porque Amma gostava tanto de palavras cruzadas. Uma vez que você tem a mentalidade certa, elas eram meio viciantes.

Quando encontrei o caminho para o escritório – passando a cidade refrigerada – o esboço para o presente problema estava em uma das pequenas três mesas, exatamente onde estava da última vez. Dessa vez, eu achei as palavras cruzadas sem muita dificuldade.

Essas palavras cruzadas ainda estavam menos terminadas do que a última. Talvez o staff estava ficando preguiçoso agora que eles sabiam que havia a chance de outra pessoa terminar o trabalho por eles.

De qualquer forma, Lena estaria lendo as palavras cruzadas. Eu peguei a letra mais próxima e a empurrei para o lugar certo.

Quatro horizontal.

O.N.I.X.

Como pedra preta.

Nove transversal.

A.F.L.U.E.N.T.E.

Como rio.

Seis horizontal.

Ó.C.U.L.O.S.

Como um olho.

T.A.L.I.S.M.Ã.

Como em amuleto.

M.A.T.E.R.N.O.

Como a minha. Lila Janes Evers Wate.

D.E.S.C.A.N.S.O.

Como em túmulo.

(tentei fazer o máximo de sentido aqui, mudando algumas palavras, porque só em inglês fazia sentido a palavra com a dica. Então coloquei um equivalente que fazia mais sentido em português.)

Essa era a mensagem. Eu precisava da pedra preta – o olho do rio, aquele que você usava como amuleto no seu colar. E eu preciso que você deixe ela no túmulo da minha mãe. Eu não podia falar mais claro do que isso.

Pelo menos não nessa edição do jornal.

Quando terminei, eu estava exausto como se eu tivesse fazendo tiro de corrida da quadra de basquete. Eu não sabia quanto tempo precisaria passar no Outro Mundo antes que Lena entendesse a mensagem. Eu só sabia que ela entenderia.

Porque eu tinha tanta certeza dela como tinha de mim mesmo.



Quando eu cheguei em casa no Outro Mundo – minha casa ou o túmulo da minha mãe, como você preferir chamar – lá estava, esperando por mim na soleira da porta.

Ela deve ter deixado no túmulo da minha mãe, como eu pedi.

Não podia acreditar que tinha funcionado.

O amuleto de pedra preta de Barbados de Lena, aquele que ela sempre usou em volta do pescoço, colocado no meio do capacho.

Eu tinha a segunda pedra do rio.

Um onda de alívio tomou conta de mim. Durou só uns cinco segundos, antes de eu me dar conta do que aquela pedra também significava.

Era hora de ir. Hora de dizer adeus.

Então por que eu não conseguia me fazer dizer adeus?

“Ethan.” Eu ouvi a voz de minha mãe, mas não olhei pra cima.

Eu estava sentado no chão da sala, minhas costas pro sofá. Eu tinha uma casa e um carro nas mãos, peças perdidas da cidade de Natal da minha mãe. Eu não conseguia tirar os olhos do carro.

“Você achou o carro verde perdido. Eu nunca consegui.”

Ela não respondeu. Seu cabelo estava mais bagunçado do que de costume. Seu rosto estava riscado de lágrimas.

Eu não sabia porque a cidade estava montada na mesa de centro daquele jeito, mas eu coloquei a casa de volta e movi o pequeno carro verde através da mesa. Para além dos animais de brinquedo, da igreja com o campanário inclinado, e as árvores.

Como eu disse, hora de ir.

Parte de mim queria ter saído fugindo no segundo que eu ouvi o que eu tinha que fazer para conseguir minha antiga vida de volta. Parte de mim não ligava para outra coisa a não ser ver Lena de novo.

Mas enquanto estava sentado lá, tudo o que eu podia pensar era o quanto eu não queria deixar minha mãe. O quanto eu sentiria sua falta e quão fácil me acostumei a ver ela pela casa, ouvir sua voz na sala ao lado. Eu

não sabia se queria abrir mão disso novamente, não importa o quanto eu quisesse voltar.

E então tudo o que pude fazer foi ficar sentado lá olhando para o velho carro e me perguntar como uma coisa que tinha se perdido a tanto tempo podia ser encontrada de novo.

Minha mãe tomou fôlego e eu fechei os olhos antes de ela dizer as palavras. Não impediu ela. “Eu não acho que é sábio, Ethan. Eu não acho que é seguro, e eu não acho que você deveria ir. Não importa o que sua tia Prue diga.” Sua voz tremeu.

“Mãe.”

“Você só tem dezessete anos.”

“Na verdade, eu não tenho. O que eu sou agora é nada.” Eu olhei para ela. “E eu odeio falar isso pra você, mas é um pouco tarde para esse discurso. Você tem que admitir que segurança pode não ser minha principal preocupação no momento. Agora que eu estou morto e tudo mais.”

“Bem, se você diz dessa forma.” Ela suspirou e dentou no chão ao meu lado.

“Como você quer que eu diga isso?”

“Eu não sei. Faleceu (*Passed on, não temos um equivalente*)?” Ela tentou não sorrir.

Eu dei um meio sorriso de volta. “Desculpe. Faleci.” Ela estava certa. As pessoas não gostavam de dizer *morto*, não de onde eu vinha. Como se as próprias palavras fossem mais poderosas do que qualquer coisa que pudesse realmente acontecer com você.

Talvez elas fossem.

Afinal de contas, era isso que eu tinha que fazer agora, não era? Destruir as palavras de uma página de algum livro numa biblioteca que tinha mudado meu destino Mortal. Era mesmo tão improvável pensar que palavras tinham um jeito de moldar toda a vida de uma pessoa?

“Você não sabe no que está se metendo, querido. Talvez se eu tivesse descoberto isso por mim mesma, antes de tudo isso, você nem estaria aqui. Não teria tido um acidente, e não teria tido uma torre de água –“ Ela parou.

“Você não tem como fazer as coisas deixarem de me acontecer, mãe. Nem mesmo essas coisas.” Eu inclinei minha cabeça ao longo do limite do sofá. “Nem mesmo coisas confusas (*messed up*).”

“E se eu quiser?”

“Você não pode. É a minha vida, ou seja lá o que isso for.” Eu me virei para olhar para ela.

Ela inclinou a cabeça no meu ombro, segurando o lado do meu rosto junto com a sua mão. Uma coisa que ela não tinha feito desde que eu era criança. “É a sua vida. Você está certo sobre isso. E eu não posso tomar uma decisão como essa, não importa o quanto eu queria. O que seria muito, muito mesmo.”

“Eu meio que descobri isso.”

Ela sorriu tristemente. “Eu acabei de ter você de volta. Eu não quero perder você de novo.”

“Eu sei. Eu também não quero te deixar.”

Lado a lado, nós encaramos a cidade de Natal, talvez pela última vez. Eu coloquei o carro de volta ao seu lugar.

Eu sabia naquela hora que nós nunca teríamos outro Natal juntos, não importa o que acontecesse. Eu ficaria ou iria embora – mas de qualquer jeito, eu iria para algum lugar que não era aqui. As coisas não poderiam ser assim para sempre, nem mesmo nessa Gatlin-que-não-era-Gatlin. Independente de eu conseguir recuperar minha vida ou não.

As coisas mudaram.

Depois elas mudaram de novo.

A vida era assim, e até a morte, eu acho.

Eu não podia estar com ambas, minha mãe e Lena, não no que tinha restado de uma vida. Elas nunca se conheceriam, apesar de eu já ter contado para elas tudo o que há para de dizer sobre a outra. Desde que eu cheguei aqui, minha mãe me fez descrever cada um dos amuletos do colar de Lena. Cada linha de cada poema que ela já tinha escrito. Toda história sobre as menores coisas que tinham acontecido conosco, coisas que eu nem sabia que ainda me lembrava.

Ainda assim, não era o mesmo que ser uma família, ou seja lá o que teríamos sido.

Lena, minha mãe e eu.

Elas nunca ririam de mim ou esconderiam um segredo ou mesmo brigariam sobre mim. Minha mãe e Lena eram as duas pessoas mais importantes na minha vida, ou depois da vida, e eu nunca teria as duas juntas.

Era isso que eu estava pensando quando fechei os olhos. Quando os abri, minha mãe tinha ido – como se ela soubesse que eu não poderia deixá-la. Como se ela soubesse que eu não teria sido capaz de me afastar dela.

Sinceramente, eu não sabia se eu conseguiria ter feito isso, eu mesmo.

Agora eu nunca saberia.

Talvez fosse melhor assim.



Eu embrulhei as duas pedras e desci a escada da frente, fechando cuidadosamente a porta atrás de mim. O cheiro de tomates fritos passando pela porta à medida que eu a fechava.

Eu não disse adeus. Eu tinha a impressão que iríamos nos ver de novo. Algum dia, de alguma forma.

Fora isso, não tinha nada que eu pudesse dizer a minha mãe que ela já não soubesse. E nenhuma chance de dizer essas coisas para ela e sair pela porta depois.

Ela sabia que eu a amava. Ela sabia que eu tinha que partir. E no final do dia, não havia muito mais a dizer.

Eu não sei se ela me assistiu partir.

Eu disse a mim mesmo que sim.

Eu esperava que ela tivesse.

(P.S.: messed up tem diversos significados, dependendo do contexto. Aqui, o que Ethan quer dizer são de coisas confusas, inimagináveis, absurdas, totalmente sem pé nem cabeça... e por aí vai.)

CAPÍTULO 15

O Mestre do Rio

Assim que passei pela *Doorwell*, o mundo conhecido deu lugar ao desconhecido mais rápido do que eu esperava. Mesmo no Outro Mundo, existem alguns lugares que são mais notáveis do que outros.

O rio era um deles. Esse não era o tipo de rio que eu tinha visto do condado de Gatlin Mortal. Como a Grande Barreira, ele era a fenda. Alguma coisa que mantinha os mundos juntos sem estar em nenhum deles.

Eu estava em território totalmente inexplorado.

Por sorte, o corvo de tio Abner parecia saber o caminho. Exu foi para cima, planando e voando em círculos a cima de mim, às vezes pousando em troncos altos para esperar por mim se eu ficasse muito para trás. Ela também não parecia se importar com o trabalho; ele tolerava nossa busca com somente um ocasional grasnar. Talvez ele se divertia dando uma escapada para variar. Ele me lembrava Lucille daquele modo, exceto que eu não a tinha flagrado comendo carcaças de ratos quando elas estava com fome.

E quando eu o peguei me olhando, ele estava realmente olhando para mim. Toda vez que eu começava a me sentir normal de novo, ele me pegava pelos olhos e mandava arrepios pela minha coluna, como se ele estivesse fazendo de propósito. Como ele sabia que podia.

Eu me perguntava se Exu era um pássaro de verdade. Eu sabia que ele podia atravessar entre mundos, mas aquilo o fazia sobrenatural? De acordo com tio Abner, só o fazia um corvo.

Talvez todos os corvos sejam assustadores.

Enquanto eu caminhava mais adiante, as ervas daninhas do pântano e os ciprestes se projetavam para fora da água turva, levando á uma grama

mais verde além da margem, grama tão alta que eu mal conseguia ver por cima dela em alguns lugares.

Eu passei através da grama, seguindo o pássaro preto no céu, tentando não lembrar muito sobre onde eu estava ou o que estava deixando para trás. Já era difícil o bastante não imaginar o olhar no rosto da minha mãe quando eu sai pela porta.

Eu tentei desesperadamente não pensar sobre seus olhos, o modo como eles se iluminaram quando ela me viu. Ou suas mãos, o jeito como ela balançava elas no ar enquanto falava, como se ela pensasse que pudesse tirar palavras do céu com seus dedos. E seus braços, me embrulhando como minha própria casa, porque ela era o lugar de onde eu era.

Eu tentei não pensar no momento em que a porta fechou. Ela nunca mais se abriria de novo, não para mim. Não daquele jeito.

É o que eu queria. Eu disse isso a mim mesmo enquanto caminhava. É o que ela queria para mim. Ter uma vida. Viver.

Partir.

Exu grasnou, e eu bati de volta no galho alto e a grama.

Partir foi mais difícil do que eu já poderia ter imaginado, e parte de mim ainda não acreditava que eu tinha feito isso. Mas o tanto que eu tentava não pensar na minha mãe, eu tentava manter o rosto de Lena na minha mente, um lembrete constante do porque eu estava fazendo isso – arriscando tudo.

Eu me perguntei o que ela estaria fazendo agora... Escrevendo no seu caderno? Praticando violoncelo? Lendo sua cópia surrada de *To Kill a Mockingbird – O Sol é Para Todos?*

Eu ainda estava pensando nisso quando ouvi música a distância. Parecia com... Rolling Stones?

Parte de mim esperava empurrar a grama pro Aldo e ver Link parado ali. Mas quando chegou perto do refrão de “You Can’t Always Get What You Want”, eu percebi que era os Stones, mas definitivamente não era Link.

A voz não era ruim o suficiente, e muitas das notas estavam certas.

Era um cara grande, usando uma bandana desbotada amarrada em volta da cabeça, e uma camiseta da Harley Davidson com asas escamosas na parte de trás. Ele estava sentado numa mesa de plástico dobrável como aquelas que o clube de *bridge* usa lá em Gatlin. Com seus óculos escuros e barba comprida, ele parecia que deveria estar andando numa moto ao invés de sentado próximo a um banco de areia.

Exceto pelo seu almoço. Ele estava tirando com uma colher alguma coisa de um *tapperware*. De onde eu estava, parecia intestino ou restos humanos. Ou...

O motoqueiro arrotou. “Melhor chilli-guetti (*chilli – comida mexicana mais espaguete*) deste lado até o Mississippi.” Ele balançou a cabeça.

Exu grasnou e pousou na borda da mesa de dobrar. Um enorme cachorro preto deitado ali perto latiu, mas não se deu o trabalho de levantar.

“O que você está fazendo por aqui, pássaro? A não ser que esteja querendo fazer um acordo, não há nada para você aqui. E nem pense que eu vou deixar você tomar meu whisky dessa vez.” O motoqueiro enxotou Exu para fora da mesa. “Vai indo. Shoo. Diga a Abner que eu estou pronto para negociar quando ele estiver pronto para brincar.”

Depois que ele tirou o corvo para fora da mesa e Exu desapareceu no céu azul, o motoqueiro notou que eu estava ali parado no final da grama. “Você está fazendo turismo ou está procurando por alguma coisa?” Ele jogou o resto do seu almoço dentro de uma geladeira branca de isopor e pegou um baralho.

Ele acenou na minha direção, embaralhando as cartas na mão.

Eu engoli e deu um passo para mais perto enquanto “Hand oh Fate” começou a tocar em um velho rádio transmissor descansando na terra. Eu me perguntava se ele ouvia alguma outra coisa que não Rolling Stones, mas eu não ia perguntar. “Eu estou procurando o Mestre do Rio.”

O motoqueiro riu, distribuindo cartas como se houvesse alguém do outro lado da mesa. “Mestre do Rio. Eu não tenho ouvido esse há algum tempo.

Mestre do Rio. Homem Balsa, Corredor de Rio – eu tenho muitos nomes, garoto. Mas você pode me chamar de Charlie. É o respondo *quando* estou com vontade de responder.”

Eu não conseguia imaginar alguém faze esse cara fazer alguma coisa que ele não quisesse. Se nós estivéssemos no reino Mortal, ele provavelmente seria um segurança num bar de motoqueiros ou um bar de sinuca onde pessoas eram arrastadas para fora por quebrar garrafas uns nas cabeças dos outros.

“Prazer em conhecê-lo... Charlie,” eu engasguei. “Eu sou Ethan.”

Ele acenou para mim. “Então o que posso fazer por você, Ethan?”

Eu fui até a mesa tomando cuidado para dar um belo espaço para a criatura gigantesca no chão. Ele parecia um mastife, com seu focinho quadrado e pele enrugada. Seu rabo estava suturado com gaze branca.

“Não se preocupe com o velho Drag,” ele disse. “Ele não vai levantar a menos que vocês esteja carregando carne crua.” Charlie deu uma risada. “Ou a menos que você *seja* carne crua. Carne morta como você, garoto – você está fora de problemas.”

Por que isso não me surpreendia?

“Drag? Que tipo de nome é esse?” Eu estendi a mão para o cachorro.

“Dragão. Daqueles que cospem fogo e mastigam a sua mão se você tentar fazer carinho neles.”

Drag me olhou, rosnando. Eu coloquei minha mão de volta no bolso.

“Eu preciso atravessar o rio. Eu trouxe isso pra você.” Eu coloquei os olhos do rio na mesa. Ela realmente parecia como aquelas do clube de *bridge*

Charlie encarou as pedras, impressionado. “Bom para você. Uma para ir, outra para voltar. É como mostrar para o cobrador do ônibus sua passagem de embarque. Ainda não me faz querer entrar no ônibus.”

“Não faz?” Eu engoli. Tanto para os meus planos. De algum jeito eu tinha pensado que tudo estava indo fácil de mais.

Charlie olhou para mim. “Você joga *blackjack*? Você sabe, vinte e um?”

Eu sabia do que ele estava falando. “Uhm, não, na verdade.” O que não era inteiramente verdade. Eu costumava a jogar com Thelma, até ela começar a roubar tanto quanto as Irmãs em Rummikub.

Ele empurrou minha cartas na minha direção, virando um nove de Ouro no topo na primeira. Minha mão. “Você em um garoto esperto – aposto que você consegue descobrir.”

Eu chequei minhas cartas, um sete. “Manda.” Era o que Thelma teria dito.

Charlie parecia um jogador profissional. Se eu estava certo, ele provavelmente respeitaria outra pessoa que fizesse o mesmo. E o que eu tinha a perder?

Ele balançou a cabeça em aprovação, virando um rei. “Desculpa, criança, isso dá vinte e seis. Você perdeu. Mas eu também teria dado uma tacada.”

Charlie embaralhou as cartas e distribuiu novamente.

Dessa vez eu tinha um quatro e um oito. “Manda.”

Ele virou um sete. Eu tinha dezenove, o que era difícil de bater. Charlie tinha um rei e um cinco na sua frente. Ele tinha que dar uma tacada, ou eu venceria com certeza. Ele puxou uma carta to topo do monte. Seis de Copas.

“Vinte e um. Isso é *blackjack*,” ele disse, embaralhando de novo.

Eu não tinha certeza se isso era um tipo de teste ou se ele só estava entediado por aqui, mas ele não parecia ansioso em se livrar de mim tão cedo. Eu o chamei de “senhor”. Ele levantou uma sobrancelha. “Quer dizer, Charlie. Veja, tem essa garota – “

Charlie acenou, interrompendo. “Sempre tem uma garota.” Os Rolling Stones começaram a berrar “2.000 Light Years from Home (*2.000 Mil Anos Luz de Casa*).” Engraçado.

“Eu preciso voltar pra ela.”

“Eu tive uma garota uma vez. Penelope era o nome dela. Penny.” Ele inclinou as costas na cadeira, alisando sua barba desgrenhada.

“Finalmente ela ficou cansada de passar o tempo por aqui, então ela se mandou.”

“Por que você não foi com ela?” No segundo que eu fiz a pergunta, eu percebi que era pessoal demais. Mas ele respondeu de qualquer jeito.

“Eu não posso partir.” Ele disse naturalmente, distribuindo cartas para nós dois. “Eu sou o Mestre do Rio. É parte do show. Não poder fugir de casa.”

“Você podia se demitir.”

“Isso não é um trabalho, garoto. É uma sentença.” Ele riu, mas tinha uma amargura que me fez sentir pena dele. Isso e a mesa de baralho dobrável e o cachorro preguiçoso com um rabo problemático.

Então “2.000 Light Years from Home” foi desaparecendo, substituída por “Plundered My Soul”.

Eu não queria saber quem era poderoso o bastante para sentenciar ele a se sentar pelo o que, na maior parte, parecia um rio não muito impressionante. Era lento e calmo. Se ele não estivesse por aqui, eu provavelmente poderia cruzar a nado.

“Sinto muito.” O que mais eu podia dizer?

“Tudo bem. Eu fiz as pazes com isso tudo a muito tempo atrás.” Ele bateu nas minhas cartas. Um az e um sete. “Você quer uma carta?”

Dezoito de novo.

Charlie tinha um ás, também.

“Manda.” Eu assisti ele virar a carta entre os dedos.

Um três de Espadas.

Ele tirou seus óculos escuros, azul gelo me encarando de volta. Suas pupilas eram tão claras, que eram quase invisíveis. “Vai dizer?”

“*Blackjack.*”

Charlie empurrou sua cadeira para trás e acenou na direção do banco de areia. Havia a balsa de um homem pobre ali, uma jangada feita de troncos juntadas com ripas. Era exatamente como aquelas enfileiradas nos pântanos de Wader Creek. Dragão se esticou e trotou depois dele. “Vamos antes que mude de ideia.”

Eu o segui até a fraca plataforma e pisei para dentro dos troncos apodrecidos.

Charlie estendeu a mão. “Olha de pagar o Balseiro.” Ele apontou na direção a água marrom. “Vamos lá. Manda.”

Eu joguei a pedra e ela afundou, sem nem fazer um *splash*.

No momento em que ele abaixou a vara comprida para empurrar contra o fundo do rio, a água mudou. Um odor pútrido se levantou da superfície - podridão do pântano, de carne estragada - ou outra coisa.

Eu olhei para as profundezas sóbrias abaixo de mim. A água era clara o bastante para ver toda a extensão até o fundo, exceto que eu não podia, porque tinham corpos por toda parte. Eu olhei, somente alguns centímetros da superfície. E não eram formas contorcidas de mitos e filmes. Eram cadáveres, inchados e encharcados, assim como mortos. Alguns com o rosto para baixo, outros para cima – mas os rostos que pude ver tinham os mesmos lábios azuis e a pele terrivelmente branca. Seus cabelos se espalharam ao redor deles na água enquanto eles flutuavam e batiam um contra o outro.

“Todos pagam o Balseiro mais cedo ou mais tarde.” Charlie deu de ombros. “Não pode mudar isso.”

O gosto de bile subiu na minha garganta, e me levou cada gota de energia que eu tinha para não vomitar. A repulsão devia estar registrada na minha cara, porque o tom de Charlie foi solidário. “Eu sei, garoto. O cheiro é duro de aguentar. Por que você acha que não faço muitas viagens de travessia?”

“Por que mudou? O rio.” Eu não conseguia desviar os olhos dos corpos encharcados. “Quer dizer, não era assim antes.”

“Ai que você está errado. Você só não podia ver. Existem muitas coisas que escolhemos não ver. Não significa que não estão lá, mesmo desejando que não estivessem.”

“Estou cansado de ver tudo. Era mais fácil quando eu não sabia de nada. Eu mal sabia que estava vivo.”

Charlie assentiu. “Yeah. Eu soube.”

A plataforma de madeira bateu contra o banco oposto. “Obrigada, Charlie.”

Ele se inclinou no poste, seus olhos azuis não naturais quase sem pupilas olhando direto para mim. “Sem problemas, garoto. Eu espero que você ache aquela garota.”

Eu estendi minha mão cautelosamente e cocei Dragon atrás das orelhas. Eu estava feliz de não ver minha mão sendo mastigada.

O enorme cachorro latiu para mim.

“Talvez a Penny volte logo,” eu disse. “Nunca se sabe.”

“As chances estão contra.”

Eu pisei no banco. “Yeah, bem. Se fosse for olhar por esse ângulo, pode-se dizer que elas estão contra mim também.”

“Você pode estar certo. Se você foi na direção que penso que foi.”

Ele sabia? Talvez esse lado do rio só levasse a uma direção, apesar de duvidar disso. Quando mais eu aprendia sobre o mundo que eu pensei conhecer e todas as coisas que não conhecia, mais emaranhado tudo ficava, levando a qualquer lugar e a lugar nenhum ao mesmo tempo.

“Eu estou indo ao Registro Distante.” Eu não achei que ele teria a chance de contar a nenhum do Guardiões, já que ele não podia deixar esse lugar. Além disso, havia algo que eu gostava em Charlie. E dizer as palavras só me fez sentir como se elas fossem mais verdadeiras.

“Siga em frente. Não tem como errar.” Ele apontou á distância. “Mas você tem que passar pelo Guardião do Portão.”

“Eu soube.” Eu vinha pensando nisso desde minha visita com tia Prue a casa de Obidias.

“Bem, diga a ele que ele me deve dinheiro,” Charlie falou. “Eu não vou esperar para sempre.” Eu olhei para ele, e ele suspirou. “Bem, só diga mesmo assim.”

“Você o conhece?”

Ele assentiu. “Não tem como dizer a quanto tempo, mas acho que há uma ou duas vidas.”

“Como ele é?” Talvez se eu soubesse mais sobre o caro, eu teria um melhor chance de o convencer a me deixar entrar no Registro Distante.

Charlie sorriu, dando um empurrão no poste e mandando a jangada flutuando através dos cadáveres.

“Não como eu.”

CAPÍTULO 16

Uma Pedra e um Corvo

Uma vez que eu deixei o rio para trás, eu percebi que a estrada para os Portões de Registro Distante não era de forma alguma uma estrada. Era mais um bruto e sinuoso caminho, escondido por dois paredões de montanhas lado a lado, criando um natural portão mais ameaçador do que qualquer coisa que poderia ter sido criada por Mortais – ou Guardiões. As montanhas eram escorregadias, com cantos afiados que refletiam o sol, como se fossem feitas de obsidiana. Parecia que elas estavam cortando fendas negras no céu.

Ótimo.

A ideia de navegar por um caminho através de rochedos afiados como navalhas era um pouco mais do que intimidante. Qualquer que fosse o que os Guardiões estivessem aprontando, eles definitivamente não queriam que ninguém soubesse.

Grande surpresa ai.

Exu circulava a cima da minha cabeça agora, como se soubesse exatamente onde ele estava indo. Eu apertei o passo para seguir sua sombra na trilha á minha frente, agradecido pelo pássaro assustador que era ainda maior que Harlon James. Eu me perguntava o que Lucille pensaria disso. Engraçado como um corvo sobrenatural emprestado dos Grandes parecia ser a única coisa familiar na paisagem.

Mesmo com a ajuda do corvo de tio Abner, e continuava parando para consultar o mapa de tia Prue. Exu definitivamente sabia a direção geral para Registro Distante, mas ele desaparecia de vista a cada quilômetro. Os rochedos eram altos, a trilha era confusa e Exu não tinha que se preocupar sobre navegar por aquelas montanhas.

Pássaro de sorte.

No mapa, meu caminho foi desenhado pelas mãos trêmulas de tia Prue. Toda hora que eu tentava traçar para onde ele levava, o caminho desaparecia alguns quilômetros á frente. Eu estava começando a me preocupar que sua mão tinha tremido um pouco de mais na direção errada. Porque as direções no mapa não me levavam através das montanhas ou pelo meio delas – era suposto que eu tinha que *passar* através de uma delas.

“Isso não pode estar certo.”

Eu olhei do papel para o céu. Exu deslizou de árvore em árvore na minha frente, mas agora que estávamos mais perto das montanhas, as árvores eram muito mais distantes. "Claro. Vá em frente. Esfrega na cara. Alguns de nós tem que andar, você sabe.”

Ele grasnou de novo. Eu balancei o frasco de whisky a cima da minha cabeça. “Só não se esqueça quem está com o seu jantar, enh?!”

Ele mergulhou em mim, e eu ri, deslizando o frasco de volta para o meu bolso.

Não parecia tão engraçado depois dos primeiros quilômetros.



Quando eu alcancei a face do rochedo, eu chequei novamente o mapa. Lá estava. Um círculo desenhado na encosta – marcando algum tipo de entrada para uma caverna ou um túnel. Era muito fácil encontrar no mapa. Mas quando eu abaixei o papel e tentei encontrar a caverna, não tinha nada ali.

Somente uma rochosa face de um rochedo, tão íngreme que cortava a trilha a minha frente. Ele se estendia até as nuvens, tão alto que parecia que não tinha fim.

Alguma coisa tinha que estar errada.

Tinha que ter uma entrada para o túnel em algum lugar por aqui. Fui sentido o rochedo, tropeçando em pedaços da rocha preta brilhante.

Nada.

Não foi até eu dar um passo para trás a partir do rochedo e notar um caminho de arbustos mortos ao longo das pedras que eu me toquei.

O arbusto crescia no que era vagamente a forma de um círculo.

Peguei o crescimento excessivo morto com ambas as mãos, arrancando o mais forte que eu conseguia – e lá estava. Mais ou menos. Nada poderia ter me preparado para a realidade do que aquele círculo desenhado na montanha realmente representava.

Um pequeno buraco escuro – e por *pequeno* eu quero dizer *minúsculo* – mal grande o suficiente para um homem. Mal grande o suficiente para Boo Radley. Lucille talvez, mas mesmo assim seria apertado para ela. E estava escuro como breu lá dentro. Óbvio que estava.

“Aw, fala sério!”

De acordo com o mapa, o túnel era o único caminho para Registro Distante, e para Lena. Se eu quisesse ir para casa, eu teria que engatinhar através dele. Me sentia mal só de pensar nisso.

Talvez eu pudesse dar a volta. Quanto tempo levaria para eu chegar do outro lado da montanha? Muito tempo, isso era certo. Quem eu estava enganando?

Eu tentei não pensar como seria ter toda uma montanha desabando sobre você enquanto você engatinhava pelo meio dela. Se você já estava morto, você poderia ser esmagado até a morte? Machucaria? Ainda tinha alguma coisa para se machucar?

Quando mais eu dizia a mim mesmo para não pensar sobre isso, mas eu pensava sobre isso, e logo eu estaria pronto para dar o fora dali.

Mas então eu imaginei a alternativa – ficar preso aqui no Outro Mundo sem Lena por “infinito tempo infinito”, como Link diria. Nada valia esse risco. Eu respirei fundo, fazendo meu caminho para dentro, e comecei a engatinhar.



O túnel era menor e mais escuro do que eu poderia ter imaginado. Uma espremido dentro do túnel, eu tinha apenas alguns centímetros de espaço a cima de mim e nos lados. Isso era pior do que a vez que eu e Link ficamos presos no porta malas do carro do pai de Emory.

Eu nunca tive medo de espaços pequenos, mas era impossível não se sentir claustrofóbico aqui. E era escuro – pior que escuro. A única luz vinha de rachaduras na pedra, que era poucas e muito distantes uma da outra.

Na maior parte do tempo, eu engatinhava na mais completa escuridão, somente o som da minha respiração ecoando nas paredes.

Terra invisível encheu a minha boca, ardendo meus olhos. Eu ficava pensando que eu ia atingir uma parede – que o túnel simplesmente acabaria e eu teria que fazer o mesmo caminho de volta para sair. Ou que eu não seria capaz.

O chão abaixo de mim era feito da mesma pedra preta afiada que as próprias montanhas, e eu tinha que me mover lentamente para evitar não cair nos escombros afiados como navalha. Minhas mão pareciam como se tivessem sido retalhadas em pedaços; meu joelhos, como dois sacos de vidros quebrados. Eu me perguntava se pessoas mortas podiam sangrar até a morte. Com a minha sorte, eu seria o primeiro cara a descobrir.

Eu tentei me distrair – contando até cem, murmurando algumas músicas dos Holy Roller, fingindo falar em Kelt com Lena.

Nada ajudou. Eu sabia que estava sozinho.

Só reforçou minha decisão de não continuar daquele jeito.

Não muito mais longe, L. Eu vou conseguir e achar os Portões. Nós estaremos juntos de novo em breve, e ai eu vou te dizer sobre o quanto tudo isso realmente é uma droga.

Eu fiquei em silencio depois disso.

Era muito difícil fingir falar por Kelt.

Meus movimentos ficaram mais devagar, e minha mente desacelerou junto, até meus braços e pernas se moverem como uma síncope, como a condução de uma batida de umas das velhas músicas de Link.

Pra frente e pra trás. Pra frente e pra trás.

Lena. Lena. Lena.

Eu ainda estava falando seu nome em Kelt quando eu vi a luz no fim do túnel – não uma luz metafórica, mas uma luz real.

Eu ouvi Exu grasnar a distancia. Eu senti o começo de uma brisa, a agitação do vento no meu rosto. A umidade fria do túnel estava dando lugar a luz quente do mundo lá de fora.

Eu estava quase lá.

Eu olhava enquanto a luz do sol atingia a boca do buraco. Eu não tinha puxado meu corpo para fora ainda. Mas o túnel era tão escuro que meus olhos estavam passando por maus bocados para se ajustar a menor quantidade de luz.

Quando eu estava metade para fora, eu cai sobre meu estômago com meus olhos ainda fechados, a terra preta pressionada contra minha bochecha. Exu estava chamando alto, provavelmente irritado que eu estava fazendo uma pausa. Ao menos, era isso que eu achava.

Eu abri meus olhos para ver a luz do sol brilhando num bar de botas de amarrar. Então o fundo de uma toga de lã entrou em foco.

Ótimo.

Eu levantei minha cabeça, preparado para ver um Guardião elevando-se sobre mim. Meu coração começou a saltar dentro do peito.

Ele parecia como um homem – de certa forma. Se você ignorasse o fato de ele ser completamente careca, com uma pele impossivelmente lisa e preta acinzentada e olhos enormes. A toga preta estava amarrado na cintura

com um corda comprida, e ele – se você pudesse chamar aquilo de ele – parecia como um miserável monge alienígena.

“Você perdeu alguma coisa?” ele perguntou. A voz era muito parecida com a de um homem. Como um velho, meio que triste ou gentil. Era difícil conciliar as características humanas e a voz com o resto do que eu estava encarando.

Me puxei contra a abertura na pedra, empurrando meus braços para fora do túnel, tentando não bater em nada do que ele era. “Eu – eu estou tentando encontrar o caminho para Registro Distante,” eu gaguejei. Eu tentei me lembrar do que Obidias disse. O que eu estava procurando? Portas? Portões? Era isso. “Quero dizer, os Portões de Registro Distante.” Eu fiquei de pé e tentei dar um passo pra trás, mas não tinha nenhum lugar para ir.

“Jura? Ele parecia interessado. Ou doente. Pra falar a verdade, eu não tinha certeza que era realmente um rosto o que eu estava olhando, estão era difícil dizer qual era sua expressão.

“Isso mesmo.” Eu tentei soar confiante. Quando fiquei ereto, eu era quase da sua altura, o que era tranquilizador.

“Os Guardiões estão esperando você?” Seus estranhos e opacos olhos se estreitaram.

“Sim,” eu menti.

Ele se virou abruptamente nos calcanhares, sua toga balançando atrás dele.

Resposta errada.

“Não,” eu chamei alto. “E eles iriam me torturar se eles me encontrassem. Ao menos é o que todo mundo parece pensar. Mas tem essa garota – fui tudo um mal entendido – não era para eu estar aqui – e aí os gafanhotos vieram, e a Ordem quebrou, e eu tive que pular.” Minhas palavras morreram, uma vez que eu percebi o quão louco eu parecia. Não tinha sentido tentar explicar. Mas fazia sentido até pra mim.

A criatura parou, inclinando sua cabeça para o lado, como se estivesse considerando minhas palavras. Me considerando. “Bem, você os encontrou.”

“O que?”

“Os Portões de Registro Distante.”

Eu procurei por ele. Não tinha nada em volta a não ser rocha preta escura e um céu azul limpo. Talvez ele fosse louco. “Unh, eu não vejo nada além de montanhas.”

Ele se virou e apontou. “Ali.”

A manga da sua toga escorregou e eu peguei um vislumbre de uma prega extra de pele agitando-se do seu corpo e desaparecendo sobre a toga.

Parecia como a asa de um morcego gigante.

Eu lembrei da história maluca que Link me contou no verão. Macon tinha enviado ele para dentro dos Túneis Conjuradores para entregar uma mensagem para Obidias Trueblood. Essa parte eu já tinha entendido. Mas tinha uma outra parte, sobre como Link tinha sido atacado por um tipo de criatura que ele acabou esfaqueando com sua tesoura de jardinagem – era preta acinzentada e careca, com as características de um homem, e deformada com pedaços pretos de pele que Link estava convencido que eram asas. “Sério,” eu me lembro dele dizendo. “Você não quer enfrentar aquela coisa num beco à noite.”

Eu sabia que não podia ser a mesma criatura, porque Link disse que o monstro que ele viu tinha olhos amarelos. E o que estava parado aqui estava me encarando de volta com olhos verdes – quase verde Conjurador. Então tinha outra coisa. Toda a coisa de tesoura-de-jardinagem-no-peito.

Este não podia ser ele.

Olhos verdes. Não dourado. Eu não precisava ter medo, certo? Ele não podia ser das Trevas, podia?

Ainda assim, não era nada que eu já tivesse visto antes – e eu tinha visto mais do que a minha parte.

A criatura virou, baixando um braço que não era um braço. “Você os vê?”

“O que?” As asas? Eu ainda estava tentando descobrir o que ele era – ou não era.

“Os Portões.” Ela parecia desapontado pela minha estupidez. Acho que ficaria desapontado também, se fosse ele. Eu estava me sentindo bem estúpido de qualquer forma.

Eu procurei na direção que ele apontou um momento atrás. Não tinha nada lá. “Eu não vejo nada.”

Um sorriso satisfeito se espalhou no seu rosto, como se ele tivesse um segredo. “Claro que não. Somente o Guardião do Portão pode ver eles.”

“Onde está o –” Eu parei, percebendo que eu não precisava perguntar. Eu já sabia a resposta. “Você é o Guardião do Portão.” Tinha um Mestre do Rio e um Guardião do Portão. Claro que tinha. Também tinha um homem cobra, um corvo bebedor de whisky que podia voar da terra dos vivos para a terra dos mortos, um rio cheio de corpos e um cachorro dragão. Era como acordar no meio do jogo *Dungeons & Dragons*. (jogo de RPG de fantasia medieval).

“O Guardião do Portão.” A criatura assentiu, obviamente satisfeito consigo mesmo. “Eu sou isso, entre outras coisas.”

Eu tentei não fixar na palavra *coisas*. Mas enquanto olhava sua pele cor de carvão e pensava sobre aquelas horríveis asas, eu não conseguia parar de o imaginar como um terrível cruzamento entre uma pessoa e um morcego.

Um Batman da vida real, mais ou menos.

Só que não do tipo que salva todo mundo. Talvez o contrário.

E se essa coisa não quiser me deixar entrar?

Eu respirei fundo. “Olha, eu sei que é loucura. Eu deixei *loucura* pra traz há um ano atrás. Mas tem uma coisa aqui que eu preciso. E se eu não a conseguir, eu não vou ser capaz de voltar para casa. Tem algum jeito de você me mostrar os estão os Portões?”

“Claro.”

Eu ouvi as palavras antes de ver seu rosto. E eu sorri, até eu perceber que era o único sorrindo.

A criatura franziu a testa, seus enormes olhos se estreitando. Ele colocou as mãos juntas no peito, batendo as pontas dos dedos tortos. “Mas por que eu faria isso?”

Exu guinchou ao longe.

Eu olhei para cima para ver a forma sólida preta circulando sobre nossas cabeças, como se estivesse prepara para dar uma investida e atacar.

Sem palavras, sem olhar para cima, a criatura levantou sua mão para cima.

Exu desceu e pousou no pulso do Guardiã do Portão, aninhando seu braço como se reencontrando um velho amigo.

Talvez não.

O Guardiã do Portão parecia mais ameaçador com Exu ao seu lado. Era hora de encarar os fatos. A criatura estava certa. Ele não tinha motivo algum para me ajudar.

Então o pássaro grasnou, quase simpaticamente. A criatura fez um baixo som gutural - quase uma risada – e levantou a mão para alisar as penas do pássaro. “Você é sortudo. O pássaro é um bom julgador de caráter.”

“Yeah? O que o pássaro diz sobre mim?”

“Ele diz – lento no zigue-zague, mão de vaca com o whisky, mas um bom coração. Para um homem morto.”

Eu sorri. Talvez aquele velho corvo não era tão ruim.

Exu grasnou de novo.

“Eu posso lhe mostrar os Portões, menino.”

“Ethan.”

“Ethan.” Ele hesitou, repetindo meu nome devagar. “Mas você tem que me dar algo em troca.”

Eu quase estava com medo de perguntar. “O que você quer?” Obidias tinha mencionado que o Guardiã do Portão esperaria por algum tipo de presente, mas eu não tinha pensado muito sobre isso.

Ele me olhou pensativo, considerando a pergunta. “Negociar é um assunto sério. Equilíbrio é um princípio-chave dentro da Ordem das Coisas.”

“A Ordem das Coisas? Eu pensei que não precisássemos nos preocupar mais com isso.”

“Existe sempre Ordem. Agora mais que nunca, a Nova Ordem deve ser cuidadosamente mantida.”

Eu não entendi os detalhes, mas entendi a importância. Não era como eu fui parar nessa bagunça pra começo de conversa?

El continuou falando. “Você diz que precisa de alguma coisa para te levar para casa? A coisa que mais deseja? Eu digo, o que o trouxe aqui? É isso o que eu mais desejo.”

“Ótimo.” Parecia simples, mas ele poderia muito bem estar falando em charadas ou escrevendo aleatoriamente no Mab Libs. *(um jogo onde você tem que completar as letras faltantes de uma palavra)*

“O que você tem?” Seus olhos brilharam avidamente.

Coloquei minhas mãos nos bolsos e tirei a pedra do rio restante e o mapa de tia Prue. O whisky e o tabaco – o esconderijo de Exu – há muito já tinham acabado.

O Guardiã do Portão levantou sua sobrancelha sem pelos. “Uma pedra e um mapa velho? É só isso?”

“Isso foi o que me trouxe aqui.” Eu apontei para Exu, ainda encarapitado no seu ombro. “E um pássaro.”

“Uma pedra e um corvo. Isso é difícil de deixar passar. Mas eu já tenho ambas as coisas na minha coleção.”

Exu se empurrou do seu ombro e voou de volta para o céu, como se estivesse ofendido. Em segundos o corvo desapareceu.

“E agora você não tem um pássaro,” o Guardiã do Portão disse em tom definitivo.

“Eu não entendo. Existe algo específico que você queira?” Eu tentei esconder a frustração na minha voz.

O Guardiã do Portão parecia deliciado com a minha pergunta. “Específico, sim. Especificamente, um negócio justo é o que prefiro.”

“Você pode ser *um pouco* mais específico sobre isso?”

Ele inclinou a cabeça. “Eu nunca sei o que vai me interessar até eu ver. As coisas que são mais valiosas são normalmente aquelas que você nem sabe que existem.”

Isso foi útil.

“Como eu vou saber o que você já tem?”

Seu olhos se iluminaram. “Eu posso te mostrar minha coleção se você a quiser ver. Não existe nenhuma como ela em lugar nenhum do Outro Mundo.”

O que eu podia dizer? “Yeah. Seria ótimo.”

Enquanto eu o seguia ao longo das pedras pretas afiadas, eu podia ouvir a voz de Link na minha cabeça. “Má escolha, cara. Ele vai te matar, empalhar você e te acrescentar na sua coleção de idiotas que o seguiram até a sua assustadora caverna.”

Esta foi uma vez que eu era provavelmente mais seguro morto do que vivo.

Como isso era justo e equilibrado?



O Guardião do Portão deslizou através de uma fenda estreita na parede lisa de pedra preta. Era maior que o buraco, mas não por muito. Eu me movi de lado porque não tinha espaço suficiente para se virar.

Eu sabia que isso podia ser um tipo de armadilha. Link tinha descrito a criatura que ele tinha encontrado como um tipo de animal – perigoso e maluco. E se o Guardião não fosse diferente, só melhor em esconder isso? Onde estava aquele corvo estúpido quando eu precisava dele?

“Estamos quase lá,” ele falou para mim.

Eu podia ver uma fraca luz á frente, piscando na distância.

Sua sombra passou na frente da luz, momentaneamente escurecendo a passagem quando o espaço estreito de abriu para um cômodo cavernoso. Cera caia de um candelabro de ferro aparafusado diretamente no teto de pedra polida. As paredes brilhavam à luz das velas.

Se eu já não tivesse engatinhado através de toda uma montanha, eu poderia ter ficado mais impressionado. Como era, a proximidade das paredes da caverna só fez minha pele arrepiar.

Mas quando olhei em volta, eu notei que esse lugar era mais como um museu – com uma coleção mais estranha do que você encontraria se cavasse o jardim das Irmãs. Caixas de vidro e prateleiras enfileiradas nas paredes, cheias de milhares de objetos. Era a variedade da coleção que me intrigava, como uma criança tinha feito não só a coleta, mas a catalogação. Caixas de joias de prata esculpida ficavam ao lado de uma coleção de caixas de música vagabundas de crianças. Vinis brilhantes estavam empilhados em pilhas altas próximas aquele rádio antigo com um alto falante de funil, como um que as Irmãs costumavam ter. Uma boneca Raggedy Ann curvada numa cadeira de balanço, uma enorme joia verde do tamanho de uma maçã descansando no seu colo. E no centro da prateleira, eu vi um esfera opaca parecida com aquela que eu carreguei em minhas mão no verão passado.

Não podia ser... um Arco Voltaico.

Mas era. Exatamente igual ao que Macon tinha dado para minha mãe, exceto que branco leitoso ao invés de preto meia noite.

“Onde você conseguiu aquilo?” Eu andei na direção da prateleira.

Ele correu na minha frente, pegando a esfera. “Eu te disse. Sou um colecionador. Você poderia dizer historiador. Você não deve tocar nada aqui. Os tesouros dessa sala não podem ser substituídos. Eu passei mil vidas colecionando eles. Eles são igualmente valiosos,” ele respirou.

“Yeah?” Eu olhei para uma lancheira do Snoopy seria de pérolas.

Ele concordou. “Sem preço.”

Ele colocou o Arco Voltaico de volta. “Todos os tipos de coisas tem sido oferecidas a mim nos Portões,” ele acrescentou. “A *maioria* das pessoas, e não-pessoas, sabem que é somente educado me trazer um presente quando eles aparecem batendo.” Ele roubou uma olhadela para mim. “Sem ofensa.”

“Yeah, me desculpe. Quer dizer, eu queria ter alguma coisa para dar á você –“

Ele levantou uma sobrancelha sem pelos. “Além de uma pedra e um corvo?”

“Yeah.” Eu escaniei as fileiras de livros de couro alinhados nas prateleiras, as lombadas inscritas com símbolos e línguas que eu não reconheci. A lombada de um livro de couro preto captou meu olhar. Era parecia que dizia... “*O Livro das Estrelas?*”

O Guardiã dos Portões parecia satisfeito e correu para retirá-lo da prateleira. “Este é um dos livros mais raros do seu tipo.” Niádico, a língua Conjuradora que eu passei a reconhecer, se enrolavam nas bordas da capa. Um aglomerado de estrelas estava em relevo no centro. “Só existe um outro como esse – “

“*O Livro das Luas,*” eu terminei por ele. “Eu sei.”

Seus olhos se arregalaram e ele apertou *O Livro das Estrelas* contra o peito. “Você sabe sobre o par das Trevas? Ninguém no mundo o tem visto por centenas de anos.”

“Isso é porque ele não está no seu mundo.” Eu olhei para ele por um longo momento antes de me corrigir. “Nosso mundo”.

Ele balançou a cabeça em descrença. “Como você poderia saber disso?”

“Porque fui eu quem o encontrou.”

Por um momento, ele não disse nada. Eu sabia que ele estava tentando decidir se eu era mentiroso ou louco. Não havia nada na sua expressão que indicasse que ele acreditava em mim, mas como eu disse, não tinha muita coisa para se ver – seu rosto não sendo um rosto de verdade e tudo mais.

“Isso é um truque?” Seus olhos verdes se estreitaram. “Não servia pra você fazer jogos comigo se você espera encontrar os Portões para Registro Distante.”

“Eu nem sabia que *O Livro das Luas* tinha um par, ou o que você diz. Então como eu saberia para mentir sobre ele?”

Era verdade. Eu nunca tinha ouvido alguém mencionar isso – nem Macon, nem Marian, Sarafine ou Abraham.

Seria possível eles não saberem?

“Como eu disse, equilíbrio. Luz e Trevas são ambos parte da escala invisível que esta sempre inclinando enquanto nos seguramos nas beiradas.” Ele passou seu dedos tortos pela capa do livro. “Você não pode ter um sem o outro. Triste como é.”

Depois de tudo o que eu tinha aprendido sobre *O Livro das Luas*, eu não podia imaginar o que estava dentro da capa do seu par. *O Livro das Estrelas* produziu o mesmo tipo de consequências devastadoras?

Eu estava quase com medo de perguntar. “Existe um preço por usar esse livro, também?”

O Guardião dos Portões andou até o final do cômodo e se sentou numa cadeira esculpida que parecia como um trono de um castelo velho. Ele levantou uma garrafa térmica do Mickey Mouse, derramando um fluxo de líquido âmbar no copo de plástico e bebeu metade. Havia cansaço nos seus movimentos, e me perguntei quanto tempo ele tinha levado para acumular a coleção de valor inatingível e itens sem valor dentro dessas paredes.

Quando ele finalmente falou, parecia que ele tinha envelhecido cem anos.

“Eu nunca usei o livro eu mesmo. Meus débitos são muito altos para arriscar mais um. Apesar que não sobrou muito que eles possam levar, não é mesmo?” El jogou fora o resto da bebida e amassou o copo de plástico na mesa. Em segundos, ele estava andando novamente, nervoso e agitado.

Eu o segui até o outro lado do cômodo.

“Para quem você deve?”

Ele parou de andar, apertando sua toga mais apertada, como se estivesse se protegendo de um inimigo invisível. “O Registro Distante, claro.” Havia uma mistura de amargura e derrota na sua voz. “E eles sempre sobram suas dívidas.”

CAPÍTULO 17

O Livro das Estrelas

O Guardiã dos Portões deu as costas para mim, movendo-se para uma caixa de vidro atrás dele. Ele examinou uma coleção de amuletos – amuletos penduradas por longos fios de couro, cristais e pedras exóticas que me lembravam as pedras do rio, runas com marcas que eu não reconhecia. Ele abriu a caixa e tirou um dos amuletos, esfregando o disco de prata entre os dedos. Me lembrava o modo como Amma tocava seu amuleto de ouro em torno do pescoço, sempre que ficava nervosa.

“Por que você não vai embora?” Eu perguntei. “Pegar todas essas coisas e desaparecer?” Eu sabia a resposta enquanto eu perguntava.

Ninguém ficaria aqui ao menos se não tivesse que estar.

Ele virou um grande globo de esmalte em um suporte de altura ao lado do armário. Eu assisti enquanto virava, estranhas formas rodando por mim. Eles não foram os continentes que eu estava acostumado a ver na aula de história.

“Eu não posso partir. Eu estou Ligado aos Portões. Se eu me arrisco para muito longe deles, eu vou continuar a mudar.”

Ele olhou para seus dedos nodosos. Um calafrio percorreu a minha volta.

“O que você quer dizer?”

O Guardiã virou suas mãos lentamente, como se nunca as tivesse visto antes. “Houve um tempo em que me parecia como você, homem morto. Uma época onde eu era um homem.”

As palavras estavam nadando pela minha cabeça, mas eu não conseguia achar um jeito de fazê-las serem verdadeiras. Seja lá o que o Guardiã fosse – embora suas características remanescentes fossem de um homem – não era possível.

Era?

“Eu – eu não entendo. Como - ?” Não tinha como dizer o que eu estava pensando sem ser cruel. E se ele fosse um homem em algum lugar lá dentro, ele já havia sofrido mais do que crueldade o suficiente.

“Como eu me tornei isso?” O Guardiã dos Portões apontou um grande cristal pendurado em uma corrente de ouro. Ele pegou um segundo colar, feito de anéis de açúcar, do tipo que você pode comprar no Pare&Roube, alisando-a de volta para dentro de seu estojo de veludo. “O Conselho de Registro Distante é muito poderoso. Eles tem mágica poderosa á disposição, mais forte do que qualquer coisa que eu tenha testemunhado como Guardiã.”

“Você era um Guardiã?” Essa coisa costuma ser como minha mãe, Liv e Marian?

Seus olhos verdes apagados me encararam de volta. “Talvez você queira se sentar...” Ele pausou. “Acredito que você não me falou o seu nome.”

“Ethan.” Eu tinha dito duas vezes já agora.

“É um prazer conhecê-lo, Ethan. Meu nome é – era – Xavier. Ninguém me chama mais assim, mas você pode chamar se deixa as coisas mais fáceis pra você.”

Eu sabia o que ele estava tentando dizer – se faria mais fácil eu imaginá-lo como um homem ao invés de um monstro.

“Ok. Obrigada, Xavier.” Saiu engraçado, mesmo vindo de mim.

Ele dedilhou a caixa com seus dedos, como um hábito nervoso. “ E respondendo a sua pergunta, sim. Eu era um Guardiã. Aquele que cometeu o erro de questionar Angelus, o chefe – “

“Eu sei quem ele é.” Eu me lembrava daquele chamado Angelus, o Guardiã careca. Eu também lembrava da expressão impiedosa no seu rosto quando ele veio atrás de Marian.

“Então você sabe que ele é perigoso. E corrupto.” Xavier me observava atentamente.

Eu concordei. “Ele tentou machucar uma amiga minha – duas, na verdade. Ele trouxe uma deles para Registro Distante para julgamento.”

“Julgamento.” Ele riu, só não havia nada como um sorriso em seu nada como um rosto.

“Não foi engraçado.”

“Claro que não. Angelus devia estar fazendo sua amiga de exemplo,” Xavier disse. “Eu nunca tive um julgamento. Ele os considera sem graça comparado a punição.”

“O que você fez?” Eu estava com medo de perguntar, mas eu senti que devia.

Xavier suspirou. “Eu questionei a autoridade do Conselho, as decisões que eles estavam tomando. Eu nunca deveria ter feito isso,” ele disse calmamente. “Mas eles estavam quebrando nossos votos, as leis que juramos cumprir. Pegando coisas que não eram deles para Guardar.”

Eu tentei imaginar Xavier na biblioteca Conjuradora como Marian, empilhando livros e registrando os detalhes do mundo Conjurador. Ele tinha criado a sua própria versão da biblioteca aqui, um lugar cheio de objetos mágicos – e alguns não-mágicos.

“Que tipo de coisas, Xavier?”

Ele olhou ao redor da sala cavernosa, em pânico. “Eu não acho que deveríamos estar falando sobre isso. E se o Conselho descobrir?”

“Como ele descobriria?”

“Eles descobrem. Eles sempre descobrem. Eu não sei mais o que eles podem fazer comigo, mas eles pensariam em alguma coisa.”

“Nós estamos no centro da montanha.” Minha segunda hoje. “Não é como se eles pudessem ouvir você.”

Ele puxou a gola da toga de lã pesada para longe de seu pescoço. “Você ficaria surpreso com o que eles podem descobrir. Deixa eu te mostrar.”

Eu não sabia o que ele queria dizer enquanto ele passava de uma pilha de bicicletas quebradas por outra caixa de vidro. Ele abriu as portas e tirou uma esfera azul cobalto do tamanho de uma bola de beisebol.

“O que é isso?”

“Um Terceiro Olho.” Ele o segurou cuidadosamente na palma da mão.
“Permite você ver o passado, um momento específico no tempo.”

A cor começou a rodopiar dentro da bola, produzindo nuvens de tempestade. Até ela clarear, e uma cena aparecer...

Um homem jovem estava sentado atrás de uma pesada mesa de madeira, em uma sala de estudos mal iluminada. Sua longa toga aparentava ser muito grande para ele, bem como a cadeira entalhada que ele estava sentado. Suas mãos estavam entrelaçadas enquanto ele apoiou-se em seus cotovelos. “O que é agora, Xavier?” ele perguntou impaciente.

Xavier correu as mãos pelo seu cabelo negro e por seu rosto, seus olhos verdes lançando-se através do aposento. Era óbvio que ele temia essa conversa. Ele torceu a corda da sua própria toga no colo. “Me desculpe incomodá-lo, senhor. Mas certos eventos chamaram a minha atenção – atrocidades que violam nossos votos e ameaçam a missão dos Guardiões.”

Angelus parecia entediado. “Quais atrocidades você está se referindo, Xavier? Alguém falhou em arquivar um relatório? Perdeu uma chave crescente em uma das bibliotecas Conjuradoras?”

Xavier se endireitou. “Nós não estamos falando sobre chaves perdidas, Angelus. Algo está acontecendo no calabouço embaixo do Registro. À noite eu ouço os gritos, gritos de gelar o sangue que você não pode – “

Angelus dispensou o comentário. “Pessoas tem pesadelos. Nem todos nós podemos dormir abençoadamente como você. Alguns de nós comandam o Conselho.”

Xavier empurrou a cadeira para trás e se levantou. “Eu estive lá embaixo, Angelus. Eu sei o que estão escondendo. A questão é, você sabe?”

Angelus se virou, seus olhos se estreitando. “O que é que você pensa que viu?”

A raiva nos olhos de Xavier era impossível de ignorar. “Guardiões usando poder das Trevas – Conjuros – como se fossem Conjuradores das Trevas. Conduzindo experimentos nos vivos. Eu vi o suficiente para saber que você deve tomar uma atitude.”

Angelus deu as costas á Xavier, encarando a janela que mostrava as vastas montanhas cercando Registro Distante. “Aqueles experimentos, como você os chama, são para a proteção deles. Existe uma guerra, Xavier. Entre Conjuradores da Luz e das Trevas, e os Mortais foram pegos no meio do fogo cruzado.” Ele se virou. “Você os quer ver morrer? Você está preparado para se responsabilizar por essa atrocidade? Seus atos já custaram o bastante, você não concorda?”

“Para sua proteção,” Xavier corrigiu. “É isso que você quer dizer, não é, Angelus? Mortais são apanhados no meio da guerra. Ou você se tornou alguma coisa além de Mortal?”

Angelus balançou a cabeça. “Está claro que não vamos concordar nesse assunto.” Ele começou a falar as palavras de um Conjuro em voz baixa.

“O que você está fazendo?” Xavier apontou para Angelus. “Conjurando? Isso não é certo. Nós somos o equilíbrio – nós observamos e Mantemos registros. Guardiões não cruzam a linha do mundo da magia ou monstros.”

Angelus fechou seus olhos e continuou o encantamento.

A pele de Xavier cauterizou e enegreceu, como se ele tivesse sido queimado.

“O que você está fazendo?” ele chorou.

A cor de carvão se espalhou como uma onda, a pele se endurecendo tornando-se impossivelmente lisa. Xavier gritou, arranhando sua própria pele.

Angelus falou a palavra final do Conjurado e abriu os olhos a tempo de ver os cabelos de Xavier cair em tufos.

Ele sorriu a visão do homem que estava destruindo. “Me parece que você está cruzando a linha agora.”

Os membros de Xavier começaram a se alongar artificialmente, seus ossos se quebrando. Angelus escutou. “Você deveria considerar ter mais simpatia por monstros.”

Xavier caiu de joelhos. “Por favor. Tenha misericórdia..”

Angelus ficou de pé sobre o Guardiã, que estava quase irreconhecível. “Isso é o Registro Distante. Retirado no mundo Mortal e Conjurador. Os votos são as palavras que falo, e as leis aquelas que escolho.” Ele empurrou o corpo devastado de Xavier com sua bota.

“Não há misericórdia aqui.”



A imagem se dissolveu, substituída pelo nevoeiro azul. Por um segundo, eu não me mexi. Parecia que eu tinha acabado de testemunhar a execução de um homem – e ele estava parado bem ao meu lado. O que sobrou dele.

Xavier parecia um monstro, mas ele era um cara legal, tentando fazer a coisa certa. Eu estremei, pensando no que poderia ter acontecido á Marian se Macon e John não tivessem chegado lá a tempo.

Se eu não tivesse feito um acordo com a Lilum.

Ao menos eu sabia o suficiente para não me arrepender do que fiz. Por piores que as coisas estivessem, elas poderiam ter sido bem piores. Eu sabia disso agora.

“Eu sinto muito, Xavier.” Eu não sabia mais o que dizer.

Ele colocou o Terceiro Olho de volta na prateleira. “Isso foi há muito tempo atrás. Mas eu pensei que você deveria saber do que eles são capazes, já que você está tão ansioso para entrar lá. Se eu fosse você, correria para o outro lado.”

Eu me inclinei contra a parede gelada da caverna. “Quem dera eu pudesse.”

“Por que você quer tanto entrar lá?”

Eu tinha certeza que ele não podia pensar num bom motivo. Para mim, um motivo era tudo o que eu precisava.

“Alguém adicionou uma página nas *Crônicas Conjuradoras*, e eu acabei morto. Se eu puder destruir a página – “

Xavier esticou as mãos na minha direção como se fosse me agarrar pelos ombros e chacoalhar algum bom senso para dentro de mim. Mas ele as derrubou antes de me alcançar. “Você tem alguma ideia do que eles vão fazer se eles te pegarem lá dentro? Olhe para mim, Ethan. Eu sou um dos sortudos.”

“Sortudos? Você?” Eu calei minha boca antes de acidentalmente piorar as coisas. Ele era maluco?

“Eles fizeram isso com outros, Mortais e Conjuradores igualmente. É poder das Trevas.” Suas mãos estavam tremendo. “A maioria deles enlouqueceu, deixados para vagar pelos Túneis ou o Outro Mundo como animais.”

Era exatamente assim que Link tinha descrito a criatura que o atacou na noite que Obidias Trueblood morrera. Mas o que Link encontrou não era um animal. Era um homem ou alguma coisa, que tinha sido um homem

uma vez – levado á loucura assim como seu corpo havia sido mutado e torturado.

Eu me sentia doente.

As paredes de Registro Distante estavam escondendo mais que *As Crônicas Conjuradoras*.

“Eu não tenho escolha. Se eu não destruir a página, eu não posso voltar para casa.” Eu quase podia ver sua mente girando. “Tem de haver um Conjuro – alguma coisa no *Livro das Estrelas* ou algum de seus livros que possa me ajudar.”

Xavier enfureceu, apontando um dedo quebrado á centímetros do meu rosto. “Eu nunca deixaria *ninguém* tocar um dos meus livros ou usar eles para Conjurar! Você não aprendeu nada aqui?”

Eu recuei. “Me desculpe. Eu não devia ter dito isso. Eu vou dar um jeito, mas ainda assim tenho que entrar lá.”

Tudo sobre seu comportamento mudou tinha mudado quando eu sugeri usar um Conjuro. “Você ainda não tem nada para oferecer. Eu não posso te mostrar os Portões a menos que você me dê algo em troca.”

“Você tá falando sério?” Mas eu podia dizer por sua expressão que ele estava. “O que diabos você quer?”

“*O Livro das Luas*,” ele disse sem hesitar. “Você sabe onde ele está. É o meu preço.”

“Está no reino Mortal. E se você não percebeu, eu estou morto. E por acaso, Abraham Ravenwood está com ele. Ele não é o que você chamaria de um cara legal.” Eu estava começando a acreditar que conseguir atravessar os Portões seria a parte mais difícil de encontrar meu caminho de volta para casa, isso se sequer fosse possível.

Xavier começou a se mover em direção á fenda na rocha que levava de volta lá para fora. “Eu acho que nós dois sabemos que há formar de contornar isso. Se você quer passar por aqueles Portões, me traga *O Livro das Luas*.”

“Mesmo se eu pudesse pegá-lo, porque eu daria para você o livro mais poderoso do mundo Conjurador?” Eu praticamente berrei. “Como vou saber que você não vai usá-lo para fazer algo terrível?”

Seus naturalmente grandes olhos se arregalaram. “O que pode ser mais terrível do que como eu estou aqui na sua frente agora? Isso é algo pior do que ver seu corpo trair você? Sentir seus ossos quebrarem quando você se mexe? Você acha que eu posso arriscar negociar com o Livro só por fazer?”

Ele estava certo. Você não pode obter qualquer coisa do *Livro das Luas* sem dar nada em troca. Nós todos tínhamos aprendido isso do modo mais difícil. O outro Ethan Wate. Genevieve. Macon e Amma. Lena e eu. O Livro faz a escolha.

“Você pode mudar de ideia. Pessoas se desesperam.” Eu não podia acreditar que estava dando um sermão sobre desespero para um homem desesperado.

Xavier virou para me encarar, seu corpo já parcialmente coberto pelas sombras. “Porque eu sei do que ele é capaz – o que ele pode fazer nas mãos de homens como Angelus – eu nunca vou dizer uma palavra sobre o livro. Eu vou garantir que ele nunca saia dessa caverna, para que ninguém possa também.”

Ele estava dizendo a verdade.

Xavier estava aterrorizado com magia, Luzes ou Trevas.

Tinha destruído ele da pior maneira possível. Ele não queria Conjurar ou exercer nenhum poder sobrenatural. Se alguma coisa, ele queria proteger a si mesmo e outros daquele tipo de poder. Se houvesse algum lugar que *O Livro das Luas* estaria seguro, era aqui – mais seguro que na *Lunae Libri* ou qualquer outra biblioteca Conjuradora por aí. Mais seguro do que escondido nas profundezas de Ravenwood ou enterrado no túmulo de Genevieve. Ninguém nunca o encontraria.

Foi quando eu decidi que iria dar o livro para ele.

Só tinha um problema.

Eu tinha que descobrir como pegá-lo de Abraham Ravenwood primeiro.

Eu olhei para Xavier.

“Quantos objetos poderosos você diria que tem aqui, Xavier?”

“Não importa. Eu disse a você – eles não são para ser usados.”

Eu sorri. “E se eu fosse dizer a você que eu poderia pegar *O Livro das Luas*, mas precisaria da sua ajuda? Sua ajuda e de alguns dos seus tesouros?”

Ele fez uma expressão estranha, torcendo sua boca de um lado para outro. E realmente, realmente esperava que fosse um sorriso.

CAPÍTULO 17

Sombras

“Como chegar lá não era é importante quanto chegar lá.” Eu disse pela quinquagésima vez.

“Para essa Terra de *Stars and Stripes*?” ele perguntou.

“Yeah. Bem, mais ou menos. O escritório, de qualquer forma. Na rua Main.”

Ele confirmou com a cabeça. “Ah, Mainlands. No passado era a Swamp of the Coolers (*marca daqueles refrigeradores de ar*)?”

“Os *swamp coolers*, os refrigeradores? Yeah. Mais ou menos.” Eu assenti.

Eu tentei explicar meu plano para Xavier. Eu não tinha certeza qual foi a última vez que ele esteve no mundo Mortal, mas seja lá quando tenha sido, foi bem antes de refrigeradores e jornais. O que era engraçado, dado que ele gostava tanto de lancheiras, vinhos e doces.

Eu peguei outro livro ancião, abrindo numa nuvem de poeira e possibilidades – e incertezas. Eu estava frustrado, sentado no chão cercado por Pergaminhos Conjuradores no meio dessa estranha criatura das cavernas que me fazia sentir como se estivesse de volta a Biblioteca de Gatlin, no primeiro dia das férias de verão.

Eu tentei pensar. Tinha que ter alguma coisa que pudéssemos fazer. “Que tal Viajar? Podem os Obstinaados usar Conjuros relativos á Incubus?”

Xavier balançou a cabeça. “Acho que não.”

Me inclinei contra uma pilha de livros. Eu estava perto de desistir. Mias uma vez, se Link estivesse aqui, ele me daria um sermão sobre eu ser o Aquaman do mundo Conjurador.

“Um Aquaman morto,” eu disse pra mim mesmo.

“Perdão?”

“Nada,” eu resmunguei.

“Um homem morto?” ele perguntou.

“Você não tem que jogar na cara.”

“Não, é isso. Você não precisa de Conjuros para um Mortal. Você não é mais um Mortal. Você precisa de um Conjuro que funcione para um espírito.” Ele folheou o livro. “Um Conjuro *Umbr*a. Manda uma sombra de um mundo para o outro. É você, a sombra. Deve funcionar.”

Eu pensei sobre isso. Podia ser tão simples?

Eu encarei minha mão, a carne e os ossos dela.

Só se parece com carne e ossos. Você não está realmente aqui, não desse jeito. Você não tem um corpo.

Qual era a maior diferença entre uma sombra e um espírito?

“Eu preciso ser capaz de tocar alguma coisa, apesar disso. Não vai funcionar a menos que eu entregue a mensagem para Lena, e eu vou precisar ser capaz de mexer em alguns papéis.”

Ele inclinou a cabeça, torcendo o rosto em uma careta. Eu torcia para que fosse sua cara de “estou pensando”.

“Você precisa tocar em alguma coisa?”

“Foi isso que eu acabei de dizer.”

Ele balançou a cabeça. “Não, não é. Você disse que precisa mover algumas coisas. É diferente.”

“Faz diferença?”

“Totalmente.” Ele virou mais algumas páginas. “Um Conjuro *Veritas* deve permitir que a verdade apareça. Contanto que você esteja procurando pela verdade.”

“Vai funcionar?”

Eu esperava que ele estivesse certo.



Minutos depois, quaisquer dúvidas que eu tinha sobre Xavier tinham sumido.

Eu estava aqui. Eu não tinha voado através do Grande Rio ou da Grande Barreira, ou por qualquer fenda sobrenatural. Eu não tinha ligado o modo visão-de-corvo. Eu estava aqui, na Main Street, encarando o escritório do *The Stars and Stripes*.

Pelo menos, minha sombra estava.

Eu me sentia o contrário do Peter Pan. Como se a Wendy tivesse descosturado minha sombra de mim ao invés de costurá-la de volta no meu pé.

Eu me movi através da parede e para dentro a escuridão da sala, somente eu estava mais escuro. Eu não tinha um corpo, mas não importava. Eu levantei minha mão – a sombra da minha mão – e pensei nas palavras que Xavier me ensinou.

Eu assisti as palavras na página se remanejarem sozinhas. Eu não tinha tempo para charadas. Sem tempo para jogos, mensagens ocultas.

Minhas palavras eram simples.

Cinco na vertical.

Ler, em Espanhol.

L.I.B.R.O.

Dois na horizontal.

Pertence á.

O.F.

Cinco transversal.

Lunae.

M.O.O.N.S.

Eu abaixei minha mão e desapareci.

Minha última mensagem, tudo que eu tinha a dizer. Lena tinha descoberto como me mandar a pedra do rio, e ela descobriria como me mandar o Livro. Eu esperava. Se não, Macon talvez mandasse.

Se Abraham ainda o tinha e Lena conseguisse pegar o Livro dele.

Só tinha mais uns mil se no meio disso. Eu tentei não pensar neles, e em todas as pessoas envolvidas. Ou no perigo que envolve o *Livro das Luas*

Não podia me dar ao luxo de pensar desse jeito. Eu cheguei até aqui, não cheguei?

Ela o encontraria, e eu encontraria ela.

Era só a Ordem das Coisas que eu me importava.

LIVRO DOIS

Lena

CAPÍTULO 19

Problemas dos Mortais

Às vezes, Link podia ser um idiota de verdade.

“*Libro* o que? *Livro das Luas*? O que isso significa?” Link olhou para mim através do *The Stars and Stripes*, esticando a cabeça. Você pensaria que eu estava levantando o assunto pela primeira vez.

“Três palavras. É um livro, Link. Tenho certeza que você já ouviu falar sobre ele.” Era só o livro que tinha destruído nossas vidas, e de todos os Conjuradores da minha família antes de mim antes do nosso décimo sexto aniversário.

“Não foi isso que eu quis dizer.” Ela parecia magoado.

Eu sabia o que Link queria dizer.

Mas eu não sabia porque Ethan estava pedindo pelo *Livro das Luas* mais do que Link sabia. Então eu só continuei encarando o jornal do meio da cozinha.

Amma estava atrás mim, e ela não disse uma palavra. Ela estava daquele jeito há algum tempo já – desde Ethan. O silêncio era tão errado quanto todo o resto. Era estranho não ouvi-la passeando pela cozinha. Mias estranho do que nós sentados na mesa da cozinha de Ethan tentando decifrar a mensagem que ele tinha deixado nas palavras cruzadas. Eu me perguntava se ele podia nos ouvir ou saber que estávamos aqui.

cercado por estranhos que me amam

(não)estranhos que se tornam estranhos

pela dor

Eu senti meus dedos se contorcendo, procurando uma caneta que não estava ali. Eu lutei contra a poesia. Era um novo hábito. Machucava muito escrever agora. Três dias depois que Ethan partiu, a palavra SEM apareceu, escrita á tinta permanente no meu braço esquerdo. PALAVRAS apareceu no meu direito.

Eu não tinha escrito uma palavra depois disso, não no papel. Parecia muito tempo desde que eu tinha escrito.

Há quanto tempo Ethan tinha ido? Semanas? Meses? Era um borrão, como se o tempo tivesse parado quando ele partiu.

Tudo tinha parado.

Link me encarou de onde ele estava sentado na cozinha. Quando ele desdobrou seu corpo parte-Incubus, ele ocupou a maior parte da cozinha. Tinham braços e pernas por todo canto, como um louva-deus, só que com músculos.

Liv estudou sua cópia das palavras-cruzadas na mesa – recortando e colando eu seu fiel caderno vermelho, coberto de análises feitas á lápis – com John inclinado no seu ombro. O jeito como eles se moviam juntos, você pensaria que não machuca *muito* eles.

Diferente de Conjuradores e Mortais.

Uma humana e um Incubus híbrido. Eles não sabem a sorte que tem. Nada pega fogo quando eles se beijam.

Eu suspirei, resistindo a vontade de jogar um Conjuro da *Discórdia* neles. Estávamos todos aqui. Você pensaria que nada mudou. Só uma pessoa estava faltando.

A que faria tudo diferente.

Eu dobrei minha cópia do jornal, afundando na cadeira ao lado de Liv. “*Livro das Luas*. É tudo o que diz. Eu não sei porque continuo lendo isso. Se eu ler essa coisa mais vezes, eu vou fazer um furo com os meus olhos.”

“Você pode fazer isso?” Link parecia interessado.

Eu torci meus dedos na sua frente. “Talvez eu consiga furar mais que papel. Então não me tente.”

Liv sorriu para mim simpaticamente. Como se a situação pedisse algo como um sorriso. “Muito bem, eu acho que temos que pensar. Essas são três palavras bastante específicas. Então parece que a mensagem está mudando.” Ela soou precisa e lógica, como uma versão inglesa de Marian, como ela sempre soava.

“E?” Link parecia irritado, como sempre ultimamente.

“Então o que está acontecendo... lá?” *Onde Ethan está.* Liv não disse isso. Ninguém queria. Liv puxou as três palavras-cruzadas do seu caderno. “Primeiro, me parece que ele só quer que você saiba que ele está...”

“Vivo? Odeio dizer isso para você – “ Link disse, mas John o chutou por debaixo da mesa; Amma derrubou a frigideira atrás de mim, retinindo até onde Link estava sentado no chão. “Oww.. Você sabe o que eu quero dizer.”

“Por perto,” John corrigiu ele, olhando de Amma para mim. Eu assenti, sentindo as mãos de Amma deslizarem pelo meu ombro.

Eu toquei a mão dela com a minha; seus dedos enrolados firmemente aos meus. Nenhuma de nós queria deixar pra lá. Especialmente agora que era possível que Ethan não tinha partido para sempre. Tinha passado semanas desde que Ethan começou a passar mensagens através do *The Stars and Stripes*. Não importava o que diziam. Todas diziam a mesma coisa pra mim.

Estou aqui.

Ainda estou aqui.

Você não está sozinha.

Eu queria que tivesse um jeito de dizer isso para ele.

Eu apertei mais forte os dedos de Amma. Eu tentei falar sobre isso com ela assim que eu encontrei a primeira mensagem, mas ela só resmungou

alguma coisa sobre um negócio justo era sua bagunça para resolver. Como era o que ela iria fazer, cedo ou tarde.

Mas ela não duvidava de mim. Nem tinha o meu tio, não mais. Na verdade, tio Macon e Amma eram os únicos que realmente acreditavam em mim. Eles entenderam pelo o que eu estava passando, porque eles passaram pela mesma coisa. Eu não sabia se tio Macon algum dia iria superar ter perdido Lila. E Amma parecia estar em maus bocados com Ethan partindo, assim como eu. Eles tinham visto a prova, também. Tio Macon estava lá quando Ethan mandou a primeira palavra cruzada. E Amma sabia que Ethan tinha estado na cozinha da Propriedade dos Wate.

Eu disse em voz alta de novo para todo mundo, pela décima vez. “Claro que ele está por perto. Eu disse pra vocês, ele está indo para algum lugar. Ele tem algum plano. Ele não está apenas sentado lá, esperando no túmulo cheio de terra. Ele está tentando voltar para nós. Tenho certeza disso.”

“Quanta certeza?” Link perguntou. “Você não tem certeza, Lena. Nada é certo, a não ser morte e multas. E quando dizer isso, eu acho que eles estavam falando mais sobre continuar morto do que voltar á vida.”

Eu não entendia porque Link estava tendo tanto problema em acreditar que Ethan ainda estava por ai, que ele podia voltar para casa de novo. Não era Link que era parte Incubus? Ele sabia tão bem quanto todo mundo que coisas estranhas aconteciam por aqui o tempo todo. Por que era tão difícil para ele acreditar que essa coisa estranha em particular podia acontecer?

Talvez perder Ethan foi mais difícil para ele do que para o resto deles. Talvez ele não podia arriscar perder seu melhor amigo de novo, mesmo se fosse só a ideia dele. Ninguém sabia pelo o que Link estava passando.

Exceto eu.

Enquanto Link e Liv voltavam a discutir se o Ethan tinha mesmo partido ou não, eu me peguei escorregando no nevoeiro de dúvidas irritantes que eu me esforçava tanto para tirar da minha cabeça.

Elas só ficavam voltando.

E se toda coisa fosse realmente só minha imaginação, como Reece e Vovó viviam dizendo? E se elas estivessem certas, e só fosse muito duro pra mim aceitar minha vida sem ele? E não era só elas – tio Macon não tentaria qualquer coisa para trazer ele de volta também.

E se fosse real – se Ethan pudesse me ouvir – o que eu diria?

Venha para casa.

Estou esperando.

Eu te amo.

Nada que ele já não soubesse.

Por que me dar ao trabalho?

Eu me recusava a escrever, mas as palavras era até difíceis de pensar agora.

as mesmas palavras de sempre

mesmas como nada

quando nada é o mesmo

Não tinha sentido dizer isso para mim mesma.

John chutou Link de novo, e eu tentei focar no presente. Na cozinha e na conversa. Todas as coisas. Eu podia fazer por Ethan, apesar de todas as coisas que eu sentia por ele.

“Vamos dizer, para o bem do argumento, que Ethan está – por perto.” Liv olhou para Link, que ficou quieto dessa vez. “Como eu disse, parece que ele gasta toda energia tentando nos convencer disso há algumas semanas atrás.”

“Bem quando você mediu o pico de energia em Ravenwood,” John a lembrou. Liv concordou, virando páginas no seu caderno.

“Ou talvez Reece só estava usando o micro-ondas.” Link apontou.

“Que foi na mesma hora que Ethan moveu o botão no túmulo,” eu disse obstinadamente.

“Ou talvez foi só o vento.” Link suspirou.

“Alguma coisa estava realmente acontecendo.” John moveu seu pé para perto de Link, a ameaça a outra seção de bons chutes em Link. Eu pensei sobre lançar um Conjuro *Silentium* nele, mas não me pareceu certo. Mais, conhecendo Link, ia precisar mais do que magia para calar a boca dele.

Liv voltou a examinar os jornais na sua frente. “Mas aí, bem rápido, suas mensagens começaram a mudar. É como se ele tivesse descoberto alguma coisa. O que ele precisava fazer.”

“Para vir pra casa,” eu disse.

“Lena, eu sei que você quer pensar que é isso que está acontecendo.” A voz de Amma estava sombria. “E eu senti o meu menino aqui, assim como você. Mas não sabemos o que está acontecendo. Não há respostas fáceis, não quando se trata de tirar ou colocar alguém do Outro Mundo. Acredite em mim, se tivesse um jeito fácil, eu já teria feito.”

Ela soava tão abatida e cansada. Eu sabia que ela tinha estado trabalhando para trazer Ethan de volta tanto quanto eu. E eu tentei de tudo no começo – tudo e todos. O problema foi fazer Conjuradores da Luz falarem sobre ressuscitar os mortos. E eu não tinha mais o mesmo acesso a Conjuradores das Trevas de antes. Tio Macon tinha vindo por mim no momento eu que pisei no Exílio. Eu suspeitava que ele tinha feito algum tipo de acordo com o barman, um Incubus de Sangue que parecia fazer qualquer coisa se estivesse com sede o suficiente.

“Mas nós não sabemos se não é isso,” eu disse, olhando para Liv.

“Verdade. A suposição lógica seria que independentemente de onde Ethan está, ele estaria tentando voltar.” Liv apagou uma pequena marca na margem da página cuidadosamente. “Para onde você está.” Ela não olhou para mim, mas eu sabia o que ela quis dizer. Liv e Ethan tinham uma história deles, e mesmo Liv tendo achado algo melhor para ela com John,

ela sempre foi muito cuidadosa em como falar sobre Ethan, especialmente para mim.

Ela bateu o lápis. “Primeiro a pedra do rio. Agora *O Livro das Luas*. Ele deve precisar deles para alguma coisa.”

“Um livro extremamente poderoso, nesse lado ou no outro. Um livro como esse seria válido para uma barganha.” Amma esfregou meus ombros enquanto falava, e eu senti um arrepio descendo pela minha espinha.

John olhou para nós duas. “Barganhar para que? Por que?”

Amma não disse nada. Eu suspeitava que ela sabia mais do que estava dizendo, o que normalmente era o caso. Mais, ela não tinha mencionado os Grandes em semanas, o que não era do seu feitio. Especialmente agora que Ethan estava em seus cuidados, tecnicamente falando. Mas eu não tinha ideia do que Amma estava aprontando mais do que tinha do que Ethan estava planejando.

Eu finalmente respondi por nós duas, porque só tinha uma resposta possível: “Eu não sei. Não é como se eu pudesse perguntar a ele.”

“Por que não? Você não pode Conjurar alguma coisa?” John parecia frustrado.

“Não funciona assim.” Eu queria que funcionasse.

“Algum tipo de Conjuuro Revelador?”

“Não há nada com o que Conjurar.”

“Seu túmulo?” John olhou para Liv, mas ela balançou a cabeça. Ninguém tinha resposta, porque nenhum de nós tinha realmente pensado em algo assim antes. Conjurar alguém que nem estava no mesmo plano de existência? Meio que ressuscitar os mortos – o que Genevieve tinha feito para começar toda essa bagunça, pra começo de conversa, e eu tinha feito de novo, mais de cem anos depois – o que qualquer um podia fazer?

Eu balancei minha cabeça. “Faz diferença? Ethan quer o livro, e nós temos que dar um jeito de entregar para ele. Essa é a coisa mais importante.”

Amma estava dentro. “Além do mais, somente um tipo de barganha meu menino poderia fazer lá do outro lado. Somente uma coisa que ele quisesse muito. E isso seria para se trazer de volta para casa de novo, certo como o nascer do sol.”

“Amma está certa.” Eu olhei para eles. “Nós temos que conseguir o Livro para ele.”

Link se sentou direito. “Você tem certeza, Lena? Você tem absoluta certeza, morte-e-impostos certeza, que é Ethan quem tem nos enviado essas mensagens? E se for Sarafine? Ou até Colonel Sander?” Link estremeceu.

Eu sabia o que Link quis dizer. Abraham, em seu terno branco amarrotado e gravata. O diabo em pessoa, pelo menos até onde o Condado de Gatlin sabia.

Este realmente seria o pior dos cenários.

“Não é Sarafine. Eu saberia.”

“Você realmente saberia se fosse ela?” Link esfregou o cabelo, que estava saindo de uma forma diferente mil as direções. “Como?”

Pela janela, eu assisti ao Volvo do Sr. Wate entrando pela rua. Eu sabia que a conversa estava terminada mesmo antes de sentir as mãos de Amma endurecerem no meu ombro. “Sabendo.”

Não saberia?

Eu encarei as palavras cruzadas idiotas como se elas pudessem me dar algum tipo de resposta, quando a única coisa que ela poderia me dizer era que eu não sabia nada.

A porta da frente abriu ao mesmo tempo que a porta dos fundos bateu fechando. John e Liv devem ter desaparecido pelos fundos. Eu me preparei para o inevitável.

“Boa tarde, crianças. Estão esperando pelo Ethan chegar em casa?” Sr. Wate olhou esperançoso para Amma. Link se embaralhou nos próprios pés, mas eu olhei para longe. Eu não podia suportar responder.

Mais do que tudo. Mais do que você sabe.

“Sim, senhor. Esperando não é bem a palavra. Entediado até os ossos sem o Ethan por perto.” Link tentou sorrir, mas mesmo ele parecia prestes a chorar.

“Se anime, Wesley. Eu sinto tanto a falta dele quanto você.” Sr. Wate procurou pelo cabelo espetado de Link, bagunçando-o com uma mão. Então ele abriu a despensa e olhou lá dentro. “Você soube do nosso menino hoje, Amma?”

“Receio que não, Mitchell.”

Sr. Wate parou, congelou no lugar com uma caixa de cereal na mão. “Eu meio que não me incomodo em dirigir até Savannah. Não faz sentido, manter um garoto longe da escola por tanto tempo. Alguma coisa está errada.” Seu rosto anuvio.

Eu foquei meu olhos na alta e delgada figura de Mitchell Wate, como eu vazia tantas vezes desde Ethan morreu. Uma vez que ele estava fixo na minha vista, lentamente eu comecei a recitar as palavras do Conjuro *Oblivio* que Vovó tinha me ensinado a repetir toda vez que eu visse o pai de Ethan.

Ele me encarou, curioso. Meus olhos nem piscaram. Somente meus lábios começaram a se mover, e eu sussurrei as palavras assim que elas se formavam em minha mente.

“Oblivio, Oblivio, Non Abest.

Esquecimento, Esquecimento, Ele Não Se Foi.”

Um bolha se expandiu dentro do meu peito no momento que eu formei o Conjuro, se empurrando através de mim até o pai de Ethan, alcançando o outro lado da sala e o envolveu entorno dela. A sala parecia se expandir e contrair, e eu pensei por um momento que a bolha estava prestes a estourar.

Então eu sento o ar estalar ao nosso redor, e de repente tinha acabado, e o ar era só o ar, e tudo parecia normal novamente.

Tão normal quanto as coisas poderiam ser.

Os olhos do Sr. Wate brilharam e ficaram vidrados. Ele deu de ombros sorrindo para mim, colocando uma mão de volta dentro da caixa de cereal. “Ah, bem, o que se pode fazer? Ele é um bom garoto. Mas se Ethan não voltar logo da casa de Caroline, ele vai ficar para trás quando ele voltar. Nesse ritmo, ele vai ficar fazendo lição de casa durante toda as férias. Você diga a ele isso por mim.”

“Sim, senhor. Eu digo a ele.” Eu sorri, enxugando meu olho antes que alguma coisa parecida com lágrimas pudesse cair dele. “Eu direi da próxima vez que falar com ele.”

Foi quando Amma quase derrubou a frigideira de costeletas de porco no fogão. Link balançou a cabeça.

Me virei e fugi. Eu tentei não pensar, mas as palavras me perseguiram, como uma maldição, como um feitiço.

olhos esquecidos na caixa de cereal,

a máscara quente de um pai

perdido e o último a saber

perdido e o último a amar

último garoto perdido

você não pode ver

nem mesmo uma bolha

uma vez que

estourou

Eu lutei contra as palavras.

Mas você não podia “desestourar” uma bolha.

Até eu sabia disso.

CAPÍTULO 20

Um Pacto com o Diabo

“Isso é loucura pesada. Nós nem temos o estúpido *Livro das Luas*. Você tem certeza que o *The Stars and Stripes* não dizia mais nada?”

Link estava novamente sentado no chão, somente seus pés saindo por debaixo da mesa – dessa vez no estúdio de Macon. Não tínhamos feito nenhum progresso, mas aqui estávamos nós de novo. Nova mesa. Mesmas pessoas. Mesmos problemas.

Só a presença de tio Macon, meio escondido nas sombras tremeluzentes da lareira, mudava a conversa. Isso, e o fato de termos deixado Amma na cozinha da Propriedade dos Wate para ficar de olho no pai de Ethan.

“Não posso acreditar que eu estou realmente falando isso, mas talvez Link tenha razão. Mesmo se todos estiver de acordo – mesmo se soubéssemos que não tínhamos escolha além de levar o *Livro das Luas* para Ethan – ainda assim não importaria. Nós não sabemos onde ele está, e não sabemos como chegar até ele.” Liv disse o que todos nós estávamos pensando.

Eu não disse nada, torcendo meu colar de amuletos entre meus dedos.

Foi Macon quem finalmente respondeu: “Sim. Bem. Essas coisas são difíceis, não impossíveis.”

Link se sentou. “Toda essa coisa de morte, yeah, eu diria que é bem difícil, senhor. Quer dizer, sem ofensas, Sr. Ravenwood.”

“Achar *O Livro das Luas* não está fora de questão, Sr. Lincoln. Tenho certeza que não preciso te lembrar onde nós o vimos pela última vez e quem estava com ele.”

“Abraham.” Todos sabíamos de quem ele estava falando, mas foi Liv quem disse. “Ele o tinha consigo na Décima Sexta Lua, na caverna. E ele o usou para trazer os Tormentos, bem antes da – “

“Da Décima Oitava Lua,” John disse em voz baixa. Nenhum de nós nunca queria falar sobre a noite da torre de água.

Tudo isso só instigou mais Link. “Oh bem. Isso é fácil. Achar o Livro. Que tal nós só encontrarmos o caminho para o buraco de pântano onde Colonel Sander tem vivido pelos últimos duzentos anos, e pedimos a ele muito educadamente se ele não se importaria em entregar um dos seus arrepiantes livros? Para que nosso amigo morto posso usá-lo sabe-se lá como e onde?”

Eu girei meu pulso para Link, irritada. Um faísca voou da grade de fogo, chamuscando a perna dele.

Ele se afastou. “Corta essa!”

“Tio Macon está certo. Não é impossível,” eu disse.

Liv brincou com a tira de elástico que segurava seu caderno fechado – um hábito de ansiedade que indicava que ela estava pensando. “E dessa vez Sarafine está morta. Ele não terá ela para apoiá-lo.”

Tio Macon balançou a cabeça. “Ele nunca precisou dela, eu receio. Não de verdade. Você não pode contar que ele está mais fraco agora do que antes. Não subestime Abraham.”

Liv parecia sombria. “E Hunting e seu bando?”

Macon encarou o fogo. Eu assisti as chamas crescerem mais altas, mudando entre roxo, vermelho e laranja. Eu não podia dizer se meu tio realmente acreditava em mim ou não. Não sabia se ele tinha pensado sequer por um minuto que existia um modo de trazer Ethan de volta.

Eu não me importava com o que ele pensava, contanto que ele estivesse disposto a me ajudar.

Ele me olhou como se soubesse o que eu estava pensando. “Hunting, apesar de estúpido, é um poderoso Incubus. Mas Abraham sozinho é um ameaça formidável. Se medo irá nos deter, nós devíamos considerar que falhamos já agora.”

Link xingou do chão atrás de mim.

Macon olhou para ele pelo ombro. “Isso é, se você está amedrontado.”

“Quem disse alguma coisa sobre isso?” Link estava indignado. “Eu só gosto de um conjunto maior de chances quando eu me jogar em um ninho de cobras.”

“Sou eu.” John se sentou e anunciou isso, como se ele tivesse descoberto as respostas para todos os nossos problemas.

“O que?” Liv se separou dele.

“Eu sou a única coisa que Abraham quer. E a única coisa que ele não pode ter.”

“Não seja idiota.” Link gemeu. “Você soa como a namorada dele.”

“Eu não sou idiota. Eu estou certo. Eu pensei que eu fosse Aquele Que É Dois, e eu pensei que dependia de mim fazer o que... Ethan fez. Mas não era sobre mim. Isso é.”

“Cala a boca,” Link soltou.

O rosto de Macon se torceu em uma careta, seus olhos verdes escurecendo. Eu conhecia aquela expressão muito bem.

Liv assentiu. “Eu concordo. Faça como o seu brilhante irmão Incubus diz. Cala a boca.”

John colocou gentilmente seus braços ao redor dela, como se ele estivesse falando somente com Liv. Mas eu estava pendurada em cada palavra que ele dizia, porque tudo o que ele estava dizendo estava começando a fazer sentido. “Não posso. Não dessa vez. Eu não vou ficar sentado e deixar Ethan levar todas as porradas. Pela primeira vez, eu vou encontrar o que está vindo por mim. Ou *quem*.”

“E é isso?” Liv não olhou para ele.

“Abraham. Se você disser a ele que quer fazer negócios, ele virá por mim. Ele vai me trocar pelo *Livro das Luas*.” John olhou para Macon, que concordou.

Link estava cético. “Como você sabe?”

John sorriu sinistramente. “Ele virá. Confie em mim.”

Macon suspirou, finalmente se virando da lareira para nós. “John, eu aprecio sua honra e coragem. Você é um ótimo jovem homem, mesmo se você tem seus próprios demônios. Todos nós temos. Mas você deve tomar algum tempo para se certificar que esse é um negócio que você está disposto a fazer. É um último curso de ação, nada mais.”

“Estou disposto.” John ficou de pé, como se estivesse pronto para se alistar agora.

“John!” Liv estava furiosa.

Macon mandou ele sentar. “Pense bem. Se Abraham realmente colocar as mãos em você, não é como se fossemos capaz de trazer você de volta para casa, pelo menos não tão cedo. E por mais que eu queira trazer Ethan de volta –” Tio Macon lançou um olhar de volta para mim antes de continuar. “Eu não estou certo que negociar um vida por outra valha a pena, arriscar ser uma posse de Abraham, para nenhum de nós.”

Liv foi para frente de John, como se quisesse o proteger de todos os outros na sala e de tudo mais do mundo. “Ele não precisa de tempo para pensar. É um plano terrível. Absolutamente horrível. O pior plano que já bolamos. O pior dos planos na história dos planos.” Liv estava pálida e tremendo, mas quando ele me viu a olhando, ela parou de falar.

Ela sabia o que eu estava pensando.

Não envolvia John pulando da torre de água de Summerville. Não era o pior dos planos. Eu fechei os olhos.

caindo e não voando
um último tênis lamacento
como os mundos perdidos
entre eu e você

“Eu vou fazer,” John disse. “Eu não gosto mais dele do que nenhum de vocês, mas esse é o jeito como as coisas tem que ser.”

Tudo soava muito familiar. Eu abri meus olhos para ver Liv acometida. Assim que as lágrimas começaram a rolar pelo rosto de Liv, eu senti como se fosse vomitar.

“Não.” Eu me ouvi dizendo antes de perceber o que eu estava dizendo. “Meu tio está certo. Eu não vou fazer você passar por isso, John. Nenhum de vocês.” Eu vi a cor voltando para as bochechas de Liv, e ela afundou na cadeira próxima a ele. “É um plano de última hora. A última chance.”

“A menos que você tenha outro, Lena, eu acho que a terra das últimas chances está bem aqui agora.” John estava sério. Ele tinha feito sua cabeça, e eu o amava por isso.

Mas eu sacudi minha cabeça. “Eu tenho. Que tal a ideia de Link?”

“Link – o que?” Liv parecia confusa.

“Minha o que?” Link coçou a cabeça.

“Nós encontraremos o caminho para o buraco de pântano onde Abraham tem vivido pelos últimos duzentos anos.”

“E pedimos educadamente para ele nos dar o Livro?” Link parecia esperançoso. John me olhou como se pensasse que eu estava tendo um derrame.

“Não. Nós o roubamos, bem educadamente.”

Macon parecia interessado. “Isso presumindo que nós podemos encontrar a casa do meu avô. O estigma obscuro de poder das Trevas que ele exerce exige um estilo de vida secreto, eu receio. Rastrear Abraham não vai ser fácil. Ele se mantém no Underground.” *(Subterrâneo, ao pé da letra)*

Eu olhei firmemente de volta para ele. “Bem, como a pessoa mais inteligente que eu conheço uma vez disse, essas coisas são difíceis, não impossíveis.”

Meu tio sorriu para mim. John balançou a cabeça. “Não olhe para mim. Eu não sei onde o cara mora; eu era só uma criança. Eu me lembro de cômodos sem janelas.”

“Perfeito,” Link rebateu. “Não podem ter muitas dessas por aí.”

Liv deixou suas mãos caírem dos ombros de John.

John encolheu os ombros. “Foi mal. Minha infância é uma grande nuvem negra. Eu fiz o meu melhor para bloquear as coisas.”

Meu tio assentiu, ficando de pé. “Muito bem. Então eu sugiro que vocês comecem não com as pessoas mais inteligente, mas talvez com as mais velhas. Eles podem ter uma ou duas pistas onde vocês podem encontrar Abraham Ravenwood.”

“As pessoas mais velhas? Você quer dizer as Irmãs? Você acha que elas se lembram de Abraham?” Meu estômago ficou tenso. Não era exatamente assustador, mas era difícil entender metade das coisas que elas diziam - quando elas não estavam falando loucuras.

“Se elas não puderem, elas bem podem inventar algo igualmente plausível. Elas são a coisa mais próxima que meu exponencialmente-bisavô tem de contemporâneos. Mesmo que elas forem difíceis, elas são o que eu chamaria de contemporâneas.

Liv assentiu. “Vale a pena tentar.”

Eu fiquei de pé.

“Só uma conversa, Lena,” tio Macon preveniu. “Sem gracinhas. Você não vai começar nenhuma missão de reconhecimento sozinha. Estou sendo perfeitamente claro?”

“Transparente,” eu disse, porque não tinha conversa com ele sobre qualquer coisa que parecia perigosa. Ele tinha estado assim desde Ethan-“.

Desde Ethan.

“Vou com você, para reforços,” Link disse, colocando-se de pé no chão do estúdio. Link, que não conseguia somar dois mais dois, sempre pressentia quando meu tio e eu estávamos para começar uma briga.

Ele sorriu. “Eu posso traduzir.”



Até agora, eu sentia que conhecia as Irmãs tão bem quando minha própria família. Apesar de serem excêntricas, pra dizer o mínimo, elas também eram o melhor exemplo vivo da história que Gatlin tinha a oferecer.

Era assim como as pessoas por aqui diziam.

Quando Link e eu subimos os degraus da Propriedade dos Wate, você podia ouvir a história viva de Gatlin discutindo uma com a outra todo o caminho até a porta de tela, fiel a forma.

“Você não joga fora boas e perfeitas *cut-ler-ee*. Isso é uma vergonha para se chorar.”

“Mercy Lynne. Elas são colheres de plástico. Significa que você deve jogá-las fora.” Thelma estava consolando ela, paciente como sempre. Ele devia ser canonizada. Amma era a primeira a dizer isso toda vez que Thelma resolvia uma das discussões das Irmãs.

“Só porque *algumas pessoas* pensam que são a rainha da Inglaterra, isso não dá o direito á coroa,” tia Mercy respondeu.

Link ficou parado ao meu lado na carandá da frente tentando não rir. Eu bati na porta, mas ninguém pareceu perceber.

“Agora, o que na terra isso significa?” Tia Grace interrompeu. “Quem *algumas pessoas*? Angelina Witherspoon e todas aquelas estrelas nuas –”

“Grace Ann! Você não fale desse jeito, não nessa casa.”

Isso nem fez tia Grace diminuir o ritmo. “ – daquelas revistas sujas que você vive pedindo a Thelma para comprar no mercado?”

“Agora, meninas...” Thelma começou.

Eu bati de novo, mais alto dessa vez, mas era impossível ouvir sob o caos.

Tia Mercy estava gritando. “Isso *significa* que você lava a boa colher igual você lava as colheres ruins. Então você coloca todas elas de volta na gaveta de colheres. Todo mundo sabe disso. Até a rainha da Inglaterra.”

“Não dê ouvidos á ela, Thelma. Ela lava o lixo quando você e Amma não estão olhando.”

Tia Mercy fungou. “E daí se eu lavo? Você não quer os vizinhos falando. Nós somos respeitáveis, pessoas que vão á igreja. Nós não cheiramos como pecadores, e não existem motivos para as latas lá na frente cheirarem diferentes.”

“Exceto elas estarem cheias de lixo.” Tia Grace bufou.

Eu bati na porta mais uma vez. Link tomou o controle da situação, batendo uma vez – e a porta praticamente cedeu, uma dobradiça balançando em direção a varanda.

“Whoops. Desculpe sobre isso.” Ele deu de ombros de envergonhado.

Amma apareceu na porta, parecendo grata pela distração.” As senhoritas tem visitas.” Ela puxou a tela abrindo espaço. As Irmãs olharam de suas mantas afegãs, parecendo amigáveis e educadas, como se não tivessem estado gritando um assassinato sangrento segundos atrás.

Eu sentei na beirada de uma cadeira maciça de madeira, não de deixando muito confortável. Link ficou parado ao meu lado ainda mais desconfortável.

“Reconheço que temos. Boa tarde, Wesley. E quem está ai com você?” Tia Mercy apertou os olhos, e tia Grace deu uma cotovelada nela.

“É a namorada de Ethan. Aquela bonita garota Ravenwood. Aquela que tem sempre o nariz num livro, como Lila Jane.”

“Isso mesmo. Você me conhece, tia Mercy. Eu sou namorada do Ethan, senhora.” Era a mesma coisa que eu tinha dito toda vez que eu vinha aqui.

Tia Mercy pigarreou. “Bem, e se for? O que vocês estão fazendo aqui agora que Ethan se foi e passou para um mundo ou outro?”

Amma congelou no batente da cozinha. “Como é?”

Thelma não tirou os olhos da sua costura.

“Você me ouvia, Senhorita Amma,” tia Mercy disse.

“O-o que?” Eu gaguejei.

“Do que vocês estão falando?” Link mal podia falar.

“Vocês sabem sobre Ethan? Como?” Eu me inclinei para frente na minha cadeira.

“Vocês acham que nós não pegamos um ou duas coisas que estão acontecendo por aqui? Eu não nasci ontem, e somos mais espertas do que você pensa. Nós sabemos o suficiente sobre os Conjuradores, assim como sobre os padrões do tempo, padrões de vestimenta e padrões do trânsito...” Tia Grace enrolou seu lenço, sua voz sumindo.

“E da temporada de pêssego.” Tia Mercy parecia orgulhosa.

“Uma tempestade é uma tempestade. Essa está trabalhando seu caminho através do céu por muito tempo já. Praticamente toda nossa vida.” Tia Grace acenou para sua irmã.

“Me parece que qualquer pessoa com uma cabeça boa tentaria evitar uma tempestade como essa,” Amma se ouriçou, tocando as bardas no cobertor ao redor das pernas de tia Grace.

“Nós não sabíamos que vocês sabiam,” eu disse.

“Deus tenha misericórdia, vocês são ruins como Prudence Jane. Ela pensava que não tínhamos ideia sobre ela perambulando debaixo de todo o Condado. Como não sabíamos que nosso pai escolheu para continuar o mapa. Como se nós mesmas não tivéssemos dito a ele para escolher Prudence Jane. Sempre pensei que ela era aquela que tinha a mão mais firme entre nós três.” Tia Mercy riu.

“Doce Redentor, Mercy Lynne, você sabe que nosso pai teria me escolhido antes de escolher vocês. Eu só disse a ele para te convidar porque eu não gosto do meu cabelo todo enrolado, do jeito que fica no Underground. Parecia um porco-espinho com uma permanente ruim, eu juro.” Tia Grace apontou um dedo ossudo para sua irmã.

“Eu não vou.”

“Por favor, senhora. Senhoras. Nós precisamos da ajuda de vocês. Nós estamos procurando por Abraham Ravenwood. Ele tem uma coisa que é nossa, uma coisa importante. Eu olhei de uma Irmã para a outra.

“Nós precisamos dela para – “ Link se corrigiu. “Para trazer Ethan para casa, vapt-vupt.” Se você passa muito tempo com as Irmãs, começa a falar como elas.

Eu rolei os olhos.

“Por que essa agitação toda?” Tia Grace abanou com seu lenço.

Tia Mercy fungou de novo. “Soa mais como um Conjuro sem sentido para mim.”

Amma levantou uma sobrancelha. “Por que vocês não nos atualizam? Vendo como todos nós gostamos de coisas sem sentido.”

Link e eu trocamos olhares. Ia ser uma longa noite.

Conjuro sem sentido ou não, uma vez que Amma pegou a caderneta das Irmãs, rodas começaram a girar e bocas começaram a mexer. No começo, Amma mal podia escutar o nome de Abraham Ravenwood, mas Link continuou falando.

E falando, e falando.

Ainda assim, Amma não o interrompeu, o que parecia uma meia vitória. Apesar que conversar entre as Irmãs, não parecia nada como a outra metade da vitória.

Com a hora, Abraham Ravenwood foi denunciado como o Diabo, um trapaceiro, um canalha, e ladrão. Ele manteve o pomar de maçã a sudoeste que era foi do pai do pai de seu pai, e agora era seu por direito, e um assento no conselho do condado que era do pai do pai de seu pai, que também agora era seu por direito.

E a cima de tudo isso, elas tinham mais que certeza que ele tinha dançado com o Diabo na Plantação de Ravenwood em mais de uma ocasião, antes dela queimar durante a Guerra Civil.

Quando eu tentei esclarecer, elas não deram nada mais específico que isso.

“Foi isso que eu disse. Ele subiu e dançou com o Diabo. Ele fez um pacto. Não gosto de falar sobre ou pensar sobre ele tão pouco.” Tia Mercy balançou a cabeça tão violentamente, que eu pensei que sua dentadura ia sair descolada da sua boca.

“Vamos dizer que você pensa sobre ele, apesar disso. Onde você imagina ele?” Link tentou de novo, assim como tentamos a noite toda.

Finalmente, foi tia Grace que encontrou o pedaço perdido para a confusa palavra cruzada que as Irmãs consideravam uma conversa.

“Por que?, na sua casa, é claro. Qualquer um com um pingo de bom senso sabe disso.”

“Onde é a casa dele, tia Grace? Senhora?” Eu coloquei minha mão no braço de Link, esperançosamente. Era a primeira frase clara que nós conseguimos dela no que se pareceu horas.

“O lado oculto da lua, eu reconheço. Onde todos os Diabos e Demônios vivem quando não estão queimando lá embaixo.”

Meu coração afundou. Eu nunca ia chegar a lugar nenhum com aquelas duas.

“Ótimo. O lado oculto da lua. Então Abraham está vivo e bem num álbum do Pink Floyd.” *(The Dark Side of the Moon, álbum de 1994: a capa do cd é super famosa, com*

fundo preto e um triângulo com arco íris) Link estava ficando tão mau-humorado quanto eu estava.

“Foi isso que Grace Ann disse. O lado oculto da lua.” Tia Mercy parecia irritada. “ Não sei porque vocês dois estão agindo tanto como rum velho.”

“Onde, exatamente, é o lado oculto da lua, tia Mercy?” Amma se sentou ao lado da tia-avó de Ethan, colocando as mãos da velha no seu colo. “Você sabe. Vamos lá.”

Tia Mercy sorriu para Amma. “É claro que eu sei.” Ela olhou para tia Grace. “Porque papai me escolheu antes de Grace. Eu sei todo o tipo de coisa.”

Então, onde é?” Amma perguntou.

Grace respirou, empurrando o álbum de fotografia na mesa de centro na minha frente. “Pessoas jovens. Agindo como se soubessem de tudo. Agindo como se nós estivessemos a um passo de casa só porque temos um ou dois anos a mais que vocês.” Ela folheou as páginas furiosamente, como se estivesse procurando uma coisa em particular –

O que, pelo visto, ela estava.

Porque lá, na última página, embaixo de uma camélia prensada e uma fita rosa, havia uma caixa de fósforos rasgada. Era de algum bar ou club.

“Eu vou seu cuidadoso,” Link se maravilhou, ganhando um tapa na cabeça de tia Mercy.

Lá estava, marcado com um lua prata.

TO LADO OCULTO D’LUA

NOVA ORLEÃS, O MELHRO 91

O Lado Oculto D’Lua era um lugar.

Um lugar que talvez eu fosse capaz de encontrar Abraham Ravenwood e, eu esperava, *O Livro das Luas*. Se as Irmãs não estivessem completamente loucas, o que era uma possibilidade que nunca podia ser descartada.

Amma deu uma só olhada nos fósforos e saiu da sala. Eu me lembrei da história de Amma visitando um bokor e eu sabia mais que isso para pressioná-la.

Ao invés disso, eu olhei para tia Grace. “Você se importa?”

Tia Grace concordou, e eu o antigo pedaço do fósforo da página do álbum. A maior parte da tinta estava riscada de luas em alto relevo, mas você ainda podia ver a escrita. Nós estávamos indo para Nova Orleães.



Você pensaria que Link tinha resolvido o Cubo de Rubik (*aquele quadrado colorido que você tem que colocar todas as cores iguais na mesma face..* No momento em que entramos no Lata Velha, ele estourou alguma música do Pink Floyd do álbum *The Dark Side of the Moon* e gritava excitadamente a música.

Quando passamos a esquina, eu abaixei o volume e cortei o barato dele. “Me deixe em Ravenwood, sim? Eu preciso pegar uma coisa antes de partir para Nova Orleães.”

“Espera ai. Eu vou com você. Eu prometi pro Ethan que ia manter um olho em você, e eu cumpro minhas promessas.”

“Eu não vou levar você. Vou levar John.”

“John? O que você precisa pegar em casa?” Seus olhos se estreitaram. “Sem chance.”

“Eu não estava pedindo sua permissão. Só pra você saber.”

“Por que? O que ele tem que eu não tenho?”

“Experiência. Ele sabe sobre Abraham, e ele é o Incubus híbrido mais forte no Condado de Gatlin, até onde eu sei.”

“Nós somos iguais, Lena.” As penas de link estavam se eriçando.

“Você é mais Mortal do que John. É isso que eu gosto em você, Link. Mas também faz de você mais fraco.”

“Quem é que você está chamando de fraco?” Link flexionou os músculos. Para ser justa, ele quase rasgava sua camiseta ao meio. Ele era como o Incrível Hulk da Stonewall Jackson High.

“Me desculpe. Você não é fraco. Você é somente três quartos humano. E isso é um pouco humano de mais para essa viagem.”

“Tanto faz. Fique a vontade. Veja se você consegue andar dez metros pelos Túneis sem mim. Você vai voltar lá, implorando por ajuda, antes de eu poder dizer...” Seu rosto estava sem expressão. Um momento clássico do Link. Às vezes, as palavras pareciam voar da sua boca antes que ela pudesse fazer todo o caminho entre seu cérebro e sua boca. Ele finalmente desistiu com um dar de ombros. “Alguma coisa. Alguma coisa realmente perigosa.”

Eu dei um tapinha no seu ombro. “Tchau, Link.”

Link fez cara feia, apertando o acelerador, e nos rasgamos pela rua. Não um rasgão usual para um Incubus, mas de novo, ele era três quartos roqueiro. Do jeito que eu gostava dele – meu Linkubus favorito.

Eu não disse isso, mas eu tinha bastante certeza que ele sabia.

Eu deixei todos os semáforos verdes para ele, todo o caminho até a Rodovia 9. O Lata Velha nunca tinha andado tão bem.

CAPÍTULO 21

Lado Oculto da Lua

Dizer que estávamos indo para Nova Orleães achar um antigo bar – e um mais antigo Incubus – era uma coisa. Achar ele realmente era outra coisa. O que estava no meio dessas duas coisas era convencer meu tio Macon a me deixar ir.

Eu tentei na mesa do jantar, bem depois de a Cozinha ter servido seu prato favorito, antes dos pratos terem desaparecido pela mesa sem fim.

A Cozinha, que nunca se acomodava como você pensaria que uma cozinha Conjuradora faria, parecia saber que isso era importante e fez tudo o que eu pedi e mais um pouco. Quando eu descii as escadas, eu encontrei candelabros e o cheiro de jasmim no ar. Com um estalo de dedos, orquídeas e lírios afloraram através da mesa. Eu estalei eles de novo, e minha vitrola apareceu no canto da sala.

Eu a encarei, e ela começou a tocar Paganini. A favorita do meu tio.

Eu olhei para o meu jeans imundo e a camiseta desbotada de Ethan. Eu fechei meu olhos quando meu cabeça começou a ondular sozinho em uma trança francesa. Quando os abri novamente, eu estava vestida para o jantar.

Um vestido preto simples, um que tio Macon comprou para mim no último verão em Roma. Eu toquei meu pescoço e o colar de prata com uma lua crescente que ele me deu para o baile de inverno apareceu na base da minha garganta.

Pronta.

“Tio M? Hora do jantar – “ Eu chamei alto do hall, mas ele já estava ao meu lado, aparecendo rapidamente como se ele ainda fosse um Incubus e pudesse viajar no espaço e no tempo quando desejasse. Velhos hábitos demoram a morrer.

“Linda, Lena. Eu achei os sapatos um ótimo toque especial.” Eu olhei para baixo e percebi que meu surrado All-Star preto ainda estava nos meus pés. Tanto para se vestir par ao jantar.

Eu dei de ombros e o segui até a mesa.

Filé de robalo com camarão. Rabo de lagosta. Carpaccio. Pêssegos grelhados envoltos em porco. Eu estava sem apetite, especialmente para comida que você só encontra em restaurantes cinco estrelas na Champs-Élysées em Paris – onde tio Macon me levava a qualquer oportunidade – mas ele comeu feliz pela maior parte da hora.

Uma coisa sobre antigos Incubus: eles realmente apreciam comida Mortal.

“O que é isso?” meu tio finalmente disse, entre uma garfada de lagosta.

“O que é o que?” eu descansei meu garfo na mesa.

“Isso.” Ele gesticulou para a variedade de bandejas de prata entre nós, puxando a tampa de uma delas, com ostras apimentadas. “E isso.” Ele olhou apontando com os olhos a vitrola, tacando suavemente. “Paganini, claro. Sou mesmo assim tão previsível?”

Eu evitei seus olhos. “Se chama jantar. Você come ele. E pelo o que parece você não está tendo problemas com isso, por acaso.” Eu peguei um ridículo garrafão de água – onde a Cozinha achou isso nos nossos talheres, eu nunca vou saber – antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa.

“Isso não é jantar. Isso é, como Mark Antony diria, uma tentadora mesa de traição. Ou talvez perfídia.” Ele engoliu outra porção de lagosta. “Ou talvez ambos, se Mark Antony fosse fã de aliteração.”

“Sem traição.” Eu sorri. Ele sorriu de volta, esperando. Meu tio era muitas coisas – um esnobe, para começar – mas ele não era um tolo. “Somente um simples pedido.”

Ele descansou sua taça de vinho pesadamente sobre a toalha de mesa de linho. Eu estalei os dedos, e a taça se encheu sozinha.

Uma garantia, eu pensei.

“Absolutamente não,” disse tio Macon.

“Eu ainda não te pedi nada.”

“O que quer que seja, não. O vinho prova isso. A última gota. A pena de faisão final do provérbio de camas fofas de penas.”

“Então você está dizendo que Mark Antony não é o único fã de aliteração?”

“Chega com isso. Agora.”

Eu puxei a capa do fósforo para fora do meu bolso e a empurrei através da mesa para que ele pudesse vê-la.

“Abraham?”

Eu concordei.

“E isso é em Nova Orleães?”

Eu concordei de novo. Ele me devolveu o fósforo, enxugando a boca com o guardanapo de linho. “Não.” Ele voltou para o vinho.

“Não? Foi você quem concordou comigo. Foi você quem disse que poderíamos encontrá-lo nós mesmos.”

“Eu disse. E eu vou encontrá-lo enquanto você permanece trancada seguramente no seu quarto, como a boa menina que você deve ser. Você não vai para Nova Orleães sozinha.”

“Nova Orleães é o problema?” Eu estava chocada. “Não o seu ancião-porém-mortal Incubus ancestral que tentou matar todos nós em mais de uma ocasião?”

“Isso e Nova Orleães. Você avó não saberá sobre isso, mesmo se eu dissesse sim.”

“Ela não saberá sobre isso? Ou ela *não deve* saber sobre isso?”

Ele levantou uma sobrancelha. “Perdão”?

“E se ela somente não ficar sabendo sobre isso? Desse jeito não é um problema.” Eu coloquei meus braços em torno do meu tio. Por mais brava que ele me deixava, e por mais irritante foi ele ter subornado todos os barmen do Underground e me deixou de castigo por causa das perseguições perigosas, eu o amava, e adorava que ele me amasse o tanto quanto ele amava.

“Que tal não?”

“Que tal já que ela vai ficar com tia Del e todo mundo em Barbados até a próxima semana, então isso nem seria um problema.”

“Que tal ainda não?”

Naquele ponto, eu desisti. Era difícil continuar brava com tio Macon. Mesmo impossível. Saber o que eu sentia sobre ele era a única maneira de eu entender o quanto foi difícil para Ethan viver separado de sua mãe.

Lila Evers Wate. Quantas vezes o caminho dela tinha cruzado o meu?

*nós amamos o que amamos e quem
nós amamos quem amamos e por que
um cadarço amarrado caindo
entre os dedos de estranhos*

Eu não queria pensar sobre isso, mas eu esperava que fosse verdade. Eu esperava que onde é que Ethan estivesse, ele estava com ela agora.

Ao menos dar isso á ele.



John e eu partimos assim que a manhã raiou. Nós precisamos sair cedo, já que íamos pegar o caminho mais longo – os Túneis, ao invés de Viajar,

apesar que se eu permitisse, John poderia facilmente nós levar lá em um piscar de olhos.

Eu não me importava. Eu não permitiria. Eu não queria me lembrar das outras vezes que eu deixei John me levar – todo o caminho até Sarafine.

Então fizemos do meu jeito. Um Conjuro *Resonatia* lançado na minha vitrola pronta para tocar enquanto eu partia. Não funcionaria para sempre, mas talvez me desse tempo o suficiente.

Eu não disse ao meu tio que estava indo. Eu só fui. Tio Macon ainda dormiria pela maior parte do dia, velhos hábitos sendo o que são. Eu achava que teria pelo menos seis boas horas antes de ele notar minha ausência. O que significa, antes de ele surtar e vir atrás de mim.

Uma coisa que percebi no último ano é que tinham algumas coisas que ninguém podia dar permissão para você fazer. Ao mesmo tempo, não significava que você não pudesse ou devesse fazê-las – principalmente quando se tratava das coisas grandes, como salvar o mundo, ou viajar pela fenda sobrenatural entre realidades, ou trazer seu namorado morto dos mortos.

Às vezes você tinha que tomar as rédeas. Pais – ou tios que são a coisa mais próxima que você tem de pais – não estão equipados para lidar com isso. Porque nenhum pai respeitável nesse mundo ou qualquer outro iria sair do caminho e dizer, “Claro, arrisque sua vida. O mundo está em jogo aqui.”

Como eles poderiam dizer isso?

Esteja de volta para o jantar. Espero que você não morra.

Eles não podiam fazer isso. Você não podia culpá-los. Mas não significava que você não devesse ir.

Eu tinha que ir, não importava o que tio Macon dissesse. Foi isso que eu disse a mim mesma, de qualquer forma, quando John e eu entramos nos Túneis por baixo de Ravenwood. Onde, na escuridão, podia ser qualquer hora do dia ou ano – qualquer século, em qualquer lugar do mundo.

Os Túneis não eram a parte assustadora.

Mesmo passando um tempo sozinha com John – algo que eu não tinha feito desde que ele me enganou e me arrastou para a Grande Barreira na minha Décima Sétima Lua – não era o problema.

A verdade era que Tio Macon estava certo.

Eu estava com mais medo da *Doorwell* que estava na minha frente e sobre o que eu encontraria do outro lado. A antiga *Doorwell* que trouxe luz inundando até onde eu estava parada e esperando no Túnel Conjurador. A que marcava NOVA ORLEÃS. O lugar onde Amma tinha basicamente feito um pacto com a magia mais negra no universo.

Eu estremei.

John olhou para mim, sua cabeça inclinada. “Por que você está parando aqui?”

“Nenhum motivo.”

“Você está com medo, Lena?”

“Não. Por que eu estaria com medo? É só uma cidade.” Eu tentei colocar todos os pensamentos sobre magia negra de bokor e vodus para fora da minha cabeça. Só porque Ethan tinha seguido Amma em más ocasiões lá não significava que eu iria encontrar a mesma Escuridão. Pelo menos não o mesmo bokor.

Eu ia?

“Se você pensa que Nova Orleães é só uma cidade, então você tem outra coisa vindo.” A voz de John estava baixa e eu não podia ver seu rosto na escuridão dos Túneis. Ela soava enquanto falava do modo como eu estava me sentindo.

“Do que é que você está falando?”

“A cidade Conjuradora mais poderosa do país – a maior convergência de poder da Luz e das Trevas nos tempos modernos. Um lugar onde tudo pode acontecer, a qualquer hora do dia.”

“Em um bar de cem anos de idade para Supernaturais de duzentos anos de idade?” O qual assustador isso podia ser? Ao menos era o que eu tentava dizer a mim mesma.

Ele deu de ombros. “Pode muito bem começar aqui. Conhecendo Abraham, não vai ser tão fácil encontrá-lo quando nós pensamos.”

Nós começamos a subir a escada, para dentro da brilhante luz do dia que nos levaria para o Lado Oculto D’Lua.



A rua – uma fileira de bares surrados, enfiados entre mais bares surrados – estava deserta, o que fazia sentido, considerando que ainda era cedo. Se parecia com todas as outras ruas que vimos desde que a *Doorweel* nos trouxe para a famosa French Quarter em Nova Orleães. As grades de ferro forjado estavam em cada varanda e ao longo de cada edifício, até mesmo curvando-se em torno das esquinas. Na luz da manhã gritante, a pintura desbotada nas casas era brancas claríssimas e descamadas. A rua tinha lixo enfileirado na frente das casas, lixo amontoado em cima mais lixo, a única evidência restante da noite anterior.

“Eu odiaria ver como isso aqui se parece na manhã depois do Mardi Gras (*Carnaval de Nova Orleães*),” eu disse, olhando entre a montanha de lixo que estava entre mim e a calçada. “Me lembra de nunca ir a um bar.”

“Eu não sei. Nós tives bons momentos lá no Exílio. Você, eu e Rid, causando problemas na pista de dança.” John sorriu e eu enrubesci, me lembrando.

braços ao meu redor

dançando, apressada

o rosto de Ethan

pálido e preocupado

Eu balancei minha cabeça, deixando as palavras para trás. “Um buraco no subterrâneo para párias Supernaturais não era do que eu estava falando.”

“Ah, vamos lá. Nós não éramos exatamente párias. Bem, você não era. Rid e eu provavelmente nos encaixávamos.” Ele me empurrou de brincadeira em direção a porta.

Eu o empurrei de volta, não muito de brincadeira. “Pára com isso. Isso foi há milhões de anos atrás. Talvez dois milhões. Eu não quero pensar sobre isso.”

“Fala sério, Lena. Eu estou feliz. Você está –“

Eu disparei um olhar para ele, o cortando. “Você vai ser feliz de novo, eu prometo. É por isso que estamos aqui, não é?”

Eu olhei para ele, parado ao meu lado no meio da rua em frente ao French Quarter tão cedo na manhã, me ajudando a encontrar um não-tanto-homem que John odiava mais que outra pessoa no universo. Ele tinha mais razão para odiar Abraham Ravenwood do que eu. E ele não estava dizendo uma palavra sobre o que eu estava fazendo ele fazer.

Quem pensaria que John ia acabar sendo um dos melhores caras que eu já conheci? E quem pensaria que John se voluntaria a arriscar sua vida para trazer de volta o amor da minha?

Eu sorri para ele, apesar que sentir como se pudesse chorar. “John?”

“Yeah?” Ele não estava prestando atenção. Ele estava olhando para cima para os letreiros dos bares, provavelmente se perguntando de onde ele tiraria coragem para entrar em qualquer um deles. Todos pareciam ser muito frequentados por serial killers.

“Me desculpe.”

“Huh?” Agora ele estava escutando. Confuso, mas escutando.

“Sobre isso. Que você teve que ser envolvido. E se você não quisesse ser – eu digo, se nós não encontrarmos o Livro – “

“Nós vamos encontrá-lo.”

“Eu só estava dizendo, eu não vou culpar você se você não quiser levar isso a diante. Abraham e tudo mais.” Eu não suportava fazer isso com ele. Não com ele e nem Liv – não importava o quanto tinha acontecido entre nós. Não importava o quanto ela tinha acreditado que amava Ethan.

Antes.

“Nós vamos encontrar o Livro. Vamos lá. Para de falar como louca.” John chutou fazendo uma clareira na pilha de lixo, e nós fizemos nosso caminho através de garrafas de cerveja vazias e guardanapos sujos até a calçada.

Quando nós andamos metade do quarteirão, nós estávamos olhando através de todas as portas para ver se tinha alguém lá dentro. Para minha surpresa, tinham pessoas se escondendo dentro da marcenaria – literalmente. Se abaixando embaixo das portas. Varrendo o lixo da sobremesa nos becos sombreados. Mesmo algumas silhuetas nos balcões vazios.

O French Quarter não era tão diferente do mundo Conjurador, eu percebi. Ou do Condado de Gatlin. Tinha um mundo dentro de um mundo, escondido em plena vista.

Você só tinha que saber onde olhar.

“Lá.” Eu apontei.

O LADO OCULTO DA LUA

Um sinal de madeira com as palavras balançava para frente e para trás, pendurado por duas correntes velhas. Ela guinchava quando era movida pelo vento.

Mesmo que não estivesse ventando.

Eu fiquei vesga com a brilhante luz da manhã, tentando ver através das sombras a porta de entrada.

O Lado Oculto não era diferente dos outros bares desertos da vizinhança. Mesmo da rua, eu podia ouvir vozes ecoando através da pesada porta.

“Pessoas estão aí dentro tão cedo? John fez uma careta.

“Talvez não seja cedo. Talvez seja tarde se você for um deles.” Eu troquei olhares com um homem carrancudo que estava encostado contra o batente da porta tentando acender um cigarro. Ele murmurou consigo mesmo e olhou para longe.

“Yeah. Bem tarde.”

John balançou sua cabeça. “Você tem certeza que esse é o lugar certo?”

Pela quinquagésima vez, eu segurei a caixa de fósforos para ele. Ele segurou a capa, comparando o logo com a placa. Eles eram idênticos. Até a lua crescente esculpida na placa de madeira era uma duplicata exata da que estava impressa nos fósforos na mão de John.

“E eu estava esperando que a resposta fosse não.” Ele me devolveu a caixa de fósforos.

“Quem dera,” eu disse, tirando um pedaço de guardanapo sujo das minhas botas.

Ele piscou para mim. “Primeiro as damas.”

CAPITULO 22

Pássaro numa Gaiola Dourada

Demorou algum tempo para meus olhos se acostumarem a luz escura, e mais tempo ainda para o resto de mim se acostumar ao fedor. Cheirava como dever e ferrugem e cerveja velha – qualquer coisa velha. Através das sombras, eu podia ver uma fileira de pequenas mesas e um alto bar de bronze, quase tão alto quanto eu. Garrafas estavam enfiadas nas prateleiras até o teto – tão altas que parecia que o lustre de vidro estava preso em nenhum lugar.

Poeira cobria todas as superfícies e cada garrafa. Até rodopiava pelo ar, nos poucos lugares onde os raios de luz entravam pelas janelas quebradas.

John me cutucou com o cotovelo. “Não existe algum tipo de Conjuramento que impeça nossos narizes de trabalhar? Como um Conjuramento *Stinkus Lessus?*”
(algo como *Feder Menos*)

“Não, mas eu consigo pensar em alguns Conjuramentos *Shutus Upus* (algo como *Cala a Boca*) que talvez se apliquem para esse momento.”

“Temperamental, Garota Conjuradora. Você deveria ser da Luz. Você sabe, uma dos caras do bem.”

“Eu quebrei os padrões, se lembra? Na minha Décima Sétima Lua, quando eu fui Invocada para Luz e Trevas?” Eu lhe lancei um olhar sério. “Não se esqueça. Eu tenho meu lado Negro.”

“Estou com medo.” Ele sorriu.

“Você devia estar. Com muito.”

Eu apontei para a placa espelhada nos painéis atrás dele. A silhueta de uma mulher estava pintada ao lado de uma fileira de palavras. “‘Lábios que tocam o licor não devem tocar os nossos.’” Eu balancei a cabeça. “Claramente não é o slogan das líderes de torcida da Jackson.”

“O que?” John olhou para cima.

“Eu aposto que esse lugar é usado para ilegalidades. Um bar escondido durante a Proibição. Nova Orleães provavelmente estava cheio deles.” Eu olhei ao redor do cômodo. “Isso significa que tem que ter uma outra sala, certo? Uma cômodo atrás desse cômodo.”

John concordou. “Claro. Abraham nunca ficaria onde qualquer um pudesse entrar em seu esconderijo, não importa onde ele seja. Era uma coisa que todas nossas casas tinham em comum.” Ele olhou ao redor. “Mas eu não me lembro de um lugar como esse.”

“Talvez fosse antes do seu tempo, e ele voltou aqui porque era um lugar onde ninguém vivo atualmente poderia encontrá-lo,”

“Talvez. Mas ainda assim, alguma coisa parece fora do lugar aqui.”

Então eu ouvi uma voz familiar.

Não. Uma risada familiar, doce e sinistra. Não tinha nada igual no mundo.

Ridley? É você?

Eu falei através de Kelt, mas ela não me respondeu. Talvez ela não tivesse ouvido, ou tinha se passado muito tempo desde que nós tínhamos nos conectado de qualquer forma relevante. Eu não sabia, mas tinha que tentar.

Eu subi correndo as escadas de madeira no fundo do bar. John estava somente alguns passos atrás de mim. Assim que cheguei á sala no final da escada, eu comecei a bater na parede da onde eu pensava que tinha vindo sua voz, bem a cima das pilhas de caixotes e caixas de garrafas. A parede do depósito era oca e claramente tinha alguma coisa atrás dela.

Ridley!

Eu precisava dar uma olhada melhor. Eu empurrei uma pilha de caixotes para fora do caminho. Eu fechei os olhos e me permitir subir alto no ar, até que eu flutuei paralelamente com a janela. Eu abri os olhos, pairando por um momento. O que eu vi era tão surpreendente que me atingiu em cheio até o chão.

Eu podia jurar que tinha visto minha prima e uma imensa quantidade de maquiagem e o que parecia um flash de ouro. Ridley não era perigosa. Ela provavelmente estava descansando por aqui, pintando as unhas. Chupando um pirulito, tenho o melhor momento da vida dela.

Oi isso, ou eu estava alucinando.

“Eu juro, Rid. Se você é realmente tão louca, se você realmente for tão das Trevas, eu vou enfiar esse pirulito por sua goela abaixo, uma bola de açúcar de cada vez.”

“O que?”

Eu sinto os braços de John atrás de mim, me puxando de volta para o chão.

Eu aponte para a parede. “É a minha prima. Ela está do outro lado dessa parede.” Eu bati na parede á cima da pilha mais próxima de caixotes.

“Não. Não, não, não – “ Ele começou a recuar, como se apenas a menção da minha prima fosse acabar com ele.

Eu senti minhas bochechas ficando vermelhas. Ela era minha prima e eu queria matar ela. Ainda assim, ela era *minha* prima, e *eu* era a única que queria matá-la. Era um assunto de família. Nada que John precisasse se preocupar. “Olha, John, eu preciso chegar até ela.”

“Você perdeu a cabeça?”

“Provavelmente.”

“E se ela estiver andando com Abraham, ela não vai a lugar nenhum. E nós não queremos que ele descubra que estamos aqui até descobrirmos como pegar aquele Livro.”

“Eu não acho que ele está lá,” eu disse.

“Você não *acha*, ou você não *sabe*?”

“Se ele estivesse lá, você não sentiria alguma coisa? Eu achei que vocês dois eram conectados de alguma forma. Não foi desse jeito que ele fez lavagem cerebral em você ou seja lá o que foi aquilo?”

John parecia nervoso e eu me senti culpada por falar aquilo. “Eu não sei. É possível.” Ele olhou para a janela no alto. “Ok. Você vai até lá e vê qual é o problema da Ridley. Eu vou manter um olho por aqui em Abraham e certificar que ele não volte enquanto você está lá dentro.”

“Obrigada, John.”

“Mas não seja idiota. Se ela tiver ido muito para as Trevas, ela está muito das Trevas. Você não pode mudar Ridley. Isso é uma coisa que todos aprendemos da pior maneira.”

“Eu sei.” Eu provavelmente sabia melhor que ninguém, exceto talvez Link. Mas lá no fundo, e também sabia melhor que ninguém o tanto que minha prima era como qualquer outra pessoa. O quanto ela queria se encaixar e ser amada, ter amigos, e ser feliz – assim como o resto de nós.

O quão das Trevas uma pessoa como essa podia ser?

Nova Orleans não tinha nos mostrado que o preço tinha sido pago – Ethan garantiu que ele tinha pago – e que essas coisas não eram tão simples quanto pensávamos que era?

Eu não me Invoquei para as Trevas e para a Luz?

“Você tem certeza que vai ficar bem lá dentro?”

Isso é realmente diferente para outras pessoas? Até mesmo Ridley? Especialmente Ridley?

John me cutucou. “Terra para Lena. Só faça algum tipo de barulho para que eu saiba que você me ouviu, antes que eu jogue você para os leões.”

Eu tentei me focar. “Vai. Estou bem.”

“Cinco minutos. É tudo o que você tem,” ele disse.

“Saqueei. Eu só preciso de quatro.”

Ele desapareceu e eu estava sozinha para lidar com a minha prima. Trevas ou Luz. Bom ou mau. Ou talvez somente alguma coisa no meio.

Eu precisava olhar melhor. Eu peguei um barril de vinho, puxando-o sobre o espaço embaixo da janela que estava cortada na parede. Eu escalei o barril vacilante, ameaçadoramente até seu topo, mas eu consegui me equilibrar.

Eu ainda não podia ver.

Oh, fala sério.

Eu fechei meu olhos e torci as mãos no ar próximo a mim, me empurrando em direção ao teto. A luz na sala começou a cintilar.

É isso.

Eu não era muito de voar, mas isso era mais como flutuar. Eu subi, balançando, até minhas botas estarem pairando alguns centímetros do barril.

Só mais um pouquinho. Eu precisava de uma boa olhada para saber se minha prima estava realmente sozinha, se ela tinha se juntado ao Incubus mais das trevas vivo e que nunca voltaria para casa comigo.

Uma última olhada.

Eu me empurrei, mal nivelada com a pequena janela.

Foi quando eu vi as barras descendo do teto ao redor de Ridley. Era como uma prisão de ouro. Literalmente uma gaiola dourada.

Eu não podia acreditar. Ridley não estava descansando numa chaise no luxuoso lugar de Abraham. Ela estava presa.

Ela se virou e nos olhos se prenderam. Rid saltou em pé, sacudindo as barras na sua frente. Por um instante, ela parecia como uma Sininho problemática, com muito rímel escorrendo pelo rosto, com muito gloss vermelho borrado.

Ela tinha andado chorando, ou pior. Seus braços pareciam machucados, especialmente ao redor dos pulsos. Eles foram marcados por algum tipo de cordas ou correntes. Algemas, talvez.

O cômodo ao redor dela claramente pertencia a Abraham – ao menos era o que eu pensava, considerando que ele parecia o dormitório de um cientista maluco, com uma cama de solteira ao lado de uma estante de livros quebrada. Uma mesa alta de madeira esta coberta com equipamentos técnicos. O lugar poderia ter pertencido a um Químico. Mais estranho, os dois lados da janela não pareciam ser simétricos, em termos de espaço físico. Olhando através da janela era como olhar através de um telescópio sujo, e eu não sabia dizer ao certo aonde o outro lado terminava. Conhecendo Abraham, podia ser em qualquer lugar no universo Mortal.

Mas isso não importava. Era Ridley ali. Era terrível ver qualquer um daquele jeito, mas para a minha prima descuidada, era especialmente cruel.

Eu senti meu cabelo começar a encaracolar com a familiar brisa Conjuradora.

“Auræ Aspirent

Ubi tueor, ibi adeo.

Deixe o vento sobrar

Onde eu vejo que vou.”

Eu comecei a torcer no nada. Eu senti o mundo se esvaindo sobre mim, e quando eu tentei alcançar meus pés para tocar o chão sólido, e percebi que estava parada ao lado de Ridley.

Do lado de fora da gaiola dourada.

“Prima” O que você está fazendo aqui?” ela chamou por mim, lançando suas longas unhas rosas através do espaço entre as barras.

“Acho que posso dizer o memos para você, Rid. Você está bem?” Eu me aproximei das barras com cuidado. Eu amava minha prima, mas eu não

podia esquecer tudo o que tinha acontecido. Ela escolheu as Trevas e nos abandonou – Link, eu, todos nós. Era impossível saber em que lado ela estava agora.

Sempre.

“Acho que é um pouco óbvio, não acha? Ela soltou. “Eu já estive melhor.” Ela soltou as barras. “Muito.”

Rid se sentou de volta e começou a chorar, como se ambas fossemos crianças de novo e alguém feriu seus sentimentos no parquinho. O que não acontecia muito, e se acontecia, era normalmente eu que chorava.

Rid sempre tinha sido a mais forte.

Vai ver era por isso que as lágrimas dela chegaram para mim agora.

Eu deslizei pelo chão na frente dela, pegando sua mão através das barras. “Sinto muito, Rid. Eu estava com tanta raiva quando você não voltou quando Ethan – agora que Ethan – “

Ela não me olhou. “Eu sei. Eu soube. Eu me senti horrível. Foi aí que tudo aconteceu. Abraham estava furioso, e eu só piorei as coisas quando eu cometi o erro de tentar partir. Eu só queria ir para casa. Mas ele estava tão furioso que me jogou aqui. “Ela balançou a cabeça como se quisesse espantar a memória.

“Eu falei sério, Rid. Eu devia ter sabido que você teria vindo a não ser que algo estivesse impedindo você.”

“Tanto faz. Mais água embaixo de outra ponte.” Ela limpou os olhos, borrando ainda mais o rímel. “Vamos explodir esse lugar antes que Abraham volte, ou você vai ficar presa aqui comigo pelos próximos duzentos anos.”

“A onde ele foi?”

“Eu não sei. Normalmente ele passa o dia no seu medonho laboratório de criaturas. Mas não tem como saber por quanto tempo ele saiu.”

“Então é melhor andar logo com isso.” Eu olhei ao redor. “Rid, você viu o Abraham com *O Livro das Luas*? Ele está aqui?”

Ela balançou a cabeça. “Você tá de brincadeira? Eu não chegaria a dez quilômetros perto daquela coisa, não depois do jeito que ele ferrou todo mundo que tocou nele.”

“Mas você o viu?”

“Sem chances. Não aqui. Se Abraham ainda o tiver, ele não é idiota o suficiente para manter o livro com ele. Ele é o demônio, mas não é estúpido.”

Meu coração afundou.

Ridley balançou as grades de novo. “Se apresse! Eu estou realmente presa. Conjuro Protetor, é como eu chamo. Eu estou enlouquecendo aqui...”

Então eu ouvi um terrível estrondo e a pilha de equipamentos sendo derrubada no chão. Vidros e madeira quebrados voaram para todo lugar – como se eu tivesse chateado o projeto de ciências de Abraham. Uma espécie de gosma verde brilhante se espalhou no meu cabelo.

Gritos.

Tio Macon estava tentando se desvencilhar de John Breed, que tinha um pé preso nos restos de uma caixa de madeira.

“Onde estamos?” Tio M encarou a gaiola em descrença; “Que tipo de lugar doentio é esse?”

“Tio M?” Ridley aprecia aliviada assim como confusa. “Você está Viajando?”

“Eu encontrei ele lá na frente,” John disse. “Ela não queria me deixar ir. Então quando tentei voltar, ele meio que pegou uma carona.” John devia ter visto meu rosto, porque ele ficou na defensiva. “Hey, não me olhe assim. Eu não estava exatamente planejando trazer nenhuma carona indesejada.”

Tio Macon encarou John, que o encarou de volta.

“Lena Duchannes!” Meu tio parecia mais bravo do que eu já tinha visto. Gosma verde escorria do seu impecável terno. Ele olhou de Ridley para mim, então apontou par nós duas. “Vocês duas. Saiam daí nesse instante.”

Eu peguei a mão de Ridley e murmurei o *Aurae Aspirant* enquanto tio Macon batia seu pé impaciente. Um segundo depois, meu tio e eu reaparecemos do lado de fora da gaiola.

“Tio Macon,” eu comecei.

Ele levantou sua luva branca. “Não. Nem uma palavra.” Seu olhos piscaram e eu sabia que era melhor não continuar falando. “Agora. Vamos focar no que viemos fazer aqui, enquanto ainda temos tempo para fazê-lo. O Livro.”

John já tinha começado a abrir caixas, procurando nas prateleira pelo *Livro das Luas*. Eu e tio Macon nos juntamos á ele, procurando até termos olhado em todos os possíveis esconderijos. Ridley sentou emburrada em um caixote, não facilitando as coisas – mas também sem prejudicar nada. O que eu tomei como um bom sinal.

Pelo o que eu pude ver, Abraham Ravenwood parecia ser a resposta Conjuradora do Dr. Frankenstein. Eu não pude reconhecer muito mais além de um ocasional maçarico ou béquer, e eu tinha feito química na escola. E do jeito que tio Macon e John estavam destruindo o quarto, ia parecer que nossa busca tinha sido chefiada pelo monstro do Frankenstein.

“Não está aqui,” John disse finalmente desistindo.

“Então nem nós.” Tio Macon se endireitou em seu casaco. “Casa, John. Agora.”

Viajar era uma coisa. A velocidade com que John conseguiu nos levar para casa – sem nenhum outra palavra de tio Macon – era outra. Eu me vi fora do esconderijo de Abraham e de volta meu quarto antes que Ridley pudesse limpar o rímel borrado do seu olhos de guaxinim.

A vitrola ainda estava tocando Paganini quando eu cheguei.

CAPÍTULO 23

Dar-ee Keen

O dia seguinte estava chovendo, e o Dar-ee Keen tinha tantas goteiras que parecia que finalmente ia desistir. Mais depressivo, tio Macon nem se importou em me castigar. Aparentemente a situação era desesperançosa o suficiente sem ele me trancar no meu quarto. O que era bastante esperançoso.

Chuva caía por todo o lado no Dar-ee Keen, lá dentro e lá fora. A água escorria pelo teto, fazendo as luminárias zinjarem. Elas desciam pelas paredes como uma lenta mancha de lágrimas de baixo da fotografia torta do Funcionário do Mês —á vista daquilo, para um membro da equipe de torcida da Stonewall Jackson, é claro, todos se pareceriam ser a mesma pessoa.

Não tinha mais ninguém que valesse chorar. Não mais.

Eu olhei ao redor do quase vazio restaurante, esperando por Link aparecer. Ninguém estava lá fora em um dia como esse, nem mesmo as moscas. Eu não podia culpá-las.

“De verdade, você não poderia parar com isso? Estou cansado da chuva, Lena. E eu cheiro como um cachorro molhado.” Link apareceu de lugar nenhum, deslizando do lado oposto do gabinete. Ele parecia um cachorro molhado.

“Esse cheiro não tem nada a ver com a chuva, meu amigo.” Eu sorri. Diferente de John, Link era aparentemente humano o suficiente para que os elementos naturais ainda o afetassem. Ele assumiu sua postura normal de Link, se inclinando pro canto do gabinete e fazendo sua melhor imitação de alguém fisicamente capaz de adormecer.

“Não sou eu,” eu disse.

“Tá. Porque não tem sido nada além de luz do sol e gatinhos fofos lá fora desde Dezembro.”

Um trovão ecoou lá fora. Link rolou os olhos.

Eu franzi a testa. “Eu acho que você deve ter ouvido. Nós encontramos o local onde Abraham está. O Livro não estava lá. Pelo menos nós não pudemos achar.”

“Desconfiei. E agora?” Ele suspirou.

“Plano B. Não realmente não temos escolha.”

John.

Eu não podia dizer. Eu enrolei minha mão em um punho sobre o assento ao meu lado.

Trovões ressoaram novamente.

Seria eu? Eu não sabia se eu estava fazendo isso ou se o tempo lá fora estava fazendo algo comigo. Eu tinha perdido o controle de mim mesmo semanas atrás. Eu encarei a chuva pingando em um balde vermelha no meio do cômodo.

chuva de plástico vermelha

as lágrimas delas mancham

Eu tentei me livrar disso, mas eu não conseguia parar de olhar para o balde. A chuva caía ritmicamente do teto. Como uma batida de coração ou um poema. Uma lista de nomes de mortos.

Primeiro Macon.

Depois Ethan.

Não.

Então Macon.

Minha mãe.

Depois Ethan.

Agora John.

Quantas pessoas eu tinha perdido?

Quantas mais eu ainda ia perder? Eu perderia John também? A Liv algum dia iria me perdoar? Isso ainda importava?

Eu assisti os pingos de chuva baterem na mesa gordurosa na minha frente. Link e eu sentamos juntos em silêncio, em frente a um maço de papel de cera, de gelo picado em copos. A fria e encharcada refeição que ninguém nem pensaria em comer. Se ele não estivesse preso em sua própria mesa de jantar, Link nem mais fingiria mover a comida pelo prato.

Link me cutucou. “Hey. Vamos lá, Lena. John sabe o que está fazendo. Ele é um garoto crescido. Ele vai pegar o Livro e trazer Ethan de volta, não importa o qual louco o plano de vocês seja.”

“Eu não estou louca.” Eu não sabia para quem estava falando isso, se para Link ou eu mesma.

“Eu não disse que você estava.”

“Você diz isso toda vez que tem chance.”

“Você não acha que eu quero ele de volta?” Link disse. “Você acha que não é uma droga fazer os arremessos no basquete sem ter ele assistindo para me dizer o quanto eu sou ruim ou como minha cabeça está ficando grande? Eu dirijo por Gatlin no Lata Velha, ouvindo no talo as músicas que consumávamos ouvir, e não tem mais razão para tocá-las.”

“Eu entendo que isso é barra pesada, Link. Você sabe que eu entendo, mais do que ninguém.”

Seu olhos se levantaram para cima e ele deixou sua cabeça cair, encarando a mesa gordurosa na nossa frente. “Eu nem tenho mais vontade de cantar. Os caras da banda, todos estão falando em se

separarem. O Holy Rollers pode acabar assim como um time de boliche.” Ele parecia como se estivesse doente. “Do jeito que as coisas tão indo, eu não vou ter nenhum lugar para ir a não ser a faculdade, ou lugar pior.”

“Link. Não diz isso.” Era verdade. Se Link fosse para a faculdade – até mesmo aqui do lado em Summerville – significaria o fim de um mundo que finalmente tinha chego, não importa quantas vezes Ethan tentou nos salvar.

Tinha tentado.

“Talvez eu não seja tão corajoso quanto você, Lena.”

“Claro que é. Você sobreviveu todos aqueles anos na sua casa com a sua mãe, não é?” Eu tentei sorrir, mas Link estava além de conseguir ser animado.

Era como falar comigo mesma.

“Talvez eu só tenho que desistir quando as chances são tão ruins como são agora.”

“Do que você tá falando? As chances são sempre ruins,” eu disse.

“Eu sou o cara que é mordido. Eu sou o cara que tira zero e ainda reprova nas aulas de verão.”

“Não foi sua culpa, Link. Você estava ajudando Ethan me resgatar.”

“Encare isso. A única garota que eu amei escolheu as Trevas ao invés de mim.”

“Rid amava você. Você sabe disse. E sobre Ridley...” Eu tinha quase esquecido porque tinha trazido ele aqui. Ele ainda não sabia. “De verdade. Você não entende. Rid-“

“Eu não quero falar sobre ela. Não era pra ser. Nada nunca foi do meu jeito antes. Eu devia saber que isso não ia dar certo.”

Link parou de falar porque a campainha em cima da porta tocou a distância, e o tempo parou – em um turbilhão de penas rosas brilhantes e contas roxas. Sem mencionar lápis de olho e batom e qualquer coisa que

possivelmente pudesse ser aplicada e pintada em qualquer cor do arco-íris dos cosméticos.

Ridley

Eu mal pensei a palavra antes de eu voar metade para fora do meu assento e ir em direção a ela para um abraço.

Eu sabia que ela estava vindo – fui eu quem a encontrou no Abraham – mas era uma coisa diferente vê-la fazendo seu caminho segura e a ouvir através das mesas de plástico do Dar-ee Keen. Eu quase arranquei ela três centímetros pra cima das suas plataformas. Ninguém andava em saltos como minha prima.

Prima.

Ela falou através de Kelt enquanto colocava o rosto no meu ombro e eu pude sentir o cheiro do seu spray de cabelo, gel de banho e açúcar. Gliter rodou no ar ao nosso redor, se soltando de qualquer coisa que ela tinha passado no corpo.

Trevas ou Luz, de alguma forma nunca importou entre nós. Não quando realmente contava. Nós ainda éramos um família, e estávamos juntas de novo.

É estranho estar aqui sem o Palitinho. Sinto muito, Prima.

Eu sei, Rid.

Aqui no Dar-ee Keen, era como se tudo atingisse ao mesmo tempo, como se ela finalmente entendesse o que tinha acontecido.

O que eu tinha perdido.

“Você está bem, menina?” Ela me puxou de volta, me olhando nos olhos.

Eu balancei minha cabeça quando meus olhos começaram a embaçar.
“Não.”

“Alguém se incomoda em me contar o que está acontecendo por aqui?”
Link parecia como se fosse desmaiar, ou vomitar, ou os dois.

“Eu estava tentando te dizer. Nós encontramos Ridley, presa em uma das celas de Abraham.”

“Você sabe. Como um pavão, Hot Rod.” Ela não olhou direto para Link, e eu me perguntava se era porque ela realmente não queria ou porque não se atrevesse. “Um realmente quente.”

Eu nunca vou entender o que se passou entre os dois. Eu não sabia se alguém podia – nem mesmo eles.

Ela assoprou um beijo através da mesa. “Você está ótimo, Hot Rod.”

Ele estava gaguejando. “Você parece... você está.. Quer dizer, você sabe.”

“Eu sei.” Ridley piscou e se virou para mim. “Vamos sair daqui. Já faz tanto tempo. Eu não posso fazer mais isso.”

“Fazer o que?” Link conseguiu não gaguejar, apesar que seu rosto agora estava tão vermelho quanto o balde sobre o teto gotejante.

Ridley suspirou, colocando o pirulito de um lado da boca. “Olá? Eu sou uma Sirena, Shrinky Dink. Uma garota má. Eu preciso voltar para junto daqueles com os quais pertenço.”



“Abraham, eh? Aquela cabra velha?” Ridley balançou a cabeça.

Eu assenti. “Esse é o plano.” Para o que contava, se contasse alguma coisa.

O ar estava escuro, e as luzes no teto do Exílio só pareciam fazer com que ficasse mais escuro, ao invés de acrescentar alguma luz. Eu não culpava Ridley por querer nos trazer aqui. Era o primeiro lugar que ela sempre quis ir depois que ela se tornou das Trevas.

Mas se você não fosse das Trevas, não era o lugar mais relaxante do mundo. Você gasta metade da noite se certificando de não olhar ninguém nos olhos ou sorrir na direção errada.

“E você está pensando que dar O Livro das Luas para o Palitinho irá ajudá-lo a *‘desbater’* as botas?”

Link rosnou do assento ao lado. Ele insistiu em vir conosco como segurança, mas eu podia dizer que ele odiava aqui mais do que eu.

“Cuidado, Rid. Ethan não bateu as botas. Ele só – saiu um pouco pra fora da linha.”

Eu sorri. Eu acho que Link podia me dizer que Ethan tinha partido quantas vezes ele quisesse, mas não era o mesmo quando alguém dizia.

E significava que Ridley não era mais uma de nós, pelo menos não para Link. Ela realmente tinha o deixado, e ela realmente era das Trevas.

Link apareceu sentir isso também. “Eu preciso ir ao banheiro.” Ele hesitou, não querendo sair do meu lado. Todos pareciam ter suas próprias porções de seguranças em um clube como o Exílio. Meu segurança só era um quarto Incubus e tinha um coração de ouro.

Ridley esperou até ele sair do campo de audição. “Seu plano é uma droga.”

“O plano não é uma droga.”

“Abraham não vai trocar O Livro das Luas por John Breed. John não vale mais nada para ele agora que a Ordem das Coisas está restaurada. É tarde demais.”

“Você não sabe disso.”

“Você está esquecendo que eu passei mais tempo do que gostaria com Abraham nos últimos meses. Ele tem se mantido ocupado. Ele passa todos os dias naquele seu laboratório do Frakestein, tentando descobrir o que foi que deu de errado com John Breed. Ele voltou pra sua prancheta de ciência maluca.”

“Isso significa que ele quer John de volta, então ele trocará pelo Livro. Que é exatamente o que queremos.”

Ridley suspirou. “Você está ouvindo a si mesma? Ele não é um cara do bem. Você não quer entregar John para ele. Quando Abraham não está colando asas em morcegos, ele está tendo reuniões secretas com esse cara careca assustador.”

“Você pode ser mais específica? Careca é muito abrangente.”

Rid deu de ombros. “Eu não sei. Anjo? Angelo? Algum nome meio de igreja.”

Eu me senti doente. Meu copo se tornou gelo em minha mão. Eu podia sentir todas as partículas congeladas nas pontas dos meus dedos.

“Angelus?”

Ela jogou uma batatinha para dentro da boca do potinho preto do bar. “É isso. Eles estão se juntando para uma super secreta derrubada. Eu nunca ouvi os detalhes. Mas esse cara definitivamente odeia Mortais tanto quanto Abraham.”

O que um membro do Conselho de Registro Distante estaria fazendo com um Incubus de Sangue como Abraham Ravenwood? Depois do Angelus tentou fazer com Marian, eu sabia que ele era um monstro, mas eu achava que ele era algum tipo de lunático justo. Não alguém que pudesse conspirar com Abraham.

Ainda assim, não era a primeira vez que Abraham e o Registro Distante parecia ter seus objetivos alinhados. Tio Macon tinha levantado isso antes, bem depois do julgamento de Marian.

Eu balancei minha cabeça com o pensamento. “Nós temos que dizer á Marian. Depois que pegamos aquele livro. Então a não ser que você tenha uma ideia melhor, nós estamos indo encontrar Macon para fazer a troca..” Eu tomei o que restou da minha soda que virou frozen, batendo o copo de volta no bar.

Ele quebrou na minha mão.

O bar ficou em silêncio, e eu podia sentir os olhos – olhos não humanos, alguns dourados e outros pretos como os próprios Túneis – me encarando. Eu abaixei minha cabeça.

O barman fez uma careta, e eu olhei para a porta com o canto do meu olho – meio que esperando ver meu tio Macon parado ali. O barman estava encarando. “Esse são belos olhos, os que você tem aí.”

Rid me lançou um olhar. “Os dela? Um deles é esquisito,” ela disse casualmente. “Você sabe como é”. Nós esperamos em nossos lugares, nervosas e tensas. Você não queria chamar muita atenção no Exílio, não quando você só tinha um olho dourado para mostrar por aí.

O barman me estudou por mais um momento, então acenou e checkou seu relógio. “Yeah. Eu sei como é.” Nessa hora ele olhou para a porta. Ele provavelmente já tinha ligado para o meu tio.

Aquele rato.

“Nós vamos precisar de toda a ajuda que conseguirmos, Prima.”

“O que você está dizendo, Rid?”

“Estou dizendo que parece que eu vou ter que resgatar vocês idiotas de novo.” Ela lançou um pedaço de vidro quebrado para fora do balcão.

“Nos resgatar como?”

“Você deixa isso comigo. Acontece que eu não sou só um rostinho bonito. Bem, eu também sou.” Ela sorriu, mas ela não conseguiu dizer muito mais. “Tudo isso e um rostinho bonito.”

Até sua boca esperta parecia meio fraca para mim agora. Eu me perguntava se o desaparecimento de Ethan estava afetando tanto quanto a nós.

Meus instintos ainda estavam certos sobre uma coisa.

Tio Macon apareceu na porta como eu previa, e eu estava em casa de volta ao meu quarto antes que pudesse perguntar a ela.

CAPÍTULO 24

A Mão Que Balança o Berço

Ridley estava esperando por nós atrás da fileira mais longe de criptas, a qual, julgando pelo número de garrafas de cerveja abandonadas nos arbustos, era também um lugar de encontro badalado do Condado de Gatlin.

Eu não conseguia imaginar matar o tempo aqui por vontade própria. O Jardim da Paz Perpétua ainda tinha as pegadas de Abraham por todo o lugar. Nada pareceu ter mudado desde que ele invocou os Tormentos somente algumas semanas antes da Décima Oitava Lua. Sinais de aviso e fitas de proteção amarela criaram um labirinto entre os mausoléus quebrados, árvores desraigadas, e lápides rachadas na nova parte do cemitério. Agora que a Ordem das Coisas foi restaurada, a grama não estava mais pegando fogo, e os gafanhotos tinham ido embora. Mas as outras cicatrizes ainda estavam aqui se você soubesse onde procurar.

Fiel a forma de Gatlin, os piores danos já tinham sido escondidos embaixo de camadas de terra fresca onde Ridley estava parada agora. Os caixões foram enterrados e os túmulos fechados. Eu não estava surpresa. Não era como se os bons cidadãos de Gatlin fossem deixar os esqueletos para fora de seus armários por muito tempo.

Rid desembrolhou um pirulito de cereja e o balançou dramaticamente. “Ele acreditou. Eu vendi pra ele. Anzol, linha, e fedor.” Ela sorriu para Link. “Esse é você, Shrinky Dink.”

“Você sabe o que dizem. Se você está falando, também se aplica á você,” Link disparou de volta.

“Você sabe que eu cheiro como cobertura de bolo. Por que você não vem até aqui, e eu te mostro o quão doce eu posso ser?” Ela contorceu as unhas rosas como garras.

Link andou até John, que estava inclinado contra um anjo chorão que estava dividido bem no meio. “Só estou apontando o que eu beijo, Babe. E eu posso sentir o seu cheiro muito bem daqui.”

Link estava jogando para Ridley mais do que seu charme de quarto-Incubus hoje. Agora que ele já tinha se acostumado que ela estava de volta, era como se ele vivesse para trocar insultos com ele.

Ridley se virou para mim, aborrecida que ela não conseguiu nada melhor do que aquilo. “Tudo o que precisou foi uma pequena viagem de volta para Nova Orleães, e eu tive Abraham comendo na palma da minha mão.”

Isso era difícil de imaginar, e John definitivamente não acreditava nisso. “Você espera que a gente acredite que você Encantou Abraham com alguns pirulitos da Ridley? Você e uma cadeia de lojas de doces?”

Ridley fez beicinho. “Claro que não. Eu tive que vender a história. Então eu pensei, quem seria estúpido o suficiente para fazer qualquer coisa que eu diga e jogar certinho nas minhas mãos?” Ela soprou um beijo para Link. “Nosso pequeno Dinkubus, é claro.”

A mandíbula de Link se apertou. “Você só fala merda.”

“Tudo o que eu tive que dizer a Abraham foi que eu usei Link e seus estúpidos sentimentos por mim para me infiltrar entre vocês e descobrir seu planinho ainda mais estúpido. Então eu reclamo sobre ele me deixar enjaulada como seu bichinho de estimação. É claro, eu digo que não posso culpá-lo. Quem não iria me querer por perto o tempo todo?”

“Isso é uma pergunta? Porque fico feliz em responder,” Link rebateu.

“Ele não estava furioso que você fugiu da sua gaiola de luxo?” John perguntou.

A voz de Ridley aumentou só um pouco. “Abraham sabia que eu não iria ficar lá se achasse um jeito de sair. Eu sou uma Sirena; não está na minha natureza ser contida. Eu disse a ele que eu usei meu Poder de Persuasão no patético Incubus garoto-de-recados dele e eu o convenci a me deixar sair. Eu não terminei bem. Abraham só arranhou uma gaiola maior para mim.”

“O que mais você disse?” Eu queria saber se realmente tinha uma chance de conseguirmos o Livro. Eu torci meu colar de amuletos em torno do meu pescoço, tentando não pensar nas memórias que giravam em torno deles.

“Eu concordei com ele, e disse que preferia apostar nele do que em vocês.” Ela deu um sorriso doce para Link. “Vocês sabem como eu gosto de um time vencedor. Naturalmente, Abraham acreditou em cada palavra. Por que não iria? É tão completamente acreditável.”

Link a olhou como se quisesse arremessá-la através do cemitério.

“E Abraham vai estar lá? Hoje?” John ainda não confiava nela.

“Ele vai estar lá. Em carne e osso. Claro, eu estou usando o termo vagamente.” Ela deu de ombros. “Bem vagamente.”

“Ele concordou em trocar O Livro das Luas por mim?” John perguntou.

Ridley suspirou, se encostando na parede da cripta. “Bem, tecnicamente, eu acredito que foi algo como, ‘Eles são estúpidos o bastante para acreditar que você vai trocar John pelo Livro, mas claro que você não vai.’ E então pode ter tido algumas risadas. E alguns Conjuros de bêbado. Era tudo um nevoeiro.”

Link cruzou seus braços na frente do peito. “A coisa é, Rid, como nós sabemos que você não está dizendo a mesma coisa para ele? Você é das Trevas como ele. Como nós podemos saber —“ ele deu um passo protetoramente na minha frente — “de que lado você realmente está?”

“Ela é minha prima, Link.” Mesmo eu tendo dizendo isso, eu não estava certa da resposta. Ridley era uma Conjuradora das Trevas de novo. Da última vez que ela se ofereceu para me ajudar, era uma armadilha, e ela me levou direto para minha mãe e para minha Décima Sétima Lua.

Mas eu sabia que ela me amava. O quanto um Conjurador das Trevas podia amar alguém. E o tanto que Rid podia amar alguém além dela.

Ridley se inclinou para perto de Link. “Boa questão, Shrinky Dink. Que pena que eu não tenho nenhuma intenção de responder isso.”

“Algum dia desses, eu acho que vou descobrir por mim mesmo.” Link fez cara feia, e eu sorri.

“Deixa eu te dar uma pistinha,” Rid ronronou. “Hoje não é esse dia.”

Então, em um redemoinho de algodão doce e brilho corporal, a Sirena que ele amava odiar tinha partido.



Estava começando a escurecer quando deixamos Liv e tio Macon no escritório, debruçados em todo livro Conjurador que eles pudessem achar sobre Espíritos e a história de Ravenwood, respectivamente. Liv estava convencida que Ethan estava tentando entrar em contato conosco, e ela estava determinada a encontrar um jeito de se comunicar com ele. Todo vez que eu ia lá embaixo, ela estava tomando notas ou ajustando ou malucos dispositivos que ela usava para medir frequências sobrenaturais. Eu acho que ela estava desesperada para encontrar uma solução que não envolvesse trocar John pelo Livro das Luas.

Eu não culpava ela.

Tio Macon estava também, mesmo se ele não admitisse. Ele estava explorando qualquer diário e pedaço de papel que ele pudesse encontrar por referências de outros lugares onde Abraham podia ter escondido o Livro.

Era por isso que eu não podia contar á eles o que nós estávamos indo fazer. Nós já sabíamos o que Liv pensava a respeito de trocar John pelo Livro. E tio Macon não ia confiar em Ridley. Ai invés disso, eu disse á eles que queria visitar o túmulo de Ethan, e John se ofereceu para ir comigo.

Link estava esperando por nós no cemitério. O céu estava escuro agora, e eu mal conseguia distinguir onde um corvo circulava sobre nossas cabeças, gritando, enquanto andávamos em direção a parte mais antiga do Jardim da Paz Perpétua.

Eu estremei. Aquele corvo tinha que ser algum tipo de presságio. Mas não tinha como saber de qual tipo. Ou as coisas iriam muito bem, e eu

terminaria o dia com O Livro das Luas e uma chance de conseguir Ethan de volta, ou eu falhava e perdia John no processo.

John Breed não era o amor da minha vida, mas era o amor da vida de outra pessoa. E John e eu tínhamos passado mais do que alguns momentos negros juntos, quando ele e Rid pareciam ser as únicas pessoas com quem eu pudesse falar. Mas John não era o mesmo cara que antes. Ele tinha mudado, e ele não merecia voltar para uma vida com Abraham. Eu não teria desejado isso para ninguém.

O que eu tinha me tornado?

barganhando com uma vida

que não é minha

não é uma barganha

infelicidade

não

vem

barata

John não olharia para mim. Até Link manteve os olhos fixos no caminho a frente de nós. Eu senti que eles estavam desapontados comigo por ser tão egoísta.

Eu estava desapontada comigo mesma

É o que é, e eu sou o que eu sou. Eu não sou melhor que Ridley. Eu só quero o que eu quero.

De qualquer jeito, não impediu meus pés de continuarem andando.

Eu tentei não pensar sobre isso enquanto eu seguia Link e John pelas árvores. Enquanto a maior parte do Jardim da Paz Perpétua estava no processo de ser restaurada para seu estado pré-ataque-de-Tormentos, o mesmo não se aplicava para a parte mais antiga do cemitério. Eu não a tinha visto desde a noite em que a terra se abriu, cobrindo essas colinas com cadáveres em decomposição e ossos quebrados. Apesar de os corpos não estarem mais ali, o chão ainda estava revirado, enormes buracos substituindo as sepulturas que tinham cercado gerações de Wates desde antes da Guerra Civil. Mesmo Ethan não estando aqui.

Graças a Deus.

“Isso é uma droga.” Link se arrastou colina a cima com sua tesoura de jardinagem na mão. “Mas não se preocupe. Eu te protejo. Ele não vai te levar para a terra-do-velhinho-sinistro. Não sem uma briga. Não com esses bebês.”

John empurrou Link para o lado. “Coloca essa coisa pra lá, recruta. Você não vai conseguir chegar perto o suficiente de Hunting para cortar a grama perto dos seus pés. E se Abraham a ver, ele usará para cortar sua garganta sem nem mesmo tocar na tesoura.”

Link empurrou John para trás, e eu mergulhei para evitar ser jogada colina a baixo, como dano colateral. “Yeah, bem, ela me ajudou quando estava indo embora da casa daquele Obidias quando encontrei o cara morcego-frango-frito. Só não me faça ser morto, Garoto Conjurador.”

“Espera um segundo.” John, agora sério, parou de andar e se virou para nós dois. “Abraham não está de brincadeira. Vocês não tem ideia do que ele é capaz – eu não sei se alguém sabe. Fiquem fora do caminho e me deixe lidar com ele. Você é o reforço, no caso de Hunting ou sua namorada começarem a nos dar problemas.”

“Rid está do nosso lado, lembra?” Eu lembrei a ele.

“Pelo menos ela deveria ser. E ela não é minha namorada.” Link cerrou a mandíbula.

“Na minha experiência, o único lado em que Ridley está, é o dela mesma.” John subiu em uma estátua quebrada de um anjo pregador, suas mãos rachadas nos pulsos. Todos os anjos quebrados aqui estavam começando a parecer um mau agouro.

Link olhou irritado, mas não disse nada. Ele não parecia gostar que outra pessoa além dele criticasse Ridley. Eu me perguntava se as coisas poderiam algum dia estar realmente acabadas entre eles.

Ele e John navegaram em torno dos caixões quebrados e galhos de árvore, alcançando um enorme buraco bem além a antiga cripta dos Honeycutts. Eu fiz meu melhor para acompanhá-los, mas eles eram Incubus, então não tinha nada que eu podia fazer, só um Conjuró para clonar Incubus.

Mas logo não importou mais, porque não tínhamos mais nenhum lugar para ir.

Abraham estava esperando por nós.

Ou tínhamos andado diretamente para sua armadilha ou ele tinha andado direto para a nossa. Estava quase na hora de descobrir.



Abraham Ravenwood estava parada do lado mais distante do buraco. Usando um longo casaco preto e uma cartola, encostado em uma árvore lascada, ele parecia entediado, como se essa fosse uma missão irritante.

O Livro das Luas estava embaixo dos seus braços.

Eu soltei um suspiro de alívio. “Ele trouxe,” eu disse baixinho.

“Nós ainda não o temos,” Link disse sob sua respiração.

Usando um gola olímpica preta e uma jaqueta de couro, Hunting parou atrás de seu tatara-tatara-tatara-avô. Ele estava assoprando anéis de fumaça em Ridley. Ela tossiu, empurrando com as mãos a fumaça para longe de seu vestido vermelho, e deu a seu tio um olhar sujo.

Tinha algo perturbador no seu vestido vermelho, parada a poucos passos de dois Incubus de Sangue.

Eu esperava que John estivesse errado e Ridley realmente estivesse do nosso lado – tanto para o bem de Link, quanto o meu.

Nós dois a amávamos. E você não pode controlar quem você amava, mesmo se você quisesse. Tinha sido esse o problema de Genevieve com Ethan Carter Wate. Tinha sido o problema de tio Macon com Lila, Link com Ridley. Provavelmente, até de Ridley com Link.

Amor era como todos esses nós começavam a se desemaranhar, em primeiro lugar.

“Você trouxe o Livro,” eu falei para Abraham.

“E você trouxe ele.” Os olhos de Abraham se estreitaram á vista de John. “Ai está o meu garoto. Eu estive preocupado.”

John ficou tenso. “Eu não sou seu garoto. E você nunca se importou comigo, então você pode parar de fingir.”

“Isso não é verdade.” Abraham agiu como se tivesse sido magoado. “Eu gastei uma grande quantidade de energia em você.”

“Demais, se você perguntar,” Hunting falou.”

“Ninguém perguntou,” Abraham devolveu.

Hunting serrou a mandíbula e jogou seu cigarro na grama. Ele não parecia satisfeito. O que dizia que ele provavelmente ia descarregar aquela raiva em alguém que não merecesse e não estivesse esperando. Nós todos éramos candidatos plausíveis.

John parecia indignado. “Você quer dizer me tratar como um escravo e me usar para seu trabalho sujo? Valeu, mas não estou interessado nesse tipo de energia que você gasta nas coisas.”

Abraham deu um passo á frente, sua gravata preta balançando com o vento. “Não me importo com o que te interessa. Você serve a um propósito, e quando deixar de servir, você não será mais útil para mim. Eu acho que ambos sabemos o que eu penso sobre coisas que não são mais úteis para mim.” Ele sorriu com desdém. “Eu assisti Sarafine queimar até a morte, e a única coisa que me incomodou foi a cinza no meu casaco.”

Ele estava dizendo a verdade. Eu tinha assistido minha mãe queimar também. Não que eu pensasse em Sarafine desse jeito. Mas ouvir Abraham falar sobre ela daquele jeito me fez sentir alguma coisa, mesmo eu não sabendo o que era?

Simpatia? Compaixão?

Eu sinto pena da mulher que tentou me matar? Isso é possível?

John tinha me falado que Abraham odiava Conjuradores o mesmo tanto que Mortais. Eu não tinha acreditado nele até aquele momento. Abraham Ravenwood era frio, calculista, e mau. Ele era realmente o Diabo, ou a coisa mais próxima que eu já tinha conhecido.

Eu assisti enquanto John levantava sua cabeça para o alto e chamava por Abraham. “Só dê o Livro para os meus amigos, e eu vou embora com você. Era esse o trato.”

Abraham riu, o Livro ainda seguro embaixo dos braços. “Os termos mudaram. Eu acho que vou ficar com ele no final das contas.” Ele acenou para Link. “E seu novo amigo.”

Ridley parou de chupar seu pirulito. “Você não quer ele. Ele é inútil – acredite em mim.” Ela estava mentindo.

Abraham sabia disso também. Um sorriso perverso se espalhou pelo seu rosto. “Como você desejar. Então podemos dar ele de ração para os cachorros de Hunting quando chegarmos em casa.”

Houve um tempo em que Link precisaria de reforço, aterrorizado como ele era. Mas isso foi antes de John o morder e mudar sua vida. Antes de Ethan morrer e tudo ter mudado.

Eu vi Link ficar de pé ao lado de John agora. Ele não iria a lugar algum, mesmo se ele estivesse com medo. Aquele Link tinha sumido há tempos atrás.

John tentou entrar na frente dele, mas Link segurou seu braço. “Eu posso me defender.”

“Não seja idiota,” John soltou. “Você é somente um-quarto Incubus. Isso só o faz ter metade da minha força, sem o sangue Conjurador.”

“Garotos.” Abraham estalou seus dedos. “Isso tudo é muito tocante, mas é hora de irmos andando. Eu tenho coisas a fazer e pessoas a matar.”

John endireitou os ombros. “Eu não vou a lugar nenhum com você a menos que você entregue o Livro. Eu tenho estado em contato com alguns poderosos Conjuradores ultimamente. Eu faço minhas próprias escolhas agora.”

John colecionava poderes do mesmo jeito que Abraham colecionava vítimas. O Poder de Persuasão de Ridley, até mesmo algumas das minhas habilidades como Natural. Sem mencionar aqueles outros que ele absorveu de todos os Conjuradores desconhecidos que ele tocou. Abraham tinha que estar se perguntando quais poderes John tinha se deparado.

Ainda assim, eu comecei a entrar em pânico. Por que nós não tínhamos levado John de volta aos Túneis para colecionar mais alguns? Quem era eu para pensar que poderíamos enfrentar Abraham?

Hunting olhou para Abraham, e um flash de reconhecimento passou entre eles – um segredo que eles tinham.

“É mesmo?” Abraham derrubou O Livro das Luas nos seus pés. “Então por que você não vem até aqui e pega ele?”

John tinha que saber que era algum tipo de truque, mas ele começou a andar de qualquer forma.

Eu queria que Liv estivesse aqui para ver o quão corajoso ele era. Então de novo, eu estava aliviada que ela não estava. Porque eu não podia suportar ver ele dar outro passo para mais perto do velho Incubus, e eu não era a garota que amava ele.

Abraham levantou sua mão e a girou nos pulsos, como se ele estivesse girando uma maçaneta.

Com aquele movimento, tudo mudou. Instantaneamente, John agarrou sua cabeça como se ela tivesse rachado, e caiu de joelhos.

Abraham manteve seu braço á sua frente, fechando seu punho lentamente, e John sacudiu violentamente, gritando de dor.

“Que diabos?” Link agarrou o braço de John e o colocou de pé.

John mal podia se manter ereto. Ele balançou, tentando recuperar o equilíbrio.

Hunting riu. Ridley ainda estava parada ao lado dele, e eu podia ver o pirulito tremendo em sua mão.

Eu tentei pensar em um Conjuuro, qualquer coisa que parasse Abraham, pelo menos por um segundo.

Abraham deu um passo mais para perto, subindo a barra do seu casaco para evitar que se sujasse de lama. “Você achou que eu iria criar algo tão poderoso quanto você se não pudesse controla-lo?”

John congelou, seus olhos verdes com medo. Ele ficou vesgo, tentando lutar contra a dor. “Do que você está falando?”

“Eu acho que ambos sabemos,” Abraham disse. “Eu fiz você, menino. Achei a combinação certa – a ascendência que eu precisava – e criei uma nova raça de Incubus.”

John cambaleou para trás, atordoado. “Isso é mentira. Você me achou quando eu era uma criança.”

Abraham sorriu. “Isso depende da sua interpretação da palavra achar.”

“O que você está dizendo?” O rosto de John estava pálido.

“Nós pegamos você. Eu construí você, depois de tudo.” Abraham vasculhou seus bolsos e tirou um charuto. “Seus pais tiveram alguns poucos anos felizes juntos. É mais do que muitos de nós tem.”

“O que aconteceu com os meus pais?” John cerrou os dentes. Eu quase podia ver a raiva.

Abraham se virou para Hunting, que acendeu o cigarro com um zippo prata. “Responda ao menino, Hunting.”

Hunting fechou a tampa do isqueiro. Ele deu de ombros. “Isso foi há muito tempo, criança. Eles eram suculentos. E mastigáveis. Mas eu não consigo me lembrar dos detalhes.”

John balançou para frente e rasgou através da escuridão.

Um segundo ele estava lá. No próximo, ele tinha sumido, deslizando em um onda de ar. Ele reapareceu á poucos centímetros na frente de Abraham e envolveu sua mão em volta da garganta do velho Incubus. “Eu vou matar você, seu doente filho da puta.”

Os tendões do braço de John se apertaram, mas não seu aperto.

Os músculos de sua mão estavam tensionados, seus dedos obviamente tentando se fechar, mas eles não conseguiam. John agarrou seu pulso com a outra mão, tentando ficar pronto.

Abraham riu. “Você não pode me machucar. Eu sou o arquiteto do design. Acha que eu construiria uma arma como você sem um botão de desligar?”

Ridley deu um passo para trás, assistindo enquanto a mão de John perdia sua vontade própria, seus dedos se abrindo enquanto ele tentava forçá-los a se fecharem de novo com a outra mão. Era impossível.

Eu mal conseguia olhar. Abraham parecia ter mais controle sobre John agora do que na noite da Sétima Décima Lua. Pior, John não parecia ter consciência do fato que ele não podia controlar seu corpo. Abraham estava puxando as cordas.

“Você é um monstro,” John sibilou, ainda segurando seu pulso á centímetros da garganta de Abraham.

“Elogios não vão te levar a lugar nenhum. Você tem me causado muitos problemas, menino. Você me deve.” Abraham sorriu. “Eu pretendo tirar isso da sua carne.”

Ele girou suas mãos de novo, e John se elevou do chão, apertando o próprio pescoço com as mãos, estrangulando a si mesmo.

Abraham estava tentando fazer mais do que provar um ponto. “Você sobreviveu a sua utilidade. Todo aquele trabalho para nada.”

John rolou os olhos para trás da cabeça, e seu corpo ficou mole.

“Você não precisa dele?” Ridley gritou “Você disse que ele era a arma final.”

“Infelizmente, ele está defeituoso,” Abraham respondeu.

Eu notei algo se mover na minha visão periférica um momento antes de ouvir sua voz.

“Alguém pode dizer o mesmo sobre você, Avô.” Tio Macon saiu de trás de uma das criptas, seus olhos verdes brilhando na escuridão. “Coloque o garoto no chão.”

Abraham riu, apesar de sua expressão estar apenas entretida. “Defeituoso? Isso é um elogio, vindo do pequeno Incubus que queria ser um Conjurador.”

O aperto em John se afrouxou um pouco só o suficiente para ele pegar algum ar. O Incubus de Sangue estava focando sua raiva em tio Macon agora.

“Eu nunca quis ser um Conjurador, mas estou feliz em aceitar meu destino que me tira das Trevas que você trouxe para essa família.” Tio Macon apontou uma mão para John, e uma onda de energia jorrou através do cemitério, a explosão atingindo John diretamente.

John empurrou suas mão para longe de seu pescoço e seu corpo caía no chão.

Hunting começou a andar em direção ao irmão, mas Abraham o deteu, batendo palmas dramaticamente. “Muito bem feito. Isso é um belo truque de festa, filho. Talvez da próxima vez você possa acender meu charuto.” As características de Abraham voltaram para seu familiar desprezo. “Chega de brincadeiras. Vamos acabar logo com isso.”

Hunting não hesitou.

Ele rasgou pela escuridão enquanto tio Macon focava seus olhos verdes no céu preto. Hunting se materializou em frente ao seu irmão na mesma hora em que o céu explodiu em um cobertor de pura luz.

Luz do sol.

Tio Macon já tinha feito isso uma vez antes, no estacionamento da Jackson High, mas dessa vez a luz era muito mais intensa – e focada. Aquela luz vinda dele era verde Conjurador. Dessa vez era alguma coisa mais forte e mais natural, como se a luz viesse do próprio céu.

O corpo de Hunting estremeceu. Ele se estovou e agarrou a camiseta de seu irmão, derrubando os dois no chão.

Mas a luz assassina só intensificou.

A pele de Abraham ficou pálida, da cor de cinzas branca. A luz parecia enfraquecer ele, mas nem de perto tão rápido quanto estava drenando Hunting.

Mesmo Hunting tentando desesperadamente se manter vivo, Abraham só parecia interessado em tentar nos matar. O velho Incubus de sangue era muito forte, e ele alcançou tio Macon. Eu sabia que não podia subestimá-lo. Mesmo enfraquecido, ele não desistiria até destruir todos nós.

Uma enorme sensação de pânico surgiu dentro de mim. Eu concentrei todo pensamento, cada célula em Abraham. A terra em volta dele contrariou, rasgando-se do chão como um tapete ser puxado para fora de debaixo dele. Abraham cambaleou e, em seguida, voltou sua atenção para mim. A terra em volta dele contrariou, rasgando-se do chão como um tapete que estivesse sendo puxado debaixo dele. Abraham cambaleou e, em seguida, voltou sua atenção para mim.

Ele fechou suas mãos em volta do ar na sua frente, e uma força invisível apertou minha garganta. Eu senti meus pés saírem do chão, meus tênis sacudindo embaixo de mim.

“Lena!” John gritou. Ele fechou seus olhos, se concentrando em Abraham, mas seja lá o que ele estivesse planejando, ele não foi rápido o suficiente.

Eu não conseguia respirar.

“Eu acho que não.” Abraham girou sua mão livre, trazendo John de joelhos em segundos.

Link foi até Abraham, mas outro simples giro do pulso do Incubus de Sangue o fez sair voando. As costas de Link atingiram a cripta de pedra com um barulho alto.

Eu lutei para continuar consciente. Hunting estava abaixo de mim, suas mãos em volta do pescoço de Macon. Mas ele não parecia ter força suficiente para machucar seu irmão. A cor estava lentamente sendo drenada da pele de Hunting, transformando assustadoramente seu corpo em transparente.

Eu ofegava, paralisada, enquanto as mãos de Hunting deslizaram do pescoço do tio M e ele começou a se contorcer de dor.

“Macon! Pare!” ele suplicou.

Tio Macon focou sua energia sem eu irmão. A luz se manteve firme enquanto a escuridão deixava o corpo de Hunting e para dentro da terra revolvida.

Hunting procurou por seu último respiro. Então seu corpo estremeceu e congelou.

“Me desculpe, irmão. Você não me deu escolha.” Macon olhou para baixo para o que ainda restava do cadáver de Hunting antes dele se desintegrar, como se ele nunca tivesse existido.

“Um a menos,” ele disse severamente..

Abraham protegeu os olhos, tentando determinar se Hunting realmente tinha ido. A cor estava começando a sumir da pele de Abraham agora, mas somente até seus pulsos. Ele me mataria muito antes de a luz do sol tomar ele por inteiro. Eu tinha que fazer alguma coisa antes que todos nós acabássemos mortos.

Eu fechei meus olhos, tentando passar através da dor. Minha mente estava começando a adormecer.

Um trovão ressoou sobre nossas cabeças.

“Uma tempestade? É tudo o que você tem, minha querida?” Abraham disse. “Que desperdício. Assim como sua mãe.”

Raiva e culpa queimaram dentro de mim. Sarafine era um monstro, mas ele foi um monstro que Abraham ajudou a criar. Abraham tinha usado sua fraqueza para atraí-la para as Trevas. E eu tinha assistido ela morrer. Talvez éramos ambos monstros.

Talvez todos fôssemos.

“Eu não dou como minha mãe!” O destino de Sarafine foi decidido por ela, e ela não era forte o bastante para lutar contra ele. Eu era.

Um relâmpago rasgou o céu e atingiu uma árvore atrás de Abraham. Chamas correram pelo tronco.

Abraham tirou seu chapéu e o sacudiu com uma mão, tomando cuidado em manter sua outra mão presa na minha garganta. “Eu sempre digo que só é uma festa quando algo pega fogo.”

Meu tio ficou em pé, seu cabelo preto bagunçado e seus olhos verdes brilhando mais do que antes. “Eu teria que concordar.”

A luz no céu se intensificou, flamejando como um refletor em Abraham. Enquanto assistíamos, o feixe de luz explodiu em um cegante flash branco – formando dois feixes horizontais de energia pura.

Abraham balançou, protegendo seus olhos. Seu aperto de aço se retraiu, e meu corpo caiu no solo podre.

O tempo parecia ter parado.

Todos encaramos os feixes brancos se espalhando através do céu.

Exceto um de nós.

Link sumiu antes que qualquer um tivesse a chance de reagir – se desmaterializando em um pedaço de segundo, como se fosse um profissional. Eu não podia acreditar. As únicas vezes que ele tinha sumido na minha frente, ele praticamente tinha me achatado como panqueca.

Não dessa vez.

Uma rachadura no espaço se abriu para ele, apenas alguns centímetros em frente na Abraham Ravenwood.

Link tirou a tesoura de jardinagem para fora do cós da sua calça, a erguendo á cima de sua cabeça. Ele a enfiou no coração de Abraham antes que o velho Incubus sequer percebesse o que estava acontecendo.

Os olhos pretos de Abraham se alargaram e ele encarou Link, lutando para continuar vivo enquanto um círculo vermelho se espalhava pelas lâminas.

Link se inclinou para perto. “Toda aquela construção não foi para nada, Sr. Ravenwood. Eu sou o melhor dos dois mundos. Um Incubus híbrido com seu próprio sistema de navegação.”

Abraham tossiu desesperadamente, seus olhos fixos no menino a maior parte Mortal que tinha o derrubado. Finalmente, seu corpo deslizou para o chão, a tesoura roubada do laboratório de ciências saindo do peito.

Link ficou em cima do corpo do Incubus de Sangue que tinha nos caçado por tanto tempo. As pessoas que gerações de Conjuradores nunca conseguiram tocar.

Link abriu um sorriso gigantesco para John e acenou. “Que se dane essa merda de Incubus. É assim que você faz no estilo-Mortal.”

CAPÍTULO 25

A Porta da Morte

Link ficou de pé sobre o corpo de Abraham, assistindo enquanto ele começava a se desintegrar em pequenos pedaços de nada.

Ridley se colocou a seu lado, curvando seu braço para ele. “Pegue a tesoura, Hot Rod. Elas podem vir a servir caso eu precisa se libertar de uma gaiola qualquer dia desses.”

Link puxou a tesoura do que sobrou do Incubus de Sangue. “Eu gostaria de aproveitar essa oportunidade para agradecer ao Departamento de Biologia da Jackson High. Continuem na escola, crianças.” Ele colocou a tesoura de volta na sua calça.

John andou até ele e deu bateu no seu ombro. “Obrigada por me salvar. Estilo-Mortal.”

“Você sabe. Eu tenho algumas habilidades loucas.” Link sorriu.

Tio Macon escovou suas calças. “Eu não acho que alguém possa discutir com essa avaliação, Sr. Lincoln. Bela jogada. Seu timing foi impecável.”

“Como você sabia que estávamos aqui?” Eu perguntei. Tinha Amma visto alguma coisa e nos entregado?

“Sr. Breed foi gentil o bastante em deixar um bilhete.”

Eu virei para John, que estava chutando a terra com sua bota. “Você contou a ele o que estávamos fazendo? E nossos planos? Que tal a parte em que você concorda não dizer nada para o meu tio?”

“Eu não disse. O bilhete era para Liv,” ele respondeu timidamente. “Eu não podia desaparecer sem dizer adeus.”

Link balançou sua cabeça. “Sério, cara? Outro bilhete? Por que você não deixou um mapa?”

Essa foi a segunda vez que John tece a consciência culpada e um dos bilhetes que ele deixou levou Liv – ou, nesse caso, meu tio – até ele.

“Vocês todos deveriam ser gratos pelas inclinações sentimentais do Sr. Breed,” tio M disse. “Ou eu receio que essa tarde poderia ter resultado em um desfecho infortunado.”

Link cutucou John com o cotovelo. “Você ainda é uma seiva.”

Eu parei de ouvir.

Por que Liv não podia ficar de boca fechada?

Outra voz entrou na minha mente.

Eu dificilmente penso que culpar Liv por seus erros seja necessário.

Eu estava chocada demais para falar. Meu tio nunca tinha falado por Kelt comigo antes. Esse só podia ser um poder que ele tinha adquirido depois da sua transformação em Conjurador.

“Como?”

“Você sabe que minhas habilidades estão constantemente evoluindo. Essa é imprevisível, eu receio.” Ele deu de ombros inocentemente.

Eu tentei não pensar. Não parecia que ia impedi-lo de me dar uma bronca.

Realmente? Vocês pensaram que poderiam acabar com Abraham sozinhos, em um cemitério?

“Mas como você sabia que estávamos aqui?” John perguntou. “Eu não coloquei isso no bilhete.”

Ai meu deus.

“Tio M? Você pode ler mentes?”

“Dificilmente.” Meu tio estalou os dedos, e Boo subiu até a colina. Conhecendo meu tio, era praticamente uma confissão.

Eu senti meus cabelos levantarem dos ombros com um vento suave chicoteou ao meu redor. Eu tentou ficar calma. “Você está me espionando? Eu pensei que tínhamos feito um acordo sobre isso.”

“Isso foi antes de você e seus amigos resolverem que estavam equipados para acabar com Abraham Ravenwood sozinhos.” Sua voz se elevou. “Você não aprenderam nada?”

O Livro das Luas desancava na terra, a lua em relevo na capa preta de couro encarava o céu.

Link que abaixou para pegá-lo.

“Eu não faria isso, Hot Rod,” disse Ridley. “Você não tem tanto Incubus assim em você.” Ela pegou o livro e tocou o pirulito nos seus lábios quase como um beijo. “Não queremos que essas lindas mãos se queimem.”

“Obrigada, Babe.”

“Não me chame –“

Link arrancou o pirulito da sua mão. “Yeah, yeah. Eu sei.”

Eu assisti o jeito que eles olhavam um para o outro. Qualquer idiota podia ver que eles estavam apaixonados, mesmo sendo eles os únicos dois idiotas que não viam.

Meu peito doeu em saudades, e eu pensei sobre Ethan.

a peça que falta

minha respiração

meu coração

minha lembrança

eu

a outra metade

a metade que falta

Pare.

Eu não queria escrever poemas na minha cabeça, especialmente se meu tio pudesse ouvi-los. Eu precisei mandar uma mensagem de um tipo completamente diferente. “Rid, me dá o livro.”

Ela assentiu e me entregou O Livro das Luas.

O Livro que quase matou Ethan e depois tio Macon. O Livro que tira mais do que dá. Parte de mim queria por fogo nele e ver se queimaria, apesar de eu duvidar que algo tão mundano como fogo pudesse destruí-lo.

Ainda valeria uma tentativa se fosse prevenir mesmo que uma só pessoa usasse o Livro para machucar alguém – ou eles mesmos. Mas Ethan precisava dele, e eu confiava nele. Seja lá o que ele estivesse fazendo, eu acreditava que ele não o usaria para machucar ninguém. E eu não tinha certeza se ele podia se machucar agora.

“Nós temos que levar isso para a lápide de Lila.”

Tio Macon me estudou por um longo momento, e uma não familiar mistura de tristeza e preocupação apareceram nos seus olhos. “Tudo bem.”

Eu comecei a andar em direção ao túmulo de Lila Wate, ao lado do buraco vazio onde as boas pessoas de Gatlin acreditavam que meu tio estava enterrado.

Ridley suspirou dramaticamente. “Maravilha. Mais tempo no cemitério assustador.”

Link escorregou casualmente seu braço nos ombros dela. “Não se preocupe, Babe. Eu vou proteger você.”

Ridley olhou para ele desconfiada. “Me proteger? Você se deu conta que eu sou uma Conjuradora das Trevas de novo?”

“Eu gosto de pensar que você está no lado cinza. De qualquer jeito, eu vou te dar uma folga hoje. Eu acabei de matar o Galactus (*vilão de história em quadrinhos da Marvel*) dos Incubus.”

Ridley balançou seus cabelos louros e rosa. “Seja lá o que isso signifique.”

Eu parei de escutar e fiz meu caminho através do cemitério, O Livro das Luas pressionado contra o meu peito. Eu senti o calor irradiando dele, como se a capa de couro quente pudesse me queimar também.



Eu me ajoelhei em frente ao túmulo da mãe de Ethan. Esse era o lugar onde eu tinha deixado a pedra preta do meu colar para ele. Parecia ter funcionado; eu só podia esperar que funcionasse de novo. O Livro das Luas tinha que ser muito mais importante do que uma pedra.

Meu tio encarou a lápide, fascinado. Eu me perguntava por quanto tempo ele amaria ela. Para sempre, era o meu palpito.

Por qualquer razão, esse lugar era um portal no qual eu não podia atravessar. A coisa importante era que Ethan podia abri-lo de algum jeito.

Ele tinha.

Eu coloquei o Livro no túmulo, o tocando pelo o que eu esperava que fosse a última vez.

Eu não sei porque você precisa dele, Ethan. Mas aqui está. Por favor, volte para casa.

Eu esperei como se ele pudesse desaparecer bem diante dos meus olhos.

Nada aconteceu.

“Talvez devêssemos deixar o livro sozinho,” Link sugeriu. “Ethan provavelmente precisa de privacidade ou alguma coisa para fazer seus truques de fantasma.”

“Ele não é um fantasma,” eu rebati.

Link levantou as mãos. “Seus truques de Espírito.”

Ele não se tocava que a palavra não importava. Era a imagem que a palavra sugeria a minha mente. Um pálido Ethan sem vida. Morto. O jeito que eu o encontrei depois da minha Décima Sexta Lua depois de Sarafine

o ter esfaqueado. Pânico empurrou meus pulmões como duas mãos apertando meu fôlego para fora de mim. Eu não podia suportar pensar sobre isso.

“Vamos deixar ai e ver o que acontece,” disse John.

“De jeito nenhum.” Tio Macon estava me poupado. “Me desculpe, Lena –”

“E se fosse a Lila?”

Seu rosto de fechou a menção do nome dela. A pergunta pairou no ar, mas nós dois sabíamos a resposta.

Se a mulher que ele amava precisasse dele, ele faria qualquer coisa para ajudá-la – desde lado cemitério ou do outro.

Eu sabia disso também.

Ele me estudou por um bom tempo. Então ele suspirou, concordando.”
Tudo bem. Você pode tentar. Mas se não funcionar –”

“Yeah, yeah. Nós podemos jogar o livro mais poderoso do mundo Conjurador e Mortal em algum túmulo e sair andando.” Ridley ainda estava na mesma posição parada na lápide, mascando chiclete. “E se alguém o encontrar?”

“Eu receio que Ridley está certa.” Tio Macon suspirou. “Eu vou esperar aqui.”

“Eu não acho que irá funcionar com você aqui, senhor. Você é um tipo de pessoa assustadora também,” Link disse do modo mais respeitoso possível. “Senhor.”

“Nós não vamos simplesmente deixar O Livro das Luas ai, Sr. Lincoln.”

Uma ideia tomou forma lentamente, se esticando até estar totalmente formada. “Talvez nós não precisamos de alguém para ficar com o Livro, mas alguma coisa.”

“Huh?” Link coçou a cabeça.

Eu me curvei. “Boo, vem aqui garoto.”

Boo Radley parou e balançou seu rabo peludo, que era espesso como de um lobo.

Eu afundei meus dedos atrás de suas orelhas. “Esse é meu garoto.”

“Não é uma má ideia.” Rid colocou dois dedos na boca e assobiou.

“Você realmente acha que um cachorro pode lutar com um Grupo de Sangue se eles aparecerem aqui?” Link perguntou.

Tio Macon cruzou os braços. “Difícilmente Boo Radley é um cachorro comum.”

“Mesmo um cachorro Conjurador pode usar de uma pequena ajuda,” Rid disse.

Um tronco se partiu, e alguma coisa saltou do arbusto.

“Putá merda!” Link puxou a tesoura de jardinagem para fora das cós da sua calça assim que as patas de Bade tocaram o chão.

A enorme montanha que era a gata de Leah Ravenwood.

Tio M sorriu. “A gata de minha irmã. Um ótima ideia. Ela certamente passa um certo nível de intimidação que falta a Boo.”

Boo rosnou, ofendido.

“Aqui, gatinha, gatinha...” Ridley esticou sua mão, e Bade se espreitou.

Link encarou ela. “Você é uma total psicopata.”

Bade rosnou para Link de novo, e Rid riu. “Você só está bravo porque Bade não gosta de você, Hot Stuff.”

John deu um passo para trás. “Yeah, bem, eu não estou fazendo carinho nela também.”

“Então nós deixamos o Livro por enquanto e vamos ver o que acontece.” Eu abracei Boo. “Você fica aqui.” O cachorro Conjurador sentou em frente ao túmulo como um cão de guarda, e Bade se aproximou se espreguiçando preguiçosamente na sua frente.

Eu fiquei de pé mas estava tendo problemas em me fazer ir embora.

E se alguma coisa acontecesse com ele? O Livro podia ser a única chance de Ethan voltar para mim. Eu podia arriscar isso?

John percebeu que eu não estava me movendo, então apontou para um ponto alto alguns quilômetros atrás do túmulo. “Nós podemos ficar ali do outro lado caso eles precisem de reforços. Ok?”

Ridley pulou da lápide, suas plataformas batendo contra a borda do túmulo. No Sul, deveria ter algo equivalente aos setes anos de azar. Talvez mais em Gatlin.

Ela colocou seus braços nos meu ombro, balançando um pirulito na minha frente. “Vamos lá. Eu vou te contar sobre todas as minhas aventuras nas algemas.”

John veio correndo ao nosso lado. “ Você disse algemas? Realmente algemas?” Ele parecia um pouquinho entusiasmado demais para ouvir os detalhes.

“Sr. Lincoln!” Tio M parecia que queria estrangular ele.

Link parou seus movimentos. “Uh, desculpe senhor. Era só uma brincadeira. Você sabe...”

Eu deixei Ridley me arrastar para o outro lado da colina enquanto Link tentava se livrar de entrar em mais problemas com tio Macon. John caminhava lenta e penosamente atrás de nós, suas botas muito pesadas como um passo de qualquer Mortal.

Se eu fechasse meus olhos, eu podia fingir que eles eram Ethan.

Mas estava ficando cada vez mais difícil fingir. Eu estava falando em Kelt com ele antes sem perceber, mas mesmas três palavras repetidamente.

Por favor venha para casa.

Eu me perguntava se ele podia me ouvir. Se ele já estava á caminho.



Eu contei os minutos, me perguntando quanto tempo nós deveríamos esperar para ir checar o Livro. Nem Link ou as brincadeiras de Ridley conseguiam me distrair, e isso era dizer o bastante.

“Eu acho que toda essa coisa de um quarto Incubus está subindo á sua cabeça,” Ridley disse.

Link flexionou os músculos. “Ou talvez estava derrubando os piores durões por ai.”

Ridley rolou os olhos. “Por favor.”

“Vocês dois não param nunca?” John perguntou.

Ambos se viraram para encarar ele. “Parar o que?” eles perguntaram ao mesmo tempo.

Eu ia dizer a John para nem se dar ao trabalho, quando eu vi um risco preto no céu.

O corvo. O mesmo que tinha nos observado quando fomos encontrar Abraham. Talvez ele estivesse nos seguindo.

Talvez ele soubesse de alguma coisa.

Ele mergulhou e circulou a área em volta do túmulo de Ethan.

“É o corvo.” Eu voltei correndo para a colina.

John desapareceu e reapareceu ao meu lado. “Do que você está falando?”

Link e os outros nos alcançaram. “Onde é o incêndio?”

Eu apontei para o pássaro. “Eu acho que aquele corvo tem seguido a gente.”

Tio Macon estudou o pássaro. “Interessante.”

Ridley mascou seu chiclete. “O que?”

“Uma Vidente como Amarie diria a você que muitos acreditam que corvos possam atravessar entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.”

Nós chegamos até o topo. Bade e Boo estavam encarando o lustroso pássaro preto.

“E daí? Mesmo se ele pudesse voar de um mundo para o outro, você realmente acha que aquele passarinho pode carregar O Livro das Luas?” Link perguntou.

Eu não sabia. Mas o corvo estava ligado de alguma forma com Ethan. Eu tinha certeza disso.

Ridley caminhava atrás de nós. “Provavelmente está com medo do gato gigante.”

Pra variar, ela podia estar certa.

“Bade e Boo, vão para casa,” eu pedi. As orelhas da gata gigante se levantaram ao som do seu nome.

Boo hesitou e olhou para cima para tio Macon.

Ele acenou para o cachorro. “Pode ir.”

Boo balançou a cabeça. Então ele fez a volta e arrastou-se através da grama alta. Bade bocejou, arreganhando os enormes dentes brancos, e o seguiu, seu rabo balançando como um dos leões dos programas de natureza selvagem que Link sempre assistia no Discovery Channel. Ele culpa sua mãe por isso, mas nos últimos meses, eu tinha percebido que ele vinha assistindo por conta própria mais do que uma vez.

O corvo circulou de novo e investiu na nossa direção, pousando na lápide. Seus olhos pretos redondos pareciam estar olhando diretamente para mim.

“Como ele está te encarando desse jeito?” Link perguntou.

Eu encarei de volta o pássaro preto.

Por favor. Leve o Livro ou o faça desaparecer. Qualquer coisa que você tenha que fazer para que ele chegue até Ethan.

Tio Macon me olhou através do outro lado da lápide.

Ele não pode te ouvir, Lena. Eu receio que você não possa falar em Kelt com um pássaro.

Eu encarei meu tio. Á essa altura, eu tentaria qualquer coisa.

Como você sabe?

O corvo pulou, suas garras tocando a fina capa de couro por menos de um segundo antes que ele grasnasse e puxasse suas pernas de volta para cima rapidamente.

“Eu acho que o Livro queimou ele,” John disse. “Coitado.”

Eu sabia que ele estava certo. Eu senti as lágrimas rolando no meu rosto. Se o corvo não podia tocar o Livro, como daríamos ele para Ethan? Eu tinha deixado a pedra preta que Ethan tinha pedido, aquela do meu colar de amuletos, bem aqui no túmulo. Eu não sabia o que tinha acontecido depois disso.

“Talvez o pássaro não tenha nada a ver com iss, e ele seja só um mensageiro ou coisa do tipo,” John ofereceu.

Eu funguei, limpando meu rosto. “Então qual é a mensagem?”

John apertou meu ombro. “Não se preocupe.”

“Como vamos dar o Livro para o Ethan? Ele precisa dele, ou ele não pode –
“ Eu não consegui terminar. Eu não podia suportar nem pensar nisso.

Nós tínhamos arriscado nossas vidas para rastrear Abraham Ravenwood, e tínhamos achado uma forma de matá-lo – ao menos Link tinha. O Livro das Luas estava bem aqui sob meus pés, e não tinha como entregá-lo para Ethan.

“Nós vamos dar um jeito, Prima.” Ridley pegou o Livro, a capa arrastando contra a pedra. “Alguém deve ter a resposta.”

John sorriu para mim. “Alguém tem. Especialmente quando se trata de livros. Vamos – vamos perguntar á ela.”

Uma fagulha de esperança preencheu meu peito. “Você está pensando o que eu estou pensando?”

Ele concordou. “É o Dia do Presidente, o que ainda era um feriado bancário até onde eu sei.”

Ridley puxou a barra a sua mini saia, que não mechei nem um milímetro. “Quem está pensando o que, e onde estamos indo?”

Eu agarrei seu braço, puxando ela colina abaixo; “Seu lugar preferido, Rid. A biblioteca.”

“Não é assim tão ruim,” ela disse, inspecionando sua unha roxa. “Exceto por todos aqueles livros.”

Eu não respondi.

Só existia um livro que importava agora, e todo o meu mundo – e o futuro de Ethan – dependia dele.

CAPÍTULO 26

Física Quântica

De dentro da grade oculta que levava á *Lunae Libri*, eu podia ver todo o caminho até o final das escadas. Marian sentada atrás da mesa circular na recepção, exatamente onde eu sabia que ela estaria. Liv estava andando na outra extremidade da sala, onde as pilhas de livros começavam.

Assim que entraram na *Lunae Libri*, o pescoço de Liv se levantou. Ela atravessou como um raio a sala no momento que ela viu John.

Mas ele foi mais rápido. John desapareceu, reaparecendo no caminho de Liv, pegando ela nos braços. Meu coração se quebrou um pouco enquanto eu assistia o alívio se espalhar pelo seu rosto. Eu tentei não sentir inveja.

“Você está bem!” Liv jogou os braços ao redor do pescoço de John. Ela se empurrou para trás, sua expressão mudando. “O que você estava pensando? Quantas vezes mais você vai sumir para fazer algo completamente insano?” Liv virou sua carranca para mim e Link. “E quantas vezes mais vocês vão deixar ele fazer isso?”

Link levantou as mãos se rendendo. “Hey, nós nem estávamos lá da última vez.”

John encostou sua testa na dela. “Ele está certo. É comigo que você deveria estar brava.”

Um lágrima escorreu pela sua bochecha. “Eu não sei o que eu teria feito se – “

“Estou estou bem.”

Link estufou o peito. “Graças a mim.”

“É verdade,” John disse. “Meu protegido salvou nossas peles.”

Link levantou uma sobrancelha. “É melhor isso significar alguma coisa boa.”

Tio Macon limpou a garganta, ajustado o punho de sua camisa branca. “De fato, Sr. Lincoln. De fato.”

Braços cruzados, Marian saiu de trás da escrivaninha. “Alguém gostaria de me explicar exatamente o que aconteceu hoje?” Ela encarou meu tio em expectativa. “Liv e eu estávamos muito preocupadas.”

Ele me olhou. “Como você pode imaginar, a pequena confrontação entre eles e meu irmão e Abraham não foi de acordo com o plano. E o Sr. Breed quase conheceu um final importuno.”

“Mas tio M salvou o dia.” Ridley nem tentou esconder o sarcasmo. “Ele deu uma queimadura de sol para Hunting onde o sol não brilhava. Agora vamos logo com a parte onde você nos dá um grande sermão e ficamos todos de castigo?”

Marian se virou para o meu tio. “Ela está sugerindo que –”

Tio Macon acenou. “Hunting não está mais entre nós.”

“Abraham está morto também,” John acrescentou.

Marian encarou tio Macon como se ele tivesse acabado de dividir o Mar Vermelho. “Você matou Abraham Ravenwood?”

Link limpou a garganta alto, sorrindo de orelha a orelha. “Não, senhora. Eu matei.”

Por um momento Marian ficou sem palavras. “Eu acho que preciso me sentar,” ela disse, seus joelhos começando a ceder. John se apressou para pegar uma cadeira para ela de trás da escrivaninha.

Marian pressionou seus dedos contra sua têmpora. “Vocês estão me dizendo que Hunting e Abraham estão mortos?”

“Isso estaria correto,” tio Macon disse.

Marian balançou a cabeça. “Mais alguma coisa?”

“Só isso, tia Marian.” O apelido que Ethan usava com ela saiu antes que eu pudesse perceber. Eu derrubei *O Livro das Luas* no tampo de madeira polida da mesa ao lado dela.

Liv respirou fundo. “Oh meu Deus.”

Eu olhei para baixo para a quente capa de couro, com uma lua crescente em relevo, e o peso do momento me pegou. Minha mãos tremeram, e parecia que minhas pernas iam ceder também.

“Eu não posso acreditar.” Marian inspecionou o livro com suspeita, como se eu estivesse devolvendo um livro atrasado. Ela nunca seria nada menos que 100 por cento bibliotecária.

“É o verdadeiro.” Ridley se encostou em uma das colunas de mármore.

Marian ficou de pé em frente a escrivaninha como se tentasse se posicionar entre Ridley e o livro mais perigoso dos mundo *Conjurador e Mortal*. “Ridley, eu não acho que você pertença a este lugar.”

Ridley levantou seus óculos escuros até topo da cabeça, olhos amarelos como de gatos piscando para Marian. “Eu sei, eu sei. Eu sou uma Conjuradora das Trevas e eu não pertenço ao clube secreto dos mocinhos, certo?” Ela rolou os olhos. “Estou tão cheia disso.”

“A *Lunae Libri* é aberta á todos os Conjuradores, Luz ou Trevas.” Marian respondeu. “O que eu quis dizer é que não sei se você pertence entre nós.”

“Está tudo bem, Marian. Rid nos ajudou a recuperar o Livro,” eu expliquei.

Ridley assoprou uma bola de chiclete, esperando até estourar, o som ecoando alto nas paredes. “Ajudei vocês? Se por *ajudar*, você quer dizer preparar Abraham para que vocês pudessem pegar *O Livro das Luas* e matá-lo, então, sim, eu acho que ajudei.”

Marian a encarou, sem palavras. Sem dizer uma palavra, ela andou e segurou uma lata de lixo em frente a boca de Ridley. “Não na minha biblioteca. Cuspa isso agora.”

Ridley suspirou. “Você sabe que não é só chiclete, certo?”

Marian não se moveu.

Rid cuspiu.

Marian abaixou a lata. “O que eu não entendo é porque vocês arriscaram as vidas por um livro horrendo. Eu gosto do fato de ele não mais estar nas mãos dos Incubus de Sangue, mas —“

“Ethan precisa dele,” eu disparei. “Ele encontrou um modo de me contactar, e ele precisa do *Livro das Luas*. Eles está tentando voltar para cá.”

“Você recebeu outra mensagem?” Marian perguntou.

Eu acenei. “No último *Stars and Stripes*.” Eu respirei fundo. “Eu preciso que você confie em mim.” Eu a olhei nos olhos. “E eu preciso da sua ajuda.”

Marian me estudou por um longo tempo. Eu não sabia o que ela estava pensando, ou debatendo, ou decidindo. Tudo o que eu sei é que ela não disse uma palavra.

Eu não acho que ela pudesse.

Então ela acenou com a cabeça, puxando sua cadeira mais próximo de mim. “Me conte tudo.”

Então eu comecei a falar. Nós tivemos que preencher algumas lacunas – Link e John contando sobre o nosso encontro com Abraham, e Rid e tio Macon me ajudando a explicar nosso plano de trocar John pelo *Livro das Luas*. Liv olhava tristemente, como se ela mal pudesse escutar sobre isso.

Marian não disse uma palavra até termos terminado, apesar de ser fácil ler suas expressões, o que passou de choque para horror, de simpatia á desespero.

“Isso é tudo?” Ela me olhou, exausta pela história.

“Fica pior.” Eu olhei para Ridley.

“Você diz além do fato de Link ter dissecado Abraham com uma tesoura gigante?” Rid fez uma careta.

“Não, Rid. Diga a ela sobre os planos de Abraham. Diga a ela o que você ouviu sobre Angelus,” eu disse.

A cabeça de tio Macon se virou ao ouvir o nome do Guardiã. “Do que Lena está falando, Ridley?”

“Angelus e Abraham estavam tramando alguma coisa, mas eu não sei os detalhes.” Ela encolheu os ombros.

“Nos diga exatamente o que você sabe.”

Ridley torceu uma mecha de cabelo rosa em torno de seu dedo nervosamente. “Esse tal de Angelus é um maluco. Ele odeia Mortais e pensa que os Conjuradores das Trevas e o Registro Distante deveriam estar no controle do mundo Mortal, ou alguma coisa assim.”

“Por que?” Marian estava pensando alto. Seus punhos estavam cerrados com tanta força que os nós dos seus dedos estavam brancos. O único problema que Marian teve com o Registro Distante ainda era muito recente na sua memória.

Rid deu de ombros. “Ah, talvez porque ele é um *Louco Especial*?”

Marian olhou para o meu tio, uma conversa silenciosa se passando entre eles. “Nós não podemos deixar Angelus ganhar uma posição aqui. Ele é mais que perigoso.”

Tio M concordou. “Eu concordo. Nós precisamos –”

Eu o interrompi antes que ele pudesse terminar. “Tudo o que eu sei é que primeiro nós temos que dar *O Livro das Luas* para Ethan. Ainda existe uma chance de termos ele de volta.”

“Você realmente acredita nisso?” Marian disse as palavras quietamente, quase por debaixo de sua respiração. Apesar de eu não poder ter certeza, parecia que somente eu pude escutá-la. Ainda assim, eu sabia que Marian acreditava nas impossibilidades do mundo Conjurador – ela tinha visto de primeira mão – e ela amava Ethan tanto quanto eu. Ele era como um filho para ela.

Nós duas queríamos acreditar.

Eu assenti. “Acredito. Eu tenho que acreditar.”

Ela se levantou da cadeira e foi de volta á escrivaninha, equilibrada como sempre.

“Então está decidido. Nós iremos entregar *O Livro das Luas* para Ethan de um jeito ou de outro.” Eu sorri para ela, mas ela já estava perdida em pensamentos, olhando envolta da biblioteca como se ela escondesse as respostas para os nossos problemas.

O que, para alguns, ela escondia.

“Tem que ter um jeito, certo?” John perguntou. “Talvez em alguns desses pergaminhos ou desses livros velhos –“

Ridley abriu a tampa do esmalte, torcendo o nariz. “Ótimo. Livros velhos.”

“Tente ter um pouco mais de respeito, Ridley. Um *livro* é o motivo para que as crianças da família Duchannes sofrerem por gerações.” Marian estava se referindo a nossa maldição.

Rid cruzou os braços, fazendo careta. “Tanto faz.”

Marian tirou o esmalte da mão dela. “Outra coisa que eu não permito na minha biblioteca.” O vidrinho ressoou ao bater no fundo da lata de lixo.

Ridley a encarou com raiva, mas não disse nada;

“Dr. Ashcroft, você alguma vez já entregou um livro no Outro Mundo”? Liv perguntou.

Marian balançou a cabeça. “Não posso dizer que já.”

“Talvez Carlton Eaton pudesse só mandar ele pra lá.” Link parecia esperançoso. “Você pode embrulhá-lo em um daqueles papel de embrulho marrom, como você faz par aos livros de minha mãe. E, você sabe, o colocar em circulação ou alguma coisa.”

Marian suspirou. “Eu receio que não, Wesley.” Mesmo Carlton Eaton, que colocava o nariz em cada uma das cartas da cidade, ambas do mundo Mortal e Conjurador, não poderia entregar o livro.

Frustrada, Liv vasculhou entre as páginas do seu caderno vermelho. “Tem que ter um jeito. Quais eram as chances que vocês conseguiriam pegar o

Livro de Abraham afinal? E agora que nós temos ele, nós vamos simplesmente desistir?” Ela puxou um lápis de detrás da orelha, rabiscando e murmurando para si mesma. “As leis da física quântica devem permitir esse tipo de eventualidade...”

Eu não sabia nada sobre as leis da física quântica, mas de uma coisa eu sabia. “A pedra do meu colar de amuletos desapareceu quando eu a deixei para o Ethan. Por que com o Livro seria diferente?”

Eu sei que você a pegou, Ethan. Por que você não pode pegar o livro também?

Eu percebi que tio Macon provavelmente me escutou, e eu tentei parar.

Não adiantava. Eu não podia parar de usar Kelt mais do que eu podia parar as palavras de se juntarem sozinhas, esperando para eu que as escrevesse em algum lugar.

leis da física

leis do amor

do tempo e do espaço

e entre o lugar

entre você e eu

e onde estamos

perdidos e procurando

procurando e perdidos

“Talvez o Livro seja muito pesado,” Link sugeriu. “Aquela pequena pedra preta não era maior que um quarto.”

“Eu não tenho certeza que seja esse o motivo, Wesley. Apesar que tudo é possível,” Marian disse.

“Ou impossível.” Ridley colocou os óculos escuros no lugar e mostrou sua língua vermelha para fora.

“Então por que ele não consegue atravessar? John perguntou.

Marian olhou para as anotações de Liv, considerando a pergunta.

“*O Livro das Luas* é um objeto sobrenatural poderoso. Ninguém realmente entende o escopo do seu poder. Nem os Guardiões, nem os Conjuradores.”

“E se a origem da sua mágica está no mundo Conjurador, poderia estar profundamente enraizado aqui,” Liv disse. “Como uma árvore está particularmente enraizada em um lugar.”

“Você está dizendo que o Livro não quer atravessar?” John perguntou.

Liv colocou o lápis atrás da orelha. “Eu estou dizendo que talvez ele não possa.”

“Ou não devesse.” O tom de tio Macon estava mais sério.

Ridley deslizou para o chão e esticou suas longas pernas. “Está tudo errado. Eu arrisquei a minha vida e agora nós estamos empacados com aquela coisa. Talvez nós precisemos ir até os Túneis e ver se outro dos caras maus sabem a resposta. Você sabe – Time das Trevas.”

Liv cruzou seus braços sobre sua camiseta EDSON NÃO INVENTOU A LÂMPADA. “Você quer levar *O Livro das Luas* para um bar de Conjuradores das Trevas?”

“Você tem uma ideia melhor?” Rid perguntou.

“Eu acho que tenho.” Marian colocou seu casaco de lã vermelho.

Liv se mexeu depois dela. “Onde você vai?”

“Ver alguém que sabe muito não só sobre esse livro mas um mundo que desafia as leis da física em ambos mundos Conjurador e Mortal. Alguém que talvez tenha a resposta que precisamos.”

Tio Macon concordou. “Ótima ideia.”

Só tinha uma pessoa que se encaixava naquela descrição.

Alguém que amava Ethan tanto quanto eu. Alguém que faria qualquer coisa por ele, até abrir um buraco no universo.

CAPÍTULO 27

Uma rachadura em tudo

“Agora, não me diga que você está pensando em colocar um pé pela minha porta da frente, me ouviu?” Amma se recusava a deixar Ridley chegar perto da Propriedade dos Wate. Ela disse isso em cinquenta maneiras diferentes na primeira vez que tentamos, sem sucesso, conversar com ela.

“Mmmmm-nnnnn. Nenhum Conjurador das Trevas vai entrar nessa casa enquanto eu estou nessa doce terra. Ou depois que eu partir. Não, senhor. Não, senhora. Sem chance.”

Ela concordou em nos encontrar em Greenbrier ao invés.

Tio Macon ficou para trás. “É melhor assim. Amarie e eu não temos nos visto desde aquela noite.. que aconteceu,” ele explicou. “Eu não estou certo que agora seja o momento certo.”

“Então o que você está dizendo é que está com medo dela, também?” Ridley o olhou com novo interesse. “Imagine isso.”

“Eu estarei em Ravenwood se precisarem de mim,” ele disse, lançando um olhar fulminante á Ridley.

“Imagine isso.” Eu sorri.

O resto de nós esperou dentro do muro em ruínas do velho cemitério. Eu resisti a vontade de vagar até o lugar onde Ethan estava, apesar de sentir aquele familiar puxão, o desejo de estar lá com ele. Eu acreditava, com todo o meu coração, que havia um jeito de conseguir Ethan de volta, e eu não iria parar até encontrar.

Amma estava esperançosa também, mas eu tinha visto o medo e a dúvida nos seus olhos. Ela já o tinha perdido duas vezes. Toda vez que eu levava para ela outra palavra cruzada, ela ficava desesperada para conseguir ele de volta.

Eu acho que Amma não ia permitir a si mesma acreditar em qualquer coisa que ela não pudesse suportar perder de novo.

Com o Livro, então, estávamos um passo mais perto.

Ridley estava encostada em uma árvore, a uma distancia segura do buraco na parede de pedra. Eu sabia que ela só estava com medo de Amma assim como tio Macon, mesmo ela não admitindo.

“Não diga nada a ela quando ela chegar aqui,” Link avisou Ridley. “Você sabe como ela fica por causa daquele livro.”

Ridley rolou os olhos. “Eu pensei que Abraham era um saco. Amma é ainda pior.”

Eu vi um sapato preto ortopédico cruzar a entrada.

“Pior que o que?” Amma exigiu. “Pior que o seus modos?” Ela olhou Ridley de cima a baixo. “Ou seu gosto para roupas?”

Ela estava vestindo um vestido amarelo, todo luz do sol e delicadeza, que não combinava com a sua expressão. Seu cabelo grisalho estava torcido em um coque elegante, e ela estava carregando uma bolsa de retalhos. Eu estive por perto tempo o suficiente para saber que aquela não era um bolsa com coisas comuns.

“Ou um ponto pior que uma garota que é expulsa do Inferno somente para voltar a andar no fogo por conta própria?” Amma observava Ridley cuidadosamente.

Ridley não tirou seus óculos de sol, mas eu podia ver a chama de qualquer jeito. Eu a conhecia muito bem. Tinha algo sobre Amma que o fazia se sentir completamente horrível se você a desapontasse – mesmo se você fosse uma Sirena sem nenhuma ligação com ela.

“Não foi isso o que aconteceu,” Ridley disse baixinho.

Amma jogou sua bolsa no chão. “Não é, então? Eu tenho isso muito bem sabido que você teve a chance estar do lado certo ao invés do errado, e você desistiu. Eu perdi alguma coisa das letras miúdas?”

Ridley mudou nervosamente. “Não é assim tão simples.”

Amma fungou. “Você pode continuar a dizer isso a si mesma se te ajuda a dormir a noite, mas não tente me vender isso, porque eu não estou comprando.” Amma apontou para o pirulito na mão de Ridley. “E tudo esse açúcar vai apodrecer os dentes pra fora de sua cabeça, Conjuradora ou não Conjuradora.”

Link riu nervosamente.

Amma focou seu olho de águia nele. “Do que você está rindo, Wesley Lincoln? Você vai se afundar em mais problemas do que quando eu o flagrei no meu porão quando você tinha nove anos.”

O rosto de Link ficou vermelho. “Eles meio que me encontram, senhora.”

“Você sabe que você sai procurando por eles, assim como o sol brilha igual para os santos e os pecadores.” Ela encarou cada um de nós. “Então o que é dessa vez? E é melhor não ter nada a ver com destruir o equilíbrio do universo.”

“Todos santos, senhora. Nenhum pecador.” Link retrocedeu um ou dois centímetros, me procurando por ajuda.

“Falem logo. Eu tenho tia Mercy e tia Grace em casa, e eu não posso deixa-las sozinhas com Thelma por muito tempo, ou as três vão encomendar tudo o que aparecer no canal de compras.” Amma raramente chamava as tias avós de Ethan de “as Irmãs”, agora que uma delas tinha partido.

Mas agora era Marian que tomou a frente e segurou o braço de Amma a assegurando. “É sobre *O Livro das Luas*”

“*Nós o temos*”, eu deixei escapar.

Liv deu um passo para o lado, revelando *O Livro das Luas* descansando no chão atrás dela. Os olhos de Amma se estreitaram. “Eu quero saber como vocês o conseguiram?”

Link se manifestou. “Nem. Quero dizer, não, senhora, você com certeza não quer.

“O fato é que nós o temos agora,” Marian disse.

“Mas nós não conseguimos entregá-lo para Ethan-“ Eu ouvi o desespero na minha voz.

Amma balançou a cabeça se aproximando do Livro, o rodeando como se ela não quisesse chegar muito perto. “Claro que não conseguem. Esse livro é muito poderoso para um mundo. Se vocês o querem mandar do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, nós precisamos do poder dos dois mundos para mandá-lo.”

Eu não tinha certeza do que ela quis dizer, mas eu só me importava com uma coisa. “Você vai nos ajudar?”

“Não é da minha ajuda que vocês precisam. Vocês precisam de ajuda do lado que vai receber.”

Liv se aproximou de Amma. “Nós deixamos o Livro para Ethan, mas ele não o pegou.”

Ela fungou. “Hmm. Ethan não é forte o bastante para carregar esse tipo de peso pra outro lado. Ele provavelmente nem sabe como.”

“Mas tem alguém forte o bastante,” Marian bajulou. “Talvez mais que um alguém.” Ela estava falando sobre os Grandes.

A questão era, Amma chamaria eles?

Eu mordi meu lábio.

Por favor, diga sim.

“Imaginei que se você estivesse chamando, você estaria esperando para ver até quão loucas as coisas vão.” Amma abriu sua bolsa e tirou um pequeno copo e uma garrafa de Wild Turkey. “Então eu vim preparada.” Ela serviu uma dose e apontou para mim. “Você vai ter que nos ajudar, apesar. Nós precisamos do poder de ambos os mundos.”

Eu concordei. “Eu farei o que precisar.”

Amma apontou em direção a Ravenwood. “Você pode começar reunindo o resto do seu pessoal. Você não tem o tipo de poder que precisamos sozinha.”

“Rid está aqui, e John pode nos ajudar também. Ele é metade Conjurador.”

Amma balançou a cabeça. “Se você quer que esse livro atravesse, nós vamos ter que usar o resto deles.”

“Eles estão em Barbados.”

“Na verdade, eles voltaram há algumas horas atrás,” Marian disse.

“Reece parou na biblioteca mais cedo essa noite. Ela disse que sua avó não gostava da umidade.”

Eu tentei não sorrir. O que minha avó não gostava era de perder toda a ação, e Reece não era melhor que isso também. Com cada poder Conjurador da minha grande família, eu tinha certeza que eles sabiam que alguma coisa estava acontecendo.

“Eu posso perguntar a eles. Mas eles podem estar cansados da viagem.” Eu estava preocupada o bastante que tio M iria fazer a cabeça deles sobre isso. Adicionando o resto da minha família na mistura, nós dávamos em algum lugar entre arriscado e idiota.

Amma cruzou os braços, mas determinada do que eu já a tinha visto. “O que eu sei é que esse livro não vai a lugar nenhum sem eles.”

Não tinha motivo para discutir com ela. Eu tinha assistido Ethan tentando fazer ela mudar de ideia quando ela já estava decidida, e ele raramente tinha sucesso. E Amma amava ele mais do que qualquer pessoa no mundo. Eu não tinha chance.

Ridley acenou para mim. “Eu vou com você para reforço.”

“Sua mãe vai pirar só de você aparecer. Eu vou ter que contar á ela que você está de volta. E eu provavelmente deveria diser a eles que você está –“ eu hesitei. Não ia ser fácil para ninguém da minha família lidar com o

fato que Ridley tinha voltada para Sarafine para recuperar seus poderes das Trevas. “Mudada.”

Link olhou para longe.

Isso não era o pior de tudo. “Já vai ser difícil o bastante explicar para a Vovó porque eu tenho o Livro.”

Rid colocou os braços nos meus ombros. “Você não sabe que a melhor maneira de distrair alguém de má notícias é dar a ele uma notícia ainda pior?” Ela sorriu, me levando em direção a Ravenwood. “Novidades nunca são piores do que eu.”

Link balançou a cabeça. “Não brinca.”

Ridley se virou e tirou os óculos escuros. “Boca fechada, Shrinky Dink. Ou eu vou fazer você querer entrar no quarto de sua mãe e contar a ela que você se tornou um Metodista.”

“Seus poderes não funcionam mais em mim, Babe.”

Ridley assoprou um beijo rosa para ele. “Me testa.”

CAPÍTULO 28

Briqa de Conjuradoras

Eu abri a porta da frente, e o ar dentro da casa pareceu se mexer. Não – ele estava se mexendo. Milhares de borboletas voavam pelo ar enquanto outra descansavam na delicada mobília antiquada que tio Macon passou anos colecionando.

Borboletas

O que eu estava fazendo com Ravenwood?

Um pequena borboleta verde com linhas douradas nas asas pousou no corrimão.

“Macon?” A voz de Vovó chamou do segundo andar. “É você?”

“Não, Vovó. Sou eu. Lena.”

Ela desceu as escadas com um blusa branca de gola alta, seus cabelos presos juntos em um coque e suas botas de amarras aparecendo por baixo da sua saia longa. Em contraste com a perfeita escada em caracol, ela aprecia como uma senhora do sul vinda diretamente de um filme antigo.

Ela olhou as borboletas voando pela sala e me deu um abraço. “Estou tão feliz em ver você de bom humor.”

Vovó sabia que o interior de Ravenwood mudava para espelhar o meu humor. Para ela, uma sala cheia de borboletas significava felicidade. Mas para mim, significava algo totalmente diferente – algo que eu vinha agarrando com força.

Esperança, vinda no verde e dourado das asas. Trevas e Luz, como eu tinha me tornado na noite da minha Invocação.

Eu toquei a estrela de ferro da árvore de Natal do meu colar de amuletos. Eu tinha que focar. Tudo tinha levado até aqui. Ethan estava lá fora em algum lugar, e tinha uma chance de conseguirmos trazer ele de volta para

casa. Eu só tinha que convencer minha família a emprestar seus poderes para nós.

“Vovó, eu preciso da sua ajuda com uma coisa.”

“É claro, querida.”

Ela não estaria dizendo isso que soubesse o que eu estava para dizer a ela. “E se eu disse para você que eu achei *O Livro das Luas*?”

Vovó gelou. “Por que você me perguntaria uma coisa como essas, Lena? Você sabe onde ele está?”

Eu assenti.

Ela juntou sua saia, se apressando em direção às escadas. “Nós temos que contar a Macon. O quanto antes levamos aquele livro para a *Lunae Libri*, melhor.”

“Nós não podemos.”

Vovó se virou lentamente, seus olhos olhando diretamente para mim. “Comece a explicar, mocinha. E você pode começar me dizendo como achou *O Livro das Luas*.”

Ridley saiu de trás da coluna de mármore. “Eu ajudei ela.”

Por um longo momento, eu segurei minha respiração, até ficar claro que Ravenwood não ia desabar ao chão.

“Como você chegou aqui?” A voz de Vovó estava tão controlada quanto a de Ridley, talvez mais. Ela tinha estado por perto há um longo tempo, e levaria mais do que minha novamente-prima-das-Trevas para tirá-lo do sério.

“Lena me deixou entrar.”

Houve um lampejo de desapontamento nos olhos de minha avó. “Eu vejo que está usando seus óculos escuros de novo.”

“É tipo uma coisa de auto preservação.” Ridley mordeu nervosamente seu lábio. “O mundo é um lugar perigoso.”

Era uma coisa que minha avó sempre dizia para nós quando éramos crianças – principalmente para Ridley. Eu lembrei de outra coisa que ela dizia, algo que poderia atrasar a confissão da história de Abraham tempo suficiente para eu conseguir dar o Livro para Ethan.

“Vovó, você se lembra do acordo que você fez com a Ridley a primeira vez que ela foi a uma festa?”

Ela me olhou esquecida. “Não tenho certeza se lembro.”

“Você disse para ela não entrar no carro com alguém que andou bebendo.”

“Certamente um bom conselho, mas não sei como ele se relaciona com a situação.”

“Você disse para Rid que se ela ligasse e dissesse que sua carona tinha andado bebendo, você mandaria alguém busca-la, sem fazer perguntas.” Eu vi um vislumbre de reconhecimento passar por seu rosto. “Você disse que ela não entraria em problemas, não importava onde ela estivesse ou o que tinha feito.”

Rid se apoiou na coluna desconfortável. “Yeah. Foi como um passe livre para Sair da Cadeia. Eu realmente precisei de um desses esses dias.”

“Essa conversa vai explicar como vocês duas estão de posse do livro mais poderoso do mundo Conjurador e Mortal?” Vovó olhava cética de mim para minha prima.

“Eu estou te ligando para dizer que minha carona andou bebendo,” eu soltei.

“Perdão?”

“Eu preciso que você confie em mim e faça algo sem fazer perguntas. Uma coisa para Ethan.”

“Lena, Ethan está-“

Eu levantei minha mão. “Não diga isso. Nós duas sabemos que pessoas podem se comunicar do outro lado. Ethan me mandou uma mensagem. E eu preciso da sua ajuda.”

“Ela está dizendo a verdade. Ao menos ela pensa que está, para o que conta.” Reece estava parada entrada escurecida da sala de jantar. Eu nem a tinha visto, mas ela obviamente tinha me visto. Uma Sibila só precisa de uma olhada no seu rosto para o conseguir ler, e Reece estava entre as melhores. Finalmente, estava funcionando para meu benefício.

“Mesmo se você estiver dizendo a verdade, você está me pedindo mais do que um pouco de fé. Não importa o quanto eu amo você, eu não posso te ajudar a usar – “

“Nós não estamos tentando usar *O Livro das Luas*.” Eu me perguntava se ela acreditaria em mim. “Nós estamos tentando mandá-lo para Ethan.”

A sala ficou silenciosa, e eu esperei por ela dizer alguma coisa. “O que leva você acreditar que isso seja possível?”

Eu expliquei as mensagens que Ethan vinha me deixando nas palavras cruzadas, mas eu deixei de fora a parte de como nós realmente conseguimos por as mãos no *Livro das Luas*, invocando a minha causa da “minha carona está bêbada”. Eu não ia me safar dessa para sempre. Eventualmente, Vovó ia insistir por uma explicação. Mas eu não tinha para sempre – só esta noite. Depois que mandarmos o Livro para Ethan, Vovó podia me interrogar o quanto ela quisesse.

Além do mais, tio M já tinha prioridade nesse assunto.

Ela ouviu atentamente, dando um gole na xícara de porcelana preta que apareceu em sua mão, cortesia da Cozinha. Ela não ofereceu nenhuma palavra, e ela não tirou os olhos de mim enquanto eu falava.

Finalmente, a xícara encontrou seu caminho para o pires, e eu sabia que ela tinha tomado uma decisão. Minha avó respirou fundo. “Se Ethan precisa da nossa ajuda, nós não temos escolha a não ser ajudá-lo. Depois do que ele sacrificou por todos nós, é o mínimo que podemos fazer.”

“Vovó!” Reece jogou as mãos pra cima. “Escute o que você está falando!”

“Como ela pode, se você está gritando?” Ridley soltou.

Reece a ignorou. “Você realmente vai mandar o livro mais poderoso do universo Conjurador para o Outro Mundo, sem ter como saber quem vai estar do outro lado?”

Rid deu de ombros. “Pelo menos você não vai estar lá.”

Reece olhou para Rid como se ela mesma quisesse esfaquear ela com uma tesoura de jardinagem.

“Ethan vai estar lá,” eu argumentei.

Vovó hesitou, um novo pensamento sacudindo sua determinação. “Não é como se estivéssemos despachando um pacote, Lena. E se o Livro não chegar aonde nós queremos?”

Reece olhou satisfeita. Ridley olhou como se agora fosse ela quem estivesse pensando em tesouras de jardinagem.

“Amma vai chamar os Grandes.”

Vovó terminou seu chá, e a xícara desapareceu. “Bem, se Amarie está envolvida, tenho certeza que ela tem um plano. Vou pegar meu casaco.”

“Espera.” Eu olhei para Reece. “Nós precisamos que todos venham. Amma disse que nós não teremos poder suficiente se não fizermos isso juntos.”

Reece olhou para tio Macon, que tinha se esgueirado para a sala ao primeiro sinal de uma briga da família Conjuradora. “Você vai deixar ela fazer isso?”

Ele escolheu suas palavras com cuidado. “Por um lado, eu penso que é uma péssima idéia.”

“Ai.” Reece sorriu.

“O que?” Perder o apoio do meu tio era a única coisa que eu receava quando Amma me mandou buscar reforços.

“Deixem ele terminar, garotas.” Vovó levantou a voz.

“Mas,” tio M continuou, “estamos em débito com Ethan que talvez nunca seja possível de pagar corretamente. Eu assisti ele dar sua vida por nós, e eu não encaro isso levemente.”

Eu expirei. *Graças a deus.*

“Tio Macon – “ Reece começou.

Ele a silenciou com um gesto. “Isso não está aberto a discussão. Se não fosse pelo Ethan, você poderia estar sem poderes agora. A Ordem foi quebrada, e nós estávamos somente começando a ver seus efeitos. As coisas estavam apontando numa direção grave, de fato. Eu te prometo isso.”

“Eu não sei porque ainda estamos falando sobre isso, então.” Vovó juntou sua saia e começou a subir as escadas. “Eu vou buscar Del, Barclay e Ryan.”

Ridley engoliu em seco ao ouvir o nome de sua mãe. Tia Del ficou de coração partido quanto Ridley desapareceu, e ela não tinha ideia que sua filha estava de volta. Ou que ela tinha retornado como uma Conjuradora das Trevas.

Eu me lembrei o quão feliz tia Del parecia quando Ridley perdeu seus poderes no verão passado. Ser uma Mortal era melhor do que ser das Trevas, especialmente nessa família.

Reece virou seu rosto para a irmã. “Você não devia estar aqui. Você já não causou dor o suficiente a todos?”

Ridley enriqueceu. “Eu pensei que você merecia um pouco mais, Irmã. Não queria deixar você na mão. Quer dizer, vendo como você sempre esteve lá para mim.” Ela disse sarcasticamente, mas eu podia ouvir a dor. Ridley só fingia que ela não tinha um coração;

Eu ouvi vozes, e tia Del apareceu no topo da escada. Os braços de tio Barclay estavam apertados em volta dela. Eu não sabia se ela tinha nos escutado ou se Vovó contou a ela sobre Ridley. Mas eu podia dizer pelo modo como tia Del estava contorcendo suas mãos que ela já sabia da verdade.

Tio Barclay a conduziu escada abaixo, sua estrutura grande a amparando. Seu cabelo sal-e-pimenta estava penteado ordenadamente, e pela primeira vez parecia que ele pertencia a mesma era que o resto de nós. Ryan se arrastou atrás deles, seus longos cabelos loiros balançando em um rabo de cavalo.

Quando Ryan e Ridley estavam paradas na mesma sala, era impossível ignorar o quanto elas eram parecidas. Nos últimos seis meses, Ryan começou a se parecer mais como uma adolescentes do que com uma garotinha, mesmo ela tendo somente doze anos.

Tia Del sorriu fracamente para Ridley. “Eu feliz que você esteja bem. Eu estava tão preocupada.”

Ridley mordeu o lábio e balançou nos seus saltos. “Eu sinto muito, você sabe. Eu não podia ligar exatamente.”

“Abraham prendeu Rid.” Eu soltei antes que eu pudesse me segurar. Ridley era culpada de muitas coisas, mas era difícil de assistir eles a julgarem por algo que estava fora do controle dela.

O rosto de tia Del se enrugou – o de todos se enrugaram, exceto pelo de Reece. Ela estava posicionada protetoramente entre sua mão e sua irmã das Trevas.

“Isso é verdade?” Tio Barclay soava genuinamente preocupado.

Ridley torceu uma mecha rosa entre os dedos nervosamente. “Yeah. Ele era um verdadeiro príncipe.” Ela falou por Kelt comigo, desesperada. *Não conte a eles, Prima. Não agora.* “Eu estou bem,” Ridley disse, espantando as preocupações do pai. “Vamos nos preocupar com Ethan. Ninguém quer ouvir sobre mim e o Grande Lobo do Mau.”

Ryan aproximou-se provisoriamente de Ridley. “Eu quero,” ela disse em voz baixa.

Rid não respondeu. Ao invés, ela levantou sua mão vazia.

Eu esperei por um rato ou um pirulito aparecer na palma de sua mão, algum truque barato para distrair sua irmã do que ela era agora. Mas sua mão continuou vazia.

Ryan sorriu e estendeu a sua própria mão, fechando-a em torno da de Ridley.

Eu ouvi tia Del perder o fôlego, ou talvez fosse eu.

“Se Lena confia em você, então eu também confio,” Ryan disse. Ela olhou para Reece. “Irmão devem confiar umas nas outras.”

Reece não se moveu, mas eu não precisava ser uma Sibila para ler sua expressão.

Pequenas rachaduras já estavam se formando na dura casca que Reece trabalhou tão duro para manter. Era difícil de ver, mas estava lá. O começo de alguma coisa – lágrimas, perdão, arrependimento – eu não podia ter certeza.

Me lembrou de algo que Marian disse a Ethan antes de tudo acontecer. Era somente uma das suas famosas citações, de um cara chamado Leonard Cohen: *“There is a crack in everything. That’s how the light gets in.”* Tem uma rachadura em tudo, e é por ela que a luz entra.”

Foi isso que eu pensei quando eu vi o rosto de Reece;

A luz finalmente estava entrando.

“Lena, você está bem?” Tio Barclay olhou para o teto. O lustre de cristal estava balançando generosamente sob nossas cabeças.

Eu respirei fundo, e ele parou imediatamente. *Controle a si mesma.*

“Estou bem”, eu menti.

Eu compus as palavras na minha cabeça, mesmo que eu não deixasse minha caneta escrevê-las.

curvo
como os galhos de uma árvore
quebrados
como os pedaços do meu coração
rachados
como a décima sétima lua
estilhaçado
como o vidro da janela
o dia que nos conhecemos

Eu fechei meus olhos, tentando silenciar as palavras que não paravam de vir.

Não

Eu as ignorei, forçando elas para fora da minha cabeça. Eu não estava as falando por Kelt com tio Macon, e eu não iria escrever uma palavra até Ethan voltar.

Nem uma palavra sequer.

“Amarie está nos esperando. Nós devemos ir.” Tio Macon colocou seu casaco preto de cachemira. “Ela não é uma mulher que aprecia ficar esperando.”

Boo se arrastou atrás dele, seu pelo grosso se misturando perfeitamente na escuridão do quarto.

Ridley abriu a porta, fugindo o mais rápido que ela podia. Ela desembrolhou um pirulito vermelho antes mesmo que ela descesse os degraus da varanda. Ela hesitou por um segundo perto do canteiro de flores antes embolsar a embalagem.

Talvez as pessoas pudessem mudar – mesmo aquelas que fizeram as escolhas erradas, se elas tentassem o bastante para fazê-las certas. Eu não tinha certeza, mas eu esperava que sim. Eu tinha feito escolhas ruins o bastante ano passado.

Eu caminhei em direção para a única pessoa que tinha estado certa.

A única que importava.

Ethan

Eu estou indo.

CAPÍTULO 29

As Mãos dos Mortos

“Já não era sem tempo.” Com os braços cruzados impacientemente, Amma estava encarando a entrada na velha parede de pedra quando nós passamos por ela.

Tio Macon estava certo; ela não gostava de ficar esperando.

Marian colocou uma mão gentilmente no ombro de Amma. “Tenho certeza que foi difícil reunir todos eles.”

Amma respirou fundo, ignorando sua desculpa. “Existe difícil, e então existe difícil.”

John e Liv estavam sentados no chão um ao lado do outro, a cabeça de Liv descansando casualmente no ombro de John. Tio Barclay passou por mim, ajudando tia Del navegar pelas pedras quebradas da parede. Ela piscou, focando em um ponto não muito longe do túmulo de Genevieve. Ela balançou, e tio Barclay a segurou.

As camadas do tempo estavam retrocedendo, do modo que só fazia com tia Del.

Eu me perguntava o que ela via. Tanto havia acontecido em Greenbrier. A morte de Ethan Carter Wate, a primeira vez que Genevieve usou *O Livro das Luas* para trazê-lo de volta, o dia que Ethan e eu achamos seu medalhão e tivemos a visão, e a noite em que ia Del usou seus poderes para nos mostrar os pedaços do passado de Genevieve nesse lugar.

Mas tudo tinha mudado desde então. O dia em que Ethan e eu estávamos tentando descobrir como consertar a Ordem e eu acidentalmente queimei a grama embaixo de nós.

Quando eu assisti minha mãe queimar até a morte.

Tia Del podia ver tudo aquilo? Ela podia ver aquilo?

Um inesperado sentimento de culpa tomou conta de mim, e eu secretamente esperei que ela não pudesse.

Amma acenou para Vovó. “Emmaline. Você está bem.”

Vovó sorriu. “Você também, Amarie.”

Tio Macon foi o último a entrar no jardim esquecido. Ele permaneceu perto da parede, um desconforto atípico e quase imperceptível sobre ele.

Amma e ele trocaram olhares, como se estivessem tendo uma conversa que só eles pudessem ouvir.

Era impossível ignorar a tensão. Eu não tinha visto os dois juntos desde a noite em que perdemos Ethan. E ambos diziam que tudo estava *bem*.

Mas agora que eles estavam parados somente alguns centímetros separados, estava claro que nada estava bem. Na verdade, Amma parecia que queria arrancar a cabeça do meu tio fora.

“Amarie,” ele disse lentamente, curvando a cabeça respeitosamente.

“Estou surpresa que você tenha aparecido. Você não está preocupada que uma das minhas sujeiras possa estragar esses seus sapatos elegantes?” ela disse. “Você não iria querer isso. Não quando seus sapatos de festa custaram tanto dinheiro?”

Do que é que ela esta falando?

Amma era uma santa – pelo menos era como eu sempre pensei nela.

Vovó e tia Del trocaram olhares, parecendo igualmente confusas. Marian se virou. Ela sabia de alguma coisa, mas não iria falar nada.

“Luto deixam as pessoas desesperadas,” tio Macon respondeu. “Se ninguém entende isso, eu entendo.”

Amma deu as costas para ele, se virando para o wiskey e o copo de vidro que estavam ao lado do *Livro das Luas* ao chão. “Eu não tenho certeza que você entenda nada que não sirva para seus propósitos, Melchizedek. Eu não acho que precisamos da sua ajuda, eu te mandaria diretamente de volta para sua casa.”

“Isso dificilmente é justo. Eu estava tentando proteger você – “ tio Macon parou quando percebeu que todos nós estávamos encarando. Todos nós, exceto Marin e John, que estavam fazendo o que pudessem para não olhar para Amma ou meu tio. Que praticamente significava olhar para a lama no chão ou para *O Livro das Luas*, e nenhum deles iria fazer qualquer um de nós menos desconfortável.

Amma girou de volta para encarar tio Macon. “Da próxima vez, tente me proteger um pouco menos e meu menino um pouco mais. Se houver uma próxima vez.”

Ela tinha acabado de culpar tio Macon de não fazer um trabalho melhor em proteger Ethan quando ele estava vivo? Não fazia nenhum sentido...

“Por que vocês dois estão brigando desse jeito?” Eu exigi. “Vocês estão parecendo Reece e Ridley.”

“Hey,” Reece disse. Rid só deu de ombros.

Eu lancei um olhar para Amma e meu tio. “Eu pensei que estivéssemos aqui para ajudar Ethan.”

Amma fungou e meu tio olhou infeliz, mas nenhum deles disse outra palavra.

Marian finalmente falou alguma coisa. “Eu acho que estamos todos preocupados. Provavelmente seria melhor se colocarmos qualquer outra coisa de lado e focarmos no problema em nossas mãos. Amma, o que você precisa que façamos?”

Amma não tirou os olhos do meu tio. “Preciso que os Conjurados formem um círculo ao meu redor. Mortais podem se espalhar entre eles. Nós precisamos do poder deste mundo para entregarmos essa coisa do demônio para aqueles que possam pegá-lo o resto do caminho.”

“Os Grandes, certo?” Eu esperava que sim.

Ela acenou. “Se eles responderem.”

Se eles responderem? Tinha uma chance de eles não responderem?

Amma apontou para o chão aos meus pés. “Lena, eu preciso que você me traga o livro.”

Eu levantei o volume empoeirado de couro e senti um poder pulsando através dele, como uma batida de coração.

“O Livro não vai querer ir,” Amma explicou. Ele quer permanecer aqui, onde pode causar problemas. Como a sua prima aqui.” Ridley rolou os olhos, mas Amma só olhava para mim. “Eu vou chamar os Grandes, mas você precisa manter uma mão no livro até eles o pegarem.”

O que ele iria fazer? Sair voando?

“Todos os outros, façam o círculo. Mãos bem dadas e apertadas.”

Depois de Ridley e Link discutirem sobre dar as mão, e Reece se recusar em dar as mão para Ridley ou John, eles finalmente completaram o círculo.

Amma olhou para mim. “Os Grandes não tem estava muito contentes comigo. Eles talvez não apareçam. E se eles aparecerem, eu não posso prometer que ele levarão o Livro.”

Eu não podia imaginar os Grandes chateados com Amma. Eles eram a sua família, e eles tinham vindo em nosso socorro mais do que uma vez.

Nós só precisávamos que eles fizessem isso mais uma vez.

“Eu preciso que os Conjuradores se concentrem com tudo o que tem dentro do círculo.” Amma se abaixou e encheu o copo com um dose de Wild Turkey. Ela bebeu a dose e o encheu novamente para tio Abner. “Eu não me importo com o que acontecer – você envia o poder na minha direção.”

“E se você se machucar?” Liv perguntou, preocupada.

Amma encarou Liv de volta, sua expressão esquisita e quebrada. “Não posso me machucar mais do que eu já estou. Você só espera e concentra.”

Tio Macon deu um passo a frente, largando a mão de tia Del. “Ajudaria se eu ajudasse você?” ele perguntou para Amma.

Ela apontou um dedo trêmulo para ele. “Sai do meu círculo. Você pode fazer sua parte de lá.”

Eu senti uma onda de calor vinda do livro, como se sua raiva quisesse conhecer Amma.

Tio Macon deu um passo para trás e juntou suas mãos com os outros. “Um dia você vai me perdoar, Amarie.”

Seus olhos escuros se apertaram e encontraram com os verdes dele. “Hoje não.”

Amma fechou os olhos, e meu cabelo começou a se enrolar involuntariamente enquanto ela dizia as palavras que somente ela podia dizer.

“Sangue do meu sangue

E raízes da minha lama,

Eu preciso da sua intercessão.”

O vento começou a chicotear ao meu redor no círculo, e um raio caiu á cima de nossas cabeças. E senti o calor do Livro se misturando com o calor das minhas mãos, o calor que eu podia comandar – para queimar e destruir.

Amma não parou, como se estivesse falando com o céu.

“Eu os chamo para carregar o que eu não posso

Para ver o que não posso.

Para fazer o que não posso.”

Um brilho verde surgiu das mãos de tio Macon e se espalhou ao redor do círculo, de uma mão para a outra. Vovó fechou os olhos, como se tentasse canalizar os poderes de Macon. John percebeu e fechou seus olhos também, e a luz se intensificou.

Raios rasgaram pelo céu, mas o universo não se abriu, e os Grandes não apareceram.

Onde vocês estão? Eu rezei silenciosamente.

Amma tentou de novo.

“Esse é um cruzamento que eu não posso atravessar.

Somente vocês podem levar esse livro para o meu menino.

Entregar ele do nosso mundo para o seu.”

Eu me concentrei com mais força, ignorando o calor do Livro nas minhas mãos. Eu ouvi um galho quebrar, depois outro. Eu abri os olhos, e uma explosão de chamas surgiram do lado de fora do círculo. Elas pegaram fogo como se alguém tivesse acendido o pavio de uma banana de dinamite, rasgando a grama e criando outro círculo fora o primeiro.

A Esteira de Fogo – as chamas incontroláveis que incendiaram às vezes contra a minha vontade. O jardim estava queimando de novo por minha causa. Quantas vezes essa terra podia queimar antes de um estrago irreparável?

Amma apertou seus olhos com força. Dessa vez ela falou as palavras claramente. Elas não eram um canto, mas uma súplica. “Eu sei que vocês não querem vir por mim. Então venham pelo Ethan. Ele está contando com vocês, e vocês são tanto a família dele como são a minha. Façam a coisa certa. Uma última vez. Tio Abner. Tia Delilah. Tia Ivy. Vovó Sulla. Twyla. Por favor.”

O céu se abriu, e a chuva caiu dos céus. Mas o fogo ainda assolava, e a luz Conjuradora ainda brilhava.

Eu vi algo pequeno e preto circulando sobre nós.

O corvo.

O corvo de Ethan.

Amma abriu os olhos e o viu também. “Isso mesmo tio Abner. Não puna Ethan pelos meus erros. Eu sei que você tem cuidado dele ai desse lado, do mesmo jeito que você sempre cuidou de nós aqui. Ele precisa do livro. Talvez você saiba porque, mesmo eu não sabendo.”

O corvo circulou mais perto e mais perto, e os rostos começaram a aparecer no céu escuro, uma a uma – suas características se esculpindo sozinhas no universo a cima de nós.

Tio Abner apareceu primeiro, seu rosto enrugado vincado pelo tempo.

O corvo pousou no seu ombro como um pequeno rato no pé de um gigante.

Sulla, a Profeta, foi a próxima, suas tranças caindo sobre os ombros. Fios de contas emaranhados descansavam contra seu peito como se não pesassem nada. Ou como se valessem o peso.

O Livro das Luas se contraiu na minha mão, como se tentasse se libertar. Mas eu sabia que não eram os Grandes chegando por ele.

O Livro estava resistindo.

Eu apertei meu aperto quando tia Dalila e tia Ivy apareceram simultaneamente, de mãos dadas e olhando para baixo como se estivessem avaliando a cena. Nossas intenções ou nossas habilidades, era impossível saber.

Mas eles estavam nos julgando, no entanto. Eu podia sentir, e o Livro também. Ele tentou se libertar de novo, chamuscando a palma da minha mão.

“Não solte!” Amma me alertou.

“Não vou,” eu gritei sobre o vento. “Tia Twyla, onde está você”?

Os olhos escuros de tia Twyla apareceram antes do seu rosto gentil e dos braços com pulseiras. Antes das suas tranças amarradas com amuletos, e a fileira de brincos nas suas orelhas.

“Ethan preciso disso!” Eu gritei sobre o vento, a chuva e o fogo.

Os Grandes nos encararam, mas não reagiram.

O Livro das Luas reagiu.

Eu senti o pulso da batida nele, o poder e a raiva se espalhando no meu corpo como veneno.

Não solte.

Imagens passaram como flash na frente dos meus olhos.

Genevieve segurando o Livro, dizendo as palavras que trariam Ethan Carter Wate de volta por um milésimo de segundo – e amaldiçoaria minha família por gerações.

Amma e eu dizendo as mesmas palavras, paradas sobre Ethan Lawson Wate – nosso Ethan.

Seus olhos se abrindo e os de tio Macon se fechando.

Abraham com o Livro enquanto o fogo ameaçava Ravenwood á distancia, a voz de seu irmão implorando, segundos antes dele matar Jonah.

Eu podia ver tudo.

Todas as pessoas que esse livro tocou e feriu.

As pessoas que eu conhecia e aquelas que não reconhecia.

Eu podia senti-lo se afastando de mim de novo, e eu gritei mais alto desta vez.

Amma agarrou o Livro, suas mãos sobre as minhas. As parte em que sua pelo estava tocando o couro, eu podia as sentir queimando.

Lágrimas se formaram nos seus olhos, mas ela não soltou.

“Nos ajude,” eu gritei para o céu.

Não foi o céu que respondeu.

Genevieve Duchannes se materializou na escuridão, sua forma nebulosa perto o suficiente para tocar.

Me dê ele.

Amma podia vê-la; era óbvio pela sua expressão assombrada. Mas eu era a única que podia ouvi-la através de Kelt.

Seu longo cabelo vermelho era assoprado pelo vento, de uma maneira que parecia tanto impossível quanto certo ao mesmo tempo.

Eu o levo. Ele não pertence a esse mundo. Nunca pertenceu.

Eu queria dar o Livro a ela – para mandá-lo para Ethan e impedir Amma de se machucar mais.

Mas Genevieve era uma Conjuradora das Trevas. Eu só tive que olhar para seus olhos amarelos para me lembrar.

Amma estava tremendo.

Genevieve alcançou sua mão. E se eu fizesse a escolha errada? Ethan nunca teria o Livro, e eu nunca o veria novamente...

Como eu vou saber que posso confiar em você?

Os olhos, como coração partido, de Genevieve me encararam de volta.

Você só saberá se confiar.

Os Grandes olhavam abaixo para nós, e não tinha jeito de saber se eles iriam nos ajudar. As mãos Mortais de Amma estavam queimando por cima das minhas de Conjurador, e *O Livro das Luas* não estava mais perto de Ethan do que estava quando nas mãos de Abraham Ravenwood, há pouco tempo atrás.

Às vezes só temos uma escolha.

Às vezes você tem que pular.

Ou deixar ir...

Pegue, Genevieve.

Eu puxei minhas mãos, e as de Amma se moveram com a minha. O Livro se empurrou para a liberdade como se sentisse que fosse sua única chance de escapar. Ele deu uma guinada em direção ao círculo exterior, onde John e Link estavam de mãos dadas.

A brilhante luz verde ainda estava no lugar, e John concentrou seu olhar no Livro. “Eu acho que não.”

Ele acertou a luz e ricocheteou de volta para o centro do círculo e para as mãos de Genevieve que aguardavam. Ela fechou suas mãos nebulosas em torno dele, e o Livro pareceu estremecer.

Não dessa vez.

Eu segurei minha respiração, ouvindo Amma chorar.

Genevieve pressionou o Livro contra o peito e desmaterializou.

Meu coração afundou. “Amma! Ela pegou o livro!” Eu não podia pensar, ou sentir, ou respirar. Eu tinha feito a escolha errada. Eu nunca veria Ethan novamente. Meus joelhos cederam, e eu me senti desmaiando.

Eu ouvi um rasgão, e braços me pegaram pela cintura.

“Lena, olhe.” Era Link.

Eu pisquei através das lágrimas e olhei para ele, sua mão livre apontando para o céu.

Genevieve está lá na escuridão, seu cabelo vermelho balançando atrás dela. Ela entregou *O Livro das Luas* para Sullá, que o pegou nas mãos.

Genevieve sorriu para mim.

Você pode confiar em mim. Me desculpe. Me desculpe mesmo.

Ela desapareceu, deixando os Grandes iminentes no céu atrás dela, como gigantes.

Amma segurou suas mãos queimadas no peito e encarou sua família do outro mundo. O mundo onde Ethan estava preso. Lágrimas escorreram pelas suas bochechas enquanto a luz verde que nos ligava morria.

“Você leve esse livro para o meu menino, me ouviu?”

Tio Abner acenou com o seu chapéu para ela. “Estarei esperando uma torta agora, Amma. Uma daquelas de merengue de limão seria bom.”

Amma deu um aceno final enquanto suas pernas cediam embaixo dela.

Eu caí com ela, quebrando sua descida. Eu vi enquanto a chuva apagava o fogo e os Grandes desapareciam. Não tinha como saber o que iria acontecer em seguida. Só tinha uma coisa da qual eu tinha certeza.

Ethan tinha uma chance agora.

O resto dependia dele.

LIVRO TRÊS

Ethan

CAPÍTULO 30

Tempo Perdido

L. Você está aí? Pode me ouvir? Estou esperando. Eu sei que você vai encontrar o Livro logo.

Você não acreditaria nesse lugar. Me sinto vivendo em um templo de dez mil anos de idade, ou talvez uma fortaleza. Você não acreditaria no cara também. Meu amigo Xavier. Pelo menos eu acho que ele é meu amigo. Ele parece um monge de dez mil anos de idade.

Você sabe como é esperar em um mundo onde o tempo não passa? Minutos parecem séculos – eternidades – só que pior, porque você não pode dizer qual é qual.

Eu me peguei contando as coisas. Compulsivamente. É o único jeito que eu sei como contar o tempo.

Sessenta e dois botões de plástico. Onze cordões arrebitados ente catorze e trinta e seis pérolas. Cento e nove cartões velhos de basebol. Doze mil, setecentos e cinquenta dólares e três centavos em moedas, de seis países diferentes. Ou talvez de seis séculos.

Mais ou menos.

Eu não sei como contar as doubloons (moeda dos piratas).

Essa manhã, contei grãos de arroz saindo pela costura de um sapo de pelúcia. Eu não sei onde Xavier acha essas coisas. Eu contei até nove mil e noventa e nove, mas aí eu perdi a conta e tive que começar de novo.

Foi assim que eu passei o dia de hoje.

Como eu disse, uma pessoa pode enlouquecer tentando passar o tempo em um lugar sem tempo. Quando você achar O Livro das Luas, L, eu sei que vou sair daqui no segundo que eu puder. Eu mantenho minhas coisas prontas para partir, na boca da caverna. O mapa de tia Prue. Um frasco vazio de whisky e tabaco.

Não pergunte.

Você acredita, que depois de tudo, que o Livro ainda é entre nós dois? Eu sei que você vai encontrá-lo. Algum dia. Você vai.

E eu estarei esperando.



Eu não sei se pensar em Lena faz o tempo passar mais rápido ou mais de vagar. Mas não importa. Eu não podia parar de pensar nela mesmo se eu tentasse. O que eu tinha – jogando xadrez com aquelas peças bizarras que Xavier colecionava. O ajudando a catalogar tudo desde tampas de garrafa e mármore, até antigos volumes Conjuradores. Hoje são pedras. Xavier deve ter milhões delas, indo desde diamantes brutos tão grandes quanto morangos até partes de quartzo e rochas lisas velhas.

“É importante manter um registro cuidadoso de tudo o que eu tenho.” Xavier acrescentou três pedaços de carvão á lista.

Eu olhei para as pedras na minha frente. Cascalho, Amma diria. Exatamente o tom de cinza da estrada Dean Wilks. Eu me perguntava o que Amma estaria fazendo agora. E minha mãe. As duas mulheres que me criaram em dois mundos totalmente diferentes, e eu não podia ver nenhuma delas.

Eu segurei um mão cheia de cascalhos de estrada. “Por que você coleciona isso mesmo? São só pedras?”

Xavier parecia chocado. “Pedras tem poderes. Elas absorvem os sentimentos das pessoas e seus medos. Até suas memórias.”

Eu não precisava do medo de mais ninguém. Eu tinha o suficiente do meu.

Eu alcancei meu bolso e tirei a pedra preta. Eu esfreguei a sua superfície lisa entre meus dedos. Essa era a de Sulla. Ela tinha forma de uma espessa lágrima, enquanto a de Lena era redonda.

“Aqui.” Eu entreguei a pedra a ele. “Você pode adicioná-la a sua coleção.”

Eu tinha bastante certeza que eu não precisaria atravessar o rio de volta. Ou eu encontraria o caminho de volta para casa, ou nunca sairia de lá. De algum jeito eu sabia isso, mesmo se eu não soubesse de mais nada.

Xavier olhou para a pedra por um longo minuto. “Fique com ela, homem morto. Elas não são –“

Depois disso, eu não conseguia saber mais o que ele estava dizendo. Minha vista começou a embaçar, a pele de couro preta de Xavier e a pedra na palma da minha mão se deslocando até elas começaram a sangrar juntas dentro de uma única sombra escura.



Sulla sentou na antiga mesa de vime, uma lamparina á olho iluminando a pequena sala. Uma coberta estava espalhada a sua frente, as Cartas da Providencia alinhada em duas fileiras organizadas, cada uma carimbada com um pardal preto na borda – a marca de Sulla. Um homem alto estava sentado á sua frente, sua cabeça lisa reluzindo á luz.

“A Lâmina de Sangue. A Fúria do Homem Cego. Promessa de Um Mentiroso.” Posso dizer, que nenhuma delas é boa. O que você está buscando, você nunca irá encontrar. E será pior para você se achar.”

O homem passou nervosamente sua mão enorme na cabeça. “O que isso quer dizer, Sulla? Pare de falar em círculos.”

“Significa que eles nunca vão te dar o que você quer, Angelus. O Registro Distante não precisa divulgar que eles sabem que você vem quebrando suas regras o tempo todo.”

Angelus se empurrou da mesa violentamente. “Eu não preciso deles para me darem o que eu quer. Eu tenho outros Guardiões comigo. Guardiões que querem ser mais que escribas. Por que nós deveríamos ser forçados a registrar a história quando todos podemos ser aqueles que a fazem!”

“Não se pode mudar as cartas – é tudo o que sei.”

Angelus encarou a bonita mulher com pele dourada e tranças delicadas. “Palavras podem mudar as coisas, Vidente. Você só as tem que colocar no livro certo.”

Alguma coisa captou o olhar de Sulla, e ela estava distraída por um momento. Sua neta estava abaixada atrás da porta, escutando. Em qualquer outra noite, Sulla não teria se importado. Amaria tinha dezessete anos, mas velha do que quando Sulla aprendeu a ler as cartas. Sulla não queria que a garota visse esse homem. Tinha algo maligno dentro dele. Ela não precisava das cartas para ver isso.

Angelus começou a se levantar, suas enormes mãos cerradas em punhos.

Sulla bateu em uma carta em cima das outras, com um par de portões dourados pintados em cima de um rosto. “Essa carta aqui é tempestuosa.”

O homem hesitou. “O que isso significa?”

“Significa que às vezes nós fazemos nosso próprio destino. Coisas que as cartas não podem ver. Depende de qual lado do portão você escolher.”

Angelus pegou a carta, amassando-a em suas mãos. “Eu estive fora dos portões por tempo o bastante.”

A porta bateu e Amarie saiu de seus esconderijo. “Quem era aquele, Vovó”?

A mulher mais velha pegou a carta amassada, a alisando com as mãos. “Ele é um Guardião do norte. Um homem que quer mais do que qualquer homem deveria ter.”

“O que ele quer?”

Os olhos de Sulla encontraram os de Amarie, e por um segundo ela não estava certa se deveria contar para a menina. “Adulterar o destino. Trocar as cartas.”

“Mas você não pode mudar as cartas.”

Sulla olhou para longe, lembrando o que ela tinha visto nas cartas no dia em que Amarie nasceu. “À vezes você pode. Mas sempre tem um preço.”



Quando abri os olhos, Xavier estava parado a cima de mim, sua expressão torcida de preocupação. “O que você viu, homem morto?”

A pedra preta estava quente na minha mão. Eu a apertei mais forte, como se de alguma forma ela pudesse me levar para mais perto de Amma. Para as memórias presas dentro da sua superfície preta brilhante. “Quantas vezes Angelus mudou *As Crônicas Conjuradoras*, Xavier?”

O Guardiã do Portão olhou para longe, torcendo seus longos dedos nervosamente.

“Xavier, me responda.”

Nossos olhos se encontraram, e eu vi sua dor. “Muitas vezes.”

“Por que ele está fazendo isso?” O que Angelus tinha a ganhar?

“Alguns homens querem ser mais do que Mortais. Angelus é um desses homens.”

“Você está dizendo que ele quer ser um Conjurador?”

Xavier acenou lentamente. “Ele queria mudar o destino. Achar uma maneira de desafiar as leis sobrenaturais e misturar o sangue de Mortais e Conjuradores.”

Engenharia genética. “Então ele quer que Mortais tenham poderes como os Conjuradores?”

Xavier passou anormal mão grande sobre sua cabeça careca. “Não tem nenhuma razão para se ter poder se você é deixado sem ninguém para atormentar e controlar.”

Não fazia sentido. Era muito tarde para Angelus. Ele estava, assim como Abraham Ravenwood, tentando criar um tipo de criança híbrida? “Ele estava fazendo experimentos em crianças?”

Xavier se virou, e ficou em silêncio por um bom tempo. “Ele experimentou nele mesmo usando Conjuradores das Trevas.”

Um arrepio desceu pela minha espinha, e eu não podia engolir. Eu não conseguia imaginar o que o Guardião deveria ter feito para eles. Eu estava tentando achar as palavras certas para perguntar, mas Xavier me contou antes que eu tivesse a chance.

“Angelus testei o sangue deles, tecido – eu não sei o que mais. E ele injetou um soro feito do sangue deles nele mesmo. Não deu a ele o poder que ele queria. Mas ele continuou tentando. Cada injeção o empalidecia e o deixava mais desesperado.”

“Isso aparece horrível.”

Ele virou seu rosto deformado na minha direção. “Essa não é a parte horrível, homem morto. Essa vem depois.”

Eu não queria perguntar, mas não consegui me segurar. “O que aconteceu?”

“Eventualmente, ele encontrou um Conjurador de quem o sangue deu a ele um versão mutada de seus poderes. Ela era Luz e bonita e gentil. E eu...” Ele hesitou.

“Você a amava?”

Suas características pareciam mais humanas do que nunca antes. “Amava. E Angelus a destruiu.”

“Sinto muito, Xavier.”

Ele assentiu. “Ela era uma Telepata poderosa antes que enlouquecesse pelos experimentos de Angelus.”

Uma leitora de mentes. De repente eu entendi.

“Você está dizendo que Angelus pode ler mentes?”

“Somente as dos Mortais.”

Somente as dos Mortais. Como a minha, e a de Liv, e Marian.

Eu precisava achar a minha página nas *Crônicas Conjuradoras* e voltar para casa.

“Não fique tão triste, homem morto.”

Eu vi os ponteiros do relógio de Xavier apontarem em direções diferentes, marcando o tempo que já não existia aqui. Eu não queria dizer a ele que não estava triste.

Eu estava com medo.



Eu mantive meus olhos naquele relógio, mas eu ainda não conseguia ter noção do tempo. As vezes eu ficava tão mal que eu começava esquecer o que eu estava esperando pra começo de conversa. Muito tempo faz isso com você. Borra os limites entre suas memórias e sua imaginação, até que todo o resto pareça alguma coisa que você viu em um filme ao invés de sua vida.

Eu estava começando a desistir de algum dia ver *O Livro das Luas* de novo. O que significava desistir de muito mais do que algum velho livro Conjurador.

Quis dizer desistir de Gatlin, o bom e o ruim de lá. Desistir de Amma e de meu pai e tia Marian. Link, Liv e John. Jackson High e o Dar-ee Keen e da propriedade dos Wate e da Auto estrada 9. O lugar onde eu percebi pela primeira vez que Lena era a garota dos meus sonhos.

Desistir do Livro significava desistir dela.

Eu não poderia fazer isso.

Eu não faria.

Depois do que pareceu ser alguns dias ou semanas – era impossível saber – Xavier percebeu que eu estava perdendo mais do que tempo.

Ele estava sentado no chão sujo de dentro da caverna, catalogando o que parecia ser milhares de chaves. “Como ela se parece?”

“Quem?” eu perguntei.

“A garota.”

Eu assisti ele separar as chaves por tamanho, depois formato. Eu me perguntava da onde elas vinham, as portas de quem elas abriam, e eu procurei pelas palavras certas. “Ela era... viva.”

“Ela era bonita?”

Ela era? Estava ficando difícil de lembrar.

“Yeah. Acho que sim.”

Xavier parou de separar as chaves, me observando. “Como ela se parecia, a garota”?

Como eu podia dizer para ela tudo o que estava rodando na minha mente, Como eu poderia dizer-lhe tudo o que estava rodando na minha mente, se misturando de uma maneira que tornava impossível imaginá-la com clareza?

“Ethan? Você me ouviu? Você precisa me contar. Se não você vai esquecer. É isso o que acontece quando você passa muito tempo por aqui. Esse lugar tira isso de você.”

Eu me virei antes de responder. “Eu não tenho certeza. É tudo um borrão.”

“Ela era loira?” Xavier adorava coisas douradas.

“Não,” eu disse. Eu tinha bastante certeza, apesar de não conseguir me lembrar porque. Eu encarei a parede na minha frente, tentando imaginar o rosto dela. Então um único pensamento me veio, e eu abri meu olhos. “Tinha cachos. Muitos, muitos cachos.”

“A garota?”

“Sim.” Eu olhei para as rochas aflorando do topo da caverna. “Lena.”

“Seu nome era Lena”?

Eu concordei enquanto lágrimas começavam a escorrer pelo meu rosto. Eu estava tão aliviado que ainda podia lembrar seu nome.

Se apresse, Lena. Eu não tenho muito tempo.



No momento que eu vi o corvo novamente, eu tinha esquecido. Minhas memórias eram como sonhos, exceto que eu nunca dormi. Eu assistia Xavier. Eu contei botões e cataloguei moedas. Eu encarei o céu.

Era isso que eu estava tentando fazer agora, mas o estúpido pássaro continuava gritando e batendo suas enormes asas.

“Vai embora.”

Ele gritou ainda mais alto.

Eu rolei para o lado e dei um tapa nele. Foi aí que eu vi o Livro repousando na terra na minha frente.

“Xavier,” eu disse, minha voz instável. “Vem aqui.”

“O que é, homem morto?” Eu o ouvi chamar da caverna.

“*O Livro das Luas.*” Eu o peguei, e ele estava quente em minhas mãos. Mas elas não queimaram. Eu lembrava pensar que elas deveriam.

Assim que segurei o Livro, minhas memórias começaram a me inundar de volta. Como esse livro tinha me trazido dos mortos uma vez antes, e agora ele estava me trazendo de volta a vida mais uma vez. Eu podia ver cada

detalhe. Os lugares onde eu estive. As coisas que eu tinha feito. As pessoas que eu amava.

Eu podia ver o rosto delicado de Lena. Seus olhos verdes e dourados e a marca de nascença em formato de lua crescente na sua bochecha. Eu me lembrei de limões e alecrim e os ventos de furação e as combustões espontâneas. Tudo o que fazia de Lena a garota que eu amava.

Eu estava inteiro de novo.

E eu sabia que teria que ir embora desse lugar antes que ele me engolisse para sempre.

Eu peguei o Livro com as duas mãos e o levei para dentro da caverna. Era hora de fazer uma troca.



A cada passo, o Livro ficava mais pesado em minhas mãos. Isso não me atrasou, entretanto. Nada conseguiria, não agora.

Não até não ter mais nenhum passo para dar.

Os Portões de Registro Distante surgiram na minha frente, reto e alto. Agora eu entendi porque Xavier era tão obsecado com ouro. Os Portões eram de um castanho escuro sujo, mas por baixo eu conseguia ver o ouro lutando para aparecer. Ele se erguia em espirais proibidas. Eles não pareciam levar a nenhum lugar que uma pessoa gostaria de ir.

“Eles parecem tão malignos.”

Xavier seguiu meus olhos até as pontas dos espirais. “Eles são o que são. Poder não é nem bom, nem mau.”

“Talvez isso seja verdade, mas esse lugar é maligno.”

“Ethan. Você é um Mortal forte. Você tem mais vida em você do que qualquer homem morto que conheci.” De alguma forma, isso não era um conforto. “Eu não posso abrir os Portões se você não desejar realmente ir.” As palavras soaram agourentas.

“Eu tenho que ir. Eu tenho que voltar para Lena, e Amma, e Link. E meu pai, Marian, Liv e todo mundo.” Eu vi os rostos dele, de todos eles. Eu me senti rodeado por eles, por seus espíritos, e pelo meu. Eu me lembrei o que era viver entre eles, meus amigos.

Eu me lembrei de como era estar vivo.

“Lena. A garota com os cachos?” Xavier aprecia curioso.

Não tinha porque eu tentar explicar, não para ele. Eu só acenei – pareceu mais fácil.

“E você a ama?” Ele parecia ainda mais curioso.

“Sim.” Não tinha dúvidas. “Eu amo ela além do universo. Eu amo ele desse mundo até o próximo.”

Ele piscou, sem expressão. “ Bem. Isso é bem sério.”

Eu quase sorri. “Yeah. Eu tentei dizer a você. É desse jeito.”

Ele me encarou por um longo momento, finalmente concordando. “Tudo bem. Me siga.” Então ele desapareceu no caminho poeirento na minha frente.

Eu o segui pelo caminho que se retorcia em uma impossível escada de pedra. Nós escalamos até alcançar o estreito penhasco que caia abaixo de nós no que parecia esquecimento. Quando eu tentei olhar além da borda da pedra, tudo o que podia ver era nuvens e escuridão.

Na minha frente estava os impossíveis Portões pretos. Eu não podia ver nada além deles. Mas eu conseguia ouvir os terríveis barulhos – correntes chocalhando, vozes gemendo e chorando.

“Parece o Inferno.”

Ele balançou a cabeça. “Não o Inferno. Somente Registro Distante.”

Xavier se moveu na minha frente, bloqueando meu caminho para os Portões. “Você tem certeza que quer fazer isso, homem morto?”

Eu concordei, mantendo meus olhos no seu rosto desfigurado.

“Garoto humano. Aquele chamado Ethan. Meu amigo.” Seu olhos ficaram pálidos e vidrados, enquanto ele entrava em um tipo de transe.

“O que foi, Xavier?” Eu estava impaciente, mas mais que isso, eu estava apavorado. E quanto mais ficávamos parados lá fora ouvindo os horríveis barulhos do que seja lá estivesse acontecendo lá dentro, parecia piorar. Eu estava com medo de perder a cabeça – de desistir e voltar a trás – de tudo o que Lena tinha passado para conseguir me dar *O Livro das Luas*.

Ele me ignorou. “Você propôs uma troca, homem morto? O que você me oferece para abrir os Portões? Como você pretende pagar sua entrada no Registro Distante?”

Eu só fiquei parado lá.

Ele abriu os olhos, sibilando para mim. “O Livro. Me dê o Livro.”

Eu o entreguei a ele, mas não conseguia tirar minhas mãos. Era como se o Livro e eu fôssemos uma coisa só, ainda assim conectados de alguma forma com Xavier.

“Mas que inferno – “

“Eu aceito sua oferta, e em troca eu abro os Portões de Registro Distante.” O corpo de Xavier ficou mole, e ele entrou em colapso em volta do Livro.

“Você está bem, Xavier?”

“Shh.” O som vindo do balançar da sua toga era a única coisa que me dizia que ele ainda estava vivo.

Eu ouvi outro som, como pedras caindo ou um carro batendo, mas era só os enormes Portões se abrindo. Parecia que eles não se abriam há milhares de anos. Eu assisti enquanto as paredes pretas davam lugar ao mundo lá dentro.

Quando uma descarga de alívio, exaustão e adrenalina fizeram meu coração acelerar, um pensamento começou a correr na minha mente.

Isso tem de acabar logo.

Essa tinha que ser a parte mais difícil. Eu paguei o Balseiro. Eu atravessei o rio. Consegui o Livro. Eu fiz a troca.

Eu consegui chegar ao Registro Distante. Estou quase em casa. Estou indo, L.

Eu podia imaginar seu rosto. Imaginei ver ela e abraçá-la nos meus braços de novo.

Não iria demorar muito.

Pelo menos era isso o que eu pensei ao passar pelos Portões.

CAPÍTULO 31

Guardiões de Segredos

Eu não me lembro do que eu vi quando entrei em Registro Distante. Eu me lembrava dos sentimentos. O puro terror. Como meus olhos não conseguiam achar nada – nenhuma coisa familiar – para descansar. Nada que eles pudessem entender. Eu não estava preparado de jeito nenhum por qualquer mundo que eu já tinha encontrado, por aquele que estava encontrando agora.

Esse lugar era frio e maligno, como a torre de Sauron de Senhor dos Anéis. Eu tinha aquela mesma sensação de estar sendo observado, o sentimento que algum tipo de olho universal pudesse ver o que eu via, pudesse sentir o mais interno terror no meu coração e explodi-lo.

Quando me distanciei dos Portões, paredes altas apareceram dos meus dois lados. Elas se estendiam para além da vista, onde eu podia ver grande parte da cidade. Era como se estivesse olhando para um vale de uma montanha alta. Abaixo de mim, a cidade se estendia em direção ao horizonte em um grande intervalo de esculturas. Olhando mais de perto, percebi que ela não lembrava uma cidade normal.

Era um labirinto, um massivo entrelaçamento de caminhos confusos esculpidos na sebe. Ela se enfiava por toda a cidade, entre mim e o edifício de ouro, que cresceu vertiginosamente em direção ao horizonte á frente.

O edifício que eu precisava chegar.

“Você veio aqui enfrentar o labirinto? Você está aqui para os jogos?” Eu ouvi uma voz atrás de mim, e me virei para ver um homem não naturalmente pálido, como os Guardiões que tinham aparecido na Biblioteca de Gatlin antes do julgamento de Marian. Ele tinha os olhos opacos e óculos prismáticos que eu associava com Registro Distante.

Sob sua estrutura magra, ele usava uma toga como as dos membros do Conselho tinham usado quando sentenciaram Marian – ou seja lá o que eles tinham planejado fazer, antes de Macon, John e Liv se intrometerem.

Aquelas eram as pessoas mais corajosas que eu conhecia. Eu não podia desapontá-los agora.

Não Lena. Não nenhum deles.

“Eu estou aqui para ir a biblioteca,” eu respondi. “Você pode me mostrar o caminho?”

“Foi isso que eu disse. Os jogos?” Ele apontou para uma corda trançada de ouro ao redor de seu ombro. “Eu sou um oficial. Estou aqui para garantir que todos que entram em Registro Distante achem seu caminho.”

“Huh?”

“Você quer ganhar a entrada para Grande Registro. É esse o seu desejo?”

“Isso mesmo.”

“Então você está aqui para os jogos.” O homem pálido apontou para o labirinto crescido abaixo de nós. “Se você sobreviver ao labirinto, você acabará lá.” Ele moveu seu dedo até estar apontando para as torres de ouro. “O Grande Registro.”

Eu não queria ter que encontrar o caminho através do labirinto. Tudo sobre o Outro Mundo parecia um grande labirinto, e tudo o que eu queria era encontrar a saída.

“Eu não acho que você entendeu. Não tem um tipo de porta? Um lugar que eu possa entrar sem ter que jogar nenhum jogo?” Eu não tinha tempo pra isso. Eu precisava encontrar *As Crônicas Conjuradoras* e ir embora. Ir para casa.

Vamos lá.

Ele bateu suas mão contra o meu braço, e eu lutei para ficar de pé. O homem era incrivelmente forte – Link e John juntos de tão forte. “Seria

muito fácil se você pudesse somente entrar em Grande Registro. Qual seria a graça disso?”

Eu tentei esconder minha frustração. “Eu não sei? Que tal entrar?”

Ele franziu o cenho. “De onde você veio”?

“Do Outro Mundo.”

“Homem morto, escute bem. O Grande Registro não é como o Outro Mundo. O Registro Distante tem muitos nomes. Para os nórdicos é Valhalla, Casa dos Lordes. Para os gregos é Olimpo. Existem muitos nomes quanto há homens para dizê-los.”

“Ok. Estou triste com tudo isso. Eu só quero encontrar o caminho para essa biblioteca. Se eu pudesse somente achar alguém para falar – “

“Existe outro caminho para o Grande Registro,” ele disse. “O Caminho do Guerreiro.”

Eu suspirei. “Então existe outro caminho? Como um portal? Talvez até um Portal do Guerreiro.

Ele balançou a cabeça. “Não há portas para o Grande Registro.”

Claro que não tinha.

“Yeah? E que tal uma escada?” eu perguntei. O homem pálido balançou sua cabeça novamente. “Ou talvez um beco?”

Ele tinha acabado com a conversa. “Só tem um jeito de entrar, uma morte honrosa. E só tem um jeito de sair.”

“Você quer dizer que posso ser mais morto do que isso?”

Ele sorriu educadamente.

Eu tentei de novo. “O que é isso, exatamente? Um morte honrosa?”

“Você encara o labirinto. Ela faz o que fizer com você. Você aceita seu destino.”

“E? Qual o modo de sair?”

Ele deu de ombros. “Ninguém sai a não ser que decidimos.”

Ótimo.

“Obrigada, eu acho.” O que mais eu podia dizer?

“Boa sorte, homem morto. Que você lute em paz.”

Eu acenei. “Yeah, claro. Eu espero.”

O estranho Guardiã, se fosse o que ele era, voltou para guardar o seu posto.

Eu encarei o massivo labirinto abaixo, me perguntando mais uma vez no que foi que eu me meti e como eu iria possivelmente me livrar disso.

Eles não deveriam chamar isso de passagem da morte. Eles deveriam chamar de nivelamento.

Porque o jogo só ficaria pior uma vez que eu perdesse. E eu estava um pouco preocupado que só tinha começado.



Eu não podia mais adiar. O único jeito de passar por essa coisa de labirinto, e muitas outras coisas horripilantes, era somente passar por ele.

Eu teria que encontrar o caminho pelo modo difícil.

O Caminho do Guerreiro, sei lá.

E lute em paz? O que foi aquilo?

Minha guarda estava alta quando desci as escadas cortadas na pedra. Eu fui mais adentro do vale a frente, e as escadas se arregalaram em camadas de penhascos íngremes, onde o verde musgo cresceu entre as rochas, e hera se agarrava às paredes. Quando alcancei a base da escada, me encontrei em um imenso jardim.

Não um jardim como aqueles que o pessoal de Gatlin deixava crescer tomates, atrás de seus refrigeradores. Um jardim no sentido de Jardim do Éden – e não o Jardim do Édon, a floricultura da Main Street.

Parecia um sonho. Porque as cores estavam todas erradas – elas eram muito brilhantes, e tinha muitas delas. Quando me movi mais para perto, percebi onde eu estava.

O labirinto.

Fileiras de sebes entrelaçadas com tantos arbustos floridos que fizeram os jardins de Ravenwood parecer pequeno e pobre em comparação.

Quanto mais longe eu andava, menos parecia como andar e mais como uma emboscada no mato. Eu emburrei arbustos para fora do meu rosto e chutei meu caminho através das raízes e arbustos. Escavar o porco ou morrer. Era o que Amma teria dito. Continue tentando.

Isso me lembrou uma vez que eu tentei voltar para casa a pé de Wader's Creek quando tinha nove anos. Eu tinha estado bisbilhotando na sala de artesanato da Amma, que não era uma sala de artesanato de jeito nenhum. Era a sala onde ela armazenava os ingredientes para os seus amuletos. Ela me deu um pedaço e meio da sua mente, e eu disse a ela que eu ia voltar andando para casa. “Eu acho o caminho” – foi o que eu disse á ela. Mas eu não encontrei o caminho para casa, ou qualquer outro caminho. Ao invés disso, eu vaguei mais e mais para dentro do pântano, assustado com o som de caudas de jacarés debatendo na água.

Eu não sabia que Amma estava me seguindo até eu cair de joelhos e começar a chorar. Ela apareceu sobre o luar com as mãos na cintura. “Acho que você deveria ter deixado cair algumas migalhas de pão, se você estava planejando fugir.” Ela não disse mais nada, só esticou a mão.

“Eu teria encontrado o caminho de volta,” eu tinha dito.

Ela acenou. “Eu não duvido disso por um minuto, Ethan Wate.”

Mas agora, puxando os espinhos e sujeira para fora do meu rosto, eu não tinha Amma para vir me encontrar. Era uma coisa que eu tinha que fazer sozinho.

Como arar o campo da Lilum e trazer a água de volta para Gatlin.

Ou dar um mergulho de cima da torre de água de Summerville.

Não me levou muito tempo para perceber que eu estava basicamente no mesmo barco que naquele dia no pântano quando eu tinha nove anos. Eu estava andando pelos mesmos lugares, de novo e de novo, a menos que um outro cara estivesse usando o mesmo tamanho de All-Star que eu. Eu podia muito bem estar perdido no caminho de Wader's Creek.

Eu tentei pensar.

Um labirinto só é um grande quebra cabeça.

Eu estava fazendo errado. Eu precisava marcar os caminhos que eu já tinha pego. Eu precisava de algumas migalhas de pão da Amma.

Eu despedacei o arbusto mais perto em folhas, estocando-as nos meus bolsos. Estendi minha mão direita até que ele tocou a parede de arbustos, e eu comecei a andar. Eu mantive minha mão na parede do labirinto e usei a esquerda para ir derrubando as folhas enceradas a cada passo.

Era como um labirinto gigante de milho, Mantenha a mesma mão nos caules até um beco sem saída. Então troque as mãos e vá pelo outro lado. Qualquer um que já tenha ficado preso em um labirinto de milho pode te dizer isso.

Eu segui o caminho á direita até um beco sem saída. Então troquei de mão e espalhei as migalhas. Dessa vez eu levantei minha mão esquerda, e usei pedras ao invés de folhas.

Depois do que me pareceu horas enrolando por esses caminhos nesse labirinto em particular, batendo em um beco sem saída depois do outro, e pisar em cima das mesmas pedras e folhas que eu usei para marcar meu rastro, eu finalmente alcancei o centro do labirinto, o lugar onde todos os caminhos terminavam. Só que o centro não era a saída. Era um poço, com o que se pareciam enormes paredes de barro.

Quando grossos rolos de névoa branca se enrolaram os meu redor, eu fui forçado a encarar a realidade.

O labirinto não era um labirinto de forma alguma.

Era um beco sem saída.



Além do nevoeiro e sujeira, não havia nada além da escova impenetrável.

Continue se movendo. Continue com essa postura.

Eu andei para frente, chutando ondas da névoa densa que se agarravam ao chão em volta de mim. Assim que fiz algum progresso, meu pé atingiu algo comprido e duro. Talvez um pau ou cano.

Eu tentei navegar mais cuidadosamente, mas o nevoeiro fazia com que fosse difícil enxergar. Era como olhar através de óculos lambuzados de vaselina. Quando me movi para mais perto do centro, a névoa branca comelou a clarear, e eu tropecei de novo.

Dessa vez eu pude ver o que estava no caminho.

Não era um pau ou um cano.

Era um osso humano.

Longo e fino, deveria ter sido o osso de uma perna, ou talvez de um braço.

“Putá merda.” Eu empurrei ele, e o libertei, mandando um crânio humano rolando em direção aos meus pés. A terra a minha volta esta amontoada de ossos humanos, tão brancos e nus quando o que eu estava segurando.

Eu deixei o osso cair e recuei, tropeçando no que eu achava ser uma pedra. Mas era outro crânio. Quanto mais rápido eu corria, mais eu tropeçava, torcendo meu tornozelo nas alças de um velho osso de quadril, prendendo meu All-Star num pedaço de uma espinha.

Estou sonhando?

A cima disso tudo, eu tinha um senso esmagador de déjà vu. Aquela sensação que eu estava correndo em direção á um lugar que eu já estive antes. O que não fazia sentido, porque eu não tinha experiências com poços ou ossos, ou vagar por ai estando morto, até agora.

Ainda assim.

Parecia como se eu já estivesse estado aqui, como se eu sempre estivesse estado aqui, e não pudesse ir longe o bastante. Como se todo caminho que eu já tivesse tomado levasse para esse labirinto.

Sem saída a não ser através dele.

Eu tinha que continuar me movendo. Eu tinha que encarar esse lugar, esse poço cheio de ossos. Aonde quer que ele me levasse. Ou para quem.

Então uma sombra escura surgiu, e eu sabia que não estava sozinho.

Através da clareira, tinha uma pessoa sentada no que se parecia uma caixa, em cima de uma colina horrível de restos humanos. Não – era uma cadeira. Eu podia ver o encosto se elevando mais alto do que o resto, os braços se projetando maiores.

Era um trono.

A figura riu com uma confiança impossível enquanto o nevoeiro se partia, revelando um desperdício de cadáveres escondidos no desigual solo de batalha. Não importa para a pessoa que estava no trono.

Para ela.

Porque quando o nevoeiro se contraiu para revelar o centro do poço, eu sabia imediatamente quem estava sentada alto no hediondo trono de ossos. Encosto feito de ossos das costas. Braços feitos de ossos quebrados de braços. Pés feitos de ossos de pés.

A Rainha da Morte e dos Condenados.

Rindo tanto que seus cachos negros deslizavam pelo ar, como as cobras da mão de Obidias. Meu pior pesadelo.

Sarafine Duchannes.

CAPÍTULO 32

Trono de Ossos

Sua capa preta balançou ao vento como uma sombra. A névoa rodopiava em torno de suas botas pretas de fivelas, desaparecendo na escuridão, como se ela pudesse puxar para ela. Talvez ela pudesse. Afinal de contas, ela era uma Cataclista – a mais poderosa Conjuradoras dos dois mundos.

Ou a segunda mais poderosa.

Sarafine empurrou sua capa, a deixando cair de seus ombros, em torno dos seus longos cachos pretos. Minha pele ficou gelada.

“Karma é uma vadia, você não diria, Garoto Mortal?” Ela falou através do poço, sua voz confiante e forte. Cheia de energia e maldade.

Ela se esticou luxuosamente, apertando os braços da cadeira em suas próprias garras ósseas.

“Eu não diria nada, Sarafine. Não para você.” Eu tentei manter minha voz firme. Eu não desejava vê-la durante uma vida, quanto mais duas.

Sarafine chamou com seu dedo curvo. “É por isso que você está se escondendo? Ou você ainda tem medo de mim?”

Eu dei um passo mais para perto. “Eu não tenho medo de você.”

Ela sacudiu a cabeça. “Não sei se eu te culpo. Afinal de contas, eu matei você. Uma faca no peito, no sangue quente Mortal.”

“Difícil lembrar desse tempo. Acho que você não era tão memorável.” Eu dobrei meus braços, em um ato de insubordinação. Tentando manter meu chão.

Não tinha porque.

Ela rolou uma bola de névoa na minha direção, e ela me embrulhou, fechando o espaço entre nós. Eu me senti indo para frente, impotente, como se ela estivesse me arrastando por uma correia.

Então ela ainda tinha seus poderes mesmo aqui.

Bom saber.

Eu tropecei sobre o cume de um esqueleto desumano, uma coisa que era o dobro do meu tamanho, com quatro braços e quatro pernas. Eu engoli seco. Mais criaturas poderosas do que um cara do Condado de Gatlin encontraria em seu destino aqui. Eu esperava que ela não fosse o motivo.

“O que você está fazendo aqui, Sarafine?” Eu tentei não soar tão intimidado quanto eu estava. Eu cavei meu pé na terra.

Sarafine encostou no trono de ossos, examinando as unhas de uma de suas garras. “Eu? Ultimamente eu tenho passado a maior parte do tempo estando morta, como você. Oh, espere – você estava lá. Você assistiu enquanto minha filha me deixou queimar até a morte. Encantadora, aquela lá. Adolescentes. O que você vai fazer?”

Sarafine não tinha direito de mencionar Lena. Ela tinha desistido desse direito quando ela foi embora, queimando a casa com sua filha bebê lá dentro. Quando ela tentou matar Lena como ela matou o pai dela. E eu.

Eu queria me jogar contra ela, mas qualquer instinto que ainda me sobrava me disse para ficar onde eu estava. “Você não é nada, Sarafine. Você é um fantasma.”

Ela sorriu quando eu disse a palavra “fantasma”, mordendo o canto de uma de suas longas unhas pretas. “Nós temos algo em comum agora.”

“Nós não temos nada em comum.” Eu senti minhas mãos se fechando em punhos. “Você me enjoa. Por que você não some da minha frente?”

Eu não sabia o que estava dizendo. Eu não estava em posição de ordenar alguma coisa dela. Eu não tinha uma arma. Nenhuma possibilidade de atacar. Nenhum jeito de passar por ela.

Minha mente disparou, mas eu não conseguia achar uma vantagem – e você não poderia deixar Sarafine na frente.

Matar ou morrer era o seu estilo. Mesmo quando parecia que nós já deveríamos ter passado da fase tão Mortal quando a morte.

Sua boca se curvou em um rosnado. “*Sua vista?*”

Ela riu, um som frio que ondulou pela minha espinha. “Talvez sua namorada deveria ter pensado melhor antes de me matar. Ela é a razão para eu estar aqui. Se não fosse por aquela bruxinha ingrata, lutando contra os fantasmas de meninos Mortais perdidos e patéticos.”

Ela estava perto o bastante agora para poder ver seu rosto. Ela não parecia muito bem, nem para Sarafine. O vestido dela era irregular e preto, o sutiã carbonizado em pedaços esfarrapados. Seu rosto estava sujo de fuligem, e seu cabelo cheirava a fumaça.

Sarafine se virou na minha direção, seus olhos brilhando e brancos – leitoso com uma luz opaca que eu nunca tinha visto antes.

“Sarafine?”

Eu dei um passo para trás – assim que ela me surpreendeu com um raio de eletricidade, o cheiro de carne queimada viajando mais rápido que seu corpo poderia.

Eu ouvi um grito psicótico. Eu vi seu rosto, contorcido em uma desumana máscara da morte. Dentes afiados pareciam combinar com a adaga que ela segurava em uma das mãos – apenas alguns centímetros da minha garganta.

Eu estremei, me puxando para trás da lâmina, mas eu sabia que era tarde de mais. Eu não ia conseguir.

Lena!

Sarafine parou, como se batesse por trás de uma corrente invisível. Seus braços esticados em direção a mim, sua lâmina tremendo de raiva.

Alguma coisa estava errada com ela.

Eu ouvi o som de correntes enquanto ela caiu, tropeçando de volta para seu trono. Ela deixou cair a lâmina, sua longa saia abriu, e eu vi as algemas em torno de seu tornozelo. As correntes a seguravam no chão e prendiam ao trono.

Ela não era a Rainha do Underworld. Ela era um cão raivoso preso no canil. Sarafine gritou, batendo seus pulsos contra os ossos. Eu me movi para o lado, mas ela nem olhou para mim.

Agora eu entedia.

Eu peguei um osso e arremessei nela. Ela não reagiu até ele atingir o trono, caindo inofensivamente na pilha de detritos a seus pés.

Ela cuspiu em mim, tremendo de raiva. “Tolo!”

Mas eu sabia a verdade.

Seu olhos brancos não viam nada.

Suas pupilas estavam fixas.

Ela estava cega.

Talvez fosse do fogo que a tinha matada no mundo Mortal. Tudo veio voltando para mim – o terrível fim de uma vida terrível. Ela era tão problemática quanto quando foi queimada até a morte. Mas isso não era tudo. Mais alguma coisa tinha acontecido. Mesmo o fogo não podia explicar as correntes.

“O que aconteceu com os seus olhos?” Eu assisti ela recuar quando eu disse isso. Sarafine não era de demonstrar fraqueza. Ela era melhor em encontrar e explorá-la.

“Meu novo visual. Velha mulher cega, como as Fúrias (*personagens da mitologia grega que compartilhavam um olho só de cada vez entre elas*). O que você acha?” Seu lábios se curvaram sobre os dentes, em um rosnado.

Era impossível sentir pena de Sarafine, então eu não senti. Ainda assim, ela parecia amarga e quebrada.

“A correia é um toque bonito,” eu disse.

Ela riu, mas era mais para um silvo de um animal. Ela tinha se tornado alguma coisa que não se parecia mais com uma Conjuradora das Trevas. Ela era uma criatura, talvez mais até do que Xavier ou o Mestre do Rio. Ela

estava se perdendo – qualquer que seja a parte do nosso mundo que ela ainda conhecia.

Eu tentei de novo. “O que aconteceu com a sua visão? Foi o fogo?”

Eles olhos brancas queimaram enquanto ela respondia. “O Registro Distante quiseram se divertir comigo. Angelus é um porco sádico. Ele pensou que iriam equilibrar melhor as chances me forçando na batalha sem poder ver meus oponentes. Ele queria que eu soubesse como era me sentir impotente.” Ela suspirou, pegando um osso. “Nada que me atrase.”

Eu não achava que tinha.

Eu olhei para o círculo de ossos ao redor dela, as manchas de sangue na terra aos seus pé. “Quem se importa? Por que lutar? Você está morta. Eu estou morto. O que é que pode ter sobrado para nós lutarmos? Diga aquele Angelus para pular da –“

“Torre de água?” Ela riu.

Mas eu tinha um ponto, se você pensasse bem. Estava começando a parecer como aqueles velhos filmes do Exterminador entre a gente. Seu a matasse agora, podia imaginar seu esqueleto se arrastando através deste poço, com olhos vermelhos brilhantes até que pudesse me matar mais mil vezes.

Ela parou de rir. “Por que você está aqui? Pense bem, Ethan.” Ele levantou uma mão, e eu senti minha garganta começar a fechar. Eu busquei por ar.

Eu tentei me afastar, mas era inútil. Mesmo com a sua correia de cachorro, ela ainda tinha poder suficiente para fazer minha quase-vida miserável.

“Estou tentando entrar no Grande Registro.” Eu engasguei. Eu tentei inalar, mas eu não podia realmente pegar uma respirada descente.

Eu estou realmente respirando, ou é só imaginação?

Como ela mesma disse, ela já tinha me matado uma vez. O que ainda restava?

“Eu só quero pegar a minha página. Você acha que eu quero ficar preso por aqui para sempre, vagando através de um labirinto de osso?”

“Você nunca vai passar por Angelus. Ele morrerá antes de deixar você chegar perto das *Crônicas Conjuradoras*.” Ela sorriu, torcendo seus dedos, e eu arfei de novo. Agora parecia que ela tinha as mãos em volta do meu pulmão.

“Então eu mato ele.” Eu agarrei meu pescoço com as duas mãos. Meu rosto aprecia estar pegando fogo.

“Os Guardiões já sabem que você está aqui. Eles enviaram um oficial para te levar até o labirinto. Eles não queriam perder toda a diversão.” Sarafine se virou ao som do nome dos Guardiões, como se ela estivesse olhando por cima dos ombros, o que nós dois sabíamos que ela não estava. Um velho hábito, eu acho.

Eu ainda tenho que tentar. É o único jeito que eu posso voltar para casa.”

“Para a minha filha?” Sarafine chocalhou as correntes, parecendo enojada. “Você nunca desiste, não é mesmo?”

“Não.”

“É como uma doença.” Ela se levantou do trono, agachando-se sobre os calcanhares, como um menina coberta pelo mal, deixando cair a mão que estava me sufocando. “Você realmente acha que pode ferir Angelus?”

“Eu posso fazer qualquer coisa se isso me levar de volta para Lena.” Eu olhei diretamente nos seus olhos cegos. “Como eu disse, eu vou matá-lo. Pelo menos parte dele é Mortal. Eu posso fazer isso.”

Eu não sei porque eu falei isso dessa forma. Eu acho que eu queria que ela soubesse, no caso de existir uma mínima parte dela que ainda se importava com Lena. Qualquer parte dela que precisava ouvir que eu faria qualquer coisa abaixo do sol para encontrar o caminho de volta para sua filha.

O que eu iria.

Por um segundo, Sarafine não se moveu. “Você realmente acredita nisso, não é? É encantador, realmente. Pena que você tem de morrer de novo, Garoto Mortal. Você certamente me diverte.”

Luz inundou de dentro do poço, como se realmente fossemos dois gladiadores competindo por suas vidas.

“Eu não quero lutar. Não com você, Sarafine.”

Ela sorriu sombriamente. “Você realmente não sabe como isso funciona, não é? O perdedor enfrente a Escuridão Eterna. É bastante simples.” Ela soava quase entediada.

“Existe algo mais Escuro que isso”?

“Muito.”

“Por favor. Eu só preciso voltar para Lena. Sua filha. Eu quero fazê-la feliz. Eu sei que isso não significa nada para você, e eu sei que você nunca quis fazer outra pessoa feliz a não ser você mesma, mas é a única coisa que eu quero.”

“Eu quero algo também.” Ela torceu o nevoeiro em suas mãos até que ele não era mais de forma alguma um nevoeiro, mas sim algo brilhante e vivo – uma bola de fogo. Ela me encarou, mesmo sabendo que ela não podia de me ver. “Mate Angelus.”

Sarafine começou a Conjuram, mas eu não podia ouvir que ela estava dizendo. Fogo disparou da base do seu trono, se espalhando em todas as direções. Ele se moveu cada vez mais para perto, passando de laranja para azul e chamas roxas, enquanto incendiava osso por osso.

Eu fui para longe dela.

Alguma coisa estava errada. O fogo estava crescendo, se espalhando mais rápido do que eu podia correr. Ela não estava tentando parar as chamas.

Era ela quem estava as fazendo crescer.

“O que você está fazendo?” Eu gritei. “Você está louca?”

Ela estava bem no meio das chamas. “É uma batalha até a morte. Destruição absoluta. Somente um de nós pode sobreviver. E por mais que eu odeie você, eu odeio mais o Angelus.” Sarafine levantou os braços a cima de sua cabeça, e o fogo cresceu, como se ela estivesse puxando as chamas para si.

“Faça ele pagar.”

Sua capa pegou fogo, e seu cabelo começou a queimar.

“Você não pode desistir!” Eu gritei, mas eu não sabia se ela podia me ouvir. Eu não conseguia mais vê-la.

Eu me enfiei no fogo sem pensar, caindo sobre ela através das chamas. Eu não tinha certeza se podia pará-la, mesmo se eu quisesse. Mas eu não queria.

Era eu ou Sarafine.

Lena ou Eterna Escuridão.

Não importava. Eu não iria sentar ali e assistir ninguém morrer acorrentado como um cachorro. Nem mesmo Sarafine.

Não era sobre ela. Era sobre mim.

Eu procurei as algemas em torno dos seus tornozelos, batendo um osso contra o ferro na base do trono. “Nós temos que sair daqui.”

O fogo tinha me cercado completamente quando eu ouvi o grito. O som rasgou toda a terra estéril, subindo pelo ar do poço. Parecia um animal selvagem morrendo. Por um segundo, e pensei ter visto as distantes espirais douradas do Grande Registro tremer ao som de sua voz através das chamas.

O corpo queimando de Sarafine se curvou para trás, dobrado em dor, e começou a desmoronar-se em pequenos pedaços de pele queimada e osso. Não tinha nada que eu podia fazer enquanto as chamas a consumiam. Eu queria fechar os olhos ou dar as costas. Mas parecia que alguém deveria testemunhar seus últimos momentos. Talvez eu só não quisesse que ela morresse sozinha.

Após alguns minutos que pareceram horas, eu assisti os último pedaços da Conjuradora das Trevas em dói mundos soprarem em uma gélida cinza branca.

Era muito tarde para eu cair fora.

Eu senti o fogo rastejar pelos meus braços.

Eu era o próximo.

Eu tentei imaginar Lena pelo última vez, mas eu não conseguia pensar. A dor era insuportável. Eu sabia que ia desmaiar. Era isso.

Eu fechei meu olhos...

Quando os abri de novo, o poço tinha sumido, e eu estava parado em frente a um portal silencioso no meio do caminho, em um prédio que se parecia um castelo.

Não tinha dor.

Nem Sarafine.

Nem fogo.

Exausto, eu limpei as cinzas para fora dos meus olhos e afundei em uma bola aos pés das portas de madeira. Estava acabado. Não tinham mais ossos abaixo dos meus pés, somente azulejos de mármore.

Eu tentei me focar nas portas. Elas eram tão familiares.

Eu já tinha visto todas elas antes. Eram ainda mais familiares do que a sensação que tive quando vi Sarafine vindo na minha direção.

Sarafine.

O que ela é agora? Onde está sua alma?

Eu não queria pensar sobre isso, e fechei os olhos e deixei as lágrimas caírem. Chorar por ela parecia impossível. Ela era um monstro maligno. Ninguém nunca sentiu pena dela.

Então não podia ser isso.

Ao menos era isso que eu disse a mim mesmo, até eu parar de tremes e me levantar de novo.

Os caminhos da minha vida haviam se dobrado sobre em mim, como se o universo estivesse me forçando a escolher entre eles tudo de novo. Eu estava parado na frente da inconfundível porta dentre todas as portas, de todos os lugares e tempos.

Eu não sabia se eu tinha forças para ir além, e eu sabia que não tinha coragem de desistir. Eu me estiquei e toquei a madeira esculpida da anciã das portas Conjuradoras.

A Temporis Porta.

CAPÍTULO 33

O Caminho do Obstinado

Eu respirei fundo e tentei deixar o poder da *Temporis Porta* fluir em mim. Eu precisava sentir alguma outra coisa que não choque. Mas elas pareciam duas portas de madeira comum, mesmo que elas tivessem uns mil anos e seus batentes tinham escritas em Niádico, uma língua perdida ainda mais antiga.

Eu empurrei meus dedos contra a madeira. Parecia que nesse mundo, o sangue de Sarafine estava nas minhas mãos, assim como o meu sangue tinha estava na mão dela no outro mundo. Não importava que eu tinha tentando pará-la.

Ela tinha se sacrificado para que eu tivesse a chance de chegar ao Grande Registro, mesmo o ódio sendo sua única motivação. Sarafine ainda tinha me dado uma chance de voltar para casa para as pessoas que eu amava.

Eu tinha que continuar. Como o oficial nos Portões disse, só tinha um caminho para o único lugar que eu precisava ir – o Caminho do Guerreiro. Talvez fosse essa a sensação.

Horrível.

Eu tentei não pensar na outra coisa. No fato que a alma de Sarafine estava presa na Escuridão Eterna. Era difícil de imaginar.

Eu dei um passo para trás das portas largas de madeira da *Temporis Porta*. Era idêntica á porta que eu encontrei nos Túneis Conjuradores debaixo de Gatlin. Aquela que me levou para Registro Distante pela primeira vez. Madeira da árvore *Rowan* com círculos Conjuradores esculpidos.

Eu coloquei minhas mãos contra o exterior áspero dos painéis.

Como sempre, elas cederam sobre mim. Eu era o Obstinado, e esse era o Caminho. Essas portas abririam para mim neste mundo assim como tinham aberto no outro. Elas mostrariam o caminho para mim.

Eu empurrei mais forte.

As portas balançaram abertas, e eu dei um passo para dentro.



Tinham tantas coisas que eu não percebia quando estava vivo. Tantas coisas que eu tinha como certas. Minha vida não parecia preciosa quando eu tinha uma.

Mas aqui, eu tinha lutada através de uma montanha de ossos, cruzado um rio, cavado um túnel através de uma montanha, implorado e negociado e barganhado desse mundo para o outro, para conseguir chegar mais perto dessas portas e dessa sala.

Agora eu só precisava encontrar a biblioteca.

Uma página em um livro.

Uma página nas Crônicas Conjuradoras, e eu posso ir para casa.

A proximidade disso rodou no ar ao meu redor. Eu tinha experimentado esse sentimento uma vez antes, na Grande Barreira – outra fenda entre os mundos. Lá, assim como agora, eu tinha sentido o poder estalando no ar, também a mágica. Eu estava em um lugar onde grandes coisas podiam acontecer e tinham acontecido.

Haviam alguns lugares que podiam mudar o mundo.

Mundos.

Este era um deles, com suas cortinas pesadas e retratos empoeirados e madeira escura e portas de *rowan*. Um lugar onde todas as coisas eram julgadas e punidas.

Sarafine tinha prometido que Angelus viria por mim – que ele tinha praticamente me levado até aqui ele mesmo. Não tinha porque tentar se esconder. Ele provavelmente era a razão de eu estar sentenciado á morrer pra começo de conversa.

Se tivesse um jeito sem ser por ele, um jeito de chegar a biblioteca e *Às Crônicas Conjuradoras*, eu ainda não tinha descoberto. Eu só esperava que viesse até mim, do jeito como muitas ideias tinham no passado, quando meu futuro estava em jogo.

A única pergunta era, ele viria primeiro?

Eu decidi me arriscar e tentar encontrar a biblioteca antes que Angelus me achasse. Teria sido um bom plano se ele realmente tivesse funcionado. Eu mal tinha cruzado a sala quando os vi.

O Conselho de Guardiões – o homem com a ampulheta, a mulher albina, e Angelus – apareceram na minha frente.

Suas togas caíam ao redor deles, até seus pés, e eles mal se mexeram. Eu não podia nem dizer se estavam respirando.

“Puer Mortalis. Is qui, unus, duplex est. Is qui mundo, qui fuit, finem attulit.” Quando um deles falou, todas as bocas se moveram como se fossem a mesma pessoa, ou pelo menos governadas pelo mesmo cérebro. Eu quase tinha me esquecido.

Eles olharam um para o outro e falaram novamente. “Garoto Mortal. Aquele Que É Dois. Aquele Que Terminou O Mundo Como Ele Era.”

“Quando você coloca desse jeito, soa meio arrepiante.” Não era Latim, mas era o melhor que eu consegui fazer. Eles não responderam.

Ou ouvi o murmúrio de vozes desconhecidas ao meu redor e me virei para a sala de repende cheia de pessoas não familiares. Eu olhei para as tatuagens denunciadoras e os olhos dourados dos Conjuradores das Trevas, mas eu estava muito desorientado para registrar outra coisa a não ser as três figuras em togas que estavam paradas na minha frente.

“Filho de Lila Evers Wate, falecida Guardiã de Gatlin.” O coral de vozes preencheu o grande hall como um tipo de trompete. Me lembrou da Beginning Band com a Miss Spider da Jackson High, só que piorado.

“Em carne e osso,” Eu dei de ombros. “Ou não.”

“Você entrou no labirinto e derrotou a Cataclista. Muitos tentaram. Somente você foi – “ Tinha uma dificuldade, uma pausa, como se os Guardiões não soubessem o que dizer. Eu respirei, meio que esperando que eles dissessem algo do tipo *exterminado*. “ Vitorioso.”

Era quase como se eles não conseguissem se forçar a dizer a palavra.

“Na verdade não. Ela meio que derrotou ela mesma.” Eu franzi o cenho para Angelus, que estava parado no centro. Eu queria que ele me olhasse. Eu queria que ele soubesse que eu sabia o que ele tinha feito a Sarafine. Como ele acorrentou a Conjuradora, como um cachorro, á um trono de ossos. Que tipo de jogo doentio era aquele?

Mas Angelus não recuou.

Eu dei um passo mais para perto. “Ou eu acho que você a derrotou, Angelus. Ao menos, foi isso que Sarafine disse. Que você gostava de a torturar.” Eu olhei em volta da sala. “É isso que Guardiões fazem por aqui? Porque não é o que Guardiões fazem da onde eu venho. Lá, eles são boas pessoas, que se importam com coisas do tipo certo e errado, e bem e mal e tudo isso. Como minha mãe.”

Eu olhei para a multidão atrás de mim. “Parece que vocês ai são bem conturbados.”

Os três falaram de novo, em unísono. “Não é nosso problema. *Victori spolua sunt*. Ao vencedor, os despojos. Os débitos foram pagos.”

“Sobre isso –“ Se era esse o jeito de voltar para Gatlin, eu queria saber.

Angelus levantou sua mão, me silenciando. “Em troca, você ganhou entrada para esse Registro, o Caminho do Guerreiro. Você será elogiado.”

A multidão caiu em silêncio, o que não me fez sentir exatamente elogiado. Mais que tudo, pareceu mais que eu estava para ser sentenciado. Ou talvez era assim que eu estava acostumado ás coisas acontecendo aqui dentro.

Eu olhei em volta. “Não parece que vocês realmente acham isso.”

A multidão começou a cochichar de novo. Os três Guardiões do Conselho me encararam. Ao menos eu penso que sim. Era impossível ver seus olhos por trás dos estranhos óculos de primas, com os fios de torção de ouro, prata e cobre á mantê-los no lugar.

Eu tentei de novo. “Em termos de espólio, eu estava pensando mais em voltar para Gatlin. Não era esse o acordo? Um de nós vai para a Escuridão Eterna, e um de nós pode sair”?

A multidão explodiu em caos.

Angelus deu um passo a frente. “Basta!” A sala caiu em silêncio novamente. Dessa vez ele falou sozinho. Os outros Guardiões olhavam para mim, mas não disseram nada. “O acordo era somente para a Cataclista. Nós não fizemos tal pacto com um Mortal. Nunca retornaremos um Mortal para a existência.”

Eu me lembrei do passado de Amma, revelado através da pedra preta que eu ainda tinha no bolso. Sulla a tinha alertado que Angelus odiava Mortais. Ele nunca me deixaria sair dali. “E se o Mortal não era para estar aqui?”

Os olhos de Angelus se estreitaram.

“Eu quero minha página de volta.”

Dessa vez a multidão arfou.

“O que está escrito nas *Crônicas* é lei. As páginas não podem ser removidas,” Angelus silvou.

“Mas você pode reescrevê-las do jeito que quiser?” Eu não conseguia esconder a raiva na minha voz.

Ele tinha tirado tudo de mim. Quantas outras vidas ele também tinha destruído?

E por que? Por que ele não podia ser um Conjurador?

“Você é Aquele Que É Dois. Seu destino era ser punido. Você não deveria ter trazido a Lilum em assuntos que não eram dela para resolver.”

“Espere. O que a Lilian English – quer dizer, a Lilum – tem a ver com qualquer coisa disso?” Minha professora de Inglês, que o corpo tinha sido habitado pela criatura mais poderosa no mundo Demoníaco, tinha sido quem me mostrou o que eu tinha que fazer para consertar a Ordem das Coisas.

Era por isso que ele estava me punindo? Eu me meti no meio do que seja lá que ele estivesse planejando com Abraham? Destruir a raça Mortal? Usando Conjuradores como ratos de laboratório?

Eu sempre acreditei que quando Lena e Amma me trouxeram de volta dos mortos com *O Livro das Luas*, elas colocaram algo em movimento que não podia ser desfeito. Começou o desdobramento que abriu um buraco no universo, que foi a razão para eu ter que consertar as coisas na torre de água.

E se eu tivesse entendido ao contrário?

E se a coisa que supostamente era para acontecer *era* o desdobramento?

E se consertar isso era o crime?

Era tudo tão claro agora. Como tudo que tinha se perdido na escuridão, e aí o sol apareceu. Alguns momentos são como este. Mas agora eu sabia a verdade.

Era para eu ter falhado.

O mundo como conhecíamos era para ter acabado.

Os Mortais não eram o ponto. Eles eram o problema.

A Lilum não era para ter me ajudado, e não era para eu ter pulado.

Era para ela me condenar, e para eu ter desistido. Angelus apostou no time errado.

Um som ecoou através das paredes enquanto as portas do outro lado da sala eram abertas, revelando uma figura pequena parada entre elas. Falando em apostar no lado errado – eu não teria feito essa aposta, nem em um milhão de vidas.

Era mais inesperado que Angelus ou qualquer um dos Guardiões.

Ele deu um sorriso amplo; ao menos eu penso que era um sorriso. Era difícil dizer com Xavier.

“O-Olá.” Xavier olhou ao redor da sala intimidadora, limpando a garganta. Ele tentou de novo. “Olá, amigo.”

Estava tão silencioso, que você poderia ouvir um dos seus preciosos botões caindo.

A única coisa que não estava silenciosa era Angelus. “Como você atreve a mostrar essa cara corrompida aqui de novo, Xavier. Se houver alguma coisa que restou de Xavier, sua fera.”

As asas de couro de Xavier deram de ombros.

Angelus só pareceu ainda mais raivoso. “Por que você se envolveu nisso? Seu destino não está entrelaçado com o do Obstinado. Você está cumprindo sua sentença. Você não precisa tomar como sua a batalha de um Mortal morto.”

“É muito tarde para isso, Angelus,” ele disse.

“Por que?”

“Porque ele pagou por sua entrada e eu aceitei o preço. Porque” – Xavier diminuiu o ritmo de suas palavras, como se estivesse deixando elas tomarem espaço na sua mente – “ele é meu amigo, e não tenho nenhum outro.”

“Ele não é seu amigo.” Angelus assobiou. “Você é muito sem cérebro para ter um amigo. Sem cérebro e sem coração. Tudo com o que você se importa são suas bugigangas perdidas e inúteis.” Angelus parecia frustrado. Eu me perguntava porque ele se importava com o que Xavier pensava ou fazia.

O que Xavier era dele?

Tinha que ter uma história aí. Mas eu não quis saber sobre qualquer coisa que envolvesse Angelus e seus puxa-sacos, ou o crime que eles devem ter

cometido. O Registro Distante era a coisa mais próxima que eu tinha encontrado do Inferno na vida real – pelo menos na minha real pós-vida.

“O que você sabe sobre mim,” Xavier disse lentamente, “não é nada.” Seu rosto retorcido estava ainda mais sem expressão do que o normal. “Menos do que eu sei sobre mim mesmo.”

“Você é um tolo,” Angelus respondeu. “Eu sei disso.”

“Eu sou um amigo. E tenho em minha posse duzentos botões variados, oitocentas chaves, e somente um amigo. Talvez não seja algo que você possa entender. Eu nunca tinha sido antes.” Ele parecia orgulhoso de se mesmo. “Mas eu serei um agora.”

Eu estava orgulhoso dele também.

Angelus zombou. “Você sacrificara sua alma por um amigo”?

“Um amigo é diferente de uma alma, Angelus”? O Conselho dos Guardiões não disse nada. Xavier balançou a cabeça novamente. “Você saberia se fossem”?

Angelus não respondeu, mas ele não precisava. Todos sabíamos a resposta.

“O que você está fazendo aqui então? *Mortali Comes.*” Angelus deu um passo em direção a Xavier, e Xavier deu um passo para trás. “Amigo de um Mortal,” Angelus rosnou.

Eu resisti ao impulso de me colocar entre eles, torcendo para que Xavier, pelo bem de nós dois, não tentasse fugir.

“Você procura destruir o Mortal, não é?” Xavier engoliu.

“Sim,” Angelus respondeu.

“Você procura destruir a raça Mortal.” Não era uma pergunta.

“É claro. Como qualquer infestação, o objetivo final é a aniquilação.”

Mesmo estando esperando por isso, a resposta de Angelus me pegou de guarda baixa. “Você – o que?”

Xavier olhou para mim como se estivesse tentando me derrubar. “Não é segredo. Os Mortais são irritantes para as raças sobrenaturais. Não é um conceito novo.”

“Queria que fosse.” Eu sabia que Abraham queria acabar com a raça Mortal. Se Angelus estivesse trabalhando com Le, seus objetivos estavam alinhados.

“Você procura entretenimento?” Xavier observava Angelus.

Angelus olhou para as asas de couro de Xavier, enojado. “Eu procuro soluções.”

“Para a condição Mortal?”

Angelus sorriu, escuro e sem alegria. “Como eu disse. A infestação Mortal.”

Eu me senti doente, mas Xavier apenas suspirou. “Como você deseja chamar. Eu proponho um desafio.”

“Um o que?” Eu não gostei do som disso.

“Um desafio.”

Angelus parecia desconfiado. “O Mortal desafiou a Rainha da Escuridão e venceu. Aquele foi o único desafio que ele enfrentará hoje.”

Eu estava irritado. “Eu te disse. Eu não matei Sarafine. Ela derrotou a si mesma.”

“Semânticas,” Angelus disse.

Xavier nos silenciou. “Então, você não estão dispostos a enfrentar o Mortal em um desafio?”

Houve um tumulto na multidão, e Angelus aprecia querer arrancar fora as asas de Xavier. “Silêncio!”

A conversa parou imediatamente.

“Eu não temo o Mortal!”

“Então essa é a minha proposta.” Xavier tentou manter sua voz firme, mas ele estava obviamente aterrorizado. “O Mortal irá encará-lo no Grande Registro e tentará recuperar sua página. Você tentará o impedir. Se ele for bem sucedido, você o deixará fazer assim como ele desejar. Se você o impedir de alcançar a página, ele o deixará fazer assim como você desejar.”

“O que?” Xavier estava sugerindo que eu enfrentasse Angelus. Minhas chances não eram boas nesse cenário.

Angelus estava ciente que todos os olhares estava sobre ele enquanto a multidão e os outros Guardiões do Conselho esperavam pela sua resposta. “Interessante.”

Eu queria fugir da sala. “Não é interessante. Eu nem sei sobre o que vocês estão falando.”

Angelus se inclinou na minha direção, seus olhos brilhando. “Deixe-me explicar a você. Uma vida de servidão ou a simples destruição da sua alma. Não importa realmente para mim. Eu decidirei em um impulso, como eu gosto. Quando eu gosto.”

“Eu não tenho certeza sobre isso.” Parecia uma proposta de perder ou perder para mim.

Xavier deixou uma mão cair no meu ombro. “Você não tem escolha. É a única chance que você tem de voltar para a garota de cabelos cacheados.” Ele se voltou para Angelus, estendendo a mão. “Temos um acordo?”

Angelus encarou a mão de Xavier como se ela estivesse infectada. “Eu aceito.”

CAPÍTULO 34

As Crônicas Conjuradoras

Angelus saiu da sala, os outros Guardiões bem atrás dele.

Eu deixei sair a respiração que eu estava segurando. “Onde eles estão indo?”

“Eles tem que te dar uma chance, ou eles serão vistos como injustos.”

“Vistos como injustos?” Eles estava falando sério? “Você está dizendo que eles nunca foram pegos antes?”

“O Conselho está com medo. Ninguém os questiona,” Xavier disse. “Mas eles são também orgulhosos. Especialmente Angelus. Ele deseja que seus seguidores acreditem que ele está te dando uma chance.”

“Ele não está?”

“Depende de você agora.” Xavier se virou para mim com algo que se parecia a uma expressão triste no que sobrou do seu rosto humano. “Eu não posso ajudá-lo. Não além disso, meu amigo.”

“Do que você está falando?”

Eu não vou voltar para lá. Eu não posso,” ele disse. “Não para a Câmara das Crônicas.”

Claro. O cômodo que abrigava o livro. Ele tinha que ser fechado.

Eu olhei para a fileira de portas além de nós, margeando um lado da sala. Eu me perguntava qual delas me levaria para o final da minha jornada – ou para a morte da minha alma.

“Você não pode ir lá? E eu posso? Não amarele comigo agora.” Eu abaixei minha voz. “Você enfrentou Angelus. Você fez um acordo com o Diabo. Você é meu herói.”

“Eu não sou nenhum herói. Como eu disse, eu sou seu amigo.”

Xavier não conseguiria fazer isso. Quem podia culpar o cara? A Câmara das Crônicas deve ter sido um tipo de casa dos horrores para ele. E ele já tinha se colocado em perigo o bastante.

“Obrigada, Xavier. Você é um ótimo amigo. Um dos melhores.” Eu sorri para ele. O olhar que ele me deu em troca era sóbrio.

“Essa é a sua jornada, homem morto. Sua sozinha. Eu não posso ir mais longe.” Ele colocou seu braço no meu ombro, apertando pesadamente.

“Por que eu tenho que fazer tudo sozinho?” Assim que eu disse isso, eu sabia que não era verdade.

Os Grandes tinham me enviado pelo meu caminho.

Tia Prue garantiu que eu tivesse uma segunda chance.

Obidias me contou tudo o que eu precisava saber.

Minha mãe me deu a força para fazer isso.

Amma procurou por mim, e acreditou quando ela me encontrou.

Lena me mandou *O Livro das Luas*, contra todas as possibilidades e por todo caminho do outro lado do universo. Tia Marian e Macon, Link e John e Liv – eles estiveram lá para Lena quando eu não pude.

Até o Mestre do Rio e Xavier tinham me ajudado a seguir em frente, quando todo o tempo teria sido bem mais fácil desistir.

Eu nunca tinha estado sozinho. Nem por um minuto.

Eu posso ter sido um Obstinado, mas meu caminho estava cheio de pessoas que me amavam. Eles eram o único caminho que eu conhecia.

Eu podia fazer isso.

Eu tinha.

“Eu entendo,” eu disse. “Obrigada, Xavier. Por tudo.”

Ele acenou. “Eu vou encontrá-lo de novo, Ethan. Eu verei você da próxima vez que você cruzar o rio.”

“Eu espero que não por um bom tempo.”

“Eu também espero, meu amigo. Mas por você que por mim.” Seus olhos pareceram cintilar por um segundo. “Mas eu estarei ocupado colecionando e contando até você voltar.”

Eu não disse nada enquanto ele deslizou pelas sombras de volta ao mundo onde nunca nada acontecia e os dias eram iguais às noites.

Eu esperava que ele se lembraria de mim.

Mas eu tinha bastante certeza que ele não iria.



Uma por uma, eu toquei as portas enfileiradas á minha frente com a minha mão. Algumas eram frias como gelo. Algumas não eram nada, só madeira lisa. Só tinha uma que pulsou por baixo dos meus dedos.

Somente uma queimou ao meu toque.

Eu sabia que era a porta certa antes de ver os denunciadores círculos Conjuradores esculpidos na madeira rowan, assim como a *Temporis Porta*.

Essa era a passagem para o coração do Grande Registro. O lugar onde qualquer filho de Lila Jane Evers acharia instintivamente seu caminho, sendo ele ou não um Obstinado.

A biblioteca.

Abrindo caminho através das massivas portas diretamente após a *Temporis Porta*, eu sabia que era hora de encarar o desafio mais perigoso da minha jornada.

Angelus estaria esperando.

As portas eram somente o começo. No momento eu que eu dei um passo mais para dentro da câmara, eu estava encarando uma sala quase que completamente refletiva. Se isso era pra ser uma biblioteca, era a mais estranha que eu já tinha visto.

As pedras esfarelado sob meus pés, as paredes barbeadas da caverna, o teto e o piso onde cresciam estalactites e estalagmites enquanto a sala se circundava a si mesma – todos pareciam serem feitos de algum tipo transparente de pedra preciosa, cortadas em milhares de impossíveis faces que refletiam a luz em toda direção. Parecia que eu estava parado em uma daquelas onze caixas de joias que Xavier colecionava.

Exceto menos claustrofóbica. Uma pequena abertura no teto deixava entrar luz natural o bastante para deixar toda a sala com um brilho estonteante. O efeito me lembrava a caverna á beira mar onde nós encontramos Abraham Ravenwood pela primeira vez, na noite da Décima Sétima Lua de Lena. No centro da sala, um reservatório de água do tamanho de uma piscina. O corpo de água branco leitoso se agitava como se tivesse um fogo embaixo dele. Era a cor dos olhos opacos cegos de Sarafine, antes dela morrer...

Eu estremeci. Eu não podia pensar nela, não agora. Eu tinha que focar em sobreviver á Angelus. O derrotar. Eu dei uma respirada profunda e tentei me orientar. Com o que é que eu estava lidando?

Meus olhos se fixaram no líquido borbulhante. No centro da piscina, um pequeno pedaço de terra se elevava a cima da água, como uma minúscula ilha.

No centro da ilha estava um pedestal.

No pedestal tinha um livro, cercado por velas que brilhavam em entranhas chamas verdes e douradas.

O livro.

Eu não precisava de ninguém para me dizer que livro era aquela, ou o que ele estava fazendo aqui. O motivo de existir uma biblioteca inteira devotada para um único livro, e um fosso ao seu redor.

Eu sabia exatamente o porquê dele estar aqui, e porque eu estava.

Era somente a única parte de toda essa jornada que eu entendia. A única coisa que era perfeitamente clara para mim desde o momento em que Obidias Trueblood me contou a verdade sobre o que tinha acontecido

comigo. Foram *As Crônicas Conjuradoras*, e eu estava aqui para destruir a minha página. Aquela que me matou. E eu tinha que fazê-lo antes que Angelus me detivesse.

Depois de tudo, eu aprendi sobre ser um Obstinado e encontrar meu caminho – foi aqui que ele me levou. Não tinha como partir agora, mais nenhum caminho para procurar.

Eu estava no final.

E tudo o que eu queria era voltar á trás.

Mas primeiro, eu precisava chegar até a ilha – até o pedestal e *As Crônicas Conjuradoras*. Eu tinha que fazer o que eu vim aqui para fazer.

Uma voz alto veio através da sala me assustou. “Garoto Mortal. Se você partir agora, eu o deixarei com a sua alma. Que tal isso como desafio?” Angelus apareceu do outro lado da piscina. Eu me perguntava como é que ele tinha chegado ali, e desejei que tivessem muitas forma de sair dessa sala como tinham para entrar.

Pelo menos, vários caminhos para ir para casa.

“Minha alma? Não, você não deixaria.” Eu parei na borda da piscina e joguei uma pedra na água borbulhante, observando ela desaparecer. Eu não era idiota. Ele nunca me deixaria ir. Eu terminaria como Xavier ou Sarafine. Asas pretas e olhos brancos – não faia diferença. No final, todos acabávamos acorrentados, você podendo ver as correntes ou não.

Angelus sorriu. “Não? Eu acho que é verdade.” Ele gesticulou com a sua mão, e no mínimo dez pedras de elevaram no ar ao seu redor. Elas se arremessaram contra mim, uma após a outra, com uma precisão fantástica. Eu coloquei os braços na frente do rosto enquanto elas passavam.

“Muito maduro. O que você vai fazer agora? Me amarrar e me colocar no seu velho jardim de ossos? Cego e acorrentado como um animal?”

“Não se iluda. Eu não quero um bichinho de estimação Mortal.” Ele girou os dedos, e a água começou a girar como uma redemoinho. “Eu irei

destruir você somente. É mais fácil para todos nós. Apesar de não ser muito um desafio.”

“Por que você torturou Sarafine? Ela não era uma Mortal. Por que se dar o trabalho?” Eu gritei.

Eu tinha que saber. Eu tinha a sensação que nossos destinos estavam amarrados juntos de alguma forma – meu, o de Sarafine, o de Xavier, e aqueles outros Mortais e Conjurados que Angelus tinha destruído.

O que nós éramos para ele?

“Sarafine? Era esse o nome dela? Eu quase tinha esquecido.” Angelus riu. “Você espera que eu me preocupe com cada Conjurador das Trevas que acaba aqui?”

A água se agitou violentamente agora. Eu ajoelhei e a toquei com uma das mãos. Estava congelando e meio que pegajosa. Eu não queria nadar através daquilo, mas eu não sabia dizer se tinha um outro jeito de atravessar.

Eu olhei para cima para Angelus. Eu não sabia como toda essa coisa de desafio ia tomar forma, mas eu pensei que era melhor manter ele falando até eu descobrir. “Você cega todos os Conjuradores das Trevas e os fazem lutar até a morte?”

Eu olhei de volta para a água. Ela ondulou onde eu a toquei, se tornando transparente e calma.

Angelus cruzou os braços, sorrindo.

Eu mantive minha mão na água enquanto a atual transparência se espalhava pela piscina, apesar que meus dedos estavam ficando anestesiados. Agora eu podia ver o que realmente estava embaixo da superfície leitosa.

Cadáveres. Assim como no rio.

Flutuando de rosto para cima, seus cabelos verdes e lábios azuis parecendo máscaras nos corpos inchados mortos.

Como eu, eu pensei. É assim que eu pareço, agora mesmo. Em algum lugar – onde eu ainda tinha um corpo.

Eu ouvi Angelus rindo. Mas eu mal podia escutar, mal podia pensar. Eu queria vomitar.

Eu recuei da água. Eu sabia que ele estava tentando me assustar, e decidi não olhar para aquilo de novo.

Mantenha seus pensamentos em Lena. Chegue até a página e você pode ir para casa.

Angelus me observava, rindo ainda mais. Ele falou comigo como se eu fosse uma criança. “Não tenha medo. Sua morte final não precisa ser desse jeito. Sarafine falhou em ser bem sucedida nas tarefas que foram lhes dadas.”

“Então você sabe o nome dela.” Eu esbocei um sorriso.

Ele me encarou. “Eu sei que ela falhou comigo.”

“Com você e Abraham?”

Angelus fungou. “Parabéns. Eu vejo que você tem bisbilhotado em assuntos que não são da sua conta. O que significa que você é mais inteligente que o primeiro Ethan Wate que visitou o Grande Registro. E não mais propenso a ver a Conjuradora Duchannes que você ama tanto quanto ele a dele.”

Todo o meu corpo ficou anestesiado.

É claro. Ethan Carter Wate tinha estado aqui. Genevieve tinha me contado.

Eu não queria, mas tinha perguntar. “O que você fez com ele?”

“O que você acha?” Um sorriso sádico se espalhou por seu rosto. “Ele tentou pegar uma coisa que não era pertencida a ele.”

“Sua página”?

A cada pergunta, o Guardião parecia mais satisfeito. Eu podia dizer que ele estava gostando disso. “Não. A de Genevieve – a garota Duchannes que ele amava. Ele queria libertar a maldição que ela trouxe sobre si mesmo e todas as crianças Duchannes que viriam depois dela. Ao invés disso, ele perdeu sua tola alma.”

Angelus olhou para a água agitada. Ele acenou, e um único cadáver elevou-se até a superfície. Olhos vazios que pareciam muito com os meus me encaravam de volta.

“Parece familiar, Mortal”?

Eu conhecia aquele rosto. Eu o conheceria em qualquer lugar.

Era o meu rosto. Ou na verdade, o dele.

Ethan Carter Wate ainda vestia o uniforme da Confederação com o qual morreu.

Meu coração afundou. Genevieve nunca o veria novamente, nem neste mundo nem em outro. Ele tinha morrido duas vezes, como eu. Mas ele nunca voltaria para casa. Nunca seguraria Genevieve em seus braços novamente, nem no Outro Mundo. Ele tinha tentado salvar a mulher que amava, e Sarafine, Ridley, Lena e todas as Conjuradoras que vieram depois dela da família Duchannes.

Ele tinha falhado.

Não fazia um cara se sentir melhor. Não estando onde eu estava. E não sobre deixar uma garota Conjuradora para trás, do jeito que nós dois tínhamos.

“Você irá falhar do mesmo modo.” As palavras ecoaram pela caverna.

O que significava que Angelus estava lendo a minha mente. A essa altura, era a coisa menos surpreendente acontecendo na sala.

Eu sabia o que tinha que fazer.

Eu esvaziei minha mente o máximo que consegui, imaginando a velha base de beisebol que Link usava para jogar T-ball. Eu assisti Link

arremessar uma bola enquanto eu estava em casa ainda colocando as luvas. Eu tentei visualizar o arremesso. Quem era aquele? Earl Petty, mascarando chiclete, uma vez que o treinador o proibiu de fazer isso?

Eu lutei para manter minha mente no jogo enquanto meus olhos viam uma coisa diferente.

Vamos lá, Earl. Manda pra fora da quadra.

Eu olhei para o pedestal, então para os cadáveres flutuando aos meus pés. Mais corpos continuavam a subir, batendo um no outro como sardinhas em lata. Não demoraria muito até todos estarem tão perto que eu não seria mais capaz de ver a água.

Se eu esperasse, talvez eu os pudesse usar como degraus de pedra...

Pare! Pense no jogo!

Mas era tarde demais.

“Eu não tentaria isso.” Angelus me observava do outro lado da piscina. “Nenhum Mortal pode sobreviver á água. Você precisa de uma ponte para atravessar, e como você pode ver, ela foi removida. Uma medida de segurança.”

Ele levantou a mão a sua frente, torcendo o ar em uma corrente que eu podia sentir do outro lado da água.

Eu tive que me segurar para continuar em pé.

“Você não vai recuperar sua página. Você morrerá a mesma morte desonrosa que o seu homônimo . A morte que todos Mortais merecem.”

“Por que eu e por que ele? Por que qualquer um de nós? O que nós fizemos para você, Angelus?” Eu gritei para ele através do vento.

“Vocês são inferiores, nascidos sem os dons dos Supernaturais. Nos forçando a ficar escondidos enquanto suas cidades e escolas se enchem de crianças que crescerão para não fazer nada além de ocupar espaço. Vocês transformaram o nosso mundo em um prisão.” A ar tremeu e ele

torceu sua mão ainda mais. “É um absurdo. Como construir uma cidade de roedores.”

Eu esperei, visualizando aquele jogo estúpido de beisebol – Earl balançando, o estalo do bastão – até as palavras de formarem, e eu falá-las. “Mas você nasceu Mortal. O que isso faz de você?”

Seus olhos se estreitaram, seu rosto uma máscara de pura raiva. “O que você disse?”

“Você me ouviu.” Eu virei minha mente para a visão que eu tinha visto, me forçando a lembrar dos rostos, das palavras. Xavier, quando ele era somente um Conjurador. Angelus, quando era somente um homem.

O vento aumentou, e eu tropecei, a ponta dos meus tênis batendo na borda da piscina de corpos. Eu me segurei, fincando meu pé pra não escorregar.

O rosto de Angelus se tornou ainda mais pálido do que antes. “Você não sabe de nada! O que você sacrificou – para salvar o que? Uma cidade cheia de Mortais patéticos?”

Eu fechei os olhos, deixando as palavras o encontrarem.

Eu sei que você nasceu um Mortal. Todos aqueles experimentos não podem mudar isso. Eu sei o seu segredo.

Seus olhos se estreitaram mais, um ódio feroz em seu rosto. “Eu não sou um Mortal” Eu nunca fui, e nunca vou ser!”

Eu sei o seu segredo.

O vento se agitou e pedras voaram novamente pelo ar – mais forte dessa vez. Eu tentei proteger meu rosto enquanto elas atingiam minhas costelas, esmagando contra a parede atrás de mim. Um rastro de sangue escorreu pelo minha bochecha. “Eu vou rasgá-lo em pedaços, Obstinado!”

Eu gritei á cima do barulho. “Você pode ter poderes, Angelus, mas lá no fundo, você ainda é um Mortal, assim como eu.”

Você não pode aproveitar as forças das Trevas como Sarafine e Abraham, ou Viajar como um Incubus. Você não pode cruzar aquela água mais do que eu posso.

“Eu não sou Mortal!” ele gritou.

Ninguém pode.

“Mentiroso!”

Prove.

Houve um segundo, um terrível segunda, quando Angelus e eu nos encaramos sobre a água.

Então, sem uma palavra, Angelus se levantou no ar, balançando sobre os cadáveres na piscina – como se ele não pudesse se conter por mais tempo. Era o quão desesperado ele estava para provar que era melhor que eu.

Melhor que um Mortal.

Melhor que qualquer outro que tentou andar pelas águas.

Eu estava certo.

Os cadáveres em decomposição estavam tão apertados que ele correu direito sobre seus corpos até que eles começaram a se mover. Braços procurando por ele, as centenas de mãos inchadas se elevando da água. Não era como o rio que eu tinha atravessado para chegar aqui.

O rio estava vivo.

Um braço deslizou ao longo de seu pescoço, fazendo peso nele

“Não!”

Eu estremeci enquanto sua voz ecoava contra as paredes.

Os cadáveres rasgavam sua toga desesperadamente, o puxando para baixo do abismo de perda e miséria. As mesmas almas que ele tinha torturado estavam o afogando.

Seus olhos olharam para os meus. “Me ajude!”

Por que eu deveria?

Mas não tinha nada que eu pudesse fazer, mesmo se eu quisesse. Eu sabia que aqueles cadáveres iriam me afogar. Eu era Mortal, assim como Angelus era – ao menos parte dele.

Ninguém anda pela água, não de onde eu venho. Ninguém exceto o cara na imagem da escola dominical.

Que pena que Angelus não era de Gatlin; ele saberia disso.

Suas mãos se agarraram à superfície da água até não ter mais nada além de um mar de cadáveres. O fedor da morte estava por todo lugar. Eu estava sufocando, e tentei cobrir minha boca, mas o odor distinto de podridão de decadência era muito forte.

Eu sabia o que tinha feito. Eu não era inocente. Não na morte de Sarafine, e também não nessa. Ele estava lendo minha mente e eu empurrei tudo isso pra ele, mesmo que seu ódio e orgulho o tenham impulsionado para a piscina.

Era tarde de mais.

Um braço apodrecido deslizou pelo meu pescoço e em segundos ele desapareceu sobre o mar de corpos. Era uma morte que eu não teria desejado a ninguém.

Nem mesmo para Angelus.

Talvez só para ele.

Em instantes, a piscina se tornou branca leitosa de novo, apesar de eu saber o que estava á espreita ali em baixo.

Eu dei de ombros. “Não era muito um desafio, no final das contas.”

Eu tinha que encontrar a ponte, ou alguma coisa que eu pudesse usar para atravessar.

A prancha lascada não estava muito bem escondida. Eu a encontrei em uma alcova somente á alguns metros de onde Angelus estava de pé alguns minutos atrás. A madeira estava seca e rachada, o que não era tranquilizador, considerando o que eu tinha acabado de testemunhar.

Mas o livro estava tão perto.

Assim que eu deslizei a prancha pela superfície da água, e podia praticamente sentir Lena nos meus braços e ouvir Amma gritando comigo. Eu não conseguia pensar direito. Tudo o que eu sabia era que eu tinha que atravessar a água e voltar para elas.

Por favor. Me deixe atravessar. Tudo o que eu quero é ir para casa.

Com esse pensamento, e respirei fundo.

E dei um passo.

Então outro.

Eu estava á cinco passos da margem da água agora, talvez seis.

Já estava na metade. Não tinha volta agora.

A ponte era surpreendentemente leve, apesar das suas rachaduras e de vacilar sob meus passos. Ainda assim, ela tinha aguentado até agora.

Eu respirei mais fundo.

Mias cinco passos.

Quatro –

Eu ouvi um estrondo como uma onda atrás de mim. A água começou a se debater. Eu senti a dor de um tiro na minha perna enquanto ela cedia sob mim. A velha prancha estalou como um palito quebrado.

Antes que eu sequer pudesse gritar, eu perdi meu equilíbrio, caindo na água mortal. Só que não havia água – ou se tinha, eu não estava nela.

Eu estava nos braços de um morto.

Pior.

Eu estava cara a cara com o outro Ethan Wate. Ele era tão esqueleto quanto era homem, mas eu o reconheci agora. Eu tentei me afastar, mas ele me agarrou pelo pescoço com uma mão ossuda. Água saía de sua boca, de onde seus dentes deveriam ter estado. Eu tinha pesadelos menos aterrorizantes.

Eu virei minha cabeça para manter a baba do cadáver longe do meu rosto.

“Pode um Conjurador Mortal ser um *Ambulans Mortus*?” Angelus se empurrou os mortos que me cercavam, puxando meus braços meus braços e pernas em todas as direções com tanta força que eu pensei que meus membros seriam arrancados das suas juntas. “Por baixo da água? Para acordar os mortos?” Ele estava parado triunfante na terra, em frente ao livro. Parecendo mais louco do que eu imaginava que um Guardião louco podia parecer. “O desafio está acabado. Sua alma é minha.”

Eu não respondi. Eu não conseguia falar. Ai invés disso, eu me vi encarando os olhos vazios de Ethan Wate.

“Agora. O traga para mim.”

Ao comando de Angelus, os cadáveres de ergueram da água fétida, me puxando junto com eles até a costa. O outro Ethan me empurrou para a terra como se eu não tivesse peso algum.

Enquanto ele me empurrava, uma pedra preta rolou do meu bolso.

Angelus não percebeu. Ele estava muito ocupado encarando o livro. Eu vi claro o bastante.

O olho do rio.

Eu tinha esquecido de pagar o Mestre do Rio.

É claro. Você não poderia somente esperar atravessar a água quando bem entendesse. Não por aqui. Não sem pagar o preço.

Eu peguei a pedra.

Ethan Wate, o morto, bateu sua cabeça na minha direção. O olhar que ele me deu – se fosse assim que você fosse chamar, considerando que o cara

mal tinha olhos – mandou um calafrio pela minha espinha. Eu senti pena dele. Mas com certeza eu não queria ser ele.

Entre nós dois, nós devíamos esse tanto um para o outro.

“Até mais, Ethan,” eu disse.

Com a última gota de força que ainda me restava, eu lancei a pedra para dentro da água. Eu não a ouvir bater, fazendo o menor dos sons.

Você não teria notado a não ser que fosse eu.

Ou um dos mortos.

Porque eles desapareceram poucos segundos depois da pedra bater na água. Tão rápido quanto uma pedra afundaria todo o caminho até o fundo da piscina de cadáveres.

Eu me deitei de costas na estreita linha de terra seca, exausto. Por um segundo, eu estava muito apavorado para me mexer.

Então eu vi Angelus parado ali, grudado ao livro, lendo na luz das chamas verde e douradas.

Eu sabia o que tinha que fazer. E eu não tinha muito tempo para fazê-lo.

Eu me coloquei de pé.

Lá estava. Estava aberto no pedestal, bem na minha frente.

Na frente de Angelus também.

AS CRÔNICAS CONJURADORAS

Eu alcancei o livro, mas ele queimou meus dedos.

“Não,” Angelus rosnou, agarrando meu pulso. Seus olhos estavam brilhando, como se o livro tivesse algum tipo de efeito nele. Ele nem tinha olhado para longe da página. Tenha certeza que ele não podia.

Porque era a página dele.

Eu quase podia lê-la de onde eu estava, milhares de palavras reescritas, uma riscada ao lado da outra. Eu podia ver a pena, manchadas de tinta na ponta, quase se contorcendo em seus dedos ao lado do livro.

Então foi assim que ele tinha feito. Como ele tinha forçado o mundo sobrenatural a se curvar perante sua vontade. Ele controlou a história. Não só a dele, mas a de todos nós.

Angelus tinha mudado tudo.

Uma pessoa podia fazer isso.

E uma pessoa podia mudar de volta.

“Angelus?”

Ele não respondeu. Encarando o livro, ele parecia mais um zumbi do que os cadáveres pareciam.

Então eu não olhei. Ao invés disso, eu fechei meu olhos e puxei a página, o mais forte e rápido que consegui.

“O que você está fazendo?” Angelus soava desvairado, mas eu não abri os olhos. “O que você fez?”

Minhas mãos estavam queimando. A página queria se ver livre de mim, mas eu não a deixaria partir. Eu só a segurei mais forte. Nada ia me impedir agora.

Ela saiu de minhas mãos.

O som de rasgo lembrava o de um Incubus, me empurrando em uma direção enquanto puxava meu braço para outra.

Eu peguei uma vela escorrendo da base do pedestal e coloquei fogo na beirada da página. Ela começou a sair fumaça e chamas, e Angelus urrou de raiva.

“Deixa ela! Você não sabe o que está fazendo” Você pode destruir tudo – “Ele se jogou contra mim, socando e chutando, quase rasgando fora

minha camiseta. Suas unhas arranharam minha pele, de novo e de novo, mas eu não soltei.

Eu não soltei quando as chamas queimaram as pontas dos meus dedos.

Eu não soltei quando a página manchada de tinta se desfez em cinzas.

Eu não soltei até Angelus de desfazer em nada, como se ele fosse feito de pergaminho.

Finalmente, quando o vento assoprou o último vestígio do Guardiã e sua página no esquecimento, eu me vi encarando para minhas mãos queimadas e enegrecidas.

“Minha vez.”

Abaixando a cabeça, eu procurei pelas delicadas páginas do pergaminho. Eu podia ver datas e nomes no cabeçalho, escritas por diferentes mãos. Eu me perguntava qual delas tinham sido escritas por Xavier. Se Obidias tinha mudado a página de mais alguém. Eu esperava que não tivesse sido ele que mudou a de Ethan Carter Wate.

Eu pensei no meu hormônio e estremeci, lutando para manter a bile no estômago.

Podia ter sido eu

Na metade do livro, eu encontrei nossas páginas.

A de Ethan Carter estava antes da minha, as duas páginas claramente escritas com mãos diferentes.

Eu corri os olhos pela página de Ethan Carter até encontrar a porte da história que eu já conhecia. Eu li como um script da visão que eu testemunhei com Lena, a história da noite em que ele morreu e Genevieve usou *O Livro das Luas* para trazê-lo de volta. A noite que começou tudo isso.

Eu olhei para a borda, onde as páginas se encontravam. Eu quase arranquei, mas eu sabia que não faria diferença. Era tarde de mais para o outro Ethan.

Eu era o único que ainda tinha uma chance de mudar seu destino.

Finalmente, eu virei a página para descobrir que eu estava olhando para script de Obidias.

Ethan Lawson Wate

Eu não li a minha página. Eu não podia arriscar. Eu já podia sentir o puxão do livro aos meus olhos, poderoso o bastante para me ligar á minha página para sempre.

Eu olhei para longe. Eu já sabia o que tinha acontecido no final dessa história.

Agora eu a estava mudando.

Eu rasguei a página, as margens se afastando do centro em um flash de energia elétrica mais forte e mais brilhante do que um relâmpago. Eu ouvi aquele som como trovões no céu a cima de mim, mas eu continuei rasgando.

Dessa vez, eu mantive as velas o mais longe do pergaminho o possível.

Eu empurrei até as palavras se perderem, desaparecendo como se tivessem sido escritas com tinta invisível.

Eu olhei para a página de novo e ela estava em branco.

Eu a deixei cair na água a minha volta, assistindo enquanto ela caia nas profundezas leitosas, desaparecendo nas sombras sem fim do abismo.

Minha página tinha desaparecido.

E naquele segundo, eu soube que eu também.

Eu encarei meu All-Star embaixo de mim,

Até eles terem desaparecido,

E eu ter desaparecido,

E não importava mais...

porque

não

tinha

nada

embaixo

de

mim

agora

e

então

nem

mais

eu

CAPÍTULO 35

Uma Rachadura no Universo

As pontas do meu All-Star balançando na borda branca de metal, uma cidade adormecida a centenas de metros abaixo de mim. As pequenas casas e pequenos carros pareciam brinquedos, e foi fácil imaginar lês em purpurina pendurados embaixo do resto da árvore de Natal da minha mãe.

Mas eles não eram brinquedos.

Eu conhecia essa vista.

Você não esquece da última coisa que você viu antes de morrer. Acredite em mim.

Eu estava parado no topo da torre de água de Summerville, as veias das rachaduras pintadas de branco se espalhando por baixo do meu tênis. A curva de um coração preto desenhado com caneta permanente chamou minha atenção.

Isso era possível? Eu podia realmente estar em casa?

Eu não sabia até ver ela.

A frente de seus sapatos pretos ortopédicos estavam alinhados perfeitamente com os meus tênis.

Amma estava usando seu vestido preto de domingo com as pequenas violetas espalhadas, e um chapéu preto de abas largas. Suas luvas brancas agarraram as alças de sua bolsa de couro envernizado.

Nossos olhos se encontraram por um milésimo de segundo e ela sorriu – alívio se espalhando através de suas feições de um jeito que era impossível de descrever. Era quase pacífico, uma palavra que eu nunca usaria para descrever Amma.

Foi quando eu percebi que alguma coisa estava errada. O tipo de errado que você não pode deter, ou mudar, ou consertar.

Eu busquei por ela no mesmo momento que ela deu um passo para fora da beirada, para dentro do céu azul escuro.

“Amma!” Eu fui até ela, do modo como eu ia por Lena nos meus sonhos quando era ela quem caía. Mas eu não alcancei Amma.

E ela não caiu.

O céu se abriu ao meio como se o universo estivesse rompendo, ou como se alguém finalmente tivesse feito esse buraco. Amma virou seu rosto na minha direção, lágrimas escorrendo por suas bochechas enquanto ela olhava para mim.

O céu a levantou, como se pensasse que Amma era digna de pairar sobre ele, até que uma mão apareceu do centro do rasgo e das estrelas piscantes. Era uma mão que eu reconhecia – uma que tinha oferecido seu corvo para que eu pudesse atravessar de um mundo para o outro.

Agora tio Abner estava oferecendo aquela mão para Amma.

Seu rosto borrou na escuridão ao lado de Sulla, Ivy e Delilah. A outra família de Amma. O rosto de Twyla sorriu para mim, amuletos presos em suas longas tranças. A família Conjuradora de Amma estava esperando por ela.

Mas eu não me importava.

Eu não podia perder ela.

“Amma! Não me deixe!” eu gritei.

Seus lábios não se moveram, mas eu ouvi sua voz, como se ela estivesse ao meu lado. *“Eu nunca poderia deixar você, Ethan Wate. Eu sempre estarei de olho. Me deixe orgulhosa”*

Meu coração parecia estar entrando em colapso, se quebrando em pedaços tão pequenos que talvez nunca os pudesse encontrar. Eu cai de

joelhos e olhei para os céus, gritando mais alto do que eu achei que fosse possível. “Por que?”

Foi Amma quem respondeu. Ela estava longe agora, pisando dentro da fatia de céu que se abriu só para ela. *“Uma mulher só é tão boa quanto a sua palavra.”* Outra das charadas de Amma.

A última delas.

Ela tocou os dedos nos lábios e os esticou na minha direção enquanto o universo a engolia. Suas palavras ecoaram através do céu, como se ela as tivesse falado em voz alta.

“E todos disseram que eu não podia mudar as cartas...”

As cartas.

Ela estava falando do jogo que tinha predito minha morte há tantos meses atrás. O jogo que ela tinha barganhado com o bokor para mudar. Aquele que ela jurou fazer tudo para mudar.

Então ela tinha feito.

Desafiar o universo, o destino e tudo o que ela acreditava. Por mim.

Amma estava trocando sua vida pela minha, protegendo a Ordem ao oferecer um vida em troca. Esse era o acordo que ela tinha feito com o bokor. Eu entendia agora.

Eu assisti o céu se juntar de novo, um pedaço de cada vez.

Mas ele não pareceu o mesmo. Eu ainda podia ver a emenda onde o mundo tinha se rasgado para recebê-la. E eu sempre saberia que ela estaria ali, mesmo se ninguém a pudesse ver.

Como os rasgos no meu coração.

CAPÍTULO 36

Tradução

Ao sentar o metal gelado na escuridão, parte de mim se perguntava se eu tinha imaginado a coisa toda. Eu sabia que não tinha. Ainda ainda podia ver aquelas emendar no céu, não importa o quão escuro estava.

Ainda assim, eu não me mexi.

Seu eu partisse, seria de verdade.

Se eu partisse, ela teria partido.

Eu não sei por quanto tempo eu fiquei sentado lá tentando trazer algum sentido para a coisa toda, mas o sol surgiu e eu ainda estava sentado no mesmo lugar. Não importava quantas vezes eu tentei descobrir o que tudo isso foi, eu ainda estava preso.

Eu tinha essa velha história da Bíblia na minha cabeça, passando vez após a outra, como uma música ruim da rádio. Eu provavelmente estou entendendo errado, mas eu lembrava desse jeito: Existia essa cidade com pessoas tão justas, que elas foram pegadas direto da terra e levadas para o Céu. Desse jeito.

Eles nem morriam.

Eles tinham que pular a morte, do jeito como você passa direto e acaba na prisão se você jogar a carta errado no Monopoly (*jogo de tabuleiro*).

Tradução – era esse o nome para o que aconteceu á eles. Eu me lembro porque Link estava na minha aula da igreja de domingo, e ele disse *ele* disse *teletransportado*, então *transportado* e, finalmente *trapostado*.

Nós éramos para agir como se realmente estivéssemos com inveja disso, como aquelas pessoas que são tão sortudas que serem escolhidas e levadas para ao colo do Senhor.

Como se fosse um lugar, ou algo do tipo.

Eu me lembro de voltar para casa e perguntar para minha mãe sobre isso, porque era o quão assustado eu estava. Eu não me lembro o que ela disse, mas eu decidi certo àquela época e que o objetivo não era ser bom. Era ser *somente bom o bastante*

Eu não queria correr o risco de ser traduzido, ou teletransportado.

Eu não esperava viver no colo do Senhor. Eu estava mais ansioso sobre A Liga Junivel de Beisebol.

Mas parecia que foi isso o que aconteceu com Amma. Ela foi levada lá para cima, transportada, teletransportada – tudo isso.

Tinha o universo, o Senhor e seu colo, ou os Grandes esperado que eu ficaria feliz com isso? Eu tinha acabado de passar pelo inferno para voltar para o comum mundo de Gatlin – de volta para Amma, Lena, Link e Marian.

Quanto tempo tínhamos juntos?

Em um minuto ela estava lá, e então acabou. Agora o céu era o céu de novo, liso, azul e calmo, como pintado num gesso, como o teto do meu quarto. Mesmo que alguém que eu amava estava preso por trás dele.

Era assim que eu me sentia agora. Preso do lado errado do céu.

Sozinho no topo da torre de água de Summerville, procurando pelo mundo que eu tinha conhecido minha vida inteira, um mundo de estradas de terra e ruas pavimentadas, postos de gasolina e lojas grotescas e shoppings. E tudo era o mesmo, e nada era a mesma coisa.

Eu não era o mesmo.

Eu acho que é isso sobre a jornada de um herói. Você pode não começar como um herói, e você pode até não ter voltado desse jeito. Mas você mudou, o que é a mesmo quando tudo muda. A jornada transforma você, você sabendo ou não, e você querendo ou não. Eu tinha mudado.

Eu tive que voltar dos mortos, e Amma ter partido, mesmo ela sendo uma dos Grandes agora.

Você não podia ter mais mudanças que isso.



Eu ouvi um som estridente na escada abaixo de mim, e eu sabia quem era antes de sentir suas curvas em volta do meu coração. O calor explodiu ao meu redor, através da torre de água, através de Summerville. O céu estava riscado de dourado e vermelho, como se o nascer do sol estava se revertendo, iluminando o céu novamente.

Só existia uma pessoa que poderia fazer isso com o céu ou meu coração.

Ethan, é você?

Eu sorri mesmo que meus olhos estivessem molhados e embaçados.

Sou eu L. Eu estou bem aqui. Tudo vai ficar bem agora.

Eu estiquei minhas mão para baixo e envolvi nas dela, a puxando para a plataforma no topo da torre de água.

Ela desliou para os meus braços, soluçando contra o meu peito. Eu não sabia qual dos dois estava chorando mais. Eu nem tinha certeza de lembrarmos de nos beijar. O que nós tínhamos era muito mais profundo do que um beijo.

Não importava se estávamos vivos ou mortos. Nós nunca poderíamos ser separados. Existiam coisas mais poderosas do que mundos e universos. Ela era o meu mundo, assim como eu era o dela. O que nós tínhamos, nós sabíamos.

Os poemas estavam todos errados. Era uma explosão, uma grande explosão. Não era um gemido.

E às vezes o outro pode ficar.

Qualquer um que já esteve apaixonado pode te dizer isso.

CAPÍTULO 37

O que as Palavras Nunca Dizem

“Amma Treadeau foi declarada legalmente morta, seguido pelo seu desaparecimento da Propriedade dos Wate, a casa de Mitchell e Ethan Wate, na Cotton Bend, no centro de Gatlin –” eu parei de ler em voz alta.

Eu estava sentado na mesa da cozinha, onde a Ameaça de Um Olho esperava tristemente da grande jarra no balcão, e não parecia ser possível que eu estava lendo o obituário de Amma. Não quando eu podia sentir o cheiro dos Red Hots e do lápis número 2.

“Continue lendo.” Tia Grace esta inclinado sobre meus ombros, tentando ler as letras que seus óculos bifocais de de graus eram muito fracos para ler.

Tia Mercy estava sentada na sua cadeira de rodas, do outro lado da mesa, ao lado do meu pai. “É melhor eles dizerem alguma coisa sobre a torta da Amma. Ou Deus será testemunha, eu irei até lá na *The Star and Bars* e vou dar um pouco de juízo á eles.” Tia Mercy ainda pensava que o nosso jornal da cidade foi nomeado após a bandeira da Confederação.

“É *The Stars and Stripes*,” meu pai a corrigiu gentilmente. “Eu tenho certeza que eles trabalharam duro para que Amma seja lembrada por todos os seus talentos.”

“Hmm.” Tia Grace fungou. “O pessoal daqui não sabe um nada sobre seus talentos. O canto de Prudence Jace foi olhado feio por anos pelo coral.”

Tia Mercy cruzou os braços. “Ele tinha a voz de um anjo, se eu já tivesse ouvido algum.”

Eu estava surpreso que tia Mercy podia ouvir qualquer coisa sem seu aparelho de surdez. Ela ainda estava falando quando Lena me chamou por Kelt.

Ethan? Você está bem?

Eu estou ok, L.

Você não parece ok.

Estou lidando com isso.

Espere aí. Estou indo.

O rosto de Amma me encarava do jornal, impressa em preto e branco. Vestindo seu melhor vestido de Domingo, aquele com colarinho branco. Eu me perguntava se alguém tinha tirado aquela foto no funeral da minha mãe ou de tia Prue. Podia ter sido no do Macon.

Tinham tido tantos.

Eu abaixei o jornal na madeira riscada da mesa. Eu odiei aquele obituário. Alguém do jornal o deveria ter escrito, não alguém que conhecia Amma. Eles tinham entendido tudo errado. Eu acho que eu tinha uma razão agora para odiar tanto o *The Stars and Stripes* quanto tia Grace.

Eu fechei meus olhos, escutando o reboliço das Irmãs sobre tudo no obituário de Amma até que Thelma não conseguia fazer aveia moída do modo certo. Eu sabia que era a maneira delas de prestar seus cumprimentos para a mulher que tinha criado meu pai e eu. A mulher que tinha feito jarras e mais jarras de chá doce e checava para que elas não saíssem de casa com as saias enfiadas dentro das calças quando elas iam à igreja.

Depois de um tempo, eu não podia mais as ouvir. Somente o silêncio calmo do luto da Propriedade dos Wate. O assoalho rangeu, mas dessa vez eu sabia que não era Amma no quarto ao lado. Nenhum de seus potes estavam batendo. Nenhuma faca estava atacando a tábua de corte. Nenhuma comida quentinha estaria vindo.

A não ser que eu e meu pai nos ensinássemos a cozinhar.

Não haviam caçarolas empilhadas na varanda da frente tampouco. Não dessa vez. Não tinha uma alma em Gatlin que teria se atrevido a trazer seus pêsames em formato de carne assada para marcar a passagem de Amma Treadeau.

Não que alguém por aqui realmente acreditasse que ela tinha partido. Ao menos era o que diriam. “Ela vai voltar, Ethan. Lembra como ela simplesmente apareceu sem dizer uma palavra no dia em que você nasceu?” Era verdade. Amma tinha criado meu pai e se mudado para Wader Creek com sua família. Mas como diz a história, no dia em que meus pais me trouxeram para casa do hospital, ela apareceu com sua bolsa de amuletos e se mudou de volta.

Agora Amma tinha partido, e ela não voltaria. Mas que qualquer um, eu sabia como isso funcionava. Eu olhei para o lugar que era dela na frente do fogão, ao lado do micro-ondas.

Eu sinto a falta dela, L.

Eu também.

Eu sinto falta das duas.

Eu sei.

Eu ouvi Thelma entrar na cozinha, um pedaço de tabaco debaixo do lábio. “Muito bem, meninas. Eu acho que todos tivemos agitação suficiente por uma manhã. Vamos para a outra sala e ver o que podemos ganhar no *The Price Is Right*.”

Thelma piscou para mim e empurrou tia Mercy para fora da cozinha. Tia Grace estava bem atrás delas, com Harlon James aos seus pés. “Eu espero que eles estejam dando uma daquelas caixas de gelo que faz água sozinha.”

Meu pai alcançou o jornal e começou a ler de onde eu tinha parado. “Velório será feito na Capela de Wader Creek.” Minha mente teve um flash de Amma e Macon, cara a cara um para o outro no pântano nevoento do lado errado da meia-noite.

“Aw, inferno, eu tentei dizer para todos que Amma não queria um velório.” Ele suspirou.

“Não.”

“Ela deve estar de agitando por ai agora mesmo, dizendo, ‘Eu não vejo porque você está gastando tempo me velando. Certo como o meu Senhor Redentor, eu não vou gastar o meu tempo velando você.’”

Eu sorri. Ele inclinou a cabeça para a esquerda, do mesmo jeito que Amma fazia quando estava alvoroçada. “T.O.L.I.C.E. Seis vertical. Como em, isso tudo é uma trabalhada e sem sentido, Mitchell Wate.”

Dessa vez eu ri, porque meu pai estava certo. Eu podia ouvi-la dizendo isso. Ela odiava ser o centro das atenções, especialmente quando isso envolvia o infame Desfile Funerário de Gatlin.

Meu pai leu o próximo parágrafo. “Senhorita Amma Treadeau nasceu na Unincorporated Gatlin County, Carolina do Sul, a sexta de sete crianças nascidas da tardia família Treadeau.” A sexta de sete filhos? Alguma vez a Amma tinha mencionado suas irmãs e irmãos? Eu só me lembro dela falando sobre os Grandes.

Ele bateu os olhos no resto do obituário. “Pelo o que conta, sua carreira como padeira local durou cinco décadas e muitas feiras da cidade.” Ele balançou a cabeça. “Mas nenhuma menção para o Ouro da Carolina? Bom Deus, eu espero que Amma não esteja lendo isso de alguma nuvem lá em cima. Ela vai mandar raios para todos os lugares.”

Ela não vai, eu pensei. Amma não se importa com o que falam dela agora. Não o pessoal em Gatlin. Ela está sentada na varanda em algum lugar com os Grandes.

Ele continuou. “Senhorita Amma deixa para trás uma extensa família, alguns primos e um círculo próximo de amigos familiares.” Ele dobrou o jornal e o jogou pela mesa. “Onde está a parte onde Senhorita Amma deixa para trás dois dos mais lamentáveis, famintos, e tristes meninos que já habitaram a Propriedade dos Wate?” Ele bateu os dedos impacientemente sobre a mesa de madeira entre nós.

A princípio eu não sabia o que dizer. “Pai?”

“Yeah?”

“Nós vamos voltar a ficar bem, sabe?”

Era verdade. Era isso que ela tinha vindo fazendo todo esse tempo, se você parasse para pensar. Nos preparando para um tempo onde ela não estaria mais por perto para nos preparar para o que viesse depois.

Por agora.

Meu pai deve ter entendido, porque ele deixou sua mão cair pesadamente no meu ombro. “Sim, senhor. Eu não sei disso?”

Eu não disse mais nada.

Nós ficamos sentados lá juntos, olhando pela janela da cozinha. “Qualquer outra coisa seria absolutamente desrespeitoso.” Sua voz parecia vacilante, e eu sabia que ele estava chorando. “Ela nos criou muito bem, Ethan.”

“Com certeza.” Eu lutei contra as minhas lágrimas. Desrespeitoso, eu acho, como meu pai disse. Era assim que tinha que ser agora.

Isso era de verdade.

Machucou – quase tinha me matado – mas era real, do mesmo jeito que perder minha mãe foi real. Eu tinha que aceitar isso. Talvez esse fosse o modo como o universo foi feito para ser desvendado, pelo menos essa parte.

A coisa certa e a coisa fácil nunca são as mesmas coisas.

Amma tinha me ensinado isso, melhor do que ninguém.

“Talvez ela e Lila Jane estão tomando conta uma da outra agora. Talvez elas estejam sentadas juntas, conversando sobre tomates fritos e chá doce.” Meu pai rio, mesmo ele estando chorando.

Ele não tinha ideia do quão perto da verdade ele estava, e eu não contei a ele.

“Cerejas.” Foi tudo o que eu disse.

“O que?” Meu pai me olhou engraçado.

“Mamãe gosta de cerejas. Direto da peneira, lembra?” Eu virei minha cabeça na sua direção. “Mas eu não tenho certeza se tia Prue vai deixar qualquer uma delas palpitar em direção à porta.”

Ele acenou e estendeu a mão até que roçou meu braço. “Sua mãe não se importa. Ela só quer ser deixada em paz com seus livros por um tempo, você não acha? Pelo menos até nós chegarmos lá?”

“Pelo menos,” eu disse, apesar de não poder olhar para ele agora. Meu coração foi puxado tantas maneiras diferentes de uma só vez, que eu não sabia o que estava sentindo. Parte de mim desejava que eu pudesse contar a ele que eu tinha visto minha mãe. Que ela estava bem.

Nós nos sentamos daquele jeito, sem se mexer ou falar, até eu sentir meu coração começar a bater loucamente.

L? É você?

Saia, Ethan Eu estou esperando.

Eu ouvi a música antes de ver o Lata-Velha surgir a vista através da janela. Eu levantei e acenei para meu pai. “Eu vou sair com Lena por um tempo.”

“Fique o tempo que precisar.”

“Obrigada, pai.”

Ao me virar para sair da cozinha, eu peguei um último vislumbre do meu pai, sentado sozinho na mesa com o jornal. Eu não podia fazer isso. Eu não podia deixá-lo ali daquele jeito.

Eu alcancei de volta o jornal.

Eu não sei porque eu peguei ele. Talvez eu só quisesse a manter comigo um pouco mais. Talvez eu não quisesse que meu pai se sentasse sozinho com todos aqueles sentimentos, embrulhados em um estúpido jornal com uma péssima palavra cruzada e um obituário ainda pior.

Então eu tive uma ideia.

Eu abri a gaveta de Amma e peguei um lápis número 2. Eu o segurei alto para mostrar ao meu pai.

Ele sorriu. "Começou afiado, e então ela o afiou de novo."

"É o que ela iria querer. Uma última vez."

Ele se encostou na cadeira até poder alcançar a gaveta e me jogar uma caixa de Red Hots. "Uma última vez."

Eu dei um abraço nele. "Te amo, pai."

Então eu varri minha mão por toda a largura da janela, espalhando sal pelo chão da cozinha.

"É hora de deixar os fantasmas entrarem."



Eu só tinha descido metade da escada da varanda da frente quando Lena me encontrou. Ele pulou nos meus braços, colocando suas pernas finas ao meu redor. Ela se agarrou em mim e eu me preendi nela, como se nenhum de nós jamais fosse soltar o outro.

Tinha eletricidade, muita eletricidade. Mas quando seus lábios encontraram os meus, não tinha nada além de doçura e paz. Meio que como voltar para casa, quando sua casa ainda é um abrigo e não a própria tempestade.

Tudo estava diferente entre nós. Não tinha mais nada nos mantendo separados. Eu não sabia se era por causa da Nova Ordem, ou porque eu tinha ido até o fim do Outro Mundo e voltado. De qualquer jeito, eu pude segurar a mão de Lena sem queimar um buraco na minha mão.

Seu toque era quente. Seus dedos eram macios. Seu beijo era somente um beijo agora. Um beijo que era tão grande e tão pequeno quanto um beijo pode ser.

Não tinha tempestade elétrica ou incêndio. Nada explodiu ou queimou ou teve um curto circuito. Lena me pertencia, do mesmo jeito que eu pertencia á ela. E agora nós poderíamos ficar juntos.

O Lata Velha buzinou, e nós quebramos o beijo.

“Qualquer dia agora.” Link colocou sua cabeça para fora da janela. “Eu vou ficar com cabelos brancos de sentar aqui e assistir vocês.”

Eu sorri para ele, mas não consegui me puxar para longe dela. “Eu amo você, Lena Duchannes. Eu sempre amei, e sempre vou amar.” As palavras eram tão verdadeiras hoje como no primeiro dia que eu as disse, na sua Décima Sexta Lua.

“E eu amo você, Ethan Wate. Eu tenho amado você desde o primeiro dia que nos conhecemos. Ou antes.” Lena olhou direto nos meus olhos, sorrindo.

“Muito antes.” Eu sorri de volta, perdido nos seus olhos.

“Mas eu tenho algo para te contar.” Ela se inclinou mais para perto. “Uma coisa que provavelmente você deve saber sobre a garota que você ama.”

Meu estômago se contorceu um pouco. “O que é?”

“Meu nome.”

“Você tá falando sério?” Eu sabia que as Conjuradoras aprendiam seus verdadeiros nomes depois de serem Invocados, mas Lena nunca esteve disposta a me contar o dela, não importa quantas vezes eu tivesse perguntado. Eu imaginei que era uma coisa dela, que ela me contaria quando sentisse que fosse a hora certa. O que, pelo visto, era agora.

“Você ainda quer saber?” Ela sorriu porque ela já sabia a resposta.

Eu assenti.

“É Josephine Duchannes, Josephine, filha de Sarafine.” A última palavra foi um sussurro, mas eu a ouvi, como se ela tivesse gritado a plenos pulmões do telhado.

Eu apertei sua mão.

Seu nome. A última peça do quebra cabeças de sua família, e a única coisa que você não pode encontrar na árvore genealógica.

Eu ainda não tinha contato a ela sobre sua mãe. Parte de mim queria acreditar que Sarafine tinha desistido de sua alma para que eu pudesse

estar com Lena de novo – que seu sacrifício foi mais que vingança. Algum dia eu diria a Lena como sua mãe morreu por mim. Lena merecia saber que Sarafine não era inteiramente má.

O Lata Velha buzinou de novo.

“Vamos lá, pombinhos apaixonados. Nós temos que ir ao Dar-ee Keen. Todo mundo está esperando.”

Eu peguei a outra mão de Lena e a puxei para o gramado em frente ao Lata Velha. “Nós temos que fazer uma parada rápida antes.”

“Isso vai envolver algum Conjurador das Trevas? Vou precisar das tesouras?”

“Nós só vamos á biblioteca.”

Link colocou a testa no volante. “Eu não tenho renovado meu cartão da biblioteca desde os dez anos. Eu acho que teria mais chances contra Conjuradores das Trevas.”

E parei em frente a porta do carro e olhei para Lena. A porta de trás de se abriu sozinha, e nós dois entramos.

“Aw, cara. Agora eu sou taxista? Vocês Conjuradores e Mortais tem um jeito bem estranho de mostrar sua apreciação por um cara.” Link aumentou a música, como se ele não quisesse ouvir seja lá o que eu tivesse a dizer.

“Eu gosto de vocês.” Eu bati na sua cabeça pelo banco de trás, bem forte. Ele nem pareceu ter percebido. Eu estava falando com Link, mas estava olhando para Lena. Eu não conseguia parar de olhar para ele. Ela era mais bonita do que eu me lembrava, mais bonita e mais real.

Eu enrolei uma mecha dos seus cabelos nos meus dedos, e ela encostou a bochecha na minha mão. Nós estávamos juntos. Era difícil pensar ou ver ou até falar sobre qualquer outra coisa. Então eu me senti muito mal quando ainda estava carregando o *The Stars and Stripes* no meu bolso de trás.

“Espere. Olha isso.” Link parou. “É exatamente isso que eu preciso para terminar minhas letras. Garota dos Doces. Machuca tão doce que ela vai fazer você querer se arremessar – “

Lena colocou sua cabeça no meu ombro. “Eu mencionei que minha prima está de volta á cidade?”

“É claro que ela está.” Eu sorri.

Link piscou para mim pelo retrovisor. Eu bati na sua cabeça de novo enquanto o carro descia pela rua.

“Eu acho que você vai ser uma estrela do rock,” eu disse.

“Eu vou voltar a trabalhar na minha faixa demo, sabia? Porque assim que nos formarmos, estou indo direto para Nova York, bons tempos...”

Link falava tanta merda, que ele podia se passar por uma privada. Como os velhos tempos. Como era para ser.

Era toda a prova que eu precisava.

Eu realmente estava em casa.

CAPÍTULO 38

Onze Transversal

“Vocês crianças podem ir,” Link disse, aumento o volume da última demo dos Holy Rollers. “Eu vou esperar aqui. Eu já tenho livros suficientes na escola.”

Lena e eu saímos do Lata Velha e paramos em frente a Biblioteca do Condado de Gatlin. Os reparos iam além do que eu me lembrava. Toda construção principal estava terminada pelo lado de fora, e as elegantes senhoras do FRA já tinham começado a plantar mudas perto da porta.

O interior do edifício estava menos acabado. Um lado estava coberto por plástico, e eu conseguia ver ferramentas e andaimes no outro. Mas tia Marian já tinha arrumado sua área particular, o que não me surpreendeu em nada. Ela preferia ter meia biblioteca do que nenhuma biblioteca em qualquer dia.

“Tia Marian?” Minha voz ecoou mais do que o normal, e em segundos ela apareceu no final do corredor. Eu podia ver as lágrimas nos seus olhos enquanto ela se apressava para me abraçar.

“Ainda não consigo acreditar.” Ela me abraçou mais forte.

“Eu sei, acredite em mim.”

Eu ouvi o som de sapatos contra a concreto sem carpete.

“Sr. Wate, é um prazer vê-lo, filho.” Macon tinha um enorme sorriso estampado na cara. Era o mesmo que ela parecia ter toda vez que ele me via agora, e estava começando a me assustar um pouco.

Ele deu um apertão em Lena e veio até mim. Eu levantei minha mão para balançar a dele, mas ao invés disso ele passou os braços pelo meu pescoço.

“É bom ver o senhor também. Nós meio que queríamos conversar com você e tia Marian.”

Ela levantou uma sobrancelha. “Oh?”

Lena estava torcendo seu colar de amuletos, esperando a minha explicação. Eu acho que ela não queria dar a notícia para o seu tio que agora nós podíamos dar uns amassos o quanto quiséssemos sem colocar a minha vida em risco. Então eu fiz as honras. E pelo modo como Macon estava intrigado, eu tinha bastante certeza que ele gostava mais quando beijar Lena representava a ameaça de choque elétrico.

Marian se virou para Macon. “Espetacular. O que você acha que isso significa?”

Ele estava caminhando em frente as estantes. “ Eu não estou inteiramente certo.”

“Seja lá o que for, você acha que irá afetar outros Conjuradores e Mortais”? Ela estava esperançosa que isso seria alguma mudança na ordem das Coisas. Talvez um bônus cósmico, depois de tudo o que eu tinha passado.

“Isso é duvidoso, mas com certeza iremos investigar.” Ele olhou para Marian.

Ela assentiu. “É claro.”

Lena tentou esconder seu desapontamento, mas seu tio a conhecia muito bem. “Mesmo se isso não esteja afetando outros Conjuradores e Mortais, está afetando vocês dois. Mudanças tem que começarem em algum lugar, mesmo no mundo sobrenatural.”

Eu ouvi um rangido, e a porta bateu. “Dr. Ashcroft?”

Eu olhei para Lena. Eu teria reconhecido aquela voz em qualquer lugar. Aparentemente, Macon também a reconheceu, porque ele mergulhou atrás das estantes comigo e Lena.

“Olá, Martha.” Marian falou com a sua voz mais amigável de bibliotecária com a Sra. Lincoln.

“É o carro do Wesley que eu vi ai na frente? Ele está aqui?”

“Me desculpe. Ele não está.”

Link provavelmente estava amassado no chão do Lata Velha, se escondendo de sua mãe.

“Tem mais alguma coisa que possa fazer por você hoje?” Marian perguntou educadamente.

“O que você podia fazer,” Sra. Lincoln gritou, “é tentar ler esse livro de bruxaria e me explicar como nós permitimos nossas crianças de encontrar isso na biblioteca pública.”

Eu não precisava olhar para saber sobre qual série ela estava falando, mas eu não pude evitar. Eu coloquei minha cabeça para fora da estante para ver a mãe de Link balançando uma cópia de *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* no ar.

Eu não pude evitar de sorrir. Era bom saber que algumas coisas em Gatlin nunca mudariam.



Eu não peguei o *The Stars and Stripes* durante almoço. Eles dizem que quando uma pessoa que você ama morre, você não consegue comer. Mas hoje eu tinha um cheeseburger com extra pickles, uma porção dupla de batata frita, um milk-shake de biscoitos, uma banana-split com cobertura quente de caramelo e castanhas extras.

Parecia que eu não comia há semanas. Eu acho que eu realmente não comi no Outro Mundo, e meu corpo parecia saber disso.

Enquanto Lena e eu comíamos, Link e Ridley estavam brincando juntos, o que mais parecia uma briga para quem os conhecia melhor.

Ridley balançou a cabeça. “Sério? O Lata Velha? Nós já não passamos por isso todo o caminho até aqui?”

“Eu não estava escutando. Eu só presto atenção em uns dez por cento do que você fala.” Ele olhou para ela pelo seu ombro. “Eu estou noventa por cento ocupado olhando enquanto você fala.”

“Yeah, bem, talvez sem por cento muito ocupado para olhar para o outro lado.” Ela se fingiu de entediada, mas eu conhecia Ridley melhor que isso.

Link deu um sorrisinho. “E eles dizem que você não usa matemática na vida real.”

Ridley desembrulhou um pirulito dando um show, como sempre. “Se você acha que eu vou para Nova York com você naquela cesta enferrujada, você é mais maluco do que eu pensava, Hot Rod.”

Link acariciou seu pescoço, e Rid o golpeou. “Vamos lá, Babe. Foi ótimo da última vez. E dessa vez nós não vamos precisar dormir no Lata Velha.”

Lena levantou uma sobrancelha para a prima. “Você dormiu em um carro?”

Rid jogou seus cabelos loiros e rosa. “Eu não podia deixar o Shrinky Dink sozinho. Não era como se ele fosse um híbrido naquela época.”

Link limpou as mãos engorduradas na sua camiseta do Iron Maiden. “Você sabe que me ama, Rid. Adimita.”

Ridley parecia que ia fugir dele, mas ela mal se moveu um centímetro. “Eu sou uma Sirena, caso você tenha esquecido. Eu não *amo* nada.”

Link a beijou na bochecha. “Exceto eu.”

“Vocês tem lugar para mais dois?” John estava equilibrando uma bandeja de congelados e batata frita em uma mão, sua outra mão em torno de Liv.

Lena sorriu para Liv e foi para o lado. “Sempre.”

Houve um tempo que eu não conseguia fazer as duas ficarem no mesmo lugar juntas. Mas parecia uma outra vida. Tecnicamente, para mim, eu acho que era.

Liv se enfiou por baixo dos braços de John. Ela estava usando sua camiseta da tabela periódica e tranças. “Eu espero que você não acha que vamos dividir esse” Ela deslizou a batata frita apimentada para frente dela.

“Eu nunca ficaria entre você e suas batatas fritas, Olivia.” John se inclinou e deu um selinho nela.

“Garoto espero.” Liv parecia feliz – não faço-o-melhor-com-o-que-tenha feliz., mas o tipo de felicidade verdadeira. E eu estava feliz pelos dois.

Charlotte Chase chamou de detrás do balcão; parecia que seu trabalho de verão tinha se tornado em um emprego-depois-de-formada. “Alguém quer um pedaço de torta de nozes? Acabou de sair do forno?” Ela levantou a triste caixa da torta. Não estava recém saída do forno de ninguém, muito menos do de Sara Lee.

“Não, obrigada,” Lena disse.

Link ainda estava encarando a torta. “Acho que ela não é boa o suficiente para ser a pior tora de nozes de Amma.” Ele também sentia falta de Amma. Eu sabia. Ela sempre tinha caído em cima dele por causa de uma coisa ou outra, mas ela amava o Link. E ele sabia disso. Amma o deixava se safar de coisas que eu nunca pude, o que me lembrou de uma coisa.

“Link, o que você fez no meu porão quando você tinha nove anos de idade?” Até hoje, Link nunca me contou o que Amma tinha contra ele. Eu sempre quis saber, mas era o único segredo que eu nunca consegui arrancar dele.

Link se contorceu na cadeira. “Fala sério, cara. Algumas coisas são particulares.”

Ridley olhou suspeitamente para ele. “Foi quando você bebeu cachaça e vomitou por todos os lugares?”



Ele balançou a cabeça. “Naw. Esse foi no porão de outra pessoa.” Ele deu de ombros. “Hey, tem muitos porões por aqui.”

Todos nós estávamos encarando ele.

“Tudo bem.” Ele passou a mão pelos seus cabelos espetados nervosamente. “Ela me pegou vestido – “

“Vestido?” Eu nem queria pensar no que aquilo queria dizer.

Link ficou vermelho, embaraçado. “Foi horrível, cara. E se minha mãe algum dia descobrir, ela te mataria por dizer e me mataria por fazer.”

“O que você estava vestindo?” Lena perguntou. “Um vestido? Salto alto?”

Ele balançou a cabeça. Seu rosto ficando mais vermelho de vergonha. “Pior.”

Ridley pegou ele pelo braço, parecendo ela mesma bem nervosa. “Desembucha. O que diabos você estava vestindo?”

Link deixou sua cabeça cair. “O uniforme de um soldado da União. Eu o roubei da garagem de Kimmy Week.”

Eu cai na gargalhada, e em segundos Link também. Ninguém mais na mesa entendia a sina de um menino do Sul – com um pai que liderou a Cavalaria da Confederação na Reencenação da Batalha de Honey Hill, e uma mãe que era um membro orgulhoso das Irmãs da Confederação – experimentando um uniforme da Guerra Civil do lado inimigo. Você tinha que ser de Gatlin.

Era uma daquelas verdades não ditas, como você não faz tortas para os Wate porque ela não será melhor do que a de Amma; e você não escolhe a cor da sua casa sem consultar a Sra. Lincoln, só se seu nome for Lila Evers Wate.

Gatlin era assim.

Era família, tudo aquilo e todos eles – as partes boas e ruins.

A Sra. Asher até contou para a Sra. Snow, que contou para a Sra. Lincoln que contou para Link que me contou, que ela estava agradecida por me ter de volta inteiro voltando da casa de tia Caroline. Eu disse a Link para agradecer á ela, e eu falei sério. Talvez a Sra. Lincoln me faria um de seus famosos brownies de novo algum dia.

E se ela fizesse, eu aposto que limparia o prato.



Quando Link nos deixou, Lena e eu fomos direto para Greenbrier. Era o nosso lugar, e não importa quantas coisas horríveis tenham acontecido aqui, ia ser sempre o lugar onde encontramos o medalhão. Onde eu vi Lena mover as nuvens pela primeira vez, mesmo que eu não percebesse na época. Onde nós praticamente nos ensinamos Latim, tentando traduzir *O Livro das Luas*.

O jardim secreto de Greenbrier guardou nossos segredos desde o começo. E de certo modo, nós estávamos começando de novo.

Lena me deu um olhar engraçado quando eu finalmente desenrolei o papel que eu tinha estado carregando a manhã toda.

“O que é isso?” Ele fechou seu caderno espiral, aquele que ela passava todo o seu tempo escrevendo, como se ela não conseguisse extrair tudo de uma página rápido o bastante.

“As palavras cruzadas.” Nós nos deitamos de barriga na grama, nos enrolando um contra o outro no nosso antigo lugar na árvore perto dos limoeiros. Leal ao nome, Greenbrier* (*espinho verde, em tradução literal*) era o lugar mais verde que eu já tinha visto. Nenhuma folha ou montes de grama secas à vista. Gatlin realmente estava de volta a sua melhor forma.

Nós conseguimos, L. Nós não sabíamos o quão poderosos nós éramos.

Ela inclinou a cabeça no meu ombro.

Agora nós sabemos.

Eu não sabia quanto tempo duraria, mas eu jurei a mim mesmo que eu não teria como garantido de novo. Não um minuto do que nós tínhamos.

“Eu pesei que podíamos fazê-la. Você sabe, pela Amma.”

“As palavras cruzadas?”

Eu concordei e ela riu. “Você sabe, eu nem nunca olhei para as palavras cruzadas. Nem uma vez. Nãoa te você ter partido e começar a usá-las para falar comigo.”

“Bem inteligente, certo”? Eu dei uma cotovelada nela.

“Melhor do que você tentar escrever músicas. Apesar que suas palavras cruzadas não eram grande coisa também.” Ela sorriu, mordendo seu lábio inferior. Eu não resisti a beijar, e beijar e beijar de novo até ela finalmente se afastou rindo.

“Ok. Elas eram bem melhores.” Ela tocou sua testa na minha.

Eu sorri. “Admita, L. Você amou minhas palavras cruzadas.”

“Você tá brincando? Claro que eu amei. Você voltou para mim todas as vezes que eu olhei para aquelas estúpidas palavras cruzadas.”

“Eu estava desesperado.”

Nós desenrolamos o papel entre nós, e eu peguei o lápis número dois. Eu deveria saber o que nós veríamos.

Amma tinha me deixado uma mensagem, como aquelas que eu deixei para Lena.

Dois transversal. Como em ser ou não ser.

S.E.J.A.

Quatro horizontal. Como em o oposto de mau.

B.O.M.

Cinco horizontal. Como em a vítima de um acidente de trenó, como em um romance de Edith Wahrton.

E.T.H.A.N.

Dez transversal. Como uma expressão de alegria.

A.L.E.L.U.I.A

Eu amassei o papel e puxei Lena na minha direção.

Amma estava em casa.

Amma estava comigo.

E Amma tinha partido.

Eu basicamente chorei até o sol sair do céu e a campina ao meu redor estar tão escura e clara como eu me sentia por dentro.

CAPÍTULO 39

Um Hino para Amma

ordem não é ordenada

não mais do que coisas são coisas

aleluia

nenhum sentido para ser feito de torres de água

ou cidades natalinas

quando você não sabe a diferença de onde é em cima e onde é embaixo

aleluia

túmulos são sempre túmulos

por dentro ou por fora

e amor quebra o que não pode ser quebrado

aleluia

um eu amei, eu amei, um eu amei e perdi

agora ela está forte porque ela partiu

encontrou e pagou seu caminho

ela voou para longe

aleluia

luz e trevas – cantam os grandes

um novo dia

aleluia

EPÍLOGO

Depois

Naquela noite, eu me deitei na minha velha cama de solteiro no meu quarto, como gerações de Wates antes de mim. Livros embaixo de mim. Celular quebrado ao meu lado. Ipod velho pendurado no meu pescoço. Até o meu velho mapa de viagem estava de volta á parede de novo. Lena mesmo o colou de volta. Não importava o quão confortável tudo estava. Eu não conseguia dormir – era o quanto pensar eu tinha que fazer.

Pelo menos, lembrar.

Quando eu era pequeno, eu avô morreu. Eu o amava, por milhões de razões que eu não poderia dizer, e milhares de histórias que eu não me lembrava.

Depois que aconteceu, meu me escondi nas árvores que cresciam na metade da nossa cerca, onde os vizinhos costumavam jogar pêsegos para meus amigos e eu, e onde nós costumávamos os jogar nos vizinhos.

Eu não conseguia parar de chorar, não importava o quanto eu pressionasse meus punhos nos olhos. Eu acho que não tinha percebido até ali que as pessoas podiam morrer.

Primeiro meu pai foi para fora e tentou me fazer descer daquela árvore estúpida. Depois veio minha mãe. Nada do que eles diziam me fazia se sentir melhor. Eu perguntei de meu avô estava no Céu, como eles diziam na aula de domingo na igreja. Minha disse que ela não tinha certeza. Era a historiadora nela. Ela disse que ninguém realmente sabia o que acontecia quando morríamos.

Talvez virássemos borboletas. Talvez nós tornávamos pessoas de novo. Talvez só morrêssemos e nada acontecia.

Eu só chorei mais. Uma historiadora não é o que você procura para esse tipo de situação. Foi quando eu disse a ela que não queria que o Poppi

morresse, mas mais que isso, eu também não queria morrer. Então ela se desmanchou.

Era o pai dela.

Eu descii da árvore do meu lado da cerca, e nós choramos juntos. Ela me puxou para os seus braços, bem nos degraus de trás da propriedade dos Wate, e me disse que eu não ia morrer.

Eu não morreria.

Ela prometeu.

Eu não iria morrer, assim como ela também não.

Depois disso, a única coisa que eu me lembro foi entrar na casa e comer três pedaços de torta de cereja, aquelas com açúcar cristalizado por cima. Alguém tinha que morrer antes, para que Amma fizesse essa torta.

Eventualmente, eu cresci e amadureci e parei de procurar pelo colo da minha mãe toda vez que eu sentisse vontade de chorar. Eu até parei de ir até a árvore. Mas isso foi anos antes de me dar conta que minha mãe mentiu para mim. Não foi até ela me deixar que eu lembrei do que ela me disse.

Eu não sabia o que eu estava tentando dizer. Eu não sei realmente sobre o que é tudo isso.

Porque nos importamos.

Porque nós estamos aqui.

Porque amamos.

Eu tinha uma família, e eles eram tudo para mim, e eu nem sabia disso enquanto eu ainda os tinha. Eu tinha uma garota, e ela era tudo para mim, e eu sabia disse todo o segundo que eu a tinha.

Eu perdi todos eles. Tudo aquilo que um cara pode querer.

Eu encontrei meu caminho de volta para casa de novo, mas não se engane. Nada é o mesmo que antes. Eu não tenho certeza que gostaria que fosse.

De qualquer jeito, eu ainda era um dos caras mais sortudos do pedaço.

Eu não sou uma pessoa religiosa, não quando se trata de rezar. Para ser sincero, para mim isso não passa de esperança. Mas de uma coisa eu sei, e eu gostaria de dizer. E eu realmente espero que alguém escute.

Tem um ponto. Eu não sei qual é, mas tudo o que tinha, e tudo o que tinha perdido, e tudo o que eu senti – significou alguma coisa.

Talvez não haja um significado para a vida. Talvez só se tenha um significado para viver.

Foi isso que eu aprendi. É isso o que eu vou fazer daqui pra frente.

Viver.

E amar, piegas como soa.

Lena Duchannes. Seu nome rima com chuva.

Eu não vou mais cair. É isso o que L diz, e ela está certa.

Eu acho que você poderia dizer que estou voando.

Nós dois estamos.

E eu tenho bastante certeza que em algum lugar lá em cima do real céu azul, Amma também está voando.

Todos nós estamos, depende de como você olha para isso. Voar ou cair, só depende de nós.

Porque o céu não é feito de tinta azul, e não existem só dois tipos de pessoas nesse mundo, as estúpidas e as presas. Nós só pensamos que sim. Não perca seu tempo com qualquer uma delas – com nada. Não vale a pena.

Você pode perguntar para a minha mãe, se existe um tipo certo de noite estrelada. Do tipo com duas luas Conjuradoras e as estrelas do Norte e do Sul.

Pelo menos, eu sei que eu posso.



Eu acordei a noite e fui andando pelo assoalho estalante. Eles pareciam espantosamente reais, e não tinha um momento em que eu pensava que estava sonhando. Na cozinha, eu tirei uma braçada de copos impecáveis do armário que paira sobre o balcão.

Um por um, eu os arrumei na mesa em uma fileira.

Vazia exceto pelo luar.

A luz da geladeira é tão brilhante que me surpreende. Na prateleira de baixo, escondido atrás de uma cabeça de repolho podre, eu encontrei.

Achocolatado.

Assim como eu suspeitava.

Eu posso não ter o querido mais, e eu posso não ter estado por aqui para bebê-lo, mas eu sabia que não tinha como Amma ter parado de comprá-lo.

Eu rasguei o papelão da caixa, e dobrei o bico – uma coisa que eu podia fazer durante o sono, o que era praticamente o estado que eu me encontrava. Eu não poderia fazer uma torta para o tio Abner se minha vida dependesse disso, e eu nem sabia onde Amma guardava a receita do meu bolo favorito.

Mas isso eu sabia.

Um por um, eu enchi os copos.

Um para tia Prue, que viu tudo sem nem piscar.

Um para Twyla, que desistiu de tudo sem nem mesmo hesitar.

Um para minha mãe, que me deixou ir não uma, mas duas vezes.

Um para Amma, que assumiu o seu lugar junto aos Grandes para que eu pudesse assumir o meu em Gatlin.

Um copo de achocolatado não parece ser suficiente, mas não era realmente o leite, e todos nós sabíamos disso – nós todos qui, de qualquer forma.

Porque o luar brilhou nas cadeiras vazias de madeira ao meu lado, e eu sei, como sempre, que eu não estou sozinho.

Eu nunca estou sozinho.

Eu empurrei o último copo através do caminho do luar pela mesa da cozinha. A luz vibrou, como um piscar de uma Vidente.

“Beba tudo,” eu disse, mas não era o que eu quis dizer.

Especialmente não para Amma e para minha mãe.

Eu amo vocês, e sempre vou amar.

Eu preciso de vocês, e vou mantê-las comigo.

O bom e o ruim, o açúcar e o sal, os chutes e os beijos – o que vem antes e o que vem depois, vocês e eu –

Estamos todos misturados nisso juntos, sob uma crosta de torta quente.

Tudo em mim lembra tudo em vocês.

Então eu peguei um quinto copo da prateleira, e último dos nossos copos limpos. Eu o enchi até o final de leite, que eu tive que dar um gole rápido para impedir de transbordar.

Lena ri do modo como eu encho meu copo, tão cheio quanto cabe. Eu a sinto sorrir enquanto ela dorme.

Eu levantei meu copo para a lua e o bebi.

A vida nunca foi tão doce.

AQUI TERMINA

AS CRÔNICAS CONJURADORAS



Fabula Peracta Est. Scripta Aeterna Manent.

(Depois que a história é escrita, ela é para sempre.)



*Luas de Vidente, uma lágrima de Sirena,
Dezenove Mortais, medos Obstinado.
Túmulos de Incubus e rios Conjuradores,
A Página Final o Fim entrega.*

